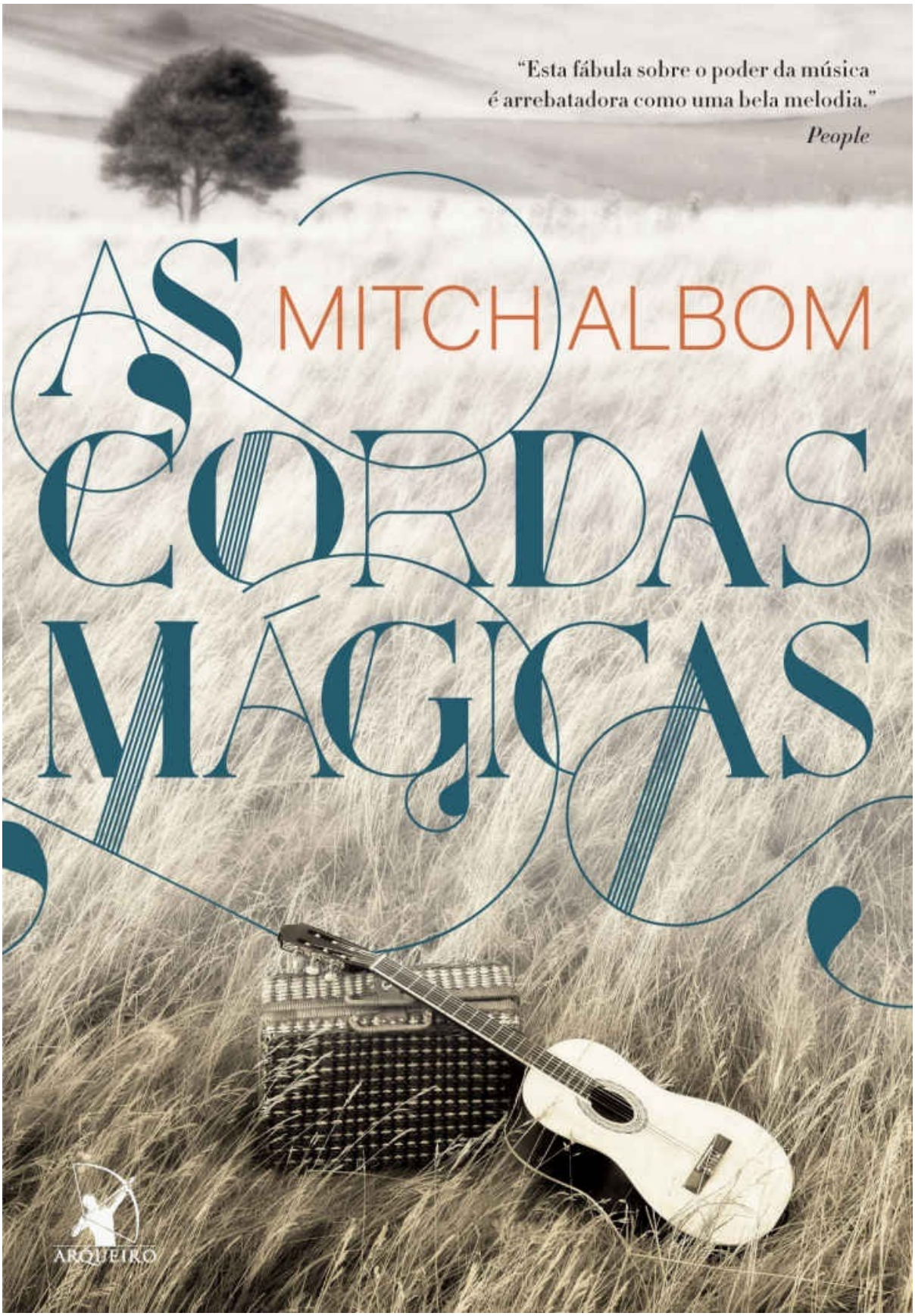

"Esta fábula sobre o poder da música
é arrebatadora como uma bela melodia."
People
MITCH ALBOM
AS CORDAS MÁGICAS
ARQUEIRO


AS
CORDAS
MÁGICAS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo,

Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

MITCH ALBOM

AS CORDAS MÁGICAS



ARQUEIRO



Título original: *The Magic Strings of Frankie Presto*

Copyright © 2015 por Asop, Inc.

Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Agradecimentos pela permissão para as seguintes citações:

“A House Is Not a Home” (do filme *A House Is Not a Home*), escrita por Burt Bacharach e Hal David. © 1964 Sony/ATV Music Publishing LLC. Todos os direitos administrados por Sony/ATV Music Publishing LLC. 424 Church Street, Nashville, TN 37219. Todos os

direitos reservados. Usada mediante permissão.

“Jonah”, letra e música de Paul Simon. Copyright © 1978, 1980 Paul Simon (BMI). Todos os direitos reservados. Usada mediante permissão.

“Just Waitin”, escrita por Hank Williams Sr. e Bob Gazzaway. © 1951 Sony/ATV Music Publishing LLC. Todos os direitos administrados por Sony/ATV Music Publishing LLC.

424 Church Street, Suite 1200, Nashville, TN 37219. Todos os direitos reservados. Usada mediante permissão.

“Lost in the Stars”, letra de Maxwell Anderson, música de Kurt Weill. © 1946 (Renovado) Chappell & Co., Inc. e Tro-Hampshire House Publishing Corp. Todos os direitos reservados. Usada mediante permissão de Alfred Music.

“Lost in the Stars”, do musical *Lost in the Stars*, letra de Maxwell Anderson,

música de Kurt Weill. TRO-© Copyright 1944 (Renovado), 1946 (Renovado) Hampshire House

Publishing Corp., Nova York, NY, e Warner/Chappell Music, Inc., Los Angeles, Califórnia.

Copyright internacional assegurado. Produzido nos EUA. Todos os direitos reservados, inclusive de apresentação pública com fins lucrativos. Usada mediante permissão.

“Nature Boy”, de Eden Ahbez. © 1948, 1976, 1995 de David J. Janowiak DBA Golden

World Music. Usada mediante permissão.

“Parlez-Moi d’Amour”, de Jean Lenoir. Copyright © 1930 da Société d’Editions Music Internationales, copyright renovado. Todos os direitos reservados. Usada mediante permissão.

Este livro é uma obra de ficção. Referências a pessoas reais, acontecimentos,

estabelecimentos, organizações ou localidades pretendem somente proporcionar sensação de autenticidade e são usadas de forma ficcional. Todos os demais personagens e todos os incidentes e diálogos são fruto da imaginação do autor e não devem ser interpretados como reais.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Lúcia Brito

preparo de originais: Magda Tebet

revisão: Ana Grillo e Luis Américo Costa

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Angelo Allevato Bottino e Fernanda Mello

imagem de capa: © Efren Pael / EyeEm / Getty Images

foto do autor: © Glenn Triest

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A295c

Albom, Mitch, 1958-

As cordas mágicas [recurso eletrônico] / Mitch Albom; tradução Lúcia Brito. -

1.ed. - São Paulo: Arqueiro, 2016.

recurso digital

Tradução de: The magic strings of Frankie Presto

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-631-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Brito, Lúcia. II. Título.

16-35676

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para meu tio Mike, o primeiro de muitos

músicos em minha vida que me fizeram dizer:

“Quero tocar assim.”

Essa é para todos os meninos que apareciam

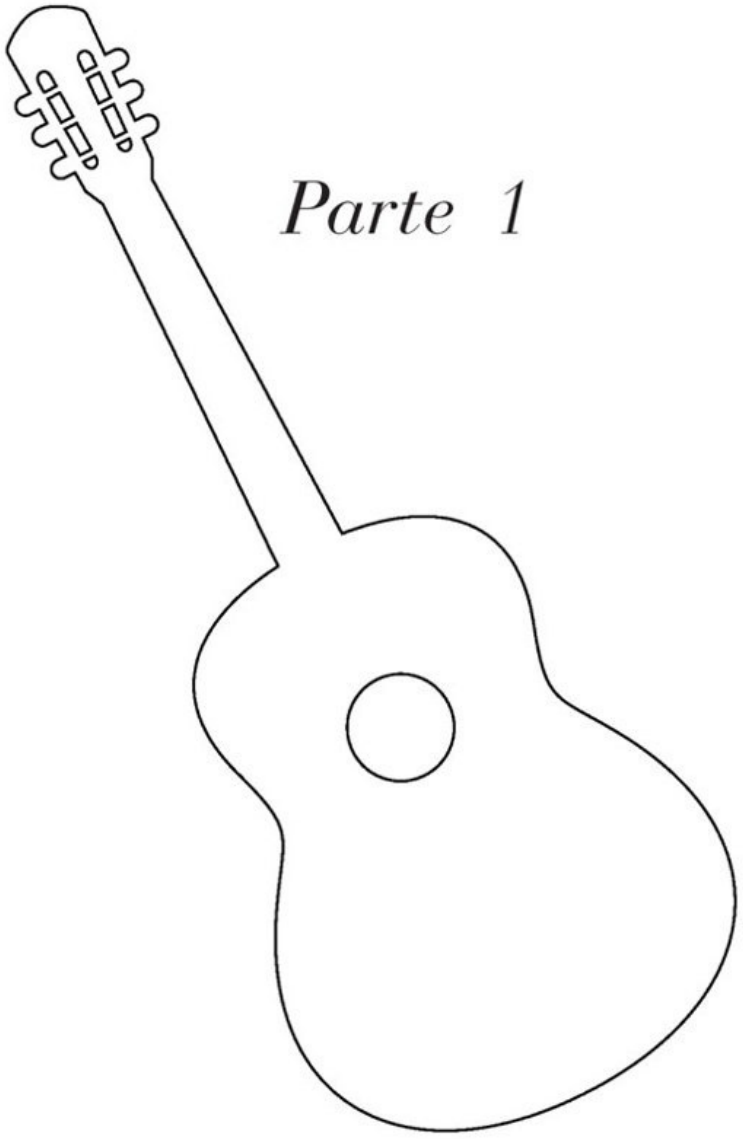
Carregando violões delicados em estojos de papelão

A noite inteira

E você se pergunta: para onde foram esses meninos?

– PAUL SIMON

No original: *Here’s to all the boys who came along/Carrying soft guitars in cardboard cases/All night long/And do you wonder where those boys have gone?*



Parte 1



1

VIM BUSCAR MEU PRÊMIO.

Ele está ali dentro do caixão. Na verdade, já é meu. Mas um bom músico

aguarda respeitosamente até as notas finais serem tocadas. A melodia desse homem acabou, mas os que estão de luto por ele vieram de muito longe acrescentar umas poucas estrofes. Uma espécie de coda, de conclusão.

Vamos ouvir.

O céu pode esperar.

Eu assusto você? Não deveria. Não sou a morte. Um ser encapuzado,

fedendo a putrefação? Como diriam os jovens: *me poupe*.

Tampouco sou o Grande Juiz que todos vocês temem no final. Quem sou

eu para julgar uma vida? Estive entre os maus e os bons. Não proponho veredito para os erros que este homem cometeu nem avalio suas virtudes.

Sei coisas boas sobre ele: os feitiços que teceu com seu violão, as

multidões que encantou com sua voz grave e sussurrada.

As vidas que mudou com suas seis cordas azuis.

Eu poderia compartilhar tudo isso.

Ou poderia descansar.

Sempre reservo tempo para descansar.

Você me acha afetada? Às vezes sou. Também sou meiga e

tranquilizadora, dissonante e irada, difícil e simples, calmante como areia a escorrer e perfurante como uma alfinetada.

Sou a Música. E estou aqui pela alma de Frankie Presto. Não toda ela. Só a porção muito grande de mim que ele pegou quando veio a este mundo. Por mais bem utilizada que eu seja, sou um empréstimo, não uma posse. Você me devolve ao partir.

Vou recolher o talento de Frankie para espalhar por almas recém-nascidas. E farei o mesmo com o seu algum dia. Existe um motivo para você dar uma olhadinha para o alto quando ouve uma melodia pela primeira vez ou bater o



pé ao som de uma percussão.

Todos os humanos são musicais.

Por que outro motivo o Senhor daria a vocês um coração pulsante?

Claro que alguns de vocês recebem mais de mim do que outros. Bach, Mozart, Tom Jobim, Louis Armstrong, Eric Clapton, Philip Glass, Prince – para não citar muitos. Senti, quando cada um deles nasceu, suas mãozinhas vindo a mim, me agarrando. Vou contar um segredo: é assim que os talentos são concedidos. Antes de os recém-nascidos abrirem os olhos, fazemos um círculo ao redor deles, aparecendo como cores brilhantes, e, quando fecham as mãozinhas pela primeira vez, na verdade estão agarrando as cores que acharam mais atraentes. Aqueles talentos ficam com eles pela vida toda. Os sortudos (na minha opinião, claro) me escolhem. Música. Dali em diante, vivo

dentro de cada cantarolar e assobio, de cada corda dedilhada ou tecla de piano pressionada.

Não posso manter você vivo. Careço de tal poder.

Mas *impregno* você.

E, sim, impregnei o homem no caixão, meu misterioso e incompreendido Frankie Presto, cuja morte no momento em que se apresentava em um festival foi testemunhada pela multidão que lotava a plateia, o corpo ascendendo até as vigas antes de cair no palco, uma casca sem vida.

Aquilo causou um rebuliço e tanto. Hoje, ao se reunirem nessa basílica centenária para o funeral, as pessoas ainda perguntam: "Quem matou Frankie Presto?" Porque ninguém, dizem elas, morre daquele jeito por si.

Isso é verdade.

Você sabia que o primeiro nome dele era Francisco? Os empresários tentaram esconder. Acreditavam que "Frankie" era mais palatável para os fãs americanos. Do jeito que as garotas gritavam nos shows – *"Frankie! Eu te amo, Frankie!"* –, suponho que estavam certos. Nomes curtos são mais adequados para a histeria. Mas você não pode mudar seu passado, não importa quanto elabore seu futuro.

Francisco era seu nome verdadeiro.

Francisco de Asís Pascual Presto.



Gosto desse nome.

Eu estava lá na noite em que lhe foi dado.

É verdade. Conheço os detalhes desconhecidos do nascimento de

Frankie Presto, aqueles que historiadores e críticos de música – e até ele mesmo – sempre rotularam como um mistério.

Posso contar se você quiser.

Isso o surpreende? Minha sugestão de começar com uma história tão

cobiçada? Bem, por que adiar? Não sou um dos talentos “lentos”, como o Raciocínio ou a Matemática. Sou a Música. Se o abençoo com o dom de cantar, você já consegue cantar na primeira tentativa. Composição? Minhas melhores frases residem, em geral, nas notas de abertura. *Eine kleine Nachtmusik – Dum, da-dum, da-dum da-dum da-dum* –, de Mozart? Ele desatou a rir quando tocou aquilo no pianoforte. Levou menos de um minuto.

Você quer saber como Frankie Presto veio a este mundo?

Vou contar.

Simples assim.

Aconteceu aqui na Espanha, em Villarreal, uma cidade próxima ao mar,

fundada por um rei há mais de sete séculos. Prefiro começar com uma

fórmula de compasso; por isso, vamos fixar em agosto de 1936, num tempo

errático de 6/5, pois era um período sangrento da história do país. Guerra civil. Uma coisa mencionada aos sussurros como El Terror Rojo – o Terror Vermelho – estava chegando às ruas e, mais especificamente, àquela igreja. A

maioria dos padres e freiras já tinha fugido para a zona rural.

Lembro bem daquela noite. (Sim, tenho memória. Sem membros, mas com uma memória infindável.) O céu trovejava, a chuva martelava no calçamento. Uma jovem gestante entrou apressada para rezar pelo filho que carregava. Seu nome era Carmencita. Era esguia, com maçãs do rosto salientes e farta cabeleira ondulada, da cor de uvas pretas. Acendeu duas velas, fez o sinal da cruz, colocou as mãos sobre a barriga protuberante e dobrou-se ao meio de dor. O trabalho de parto havia começado.

Ela gritou. Uma jovem freira com olhos cor de avelã e dentes separados veio correndo e ajudou-a a se levantar.

– *Tranquila* – disse a freira, com as mãos em concha envolvendo o rosto



de Carmencita. Porém, antes que a mulher pudesse ir para o hospital, as portas da frente foram arrombadas.

Os invasores haviam chegado.

Eram revolucionários e milicianos em fúria contra o novo governo.

Tinham vindo destruir a igreja, como estavam fazendo por toda a Espanha.

Estátuas e altares eram profanados, santuários eram reduzidos a cinzas, padres e freiras eram assassinados em locais sagrados.

Quando um horror desses acontece, as novas vidas, chocadas, deviam deter-se. Mas não. Nem a alegria nem o terror adiam um nascimento. O futuro Frankie Presto não tinha conhecimento da guerra do lado de fora do ventre de sua mãe. Ele estava pronto para fazer sua entrada.

E eu idem.

A freira apressou Carmencita, levando-a, por uma escada secreta construída séculos antes, até uma câmara oculta. Enquanto os invasores destruíam a igreja lá embaixo, ela deitou a mãe de Frankie sobre um cobertor cinza num canto iluminado por velas. As duas mulheres respiravam rápido, criando um ritmo: inspira, expira.

– *Tranquila, tranquila* – murmurava a freira.

A chuva golpeava o telhado como um malho. Os trovões eram como timbales. No térreo, os invasores ateavam fogo ao refeitório e as chamas crepitavam como centenas de castanholas. Os poucos que não haviam fugido da igreja davam guinchos suplicantes, revidados pelas ordens rosnadas daqueles que cometiam as atrocidades. Os graves e agudos das vozes, o crepitar do fogo, o açoitar do vento, o tamborilar da chuva e o tonitruar dos trovões criavam uma sinfonia irada, turbilhonando em um crescendo. No momento em que os invasores escancararam a tumba de São Pascoal, prestes a profanar seus ossos, os sinos no alto da basílica começaram a badalar, fazendo com que todos erguessem o olhar.

Naquele exato instante, Frankie Presto nasceu.

As mãozinhas dele me agarraram.

E ele pegou um pedaço de mim.

Será que estou caprichando nessa narrativa? Devo considerar a composição. Uma coisa é contar a história de um nascimento, outra bem diferente é contar a vida inteira.

Vamos deixar o caixão e ficar um pouco lá fora, onde o sol matinal faz as

pessoas semicerrarem os olhos ao saírem dos carros, estacionados ao longo de ruas estreitas. Até agora poucas chegaram. Deveria haver muito mais gente. Pelas minhas contas (que são sempre exatas), Frankie Presto tocou com 374 bandas durante seu tempo na Terra.

Era de se imaginar que este seria um funeral concorrido.

Mas a verdade é que todo mundo entra numa banda nesta vida. Mas só alguns tocam música. Frankie, meu discípulo precioso, era mais do que um violonista, mais do que um cantor, mais do que um artista famoso que ficou sumido por boa parte de sua existência. Quando criança, sofreu enormemente e, por causa desse sofrimento, foi-lhe concedida uma dádiva. Um conjunto de cordas que lhe deu o poder de mudar vidas.

Seis cordas.

Seis vidas.

Por essa razão, suspeito eu, essa despedida poderia revelar-se interessante.

E por isso ficarei para ouvir os enlutados falarem – a notável sinfonia de Frankie, tocada por aqueles que o conheceram. Tem também a questão de sua estranha morte e da figura sombria que o seguia pouco antes.

Quero ver isso resolvido.

A música anseia por resolução.

Mas, no momento, devo descansar. Tantas notas já compartilhadas… Está vendo aqueles homens nos degraus da igreja, fumando cigarros? O de chapéu-coco de tweed? Ele também é músico. Trompetista. Já teve dedos ágeis, mas

agora está velho e luta com a doença.

Escute-o por um momento.

Todo mundo entra numa banda nesta vida.

Frankie esteve na banda daquele homem em certa ocasião.

Marcus Belgrave

Trompetista de jazz da Marcus Belgrave and His Quintet; banda de Ray Charles; músico acompanhante de McCoy Tyner, Dizzy Gillespie, Ella Fitzgerald e outros

ME EMPRESTA O FOGO AÍ… HUM… HUM… OBRIGADO…

Não, não acredito nisso também. Ninguém morre assim. Mas estou dizendo, Frankie estava metido em alguma parada estranha, magia, vodu, alguma coisa. Nunca contei essa história para ninguém, mas juro que é verdade. Estávamos tocando num clube lá em Detroit, por volta de 1951 ou 1952, na parte da cidade que chamavam de Black Bottom. Tinha um monte de clubes legais por lá, mas, depois da guerra, ficou bem perigoso.

Enfim, estávamos tocando numa sexta-feira à noite, quatro sessões – oito, dez, meia-noite e duas da manhã –, e Frankie estava conosco, um adolescente esquelético que tocava violão. Foi bem antes de ele gravar hits ou mesmo de começar a cantar. Cara, eu nem sabia o sobrenome dele. Era só “Frankie”. Ele não deveria estar ali, por causa da pouca idade, mas não pediu dinheiro algum, e para o dono do clube ele tinha 21 anos, entende? Deixamos ele sentar no fundo, longe dos holofotes, com a cabeleira negra balançando nas sombras. No fim da

noite, ele descolou um prato de frango grátis e a gente, um violonista grátis.

Eu sei, eu sei, já vou chegar lá. Como falei, o lugar era meio baixo nível,

cheio de maus elementos. A certa altura, tocávamos “Smokehouse Blues” e podíamos ver um grandalhão barbudo sentado num canto com uma loura

bonita, novinha e muito maquiada, talvez tentando parecer mais velha.

Bem, algo deve ter acontecido, porque de repente o barbudo pulou da

cadeira, que voou para trás, empurrou a garota contra a parede e botou uma faca na garganta dela. Parecia estar estrangulando a menina, berrando,

chamando-a de tudo que era tipo de nome. Tilly, nosso pianista, correu porta

afora – porque ele era assim, costumávamos chamá-lo de “Tilly Não-Quer-

Problemas” –, mas o resto de nós ficou lá, tocando *riffs* com aquele olhar congelado, do tipo que não quer ver mas não consegue desviar os olhos. Era

quase como se, caso a gente parasse de tocar, o barbudo fosse matar a garota.

Ele berrava e agitava a faca enquanto ela sufocava, e ninguém fazia nada porque o cara era *grande*.

De repente, Frankie saltou para a frente do palco e começou a tocar bem

alto e rápido. Tocava tão bem que as pessoas não sabiam para onde olhar.

Frankie berrou “Ei!”, e o barbudo olhou e rugiu alguma coisa, totalmente bêbado. E Frankie tocou mais rápido. Eu, Tony e Elroy tentamos acompanhar,

mas ele estava fora de si, os dedos se moviam como se possuídos.

– Ei! – berrou Frankie de novo.

Ele tocava como um raio, e ainda assim cada nota era limpa e precisa. E

não é que o cara se virou e apontou a faca para Frankie, como se estivesse aceitando o desafio?

– Mais rápido – resmungou o barbudo.

Frankie então acelerou. Algumas pessoas começaram a urrar, como se fosse um jogo. E aí Frankie parou de tocar “Smokehouse” e começou “Flight of the Bumblebee”, daquela ópera russa, sabe? Fiquei tentando achar as notas no trompete e Elroy bateu o pedal tão forte que a droga do pé dele quase saltou fora.

– Mais rápido! – berrou o cara de novo.

E lá estávamos nós, pensando que, por Deus do céu, ninguém conseguiria tocar mais rápido que aquilo, quando, antes mesmo de terminarmos o pensamento, Frankie acelerou de novo, os dedos correndo pelas cordas tão ligeiro que eu jurava que um bando de marimbondos ia sair voando daquele violão. Ele nem olhava para as mãos. Olhava fixamente para aquele cara, os lábios entreabertos, o cabelo caindo por cima da testa, e então todos batiam palmas, tentando seguir o ritmo da batida de Elroy. Frankie começou aquela corrida à extremidade do braço do instrumento, até os trastes mais altos, e o barbudo foi se aproximando, hipnotizado, chegando mais perto para ver melhor. Frankie logo estava vidrado na garota de batom e ela nele, e, quando ele sacudiu a cabeça, ela saiu correndo feito uma bala em direção à porta. Naquele momento, todo mundo dentro do lugar urrava – como a multidão costuma fazer nos grandes shows – e o moleque apertava os lábios nas notas mais altas, soando superagudo e perfeito; o barbudo na beira do palco estava fascinado, e Frankie apontou o braço do violão direto para ele, como uma espécie de metralhadora – Rá-tá-tá-tá-tá-tá –, e então terminou. Fim. Ele girou

o violão sobre a cabeça e o local inteiro foi à loucura, resfolegando feliz e comentando coisas do tipo “Aquele garoto toca muito” e “Ainda bem que ninguém morreu”.

Frankie imediatamente desembestou porta afora, no encalço da garota.

Mas foi aí que a coisa aconteceu.

Olhei para o violão, e uma das cordas ficou azul. Juro. Azul como o miolo

de uma chama.

Pensei comigo mesmo: “Não sei de onde veio esse moleque. Talvez nem

queira saber.”



2

BEM. VOU DIZER A VERDADE.

Aquela lourinha teria morrido se Frankie não tivesse feito o que fez. Mas

ele era jovem demais para entender essas coisas, ou até mesmo para saber que

possuía tal poder…

Desculpe-me.

Psiu, aqui em cima.

No parapeito.

Eu estava escutando um rádio tocar “Heart of Glass”, da Blondie, no beco

atrás da igreja. Já notou como a música soa diferente quando tocada ao ar livre? Um violoncelo num casamento em um jardim, um órgão num parque de

diversões à beira-mar…

Isso é porque eu nasci ao ar livre, no quebrar das ondas do oceano e no assobiar das tempestades de areia, no crocitar das corujas e no piar de alguns

pássaros. Eu viajo nos ecos. Cavalgo a brisa. Fui forjada na natureza, robusta

e bruta. Os homens apararam minhas arestas apenas para me deixar mais bonita.

E deixaram. É verdade. Mas, ao longo da jornada, fizeram suposições,

como a de que quanto mais silencioso o ambiente, mais pura eu sou.

Bobagem. Um de meus discípulos, um saxofonista magricelo chamado Sonny

Rollins, tocou seu sax por três anos numa ponte de Nova York, suas ternas melodias de jazz flutuando em meio ao ruído do tráfego. Eu sempre dava uma

parada por ali, nas vigas, só para ouvir.

Ou meu amado Frankie, nascido em meio à cacofonia de sinos badalando

e à destruição clamorosa. Lembra daquela noite dentro da igreja em chamas?

Carmencita, a mãe de Frankie, precisou impedir o filho recém-nascido de chorar para que não fossem descobertos pela milícia assassina. Assim,

deitados juntos em um cobertor cinza, ela sussurrou uma canção no ouvido dele. Era uma melodia do passado, muito conhecida na cidade de Villarreal,

escrita por um de seus filhos nativos, meu brilhante violonista Francisco Tárrega. Carmencita cantarolou de modo impecável, como nenhuma canção



jamais fora cantarolada, as lágrimas caindo de suas bochechas sobre a pele do

recém-nascido.

O bebê não chorou.

Ainda bem, porque em questão de minutos os invasores chegaram ao altar

principal, e era possível ouvi-los destruindo tudo lá embaixo. Estavam se aproximando e logo subiriam as escadas. A freira de olhos cor de avelã e dentes separados tremia. Ela sabia que a jovem mãe não podia ser deslocada,

pois estava fraca demais. E havia sangue por toda parte.

Ela também sabia que os invasores matariam qualquer freira que

descobrissem ali.

Ela recitou uma prece, tirou o hábito por cima da cabeça e apertou os dedos contra a chama das velas, apagando a luz.

– Silêncio – sussurrou.

Carmencita suspendeu a única melodia que cantaria para o filho.

A canção chamava-se “Lágrima”.

Claro que tudo isso parece disparatado se você só conheceu Frankie

Presto a partir de seus anos mais populares, no final da década de 1950 e início da de 1960, quando o chamavam de “o próximo Elvis Presley”. Ele fez

discos que levaram a apresentações na televisão, shows barulhentos e uma foto icônica, em que aparece sorridente, com um casaco esporte marrom e camisa de colarinho rosa, inclinando-se para fora da janela de um carro para

autografar a mão de uma morena bonita.

Aquela foto, usada pela revista *LIFE*, virou capa de seu álbum mais comercial, *Frankie Presto Wants To Love You*. O disco vendeu milhões de cópias e rendeu mais dinheiro do que Frankie seria capaz de imaginar nos tempos de infância nas ruas pobres de Villarreal, onde homens transportavam

laranjas em carroças puxadas por cavalo.

Naquele estágio de sua vida, Frankie era um artista americano, com um empresário americano, e não havia vestígio de sotaque espanhol quando ele cantava. Até o violão fora relegado a segundo plano. As canções que o faziam

cantar estavam, falando muito francamente, abaixo de seu talento.

Mas ainda não contei sobre o primeiro instrumento de Frankie, ou o cão

pelado, ou a menina na árvore, ou El Maestro, ou a guerra, ou Django, ou

Elvis, ou Hank Williams, ou por que Frankie desapareceu no auge da popularidade.

Ou como ele morreu, alçando-se acima de uma plateia atônita.

A jornada de Frankie. Uma narrativa tão saborosa de compartilhar. Você demonstra interesse. Isso é tentador. Sempre sou tentada por uma plateia.

Os carros estão chegando. O sol está se erguendo sobre a cidade. O padre

ainda está se vestindo em seus aposentos.

Temos tempo, suponho.

Então vamos direto ao ponto, como convém a um homem chamado

Presto. Hoje algumas pessoas exclamam “presto” após um truque de mágica.

Mas antigamente a palavra era usada por compositores para marcar meus

andamentos mais velozes, vivazes, saltitantes e energizados. A expressão deriva do italiano e quer dizer “rápido”. *Presto*.

Também significa “pronto”.

Você está pronto?

Aqui está o resto da história de meu filho.

3

TODO MUNDO ENTRA NUMA BANDA NESTA VIDA.

Você nasce na sua primeira banda. Sua mãe faz o solo. Ela divide o palco

com seu pai e seus irmãos. Ou talvez seu pai seja ausente, um banquinho vazio sob um holofote. Ainda assim é um membro fundador, e, se um dia aparecer, você vai ter que dar espaço a ele.

No decorrer da vida você vai entrar em várias bandas; em algumas por amizade, em outras por romance, em outras ainda por questões da vizinhança,

da escola, do exército. Talvez vocês se vistam todos iguais, ou deem risada de

seu vocabulário particular. Talvez desabem em sofás no *backstage*, dividam uma mesa numa sala de reuniões ou se aglomerem na cozinha de um navio.

Porém, em cada banda em que entrar, você vai tocar um trecho distinto, e ela

vai afetá-lo tanto quanto você a ela.

E, como em geral é o destino das bandas, a maioria vai se desfazer – por

causa da distância, de diferenças, do divórcio ou da morte.

A primeira banda de Frankie foi um duo – mãe e filho. Pela graça do Senhor, eles não foram descobertos pelos invasores naquela noite e

conseguiram escapar da igreja incendiada. Porém, traumatizada pelos

acontecimentos, a mulher mudou-se para a extremidade oposta da cidade e nunca falou sobre o que enfrentou. Naquele tempo, havia grande desconfiança

na Espanha; você guardava seus segredos para si. Quando os habitantes da cidade passavam por ela, a mãe baixava a cabeça, evitando contato visual.

– *Qué niño más guapo!* – exclamavam.

Ele era realmente muito bonito.

– *Gracias* – agradecia baixinho, indo adiante apressada.

O bebê desenvolveu uma cabeleira negra. Com o passar dos meses, a

mulher notou que ele se virava sempre que os sinos badalavam. Certa vez passaram por um músico de rua que tocava flauta, e o jovem Francisco estendeu as mãos como que para agarrar mais de mim (embora ele já tivesse o

bastante de mim, obrigada).

Ele foi uma criança normal em muitos aspectos, exceto que, por um longo tempo, não chorou. Mal fazia qualquer som. Eles moravam em um

apartamento de um só cômodo, em cima de uma *panadería*, e, quando ficavam com fome, o que era frequente, a mãe descia e esperava o padeiro idoso perguntar sobre o bebê calado.

– Não se preocupe, senhora, tenho certeza de que um dia ele vai falar –

dizia o homem, dando-lhe um prato de pãezinhos embebidos em azeite de oliva.

Ocasionalmente ela ganhava dinheiro costurando ou lavando roupas. Mas

o país passava por uma guerra debilitante, o dinheiro era escasso, e, sozinha

com um bebê, era impossível conseguir trabalho. Mês após mês, ela mal se mantinha.

– Vá à igreja, deixe que a ajudem – diziam os vizinhos.

Mas ela nunca foi. Não queria mais saber de igreja.

No primeiro aniversário de Frankie, para quebrar a monotonia, ela levou a

criança à única rua calçada da cidade, a Calle Mayor, e à Casa Medina, a maior loja, para olhar coisas que eles jamais possuiriam. Demorou-se nos carrinhos de bebê, desejando poder comprar um. A loja também exibia um gramofone e, na saída, ela parou para admirá-lo. O proprietário, um homem bem-vestido, com um bigodinho bem cuidado, adiantou-se, quem sabe

reparando que a mulher não usava aliança. Ele sorriu ao colocar um novo disco

de goma-laca.

– Escute, por favor, senhora – disse ele, orgulhoso.

O artista no disco era um violonista espanhol chamado Andrés Segovia. A

música tocada naquela manhã deixou o bebê Frankie fascinado. Sua cabeça inclinou-se. As mãozinhas se cerraram.

E, quando a canção acabou, ele chorou.

Ruidosamente.

A voz do bebê era tão poderosa quanto a de um homem adulto. O

proprietário fez uma careta. Os clientes fecharam a cara. A mãe,

envergonhada, sacudiu a criança de modo severo, sibilando:

– Silêncio!



Mas o ruído lancinante continuou, e tão forte que dava para ouvir de ponta

a ponta da loja. Um vendedor pegou um doce num recipiente no balcão e colocou nos lábios de Frankie para fazê-lo parar, mas a criança agitou as mãos

de modo alucinado e chorou ainda mais alto.

E então o proprietário, perturbado, colocou o braço do gramofone no

disco.

Segovia tocou de novo.

E Frankie ficou em silêncio.

Qual era a canção?

“Lágrima”.

Daquele dia em diante, o bebê nunca mais ficou contente. Chorava o tempo todo. Não dava trégua. Nem a cama nem o cobertor acalmavam-no. Gemia mais alto que os galos ou os cachorros do beco. Parecia gritar por algo que jamais poderia ter.

– Chega! – berravam os vizinhos pelas janelas. – Dê leite para ele! Faça-o parar!

Mas nada parecia funcionar. Ele uivava noite após noite, mesmo que punhos socassem as paredes e cabos de vassoura batessem no teto.

– Faça alguma coisa!

– Precisamos dormir!

Ninguém conseguia recordar-se de um bebê tão barulhento. Até o padeiro do andar de baixo parou de dar pão para a mãe, na esperança de que encontrassem outro lugar para morar.

Sem ajuda e com alimentação tão escassa, a pobre mulher chegou ao seu limite. Insone, deprimida e padecendo de fome, sua saúde se deteriorou. Ao chegar o inverno, pegou uma febre e teve acessos de delírio. Andava pelas ruas da cidade com uma toalha vermelha em volta do pescoço, deixando Francisco chorando sozinho no apartamento. Às vezes balbuciava palavras que pensava estarem sendo ditas para ela.

Numa manhã fria, sem nada para alimentar o bebê e sem conseguir fazê-lo parar de gritar, ela o levou para a periferia da cidade, onde o rio Mijares corre para o mar. Desceu uma colina até a margem. Um vento forte soprava,

redemoinhando folhas no chão lamacento. Ela olhou para o bebê envolto em um cobertor cinza. Por um momento ele ficou quieto, e o rosto dela abrandou-se. Mas então os sinos distantes da igreja tocaram, e o uivo recomeçou. A mulher jogou a cabeça para trás e soltou um grito estridente.

Atirou o bebê dentro d'água.

E correu.

Uma mãe jamais deveria fazer uma coisa dessas. Mas aquela mulher fez.

Lágrimas caíram de seus olhos cor de avelã, rolando até a boca com dentes separados. Ela correu até os pulmões quase explodirem e não olhou para trás,

nem para a criança nem para o rio.

Uma mãe jamais deveria fazer uma coisa dessas. Mas aquela mulher não

era a mãe de Frankie. A mãe morrera na câmara da igreja, envolta no hábito

de uma freira.

Clem Dundridge

Backing vocal, King-Tones, Jordanaires, Frankie Presto Band

COMO VAI? CÊ TÁ COM ALGUMA ESTAÇÃO DE TV OU COISA ASSIM? A QUE horas vai

começar esse funeral aqui, faz ideia?

Eu? Nãã… Nunca estive na Espanha, mas meio que gosto da música. Ah!

Conhece aquela canção?… Quem é mesmo? Three alguma coisa… "Three

Dog Night"! É isso… Que espécie de nome idiota é esse?

Caramba, sei como é. Onde eu moro, os funerais também nunca começam

na hora… Greenville, atualmente. Carolina do Sul. Estados Unidos…

Não, não via Frankie fazia uns 20 anos. Simplesmente perdemos o

contato, entende? A maioria das pessoas perdeu o contato com ele, sabe? Ele

era assim. Eu nem sabia que ele ainda tocava até ouvir como ele morreu…

Se conheci ele? Ih! Tá preparada pra essa? Conheci ele com Elvis Presley,

no circuito do *Louisiana Hayride*, em 1957… Sim, dona… Sim, dona… Bem,

pode crer, é uma história verdadeira. Não me importo de contar agora. Eu tinha que ficar calado até o dia que Elvis morresse e o dia que Frankie morresse. Mas agora os dois se foram, e tenho 82 anos. O que estou

esperando? Estou pensando em contar na igreja, talvez. A gente tem

permissão pra falar durante o serviço? É igreja católica, não é? Talvez não deixem…

Agora?… Vamos fazer o seguinte. Dê pra mim um pouco desse café que

cê tá tomando que eu vou… Obrigado… muito grato… mmmff…

Certo. O que aconteceu foi o seguinte. Naquele tempo eu cantava com

The Jordanaires, o grupo que fazia backing vocal de Elvis. Montes de caras entraram e saíram dos Jordanaires ao longo dos anos, a maioria cantores de gospel, alguns deles pastores que no fim voltavam para a igreja. Fiquei só por

um tempinho, mas naquela época Elvis estava começando a bombar. Cada

show era maior que o anterior.

E Frankie era muito parecido com Elvis, não dá para negar. Os dois

tinham um sorriso cheio de dentes e aquele cabelo todo, negro pra burro –

embora Elvis pintasse o dele, a cor natural era mais para castanho-

avermelhado, e Frankie fosse um pouco mais alto e magro. Mas, naquele tempo, ninguém tinha ideia de que Frankie sabia fazer qualquer coisa além de

tocar violão. Não sei ao certo como ele chegou à Louisiana. Alguém disse que

ele veio de Detroit no porta-malas de um carro. Sério. Mas ele ficava na dele,

não fumava nem farreava, e, se você não faz isso numa banda, dificilmente alguém tem como conhecer você de verdade…

Enfim, naquela tarde estávamos no Auditório Municipal de Shreveport –

local onde era gravado o *Louisiana Hayride*, um programa de rádio muito importante por lá –, fazendo a passagem de som para o show daquela noite.

Elvis estava em algum lugar fora dali, com uma garota qualquer fazendo sabe-se lá o quê. O Coronel Parker, empresário de Elvis, furioso, estava pronto para chutar o primeiro traseiro que visse pela frente. Ele tinha pulso firme e odiava que qualquer um se atrasasse – até mesmo Elvis. Esperou uns

cinco, dez minutos, olhando no relógio, e então berrou: “Toquem alguma coisa! Mexam-se!” Bem, não se contrariava o coronel, não, senhor; de modo

que a banda começou com o primeiro número do show, “I Want You, I Need

You, I Love You”, e nós, Jordanaires, fizemos nossos trechos de backing vocal. Mas claro que sem Elvis soou meio idiota, só um monte de “Uuuuh, uuuh”. Dava para sentir a fúria do coronel a 30 metros de distância, a cara ficando vermelha, ele encarando as portas, andando de um lado para outro. E

de repente ouvimos uma voz cantando a letra, sabe? E parecia o Elvis, só que

era Frankie lá no microfone. Ele cantava perfeitamente. Olhei para os outros

caras, pensando: o coronel vai enforcar esse moleque! Imitando Elvis na frente do chefe? Quer dizer, simplesmente não se faz uma coisa dessas. O

coronel cravou os olhos nele, empurrou o maxilar para a frente e mordeu aquele charuto que sempre tinha na boca, e eu pensei: “Foi bom trabalhar com

você, Frankie.” Mas o coronel não o interrompeu. Terminamos a canção, e tudo que ele fez foi perguntar ao cara do som: “Feito?”

Aí fomos embora, meio que sacudindo a cabeça, sem entender, e lembro

que Hoot, o pianista, deu uma cerveja para Frankie e, quando Frankie

perguntou a troco de quê, Hoot disse: “Por você ainda estar inteiro.”

Vamos dar um salto agora, para cerca de um mês depois, em turnê pela costa noroeste do Pacífico com Elvis, e estávamos agendados para tocar em Vancouver, Canadá, num estádio de futebol. Ficamos sabendo que o Coronel

Parker estava conversando com o exército sobre o recrutamento do Elvis. O

exército queria que Elvis começasse a servir, e o coronel estava desesperado

para fazer com que adiassem até que houvesse mais gravações prontas. Ele tinha em mãos um esquema de um milhão de dólares, e ninguém, nem mesmo

o governo dos Estados Unidos, iria tirar aquilo dele.

Assim, o exército concordou em se reunir com Elvis e o coronel, mas

seria uma reunião secreta e na Virgínia, exatamente no dia em que deveríamos

tocar em Vancouver. Eles foram irredutíveis quanto à data, pois um general poderoso estaria presente e queria conhecer Elvis. E ficou claro que ou a reunião acontecia no dia imposto, ou o cantor receberia a carta de alistamento.

Bom, a maioria das pessoas simplesmente cancelaria o show, mas o

Coronel Parker não era a maioria das pessoas. Ele não queria abrir mão do que renderia um estádio de futebol lotado. Seriam umas 20 mil pessoas. Era

muita grana.

Então, no dia anterior ao show em Vancouver, fomos chamados a

comparecer, à meia-noite, a um pequeno teatro. Nem sinal de Elvis; só um palco com todo o nosso equipamento. O coronel já se encontrava lá com –

adivinhe quem? – Frankie. Ele sussurrava algo e Frankie concordava com a cabeça. Não sabíamos o que estava rolando. Finalmente o coronel se virou para a

gente e disse:

– Quero que vocês passem o show com o moleque cantando.

Nós nos entreolhamos. *Quê?* Mas não dissemos nada. Seguimos a ordem.

Tocamos. Frankie cantou. E, tão certo quanto estou parado aqui, no final do ensaio, se eu fechasse os olhos, não saberia dizer se estava ouvindo Frankie ou Elvis. Aquele garoto era tão musical que podia fazer um tambor soar como

um rouxinol, entende?

Ainda assim nos indagamos: Como é que isso vai dar certo? Ele *parece* o

Elvis, mas *não é* o Elvis! No entanto, quando terminamos o ensaio, o coronel falou:

– Agora escutem aqui. O garoto vai ficar atrás, ao lado de vocês. Ele não

chegará à frente do palco, estão ouvindo? E nada de conversa entre os números. Vocês vão simplesmente de uma canção para outra. Depressa.

Em seguida, claro, ele acrescentou o aviso:

– Se algum de vocês abrir o bico sobre isso para quem quer que seja, vai se ver comigo!

Ele não precisava ter dito aquilo. Nenhum de nós abriria mão do show de

Elvis. Estávamos todos no mesmo barco.

E aí chegou a noite seguinte. O verdadeiro Elvis estava em alguma parte

da Virgínia com o governo, e nós lá em Vancouver, Canadá, num sedã preto,

estacionando no estádio. Sentado atrás e totalmente imóvel, Frankie vestia um

casaco de cetim dourado e usava óculos escuros. Eu não saberia dizer se ele

estava super-relaxado ou morto de medo. *Eu* estava morto de medo, posso garantir. Recebemos ordens de cercá-lo quando caminhássemos pelo

backstage e de não deixar ninguém, nem mesmo a polícia, chegar perto demais dele. Paramos junto à cortina e dava para ouvir o estrondo da multidão

lá fora. E eu só pensava que, Deus do céu e da terra!, não tinha jeito de aquilo dar certo.

Mas, ao entrarmos no palco, vimos que os fãs ficavam bem longe, nas

arquibancadas. E os cavaletes que o coronel mandara colocar no gramado, dizendo para todo mundo que era para a segurança de Elvis, nos ofereciam um isolamento de uns 40 metros – ninguém chegaria perto, exatamente como

o coronel queria. E, por ser final de verão e ainda estar um tanto claro, os holofotes não estavam acesos, o que dificultava que se enxergassem detalhes

a distância.

– O que você acha? – sussurrei para Bill, um dos outros cantores.

– Clem, se der errado, corra para a direita, que é onde estão os carros –

respondeu.

Então o locutor berrou:

– Senhoras e senhores, Elvis Presley!

Os gritos se tornaram ensurdecedores quando Frankie, com aquele casaco

dourado, a camisa preta e o violão no pescoço com a correia alta como Elvis

usava, se mostrou para a multidão. Me preparei para algum incidente, as pessoas vaiarem ou atirarem objetos. Mas não aconteceu nada disso. Todos acreditaram completamente! Frankie ficou lá atrás conosco, como o coronel havia dito; não foi para a frente, onde as câmeras poderiam pegá-lo sozinho.

Não disse uma palavra, apenas começou direto com "*Well, since my baby left*

me", de "Heartbreak Hotel". Dali em diante pouco importaria se fosse

Frankie, eu ou Paul Bailey cantando, a loucura era tamanha que mal dava para

ouvir qualquer coisa. De repente toda a garotada saiu correndo das arquibancadas e veio para o campo e Frankie atacou “I Gotta a Woman”, “Rip It Up” e “Ready Teddy”. Olhamos uns para os outros, sorrindo como vigaristas, porque ele era bom e estávamos nos saindo bem. A polícia forçava a garotada a voltar para as arquibancadas, mas todos retornavam ao gramado.

A cada canção, Frankie se soltava mais, sacudindo as pernas e mexendo os quadris do jeito que Elvis fazia. Balancei a cabeça para Frankie algumas vezes, tipo, não faça isso, rapaz, alivie; vamos sair daqui a salvo, por favor.

Mas então começou “Hound Dog” e acho que ele não conseguiu se segurar, simplesmente se soltou. Pulou para a frente, sacudindo e girando os braços, com aquele sorrisinho de escárnio nos lábios, igual a Elvis. Aí pronto. A multidão amontoou-se no campo. A polícia tentava conter, apitos estrilavam, pessoas eram derrubadas. Assim que “Hound Dog” acabou, os seguranças nos tiraram do palco às pressas, Frankie sorrindo e acenando para a multidão, tipo, adeus, até mais!

Vinte e dois minutos. O show inteiro foi isso. Vinte e dois minutos.

Conseguimos. Até hoje as pessoas falam daquele show como um dos mais selvagens e loucos da carreira de Elvis – e o último dele no Canadá. E apenas a banda, os Jordanaires, o coronel e o próprio Elvis, que Deus o tenha, sabiam a verdade.

E Frankie, claro.

Ele deixou a banda no dia seguinte. Acho que não quis encarar Elvis. Ou talvez Elvis não quisesse encará-lo. De qualquer modo, Frankie se foi, e não o vi de novo até ele me convidar para sair em turnê alguns anos depois. Àquela

altura ele estava diferente. Mais confiante. Parecia um astro, entende? Acho que aquele show o transformou. Ele experimentou o sucesso e quis aquilo para si.

Ninguém disse uma palavra sobre aquela noite por quase 60 anos. Mas agora estou com 82 anos, Frankie está morto, então pro inferno, ele merece o crédito. Você pensa em todos aqueles imitadores de Elvis, essa gente que fez e faz carreira com isso. Mas Frankie foi o primeiro – e, verdade seja dita, o melhor.

Quer dizer, se a ideia é fazer as pessoas terem a sensação de estar vendo o Rei, ele foi o único que realmente conseguiu isso um dia.



4

HAVERÁ MAIS HISTÓRIAS COMO A DO SR. DUNDRIDGE. É POR ISSO QUE A equipe de jornalismo espanhola está acampada nos degraus da igreja: o homem corpulento de barba segura a câmera de TV e a jovem bem penteada parada ao lado dele tem um microfone na mão. Uma morte tão espetacular quanto a de Frankie chama a atenção. Mas, sejam quais forem os casos compartilhados, nenhum contará toda a verdade. Porque ninguém sabe toda a verdade a não ser eu. Bem. Tem uma outra pessoa. Mas posso garantir que essa pessoa não estará aqui.

Onde estávamos? Ah, sim. O rio Mijares. Uma manhã de inverno. Uma mulher em fuga. E uma criança abandonada neste mundo, tendo por proteção

apenas um cobertor cinza e o som de sua própria desgraça.

Veja bem, o menino não se lembraria de nada disso. Para Frankie Presto, a

memória só se cristalizaria na fase seguinte de sua vida, a parte que ele chamaria de seu “princípio”.

Mas mesmo princípios têm princípios. Veja o prelúdio, uma forma

consagrada de composição musical. Hoje, pode ser bonito e elaborado, uma canção em si mesmo, embora originalmente – em *seu* princípio –, um prelúdio fosse algo que um alaudista do século XVI chamava de *tastar de corde*, “teste das cordas”. Não muito poético, mas preciso. Deve-se de fato testar as cordas nesta vida, ricochetear o arco, umedecer o bocal, preparar-se

para a música mais profunda que vem a seguir.

O prelúdio para Frankie Presto começou com seu nascimento calamitoso e

terminou com o arremesso no Mijares. No período de um ano, ele

testemunhou morte, cerco, fome e abandono, e agora a água fria do rio respingava em seus olhos e o fazia piscar repetidamente, enquanto a

correnteza começava a carregá-lo rio abaixo. Ele deveria ter afundado e se afogado rapidamente, e eu estava presente para recolher seu talento não cumprido caso isso tivesse acontecido. Mas existem momentos inexplicáveis

no mundo de vocês, e tudo o que posso relatar é o que testemunhei: o cobertor

cinza – o mesmo que certa vez fora colocado debaixo da verdadeira mãe de

Frankie, Carmencita – não submergiu. Atuou como uma embarcação por no



mínimo três minutos, carregando a criança na direção da cidade, enquanto Frankie esfregava os olhos e chorava em um volume incrível – chorava até o

próprio Altíssimo não poder ignorar o som.

Neste momento, vou compartilhar algo que vocês ainda estão para descobrir plenamente. Os humanos não são os únicos que são musicais. Os animais também fazem parte desse universo. Isso deveria ser óbvio a partir da observação dos milhares de aves canoras que gerei ou do estalido dos golfinhos e do lamento das baleias jubarte que produzi. Os animais não apenas fazem música: eles a escutam de forma ímpar.

Naquele dia, no rio, o choro de Frankie elevou-se a um tom além do ouvido humano. De repente, um cão pelado, com pernas finas e rijas, desceu correndo a ribanceira. A guia presa à sua coleira sacolejava loucamente. Quanto mais agudos e intensos os guinchos de Frankie, mais o cachorro corria e gania, até que, numa curva do rio, ele se atirou à água. A criancinha tentou se agarrar a algo na direção dos latidos e seus dedos se enredaram na correia. O cachorro abocanhou o cobertor e voltou aos trambolhões para a margem, colocando os dois a salvo.

A criança rolou sobre si mesma. O cobertor escorregou para dentro d'água, desaparecendo correnteza abaixo. O cachorro colocou uma pata molhada de cada lado da cabeça de Frankie e deitou a própria cabeça, arfando pesadamente.

Prelúdio completo.

Sem talento a ser recolhido.



AGORA, EM NOME DA VELOCIDADE (PORQUE O TEMPO URGE), VAMOS SALTAR à

frente e localizar Frankie em seu novo lar, uma casa na rua Calvário, com cobertura de telhas, arco mourisco e dois sulcos no caminho da entrada por onde rodas de carroça podiam rolar. Era a residência do Sr. Baffa Rubio, dono

de uma pequena fábrica de sardinhas, de um automóvel italiano e do cão pelado.

O homem que encontrou Frankie à beira do rio.

Baffa, um quarentão solteiro, ia à igreja regularmente e mantinha um

crucifixo na parede do quarto. Para ele, a descoberta de uma criança

abandonada foi um ato divino, como a descoberta de Moisés nos juncos.

Levou o menino para casa e banhou-o. Alimentou-o. Ninou-o para dormir à noite. Poucos homens fariam isso. Mas dou grande atenção às classificações

(*allegro* significa que sou tocada de modo rápido, *adagio* significa que sou tocada de modo lento, e assim por diante), e, embora o sobrenome de Baffa,

Rubio, signifique “louro” ou “de cabelo louro”, sua cabeça era coberta de fios

negros. Era a confirmação de que se tratava de um homem que podia alterar

seu destino.

Ele chamou a criança de Francisco Rubio.

A criança chamava-o de papai.

Baffa era barrigudo, tinha peitoral flácido, bochechas e sobrancelhas

caídas e bigode virado para baixo, de modo que, quando sentado, parecia uma

camada de carrancas empilhadas em uma cadeira. Mas o garoto o fazia feliz.

Herdeiro da fábrica de sardinhas da família, Baffa era uma exceção em Villarreal, cidade cheia de plantadores de laranja, colhedores de laranja e

transportadores de laranja. Ele se acostumara a estar só, um gordo com cheiro

de peixe, mas de repente havia um pequeno humano com quem compartilhar

sua rotina diária, o que, durante a semana, significava ir para o trabalho no automóvel italiano e, nos fins de semana, sentar-se no jardinzinho ouvindo rádio, com o cão pelado perto de um leito de flores de romã. O rádio vivia ligado, da manhã à noite, e o jovem Frankie ficava contente desde que tocasse

música. Agachava-se perto do alto-falante e cantava acompanhando qualquer

melodia com uma voz aguda e agradável. Quando Baffa girava o dial para ouvir as notícias (uma guerra terrível estava acontecendo na Europa), Frankie

chorava até o homem desistir e voltar para qualquer música que conseguisse

encontrar, um concerto de orquestra, uma ópera ou uma *jota* espanhola, com seu compasso de 6/8 e energia infindável. Frankie parecia gostar das *jotas* mais que tudo.

Certo dia, perto do aniversário de 5 anos do menino (não do aniversário de verdade, o fabricante de sardinhas apenas calculou uma data), Baffa viu Frankie parado na beirada de uma mesa, os dedos batucando ao som de um trecho complexo de violão flamenco. Ele acompanhava o ritmo perfeitamente,

ainda que achar a batida no compasso 6/8 possa ser complicado como

cozinhar um ovo debaixo de um cobertor.

– Venha cá, pequeno – disse Baffa, orgulhoso.

O garoto, com uma farta cabeleira negra, virou-se, sorriu e avançou na direção da perna de uma cadeira, tropeçou e caiu de mau jeito. Ele chorou, Baffa levantou-o e o consolou junto ao peito.

– Não foi nada, não foi nada – sussurrou Baffa, percebendo que a visão do

menino ainda não era boa.

O trauma da água do rio havia afetado seus olhos azuis. Mesmo o sol mais

fraco fazia-o semicerrar os olhos e deixava as córneas vermelhas. Às vezes ele não conseguia enxergar nada nas laterais. Os médicos haviam alertado que, um dia, sua visão poderia ir-se de vez. A irritação fazia com que ele esfregasse os olhos constantemente, e as crianças da vizinhança zombavam dele.

– Chorando *de novo*, Francisco? – diziam.

Com o tempo, passaram a chamá-lo de *Llorica* – "chorão". Enquanto jogavam na rua um jogo chamado *trinquete*, Francisco sentava-se sozinho, cantarolando para si mesmo.

Baffa, um homem prático, preocupava-se com o futuro de seu menino. E

se ele crescesse sem amigos? Se sua visão piorasse, que tipo de emprego conseguiria? Como se sustentaria? Naquele dia no jardim, enquanto a *jota* tocava, Baffa teve uma ideia. Músicos com boa formação, mesmo cegos,

podiam trabalhar sempre, certo? Ele se lembrou de ter presenciado, muitos anos antes, numa taberna, um violonista de óculos escuros apresentar-se e ser

muitíssimo aplaudido. Recordou-se que, em seguida, uma jovem linda pegou-o pela mão e o conduziu para fora do palco, dando um selinho em seus lábios.

Só então Baffa percebeu que o homem não enxergava.

Baffa concluiu que, enviado pelo poder divino, aquele poderia ser um

futuro para seu filho. Ele poderia até mesmo encontrar o amor. Baffa não era

de perder tempo (a eficiência sempre o atraiu, mesmo nas sardinhas): levou o

menino a uma escolinha de música na Calle Mayor, a rua pavimentada no centro da cidade. O dono da escola tinha queixo comprido e óculos redondos.

– Em que posso ajudá-lo, senhor?

– Quero que meu filho toque violão.

O homem olhou para baixo. Frankie estava esfregando os olhos.

– Ele é novo demais, senhor.

– Ele canta o dia inteiro.

– Ele é novo demais.

– Ele acompanha o ritmo batucando na mesa.

O homem baixou os óculos.

– Quantos anos ele tem?

– Quase 5.

– Novo demais.

Frankie esfregou os olhos de novo.

– Por que ele fica fazendo isso?

– O quê?

– Esfregando os olhos.

– É criança.

– Está chorando?

– É uma infecção.

– Ele não pode tocar se esfrega os olhos o tempo todo.

– Mas ele canta o dia inteiro.

O homem sacudiu a cabeça.

– Novo demais.

A propósito, certamente essa não foi a primeira vez que um de vocês desencorajou um dos meus. Se eu ganhasse um elo de metal para cada humano reprovador que diz que uma criança é muito nova, que o instrumento

é muito grande ou que a simples ideia de seguir carreira na música é “perda de tempo”, eu poderia acorrentar o mundo de vocês: pais reprovadores, executivos de gravadora desdenhosos, críticos rancorosos.

Às vezes penso que o maior talento de todos é a perseverança.

Mas só às vezes.

Bem, enquanto Baffa argumentava com o dono da escola de música, o jovem Frankie proporcionou-me um momento especial. Ele perambulou até o depósito onde os instrumentos eram guardados. Seus olhos se arregalaram diante de tesouros até então inéditos em sua jovem vida: uma espineta, uma viola antiga, uma tuba, um clarinete, um tarol – e um violão. O violão estava no chão. Frankie foi até o instrumento e se sentou ao lado dele. O violão tinha um corpo de madeira simples, com uma roseta vermelha e azul em torno da boca. A maioria das crianças teria agarrado o violão pelo braço, dedilhado as cordas, torcido as tarraxas como se fossem brinquedos. Mas Frankie apenas olhou-o fixamente. Estudou o formato. Inclinou a cabeça de lado como a esperar que o violão falasse. Considerei o respeito manifestado por ele muito satisfatório. E, depois do que ele havia acabado de aguentar daquele queixudo do contra, senti que era um bom momento para uma pequena mágica. De vez em quando, nós, os talentos, podemos surgir de repente dentro de vocês para criar o inexplicável (bem, inexplicável para vocês). Os seres humanos chamam isso de “lampejo de genialidade”. Nós chamamos de alongamento.

Frankie estendeu a mão e apertou um dedo sobre a terceira corda, logo atrás de um traste. Soltou em seguida. Uma nota suave soou. Ele sorriu e fez

de novo, no traste de cima, usando o que os violonistas chamam de técnica *hammer-on* – bater e soltar forte e rápido. Mais uma nota. Depois outra. Sem demora ele descobriu os sons relativos produzidos ao apertar atrás de cada traste. Para simplificar: ele estava aprendendo escala musical sozinho.

Aí dei mais um empurrãozinho.

Logo ele estava tirando uma melodia. Seus olhos se arregalavam a cada



nota, pois tocar uma canção pela primeira vez é minha revelação maior, é como descobrir que se consegue caminhar sobre um arco-íris. Ele começou a

acompanhar cantarolando. Se os dois adultos na sala da frente tivessem parado a discussão por um instante, poderiam ter ouvido o pequeno milagre de Francisco de Asís Pascual Presto, 5 anos incompletos, dedilhando uma melodia que tinha ouvido muitas vezes em um programa de rádio, uma

canção infantil transformada em clássico do jazz:

A-tisket, a-tasket / A green and yellow basket / I wrote a letter to my love /

And on the way, I dropped it[1]

Foi a primeira performance de Frankie ao violão.

E ninguém ouviu, exceto eu.

Na sala da frente, Baffa perdeu a paciência com o dono.

– Francisco! Vamos embora! – gritou ele, chamando o filho.

O menino levantou-se e deu um tapinha de adeus no violão, percebendo

que havia encontrado o que procurava. E já não mais esfregava os olhos.

Ainda assim, faltava-lhe um professor. Com certeza a escola de música

estava fora de cogitação, e era a única em Villarreal. Baffa sentiu-se derrotado. A caminho de casa, parou e comprou um saco de laranjas.

Descascou uma para o menino e deu um pedaço para o cachorro, que o

mastigou ruidosamente. Seguiram andando juntos, a segunda banda de

Frankie, um trio com oito pernas.

– Aquele homem é um idiota – resmungou Baffa.

O cão latiu concordando.

– Idiota – repetiu Frankie.

Baffa riu e afagou o cabelo do garoto. Aquilo deixou Frankie feliz,

embora ele nem soubesse o que queria dizer “idiota”. Caminharam de volta para casa com Frankie cantarolando “A-Tisket, A-Tasket” e o cão cantando junto em silêncio.

Naquela noite, Baffa retornou à taverna onde certa vez tinha visto o

violonista cego tocar. O bartender lembrou-se do cego, mas disse que fora despedido havia muitos anos. Bebidas demais. Atrasos demais. Ele acreditava

que o homem morasse em um apartamento em cima de uma lavanderia na rua

Crista Senegal – isso se já não estivesse morto.

– Morto? – indagou Baffa.

O bartender sacudiu os ombros.

– Ele bebia como se quisesse acabar com a própria vida.

O dia seguinte era domingo. Depois de assistir à missa matinal, Baffa levou o menino e o cachorro até a rua Crista Senegal, esperando encontrar o

violonista de bom humor. Mesmo um bêbado, raciocinou Baffa, deveria dedicar o domingo a Deus. Ele achou a lavanderia. Em cima dela, viu venezianas azuis desbotadas hermeticamente fechadas. A campainha estava coberta com um pedaço comprido de fita adesiva, de modo que os três não tiveram escolha a não ser subir as escadas. Era um dia quente, e Baffa, ainda com o traje da missa, suava em bicas quando chegaram ao andar do apartamento. Enxugou o rosto com um lenço, então bateu na porta. Nada. Bateu de novo. Nada.

Sacudiu os ombros olhando para Frankie, que deu um passo à frente e bateu com seus pequenos punhos, os dois ao mesmo tempo, como se tocasse um tambor de conga.

– *Sí? Qué pasa?* O que é? – perguntou, lá dentro, uma voz rouca e engrolada, como se seu dono ainda estivesse acordando.

– Senhor, gostaria de falar sobre aulas.

– Aulas de quê?

– Violão?

– Vá embora.

– É importante.

– Vá embora.

– Vou pagar.

– Aulas para quem?

– Meu filho.

– Menino ou menina?

– Menino.

– Meninas são alunas melhores.

– É um menino.

– Quantos anos?

Baffa fez uma pausa, lembrando-se da escola de música.

– Sete.

Frankie olhou para cima.

– Pequeno para a idade dele – disse Baffa.

– Nada de meninos.

– Ele é muito talentoso.

– Nada de meninos.

– Ele é muito talentoso.

– Eu também.

– Eu pagaria.

– Claro que pagaria.

– Então vai dar aulas para ele?

– Não.

– Senhor…

– Vá embora.

Baffa virou-se para Frankie.

– Cante alguma coisa – sussurrou.

Frankie balançou a cabeça.

– *Cante* alguma coisa – repetiu Baffa.

Bem, a maioria das crianças recusa-se a cantar se pedem a elas que o façam. Quando são muito pequenas, os talentos cedem ao medo. (Quando são

maiores, também.) Mas eu sabia que aquele momento era importante demais

no mapa geral da vida de Frankie. Então dei outro empurrãozinho.

– *Da-da-dah, duh* – começou ele lentamente.

Baffa olhou para Frankie. Nunca tinha ouvido aquela música.

– *Da-da-dah, duhh* – continuou o menino.

Era uma melodia simples e infantil, mas pungente.

– *Duh, duh, duh, da-da-da, deh duh, dah, dahhhh*…

Frankie parou.

– Que canção é essa? – perguntou Baffa.

De repente a porta se abriu. Um homem alto com óculos muito escuros, barba por fazer, cabelo escuro despenteado e camiseta regata com uma

enorme mancha de café na barriga se segurava à porta como se temesse cair.

– Chama-se “Lágrima” – disse. – De Francisco Tárrega.

Ele baixou o queixo na direção do menino.

– Ele não soa como se tivesse 7 anos.

Darlene Love

Cantora, artista solo, membro de The Blossoms, The Crystals,

incluída no Rock and Roll Hall of Fame

TÁ VENDO ESSA FOTO? SOMOS EU E FRANKIE NO HOLLYWOOD BOWL. GUARDEI por todos esses anos. Bobagem, não? Mas nessa idade, quando o amor bate, você

guarda todas as pequenas lembranças, cada canhoto de ingresso, cada pétala

de flor, cada papelzinho com algo bobo escrito. Tudo que faz lembrar o outro,

entende?

Eu tinha só 18 anos, ainda estava na escola e era completamente novata na

indústria da música. Cantava com algumas garotas do coral da minha igreja e

tínhamos vencido um concurso para acompanhar Nat King Cole em sua

apresentação no Hollywood Bowl. Era nossa primeira vez cantando num

lugar daqueles, e o simples fato de ir para aquela zona chique foi uma experiência reveladora. Não sabíamos que as pessoas podiam morar em casas

tão grandes!

Foi nos bastidores, enquanto aguardávamos o show começar, que conheci

Frankie. As garotas e eu só ríamos. Muito nervosas, fazíamos “shhh” umas para as outras, daí ríamos e fazíamos “shhh” de novo. De repente, no camarim

ao lado, ouvi um homem rindo e fazendo “shhh” também – nos imitando, sabe? E aquilo nos fez rir ainda mais. A voz dele parecia jovem, mas era grave e sexy.

– Quem está aí? – gritei.

– Frankie – gritou ele de volta.

Demos risadinhas, e minha amiga perguntou:

– Que Frankie?

A porta se abriu imediatamente e ele disse:

– Presto.

E eu fiquei sem ar.

Nunca tinha visto um rapaz como aquele. Nenhuma de nós tinha. Não no nosso bairro. Aquelas sobrancelhas escuras, aqueles olhos azul-claros, aquela

cabeleira tão negra! – Presto? – repetiu minha amiga rindo. – Como a mágica?

– Presto, como a mágica – confirmou ele.

E ela parou de rir. É que aquele rapaz fazia você congelar. Ele usava um

casaco esporte amarelo brilhante com camisa e calças pretas que o deixavam

sensacional. Ele contou que era um dos números de abertura, que deveria cantar só uma canção porque fora incluído pela gravadora no último minuto –

acho que era a Capitol, a mesma de Nat King Cole. Eu disse que ele se parecia muito com Elvis. Ele então baixou os olhos e declarou:

– Só existe um Elvis.

Alguém ali perto comentou que era uma pena Elvis ter que entrar para o

exército. Em seguida, chegou um fotógrafo para tirar nossa foto e Frankie foi

saindo, mas todas nós dissemos não, não vá, tire uma foto conosco. E eu mesma fiz uma, esta aqui. Ainda tenho, depois de todos esses anos. Eu não sabia que ele se tornaria um astro, mas tive a sensação de que era especial. Às

vezes simplesmente intuímos certas coisas.

Após o término do show, estávamos voltando de carro pelo Hollywood

Boulevard quando minha amiga olhou pela janela e apontou:

– É ele! Aquele cantor maravilhoso!

Frankie estava caminhando sozinho, segurando o estojo do violão numa mão e o casaco amarelo na outra. Baixamos o vidro e gritamos:

– Para onde você está indo?

– Para o mar – respondeu ele.

– Vai a pé?

– Sim.

Nós rimos de novo, porque ele estava bem longe do mar. Perguntei à nossa guia se poderíamos lhe dar uma carona. Ela disse que tudo bem e Frankie entrou no carro.

Era noite de sábado e o tempo estava bom. Fomos ao píer de Santa Mônica e prometemos à guia que voltaríamos em meia hora. Claro que não voltamos. Havia festas na praia, algumas fogueiras e uma garotada ouvindo rádio, dançando e curtindo. Encontramos um pessoal conhecido; as outras meninas ficaram com eles enquanto eu e Frankie acabamos sozinhos, caminhando pela areia. Eu não conseguia tirar os olhos dele. Estávamos descalços, ele tinha enrolado a barra das calças para cima e, cada vez que as ondas chegavam a nossos pés, eu dava um pulo para trás, mas ele permanecia imóvel.

– O oceano é tão grande – comentei tolamente.

– Naveguei por ele uma vez – confidenciou-me.

– Por este oceano? – perguntei.

– Por um outro.

– De onde você é?

– De vários lugares – declarou.

– Onde moram seus pais?

– Eles já se foram – disse Frankie.

Durante todo o tempo que caminhamos e conversamos, ele carregou o estojo do violão. Não o largou para nada. Ele não havia tocado violão no Hollywood Bowl, só cantara com uma banda, por isso provoquei-o, perguntando:

– Você carrega o violão para impressionar as garotas?

Ele sorriu (meu Deus, que dentes, que boca!) e respondeu:

– Não.

E foi assim que tive meu show particular de Frankie Presto nas areias do píer de Santa Mônica.

Jamais esquecerei. Ele apoiou o violão no joelho e virou o ouvido para o mar.

– Escute – disse ele.

Pude ver as luzes de um navio bem distante, mas Frankie estava de olhos fechados. Começou a batucar, muito de leve, uma vez, depois duas, e percebi que ele pegava a batida das ondas.

Aí ele tocou uma canção. Pensei que fosse tocar um rock and roll – naquele tempo, todo mundo que tinha violão só tocava rock and roll –, mas foi uma obra clássica. Lenta, delicada, tocada no alto das cordas. Quando ele terminou, eu estava chorando. Nunca tinha ouvido nada tão lindo. Perguntei-

lhe como se chamava a canção.

– “Träumerei” – respondeu-me.

– Quem a compôs?

– Schumann – informou ele.

E sei que parece estranho, mas, ao ver lágrimas em meus olhos, ele falou:

– Não chore, você é uma ótima cantora.

Desatei a rir.

– Como é que você sabe? – questionei.

– Eu ouvi você.

– Estávamos cantando em coro.

Mas ele disse que conseguia ouvir uma voz entre outras vozes, que a

minha era linda e que eu poderia ser uma cantora famosa um dia.

Bem, naquela época, eu estava me perguntando o que fazer da vida: tentar

carreira na música ou terminar o ensino médio e achar um emprego? E suas

palavras foram exatamente o que eu precisava ouvir. Elas me deram confiança

para continuar cantando.

Olhamos um para o outro, bem patetas. E aposto que você está pensando

que nos beijamos, pois é o que acontece nesses pequenos momentos. Mas nunca beijei Frankie. Pensei em beijar. Quis beijar. Mas ele enganchou seu braço no meu, recostei a cabeça no ombro dele e ficamos sentados assim, meio que entrelaçados, com as ondas quebrando ali perto de nós. Juro que, naquela noite, foi perfeito. Eu me senti muito relaxada e segura, como se o conhecesse a vida inteira. Estava total e completamente apaixonada por ele.

E pela música.

Prometemos manter contato, dei meu número de telefone para ele e,

quando cheguei em casa – depois de levar a maior bronca da minha mãe e do

meu pai –, fechei a porta do quarto e escrevi no meu diário: “Hoje conheci o

rapaz com quem vou me casar.” Alguns anos depois, esse foi o título de um de meus maiores sucessos. Quando os compositores me mostraram a letra

pela primeira vez, sorri para mim mesma, pois sabia que estava destinada a cantá-la.

Claro que não me casei com Frankie. Fiquei sem vê-lo por 40 anos. Mas,

quando soube que ele tinha morrido, tudo voltou. Creio que seja por isso que

estou aqui. Você jamais se apaixona por alguém do jeito que se apaixona aos

18 anos, na praia, à noite, descalça.

Ainda não consigo acreditar que ele se foi.

1 A-tisket, a-tasket / Uma cesta verde e amarela / Escrevi uma carta para o meu amor / E deixei cair no caminho.



6

AH, O AMOR E FRANKIE PRESTO… TALVEZ MAIS ADIANTE EU EXPLIQUE POR que as mulheres sempre ficavam caídas por ele. (Ou caídas por mim?) Mas neste momento nossa história chegou a um ponto crítico.

Na vida de todo artista, sempre aparece uma pessoa que ergue o véu da criatividade. É quando você chega mais perto de me ver de novo.

Da primeira vez, quando você sai do ventre de sua mãe, sou uma cor

brilhante no arco-íris de talentos humanos que tem à sua escolha. Mais tarde, quando alguém especial ergue o véu, você sente o talento escolhido agitar-se dentro de você, uma paixão ardente por cantar, pintar, dançar, bater tambores. E você nunca mais é o mesmo.

Foi um violonista cego que fez isso por Frankie numa tarde de domingo, na cozinha de um pequeno apartamento na rua Crista Senegal, enquanto Baffa e o cachorro aguardavam na lavanderia do andar de baixo.

– Ponha duas cadeiras de frente uma para a outra – pediu o cego naquele dia.

A camiseta regata caía solta sobre as calças marrons sujas e ele não usava sapatos.

– E agora, professor? – perguntou Frankie.

– Está pronto para a primeira aula?

– Sim, professor.

– Bom. Aprenda a acender um cigarro.

O homem tirou um maço amassado do bolso. Os dedos cataram um cigarro que ele colocou na boca. A seguir pegou um isqueiro prateado e o abriu com um estalido. A chama apareceu.

– Viu o que eu fiz, garoto?

– Sim, professor.

– Faça você.

Frankie pegou o isqueiro, nervoso. Baffa havia dito para ele nunca chegar perto de fogo. Mas também dissera para ele fazer o que quer que aquele homem mandasse.

– Vá em frente, garoto.

Frankie abriu o isqueiro com um estalo.

– Tem fogo?

– Sim.

– Agora pegue o cigarro e acenda a ponta por dois segundos… Um,

dois… daí feche.

Frankie fez conforme as ordens, então fechou o isqueiro, que caiu no

chão.

– Me dê o cigarro – disse o homem.

Frankie deu o cigarro para ele.

– E o isqueiro.

Frankie juntou o isqueiro.

– Parabéns. Você passou na primeira lição.

– Obrigado, professor.

– Agora, como devo chamá-lo?

– Francisco.

– Francisco – repetiu ele, agarrando uma cadeira para equilibrar-se ao se

sentar. – Como o nosso grande Francisco Tárrega, autor da música que você

estava cantando.

– Não conheço esse moço.

– O quê? Criança estúpida!

Ele tateou a mesa da cozinha até encontrar uma garrafa aberta. Deu uma talagada e largou a garrafa com estrondo.

– Por que estava cantando uma música dele se não sabe seu nome?

– Não sei…

– De novo, menino estúpido! A canção se compôs sozinha?

– Não…

– Caiu do céu?

– Não…

– Não. Está certo. Não caiu do céu.

Ele apagou o cigarro na mesa da cozinha (que estava cheia de marcas dos cigarros anteriores), depois esticou-se para pegar o violão no suporte, quase derrubando-o. Frankie sentiu-se mal por ver aquele homem esbarrando em tudo e por tudo. E se perguntou por que ele usava óculos escuros se não enxergava.

– Agora ouça com muita atenção – frisou o homem, curvando-se sobre o instrumento, erguendo o pescoço e colocando os dedos próximos aos trastes.

– Escute o grande Francisco Tárrega.

Ele respirou profundamente.

E começou a tocar.

A canção era “Lágrima”, claro, a mesma que Frankie cantara à porta da casa do

professor. O cego tocou com paixão, com enorme esmero, fazendo pausas para dar ênfase, balançando a cabeça em certas notas, como se

absorvendo o aroma delas. Frankie cravou os olhos nos dedos que se moviam

habilmente para cima e para baixo pelo braço do violão. Ouviu os tons doces

e cálidos das notas, o modo como as notas agudas pareciam soprar

gentilmente através das graves, a forma como às vezes parecia que duas pessoas estavam tocando ao mesmo tempo. Ficou levemente boquiaberto.

O cego terminou.

– Agora me diga, garoto, esse compositor merece ter seu nome lembrado?

De repente, o cego sentiu dois bracinhos abraçando seu pescoço. Frankie

recostara a cabeça no ombro do homem, do jeito que certa vez se recostara em

sua mãe. Ouvir “Lágrima” havia erguido o véu não só do futuro de Frankie,

mas também de seu passado.

– Me solte – resmungou o cego.

Frankie abraçou mais forte. O professor podia sentir o cheiro de sabonete

no cabelo dele.

– Olhe, garoto, lamento por ter gritado. Mas você não pode ir em frente sem saber a sua história. Entende?

– *Sí* – sussurrou Frankie.

– Aprenda o nome dos músicos que estudar.

– *Sí*.

– Diga “Tárrega”.

– Tár-re-ga.

– Ele era Francisco, como você.

– Francisco.

– Como você conhece essa canção, “Lágrima”?

– Só conheço.

– Seu pai ensinou para você?

– Não.

– Sua mãe?

– Não tenho mãe.

O cego engasgou. Sua própria história estava subindo pela garganta.

– Lamento saber disso.

– Você consegue enxergar alguma coisa? – perguntou Frankie.

– Não – respondeu o homem.

– Como assim?

– Simplesmente não consigo.

– Às vezes meus olhos doem.

– Meus olhos não doem.

– Eu esfrego muito os meus.

– Meus olhos não doem. Sou cego. Isso é tudo.

– Você também é Francisco?

– Não.

– Qual é seu nome?

– Agora me solte.

O menino recuou e tocou o rosto do homem por baixo dos óculos escuros.

Estava molhado de lágrimas. Frankie voltou para sua cadeira enquanto o homem enxugava as bochechas com a palma da mão e em seguida pelejava de

novo atrás da garrafa.

– Você me chamará de El Maestro – disse ele.



7

TALENTO É UM PEDAÇO DA SOMBRA DE DEUS. E, DEBAIXO DESSA SOMBRA, as

histórias humanas entrecruzam-se.

O jovem Francisco Presto compartilhava uma história com outro

Francisco – Tárrega, o grande violonista espanhol nascido naquela mesma cidade em 1852. Há uma rua com o nome dele atrás de uma igreja e duas estátuas em sua homenagem, uma delas representando-o sentado em uma

cadeira com o violão no joelho, pronto para tocar. As crianças de Villarreal correm em volta dessa estátua e agarram o pé de bronze de Tárrega.

Como Frankie, Tárrega pegou uma porção generosa de mim ao entrar no

mundo de vocês. Como Frankie, foi maltratado por uma cuidadora no começo

de sua vida – uma babá, de quem ele fugiu, indo parar dentro de uma vala e

machucando os olhos. E, como Frankie, chegou ao violão porque seu pai pensou que ele poderia ganhar a vida tocando caso lhe acontecesse a cegueira.

Quando criança, Tárrega morava num convento ao lado da igreja onde os pais atendiam as freiras. Talvez imaginassem uma vida parecida para o filho. No entanto, quando se apaixonou por mim, o garoto (naturalmente) não pensou em mais nada. Fugiu para Barcelona, onde tentou tocar em tabernas até ser mandado de volta para o pai. Ele tinha apenas 10 anos de idade.

Tárrega fugiu de novo poucos anos depois, dessa vez para Valência, onde tocou música nas ruas com ciganos. Mais uma vez, foi mandado de volta para Villarreal.

Passados alguns anos, tornou a fugir.

Suas perambulações influenciariam sua música. Tárrega – que acabaria famoso e requisitado por toda a Europa – certa vez deu por si em Londres, sozinho e deprimido. Sentia falta do sol de seu país. Alguém o encorajou a capturar sua tristeza em música. E assim ele escreveu uma composição materializando sua melancolia.

A composição era “Lágrima”, a linda melodia cantarolada ao ouvido de Frankie na câmara da igreja, impedindo-o de chorar e, por isso, salvando sua vida. Era a favorita de Carmencita, a mãe verdadeira de Frankie, pois, assim



como outros que cresceram em Villarreal, ela conhecia a música do filho mais famoso da cidade.

El Maestro, o professor cego de camiseta regata, também a conhecia e tocou muitas das composições de Tárrega para Frankie. É assim que os

talentos se entrelaçam de geração para geração, é assim que a sombra se estende, e é assim que um artista nascido quase 100 anos antes começa a preencher a alma de uma criança que compartilha seu nome.

Na maior parte do tempo, na verdade, tudo que El Maestro fazia durante

as aulas era tocar. Frankie sentava-se em uma cadeira na cozinha, fascinado,

absorvendo cada nota, observando os dedos do homem e se perguntando se os

olhos dele estavam abertos ou fechados por trás daqueles óculos escuros.

Depois de cada canção, o homem fumava ou bebia, direto na garrafa, algum

vinho tinto ou *aguardiente* barata. Quando por fim deixava cair a cabeça e baixava os braços, Frankie levantava-se da cadeira.

– Adeus, Maestro.

– Sim, sim, adeus.

Frankie descia as escadas para encontrar Baffa e o cão, e iam para casa juntos, nada de partitura, nada de tarefas.

Nada de violão.

– *Señor* – perguntou Baffa a El Maestro certo dia –, por que o garoto não está tocando o instrumento?

– Vá sentar na lavanderia – rosnou El Maestro.

Duas semanas depois, Baffa tornou a questionar o professor:

– *Señor*, a esta altura o menino já não deveria estar tocando?

– Vá embora. Seu cachorro fede.

Baffa não ousava ficar furioso, pois tinha grande respeito pelo talento de

um artista, algo que sempre me fez querer bem àquele fabricante de sardinhas.

Mas ele era persistente. Duas semanas depois, levou Frankie até a porta e levantou o assunto outra vez:

– *Señor*, devo insistir…

– Não, não deve.

– Mas estou pagando as aulas.

– Você quer um artista ou um macaco?

Frankie percebeu que sorria. *Um macaco*.

– Claro que quero um artista, *señor*, mas…

– Então pare de falar. Estou ficando com dor de cabeça – declarou o professor, coçando o sovaco. – Tem algum dinheiro?

Baffa suspirou.

– Sim.

Frankie observou Baffa entregar algumas notas que El Maestro enfiou no

bolso das calças junto com os cigarros.

– Você não pode escrever se não souber ler – disse o cego. – Você não pode comer se não souber mastigar. E você não pode tocar se não souber – ele

agarrou a mão do garoto – escutar.

Puxou Frankie para dentro e bateu a porta.

NO TOTAL, PASSOU-SE UM ANO INTEIRO ANTES QUE EL MAESTRO DEIXASSE o garoto

tocar em uma corda.

– Primeiro os ouvidos, depois as mãos – insistia o professor.

Enquanto isso, ele *explicava* a música. Explicava em espanhol – e em inglês, que, tendo aprendido quando mais jovem, julgava vital para o

progresso de Frankie, acreditando que o ritmo, a sintaxe e o tom das línguas

ajudariam no entendimento dessas coisas na música. Semana após semana,

alternando os idiomas, ele demonstrava meus acordes, minhas escalas, minhas

vocalizações, dispondo-os como talheres finos até Frankie conseguir

identificá-los pelo som. Fez Frankie memorizar o nome de cada compositor e

composição. Às vezes ouviam música no radinho da cozinha e El Maestro apertava as mãos de Frankie em certos trechos.

– Está ouvindo? Bem ali! Esse é um tom menor… essa é uma terça…

El Maestro parecia não ter outros alunos. Costumava estar dormindo no

sofá quando Frankie chegava, a porta do apartamento destrancada. Frankie então sacudia o homem pelo ombro até ele rosnar, resmungar e Frankie ter certeza de que ele estava acordado.

Mas, passados alguns meses, o cego se mostrou menos zangado com o

jovem aluno e parou de chamá-lo de “menino estúpido”, o que deixou o garoto muito feliz. E Baffa desistiu de discutir a respeito do violão. Em vez disso, levava a roupa para lavar na rua Crista Senegal e aproveitava o tempo,

voltando para casa toda semana com um pacote repleto de meias e roupas limpas.

Quando chegou o grande momento, Frankie estava tão excitado que mal

conseguia parar quieto. El Maestro fez com que ele sentasse na cadeira para

poder posicionar o instrumento corretamente, mas o violão escolhido era grande demais. Ia até o queixo de Frankie.

– Você é muito pequeno para quem tem 8 anos – disse El Maestro,

tocando os ombros do menino. – Seu pai não lhe dá comida?

– Sim, Maestro, ele me dá comida.

– Me dê sua mão esquerda.

Frankie obedeceu.

– Suas unhas estão compridas demais. Você deve cortá-las.

– Cortar?

– As da mão esquerda. Todos os dias.

– Sim, Maestro.

– Você não consegue tocar violão se as unhas não estiverem cortadas.

– Certo, Maestro.

– Sabe por quê?

– Não, Maestro.

– Não, você não sabe. A maioria das pessoas pensa que é porque as unhas

atrapalham a dedilhar as cordas. Mas digo que é por algo mais.

– O que, Maestro?

– As unhas protegem a ponta dos dedos. As pontas dos dedos são

sensíveis. Só cortando as unhas rentes você pode ficar verdadeiramente em contato com a música.

– Sim, Maestro.

– Só então consegue sentir a dor de cada nota.

– Sim, Maestro.

– Não tem proteção.

– Sim, Maestro.

– A música machuca. Está me entendendo, garoto?

– Sim, Maestro.

– Agora me leve até o closet.

Frankie levantou-se e guiou o professor pelo apartamento a passos minúsculos.

– Ande mais rápido, menino. Não sou aleijado.



Frankie andou mais rápido.

– Estamos diante do closet, Maestro.

– Abra a porta.

Frankie puxou a maçaneta, revelando pilhas de caixas de sapatos, algumas roupas penduradas numa vara e quatro violões, um menor que o outro.

– Me dê o menor – disse El Maestro.

Frankie pegou o instrumento com as duas mãos e ergueu-o na direção do professor. Ele olhou para baixo e reparou, no chão do armário, num par de sapatos femininos; olhou para cima e viu, nos cabides, vários vestidos e uma

bolsa.

– Você tem uma esposa, Maestro?

– De volta para a cadeira – ordenou o professor.

Frankie fechou a porta do closet.

Aquele violão que apresentaria Frankie Presto a seu destino não era, de

fato, um violão, mas sim uma braguinha, ou cavaquinho, instrumento

semelhante ao uquelele. Tinha apenas quatro cordas. O braço ajustava-se à mãozinha esquerda de Frankie e a curva do corpo ajustava-se ao joelho esquerdo ossudo, que se projetava das calças curtas que ele usava no calor.

Era do tamanho perfeito, como se moldado para o corpo do menino.

Frankie o levaria para toda parte.

– Dobre o braço direito e relaxe a mão direita – instruiu El Maestro. – Não

aperte, você não está estrangulando nada. E não empurre para baixo, você não

está afogando coisa alguma. Seus dedos direitos estão conversando com as cordas. Você conversaria com alguém estrangulando ou asfixiando essa

pessoa?

– Não, Maestro.

– Não, você não faria isso.

– O que faço com a mão esquerda?

– A mão esquerda encontra a beleza. Ela faz as notas e os acordes. Você

pode se exibir quanto quiser com a mão direita, garoto, mas você não é nada

sem a esquerda, entende?



– Sim, Maestro.

– Mostre respeito por sua mão esquerda. Cada vez que for tocar, comece estendendo-a assim. – Ele endireitou a palma da mão de Frankie. – Como se estivesse pedindo alguma coisa.

Frankie pensou nas pessoas na igreja, ajoelhadas nos bancos, as mãos estendidas à frente.

– Como se eu pedisse a Deus?

El Maestro deu um tapa na mão de Frankie.

– Menino estúpido! Deus não dá nada. Deus só tira.

Naquele momento, tudo que Frankie sabia sobre Deus é que Ele tinha um casarão e dormia um bocado. A parte do casarão ele presumiu após Baffa dizer que sua mãe e todas as outras pessoas que morriam moravam com Deus. Assim, tinha que ser um lugar grande, certo?

A parte do sono ele deduziu após Baffa mostrar a basílica de Villarreal, que havia sido queimada e destruída por homens maus. Deus jamais permitiria que tal coisa acontecesse, a menos que estivesse dormindo, calculou Frankie; assim como ele mesmo, que às vezes dormia enquanto o cachorro gania na porta e, ao acordar, via uma poça no chão. Coisas ruins podem acontecer enquanto a gente dorme, raciocinou Frankie. E pessoas ruins conseguiriam se safar se soubessem quando Deus fechava os olhos.

Ou talvez Deus às vezes fosse como seu professor de violão, usando

óculos escuros.

– Você alguma vez enxergou? – perguntou Frankie certo dia a El Maestro.

– Minha resposta vai fazer de você um violonista melhor?

– Não, Maestro.

– Então por que a pergunta?

– Desculpe, Maestro.

– O que eu veria se enxergasse você?

Frankie sorriu com a ideia.

– Um garoto.

– Um garoto que não está tocando suas lições.

O sorriso de Frankie desapareceu. Àquela altura ele praticava havia

meses, todos os dias, no jardim, com o cão a seus pés. Ele queria tocar canções como as que El Maestro tocava. Mas tudo que tocava eram

exercícios.

– Meus dedos doem, Maestro.

– Música é dor.

– Mas eles estão esquisitos.

– São calos.

– O que são calos?

– Quando você começa a tocar, os dedos não estão acostumados a

pressionar as cordas. Você fica com linhas neles, não é?

– Sim, Maestro.

– E eles parecem inchados?

– Sim, Maestro.

– Sangram, talvez?

Frankie engasgou. Ele não quis contar isso para o professor. Mas no começo tocava tanto que às vezes tinha que limpar o sangue da mão esquerda na camisa.

– Às vezes sangram, sim, Maestro.

A voz dele estremeceu.

– Você está chorando, Francisco?

– Não, Maestro.

– Não chore por perder sangue. Não por algo que você ama.

Ele remexeu o armário ao lado da pia e pegou uma garrafinha e uma tigela.

– Mergulhe os dedos nisso – disse ele.

– O que é isso?

– O que importa, garoto? Se recomendo algo que vai ajudá-lo, você precisa fazer perguntas?

– *Lo siento*, Maestro.

– Diga em inglês. *I'm sorry*. Sinto muito.

– *I'm sor-ry*.

El Maestro tateou a mesa até encontrar sua garrafa de *aguardiente*.

– Está acontecendo uma grande guerra, garoto. Em breve todos vamos

estar falando inglês ou alemão. Pessoalmente, prefiro inglês. Alemão soa como se estivessem nos xingando – falou, fazendo uma careta após tomar um

gole. – Além disso, são criminosos assassinos. E nosso país não vai fazer nada para detê-los.

Frankie já tinha ouvido a palavra *guerra* antes. Baffa falara a respeito com os homens na fábrica. Não pareceu bom. E Frankie não queria aprender uma

língua que soava como xingamento. Os calos já eram duros o suficiente. Ele

decidiu fazer como o professor mandou: pensar apenas na música. Ele se perguntava se devia contar a El Maestro que tinha apenas 6 anos de idade.

Leonard “Tappy” Fishman

Agente musical, executivo de gravadora

PARA ONDE? PARA A CÂMERA OU PARA VOCÊ? OK… SIM… CERTO. MEU nome é

Leonard Fishman, sou do Brooklyn, Nova York. Tenho 86 anos. Essa viagem

foi infernal para mim. Cruzar um oceano. Na classe econômica, quem diria.

Mas eu queria vir. Fiquei triste quando ouvi a notícia. Sério. Pobre Frankie.

Fui o primeiro agente dele, nos anos 1950 e 1960. Não terminamos lá muito

bem, é verdade. Ele ficou meio maluco. Sabe-se lá por quê. Não acredito em

metade da bosta que escreveram sobre ele. Você também não deveria.

Especialmente aquilo a meu respeito. O casamento dele? O fiasco no cinema?

Querem dizer que a culpa foi minha. O que é que essa gente sabe?

Quer saber a verdade? Fui eu quem o descobriu. Algum outro pode contar

uma história diferente, mas conheci Frankie quando ele não passava de um *pisher*. Sabe o que isso quer dizer? *Pisher*? É iídiche. Significa moleque, jovem e inocente.

Inocente. Rá! Só rindo, porque Frankie Presto nunca foi *tão* inocente.

Hã? Claro. Posso dar um exemplo. Adoro essa história. Estávamos na

Califórnia. Era fevereiro de 1959. Já explico por que lembro disso. Eu tinha

contratado Frankie no ano anterior, quando ele chegou no meu escritório e disse que tinha tocado na banda de Elvis Presley. Eu representava um monte

de artistas, mas era mencionar Elvis e você estava dentro.

Frankie sabia cantar de verdade – parou diante da minha mesa e cantou

“You Are My Special Angel” com as mãos cruzadas na frente do corpo, e eu

pirei – e era um garoto boa-pinta. Eu tinha uma secretária e, cada vez que Frankie aparecia, eu pensava que ela fosse desmaiar. Mais tarde ele se envolveu com ela e partiu seu coração, como costumava fazer.

Ao longo dos anos, vi Frankie com um monte de mulheres daquele tipo –

secretárias, garçonetes, recepcionistas de hotel. Ele parecia uma máquina.

Sério, quem me dera ter aquela energia. Sua namorada de muito tempo tinha

caído fora antes de a carreira dele decolar, e eu costumava dizer:

– Garoto, se você está tentando se vingar dela, acho que conseguiu.

– Ah, nem vem, Leonard – dizia ele.

Esse era o Frankie. Me chamava de Leonard. Todo mundo me chamava de

Tappy porque eu estava sempre batendo o pé ou tamborilando os dedos, um

tique nervoso. Olhe, estou fazendo isso agora mesmo, está vendo? Frankie, no entanto, era diferente. Doido. *Mashuga*. Mas eu o amava. Ele tinha coração. O mundo se esqueceu dele, o que é uma vergonha. Morrer desse jeito? É trágico…

Oh, Deus… Enfim, naquele tempo havia um circuito de feiras regionais na Califórnia com parques de diversões e exposição de animais – cabras, cavalos, toda essa tralha –, mas à noite, para atrair o interesse dos jovens, apresentavam shows de rock and roll. E eu agendei Frankie em um deles com, deixe-me lembrar, Everly Brothers, Eddie Cochran, Buddy Knox, Fats Domino e alguns outros. Cada um tocava duas músicas. Uma verdadeira linha de montagem.

Bem, o produtor desse circuito era um romeno grande, peludo e bigodudo. Ele gerenciava a coisa toda. Os animais, os brinquedos – *e* a música. Todo o dinheiro ia para ele. Toda noite os trabalhadores tinham que fazer fila para receber, esperando na barraca dele até todos os tíquetes serem contados. Ele guardava o dinheiro numa maleta cinza e, com um charutão na boca, contava cada dólar. Enquanto isso, mantinha a barraca num calor de rachar – deixava até os aquecedores ligados – para que os trabalhadores ficassem com tanto calor e de saco tão cheio que fossem embora logo. Mas Frankie ficou. Ele e os Everly Brothers, Phil e Donald, que chamavam de Don. Ficaram lá na primeira noite, suando até se encharcar. Mas, quando chegou a vez deles, o romeno tinha distribuído todo o dinheiro da maleta.

– Pagarei vocês amanhã – disse o homem.

Eles aguentaram isso por quatro dias seguidos. A mesma rotina: “Pagarei

vocês amanhã.” Finalmente chegou o último show daquele circuito. Naquela

altura, Frankie e os rapazes Everly já estavam furiosos. Frankie amava os Everlys. Dizia que eram músicos melhores do que deixavam transparecer, e esse era o caso dele próprio também. Uma vez ouvi Frankie cantar uma canção dos Everlys, “All I Have To Do Is Dream”, e quase chorei. A voz dele! Aquela canção!

– Frankie, deixe eu gravar essa com você – pedi.

Mas ele se recusou porque, acredite!, tinha conhecido o casal que

escrevera a canção, uma dupla de marido e mulher, e a mulher lhe contou que

havia sonhado com o rosto do marido quando tinha 8 anos de idade e, ao fazer

19, viu-o numa sala do local onde trabalhava e desde então estavam juntos.

História verdadeira. É daí que vem o trecho “*all I have to do is dream*” (tudo que tenho que fazer é sonhar).

Enfim, Frankie disse que uma canção como aquela deveria ter apenas um

lar, assim como os dois tinham apenas um ao outro. De modo que ele não gravaria porque os Everly Brothers já tinham gravado. Claro que umas cem pessoas já gravaram a música desde então. Frankie tinha mais coração do que

cérebro. O que se podia fazer?

Hã?… Ah, sim. O romeno e o dinheiro. Na última noite eles fizeram o show – e Frankie arrasou. Eu estava lá. Ele tocou “I Want To Love You”.

Ainda nem tinha gravado essa, mas dava para ver que seria um estouro pelo

jeito que as garotas pulavam para cima e para baixo. Então, quando o show acabou, os músicos fizeram fila na barraca de novo. Eu fui junto também, pois era a última chance de pegar o dinheiro, entende? Estava um calor dos infernos. Frankie sumira. Ficamos à espera do romeno. De repente começou

uma gritaria alucinada e todo mundo se dispersou porque – está preparado? –

os elefantes estavam à solta!

Já ouviu tamanha *mishuga*? Elefantes à solta? Aí saiu todo mundo correndo. Ninguém queria ser esmagado por um elefante, certo? Chegaram os

carros da polícia, sirenes, uma loucura. De repente um carro estacionou e Frankie, dirigindo com uma garota a seu lado, gritou para mim e para os garotos Everly:

– Entrem!

Fomos embora dali. Todo mundo se sentindo um pouco abalado – exceto

Frankie, que parecia perfeitamente calmo. Ele nos levou para o hotel.

– Onde você arranjou esse carro? – perguntei.

Ele apenas sorriu. Sabe aquele sorriso do Frankie? Aqueles dentes brancos

abençoados por Deus? Afff, quem me dera ter os dentes dele. A maioria dos

meus já se foi, é tudo ponte…

Em todo caso, entendi que não era para perguntar de novo. Os garotos Everly desceram no hotel; Frankie correu atrás deles e disse:

– Ei, esperem!

Ele lhes entregou um envelope e percebi que continha dinheiro. Frankie sussurrou alguma coisa e os garotos o puxaram pelo pescoço, dando-lhe um

grande abraço. Quando foram embora, eu falei:

– Apenas me diga que você também recebeu.

Ele sorriu dizendo:

– Qual é, Leonard?

Então se lembrou da garota e não o vi mais naquela noite.

Mas eis o que eu estava contando sobre a data, fevereiro de 1959. Na manhã seguinte, estava no meu escritório quando o telefone tocou. Era

Frankie.

– Onde fica Pacoima? – questionou ele.

Bem, Pacoima é uma cidadezinha no vale de San Fernando. Ele disse que

queria ir para lá. Imediatamente. Falei que tudo bem e perguntei se queria que

eu fosse junto? Ele disse que não tinha carro. E o carro da noite passada?, eu

quis saber. Ele respondeu que não tinha mais o carro. E que eu não fizesse mais perguntas.

Portanto, algumas horas depois saí de carro para pegá-lo e liguei o rádio.

Foi quando ouvi a notícia. Buddy Holly, Ritchie Valens e Big Bopper haviam

morrido num acidente de avião. Você conhece a história? No Iowa, isso mesmo. Uma nevasca.

Bem, Frankie me fez ir até Pacoima porque era a terra natal de Ritchie Valens. Valens era apenas um garoto quando morreu, uns 17 anos, mas havia

conhecido Frankie numa turnê, e, como era descendente de mexicano e

Frankie era espanhol, os dois se deram bem. Frankie adorava que Ritchie tivesse uma canção de sucesso em espanhol, “La Bamba”. Achava o máximo.

Então fomos até Pacoima. Lá, paramos num posto de gasolina. Frankie

entrou na lojinha do lugar e saiu com o endereço da casa da mãe de Ritchie

Valens. Chegamos ao local anotado e tinha um monte de carros e repórteres do lado de fora. Aí Frankie me fez esperar. Aguardamos durante umas quatro

horas, sentados naquele carro estacionado na rua, até todos irem embora. Já estava escuro.

– Vou levar apenas um minuto – disse ele enquanto pegava sua mala no banco de trás.

Ele a abriu. E o que você acha que tirou dali de dentro?

Uma caixa de dinheiro cinza.

Isso. A caixa de dinheiro do romeno. Ele a pegou. Juro por Deus.

Ele foi até a varanda e deixou a caixa de dinheiro ali, na porta. Nem bateu.

Então voltou para o carro e falou:

– Podemos ir.

– Frankie, o que você fez? – perguntei.

Mas ele não respondeu realmente. Disse apenas que perder um filho era duro e a mãe de Ritchie agora precisaria de alguma ajuda. Dá para acreditar?

Ele tinha planejado toda a trama – os elefantes, tudo – só para podermos receber. E aí deu todo o dinheiro. Durante todo o trajeto de volta, eu olhava

pelo vidro traseiro, desejando que aquele romeno louco não estivesse vindo atrás da gente.



9

DINHEIRO. UM MISTÉRIO, DEVO ADMITIR. EMBORA EVIDENTEMENTE signifique

muito para os humanos, para mim parece um fardo enorme. Nunca tive.

Nunca experimentei seus benefícios. Tudo que sei é que, embora alguns de meus discípulos tenham ficado bastante ricos, muitos outros, necessitados de

dinheiro, optaram por me abandonar. Por quê? Riqueza nunca definiu a

música. O que é tocado de coração pode ser tocado em qualquer lugar.

Em qualquer coisa.

Frankie tocou suas primeiras músicas na braguinha barata. Foi promovido

às seis cordas quando El Maestro o aprovou, orientando-o a pegar no closet um instrumento com corpo caramelo e braço de mogno. Como Frankie agora

fazia aulas várias vezes por semana, muitas delas enquanto Baffa trabalhava,

Baffa comprou um carrinho cor de maçã verde, que Frankie usava para puxar

o novo violão pelas ruas.

Um menino com seu violão num carrinho fazia um forte contraste com a

guerra que tomava conta do país – e do mundo. Estive muito ocupada

naqueles anos, recolhendo talentos ceifados antes do tempo, deixados em campos de batalha, afogados em navios afundados, abatidos nos céus. Quanto

desperdício. O porquê de os humanos matarem uns aos outros está além de minha compreensão, mas posso afirmar que vocês fazem isso desde o começo

dos tempos. Só mudam as armas.

A guerra afetou todo mundo. Baffa começou a ter problemas na fábrica de

sardinhas, pois alguns de seus trabalhadores receberam uniformes azuis e foram levados embora para lutar. Outros discutiam por causa de afinidades partidárias. O governo mandou Baffa produzir certa quantidade de sardinhas

para ajudar no esforço de guerra – coisa que, imagino, ele não queria fazer.

Baffa voltava para casa à noite, atirava-se em sua cadeira e colocava uma toalha molhada na testa. O cão pelado agachava-se aos pés dele.

– Vá lá para fora praticar – dizia Baffa a Frankie.

O garoto ficava triste por ver o pai daquele jeito e lhe preparava

sanduíches de queijo e mostarda antes de ir para o jardim com o violão.

Frankie cortava as unhas da mão esquerda todos os dias antes de tocar e então praticava os arpejos que El Maestro havia ensinado, desmembrando cada

acorde em notas e tocando em ordem diferente. Praticava todas as escalas.

Movia os dedos pelos trastes como pernas de aranha, cada vez mais rápido, mas sem nunca cruzar.

– Você alguma vez viu uma aranha tropeçar? – perguntou El Maestro.

– Não, Maestro.

– Não, não viu. E seus dedos também não devem tropeçar.

– *Sí*, Maestro.

– Diga "*yes*", garoto.

– *Yes*.

– Fale em inglês.

– Os professores dizem que devemos falar apenas em espanhol.

– Com eles você fala em espanhol. Comigo, em inglês. Não conte sobre mim ou nossas aulas para eles. Entendeu?

– *Sí*.

– Nosso segredo.

– *Sí*.

– Diga "*yes*".

– *Yes*.

– Continue praticando.

– *Yes*.

El Maestro tinha bons motivos para ser sigiloso. Política não é da minha

conta, mas a repressão na Espanha disseminou-se e, com o passar dos meses,

mais e mais pessoas foram detidas em Villarreal por serem contra o governo.

Muitas delas eram artistas. Um pianista a quem eu concedera talento foi arrancado de sua casa em pleno dia e jogado em uma cela de prisão. O mesmo

aconteceu com dois violoncelistas, um flautista e vários cantores. Pelo que entendi, o líder espanhol no poder – um careca chamado Franco – criou uma

sociedade tirânica na qual qualquer desvio era visto como crime de

deslealdade. Testemunhei governos desse tipo antes. Seus cidadãos sempre têm o mesmo aspecto. De cansaço. Olhando de relance de um lado para outro.

E lutando contra um medo constante e sufocante.

A arte sofre sob tais circunstâncias, e sofreu na Espanha. As pessoas tinham medo de se expressar. Medo de escrever ou dançar de determinada maneira. Os poetas foram encarcerados. A música regional foi banida. Os programas de rádio de música variada foram substituídos por um cardápio espanhol tradicional.

– Esse Franco – resmungava El Maestro. – Se fosse por ele, tocaríamos apenas flamenco.

No entanto, às vezes encontra-se algo de bom em meio ao mau, do mesmo

modo que notas de escala maior podem ser tocadas sobre acordes menores.

Certo dia, quando Frankie puxava seu carrinho na direção da rua Crista Senegal, passando por uma nova placa que advertia SE VOCÊ É

ESPANHOL, FALE ESPANHOL!, viu uma comoção em frente à maior loja

da cidade. Policiais de uniforme cinza retiravam as pessoas lá de dentro e mercadorias eram empilhadas na rua. Frankie deslocou-se através da multidão

e escutou palavras sussurradas que não entendeu. Ouviu outros saudando:

“Franco! Franco! Franco!” Quando começou o empurra-empurra e a gritaria aumentou, os olhos de Frankie pousaram sobre um objeto em meio à pilha de produtos. Um fonógrafo. Ele tinha visto um na vitrine da loja certa vez e Baffa explicara que o aparelho tocava música com discos redondos. Quando Frankie perguntou se podiam ter um, Baffa disse:

– São muito caros.

Mas agora ali estava um fonógrafo na beira da calçada, em cima de uma pilha de discos – música da América, Inglaterra, França e de outras regiões da Espanha. Frankie era jovem demais para entender que, sob aquele governo, tais gravações eram consideradas subversivas. Ele concluiu que, se tais coisas estavam na rua, alguém não as queria mais.

Assim, enquanto a polícia fardada forçava o povo à submissão com porretes, Frankie rapidamente carregou o fonógrafo e os discos para dentro do carrinho verde-claro, cobriu-os com uma manta e retirou uma grande porção minha da briga.

Ele não fazia ideia de que estava sendo observado.



10

TENHO QUE FALAR POR UM MOMENTO SOBRE A MÃE AUSENTE DE FRANKIE e a sombra que ela lançou sobre sua jovem vida.

Frankie, é claro, não tinha nenhuma lembrança de Carmencita, a mulher

devota com cabelo da cor de uvas pretas. E Baffa, que não a conheceu, não conseguiu contar a verdade para Frankie – que ele fora encontrado num rio pelo cão pelado. Que criança gostaria de pensar que foi jogada fora um dia?

Assim, inventou-se uma lenda. É como vocês humanos remodelam a

história. Baffa contou para Frankie que sua mãe era uma santa mulher, o único e verdadeiro amor de Baffa, morta tragicamente em uma viagem feita logo após Frankie ter nascido. Isso, imaginou Baffa, explicaria por que eles nunca visitavam sua sepultura no cemitério de Villarreal.

Não foi uma boa mentira. E, infelizmente para Baffa, Frankie era quase tão curioso quanto era musical.

– Para onde foi a viagem, pai?

– América.

– Onde fica?

– Longe.

– Como a mamãe morreu?

– Acidente de carro.

– Ela estava dirigindo?

– Claro que não.

– Você estava dirigindo?

– Sim.

– Você se machucou, papai?

– Não. Bem, me machuquei um pouco, mas nada sério.

– Você tentou salvar a mamãe?

– Claro.

– Tentou para valer?

Baffa suspirou. Não se deve jamais construir uma mentira baseada nas perguntas de uma criança. É como compor música baseada nas batidas do prato.

– Sim, tentei de tudo.

– Onde eu estava?

– Você estava aqui.

– Sozinho?

– Com um amigo.

– Que amigo?

– Você não conhece.

– Como que não?

– Ele morreu.

– Como?

– Acidente de carro.

– Ele estava dirigindo?

Baffa coçou a cabeça. Ele era um homem prático com um bom coração. Mas tenho quase certeza de que, quando veio a este mundo, suas mãozinhas não agarraram o talento para a narração de histórias.

– Não lembro, Francisco. Foi há muito tempo.

– O que aconteceu com a mamãe?

– Quando?

– Depois que ela morreu.

– Foi sepultada.

– O que é isso?

– Quando você morre, é colocado no solo.

– Então como ela pode morar com Deus?

– Depois que é sepultado, *aí* você mora com Deus.

– Onde a mamãe está sepultada?

– Em um cemitério.

– Onde?

– Na América.

– Onde?

Baffa mal conhecia aquele país. A irmã dele, Danza, havia se mudado para o México anos atrás e casado com um americano de Detroit.

– Detroit.

– O que é isso?

– Uma cidade.

– Onde?

– Na América.

– E você foi lá?

– Sim.

– Por que você foi lá?

– Para comprar um carro.

– Nosso carro?

– Um outro carro.

– O carro que bateu?

– Este mesmo.

– A mamãe era bonita?

– Muito bonita.

– Ela me amava?

– Muito.

Quanto a isso, Baffa contou a verdade, ainda que não soubesse. E então,

com a cabeça martelando, ele encerrou a lenda:

– Chega de perguntas, Francisco.

– Como ela era?

– Por favor.

– Essa aqui é ela?

Frankie mostrou uma fotografia. Nela, um Baffa mais jovem estava com o

braço em volta de Danza, a irmã dele, uma mulher roliça de cabelo claro e batom escuro. A foto era de anos atrás, da última vez que ele a vira, antes de

sua partida para o México.

– Onde você achou isso?

– No closet.

– Por que você mexeu no closet?

– Essa é a mamãe?

Baffa suspirou.

– Sim, é ela. Chega de perguntas, está bem?

Frankie olhou a foto atentamente. Então a mulher roliça abraçada a seu pai era a mãe dele, a santa morta em um acidente de carro num país muito distante e sepultada no solo para que pudesse morar com Deus.

Frankie tinha sua história. Anos mais tarde, inspirado por essa lenda, escreveria sua primeira composição de violão, que chamou de “Lágrimas por

Mi Madre”.

“Lágrimas por minha mãe.”

A verdade é luz. Mentiras são sombras. A música é ambas.



11

VOCÊS TÊM MUITAS PALAVRAS PARA AS FORMAS COMO DEVO SER TOCADA. Na

música clássica, a maioria é em italiano. *Adagio*. *Moderato*. Isso é da época que vocês chamam de Renascença, quando a Itália era o centro da criatividade

e os músicos que lá estavam inventaram centenas de nomes para meus

andamentos. *Vivace*. *Andantino*. *Prestissimo*. Até aqui, na história de Frankie, fomos em *largo*, lentamente, ou *larghissimo*, tão lento quanto possível.

Porém, com o serviço fúnebre se aproximando, devemos empregar o

accelerando, chegando quem sabe a *adagietto* ou *allegro*.

Os três anos seguintes da vida de Frankie – do dia em que roubou o fonógrafo ao dia em que deixou a Espanha no fundo de um navio –

registraram os seguintes acontecimentos: ele cresceu 23 centímetros, perdeu seis dentes de leite, meteu-se em quatro brigas na escola, fez a primeira comunhão, aprendeu futebol, passou brilhantina no cabelo, foi beijado na orelha por uma garota (que fugiu rindo), aprendeu a andar de bicicleta, a rezar

em latim e a fazer *bocadillos* com linguiça e azeite de oliva. Usou seu primeiro calção de banho, viu o primeiro tanque, pediu a Baffa

constantemente para lhe mostrar a América num globo e dormiu todas as noites com a fotografia da mulher de cabelo claro debaixo do travesseiro, aquela que ele acreditava ser sua mãe.

Também praticou violão no mínimo três horas por dia no jardim,

aprendendo mais de uma centena de canções e fazendo serenatas para o

cachorro com arpejos e exercícios para os dedos.

Sobre as aulas com El Maestro, posso atestar que ele fez progressos

extraordinários, medidos pelo fato de o professor cego às vezes até sorrir enquanto Frankie tocava. El Maestro inclusive parou de fumar, embora isso possa dever-se à ocasião em que Frankie, usando o isqueiro, sem querer ateou

fogo a uma toalha de mesa e então apagou com vinho, antes que o professor

pudesse avisar que o álcool poderia botar o lugar inteiro em chamas. (Não botou. Mas um susto desses pode acabar com um hábito.)

Frankie passava cada vez mais tempo no apartamento em cima da

lavanderia na rua Crista Senegal, aprendendo as técnicas clássicas adequadas,

afastando o braço do violão de seu ombro esquerdo, inclinando-o para cima, colocando o pé num banquinho. El Maestro fazia Frankie segurar uma laranja

na mão direita por horas, para estimular a posição correta para tocar as cordas, e agarrava os dedos do menino para indicar a parte carnuda do polegar e o ângulo das unhas que produziriam o som mais límpido. El Maestro deu aulas

sobre cada centímetro do violão, os sons agudos penetrantes ao tocar no alto

do braço, o volume e o tom referentes à boca, como cada corda vibrava e podia ser pega, batida, tocada, dedilhada ou arranhada.

Frankie também aprendeu a usar o fonógrafo que havia roubado na beira

da calçada. De início, El Maestro ficou furioso. Insistiu para jogarem o aparelho fora. (“Se a *policía* fechou a loja, o que acha que vai fazer comigo, menino estúpido?”) Porém, quando Frankie colocou a agulha em um disco da

orquestra de Duke Ellington tocando “Don’t Get Around Much Anymore”, El

Maestro afundou na cadeira boquiaberto e fez o garoto colocar a agulha de novo treze vezes seguidas.

No fim, ele e Frankie escutaram cada disco daquela pilha muitas e muitas

vezes. O favorito de El Maestro era um disco de goma-laca de um violonista

cigano chamado Django Reinhardt, que ele rotulou de “do outro mundo”.

Frankie era fã de Louis Armstrong e da canção “Bill Bailey, Won’t You Please Come Home?”, cuja letra memorizou. Um dia, enquanto El Maestro

comia um dos *bocadillos* de linguiça de Frankie, o garoto cantou a música para seu professor em uma imitação perfeita.

“Won’t you come home, Bill Bailey? / Won’t you come home?” / She

moans the whole day long. / “I’ll do the cookin’ honey; I’ll pay the rent. /

I know I’ve done you wrong…”[2]

Quando Frankie parou, o cego terminou de mastigar, depois coçou o

queixo com dois dedos.

– Francisco, você vai ter um problema.

– Que problema?

– Você canta bem.

– Obrigado, Maestro.

– Bem demais. Você terá que decidir o que vai ser: um grande cantor ou um grande violonista.

– Posso ser os dois?

El Maestro suspirou.

– Ser os dois significa não ser nenhum.

Frankie olhou para o professor, os óculos escuros, as suíças não barbeadas. Ele não pretendia desapontar El Maestro cantando.

– Sinto muito, Maestro.

O cego estalou os dentes.

– E pare de imitar Louis Armstrong. Vai machucar a garganta.

2 “Você não vai voltar para casa, Bill Bailey? / Não vai voltar para casa?” / Ela se queixa todos os dias /

“Vou cozinhar, meu bem; vou pagar o aluguel / Sei que agi mal com você…”



12

PROMETI UM MOVIMENTO VELOZ ATRAVÉS DESSES ANOS RESTANTES NA Espanha.

Deixe-me, portanto, enfocar apenas dois dias: o dia em que Frankie se apaixonou e o dia em que ele partiu.

O primeiro foi no começo do outono de 1944, em uma tarde de céu sem

nuvens, quando Baffa o levou à fábrica de sardinhas perto de La Vilavella.

Pouco depois de chegar, Baffa viu-se envolvido em mais uma discussão entre

os operários e mandou Frankie dar uma volta com o cão pelado. Frankie entendeu que aquilo significava que seu pai não queria que ele ouvisse o que

estavam falando, o que era ótimo, visto que ele queria aprender a última canção que El Maestro havia ensinado.

Com o violão pendurado nas costas, conduziu o cão pelado pela longa

trilha para fora da cidade. Ele assobiava enquanto caminhava, cantava para si

mesmo e jogava um graveto para o cachorro ir buscar.

Em pouco tempo, havia vagado para longe de quaisquer casas, adentrando

um pequeno bosque. Calculando que poderia se recostar em um toco de

árvore para praticar, perambulou até encontrar um bom local. Sentou-se, ajustou o violão, estendeu a mão esquerda (conforme El Maestro havia

ensinado) e começou a tocar as escalas.

– Shhhhh!

Ele ergueu o olhar.

– Shhhhh!

Frankie não conseguiu ver quem o mandava ficar quieto. Seus olhos

vasculharam o bosque até perceber um vulto em uma árvore, escarrapachado

em um galho enorme. Era um garoto mais ou menos do seu tamanho, de

calças marrons, camisa amarela e um boné puxado firmemente sobre a testa.

– *Quién anda ahí?* – perguntou Frankie.

– Não falo espanhol. Fique quieto!

– Sei falar inglês – disse Frankie.

A criança olhou de esguelha.

– Quer ver cadáveres?

Frankie agarrou o braço do violão.

– Tenho que praticar.

– Está com medo?

– Não.

– Tudo bem. A maioria das pessoas não é corajosa como eu.

O inglês do garoto soava estranho. (Era o primeiro contato de Frankie com o sotaque britânico.)

– Não estou com medo.

– Prove.

– Como?

– Suba aqui.

Uma parte de Frankie queria fugir. Ele não desejava ver cadáveres. Mas nunca antes havia encontrado um menino que falasse inglês. E não tinha muitos amigos, visto que a maioria das crianças da escola zombava dele por

esfregar os olhos. Ele ficou pensando se aquele garoto conhecia alguma canção.

– Tudo bem – concordou Frankie. – Vou subir.

Passou os braços em volta do tronco e tentou escalar. Avançou alguns centímetros antes de cair desajeitadamente.

– Mas que idiotice – declarou o garoto, rindo.

Frankie limpou a terra dos calções. O cão pelado lambeu suas pernas desnudas.

– Aqui. Pegue.

O garoto jogou uma corda que estava amarrada em volta do galho.

Agarrando-a e saltando, Frankie empurrou os pés contra a árvore e começou a subir pelo tronco. Quando chegou ao galho, desabou.

– Humpf – disse, censurando, o garoto.



Só então, ofegando, Frankie percebeu que não era um garoto coisa nenhuma, mas uma garota com o cabelo louro enfiado sob um boné. Seus dentes formavam uma curvinha perfeita sob os lábios e sua pele era mais branca e suas faces mais rosadas do que qualquer coisa que Frankie já vira.

Seus olhos eram de uma tonalidade azul-piscina, o que a fazia parecer um pouco etérea, mesmo quando olhava diretamente para ele.

– Você provou ser corajoso – reconheceu ela. – Portanto, pode ser meu amigo.

Uma sensação cálida espalhou-se por dentro de Frankie. Ele se sentiu corajoso como ela sugerira.

– Me ajude a puxar a corda para cima – disse ela.

– Por que você está nesta árvore?

– Estou espionando.

– O que quer dizer isso?

– Você não sabe o que significa espionar?

Frankie sacudiu os ombros.

– Estou vendo coisas secretas que ninguém deve ver.

– Por quê?

– Para poder contar para o meu pai. Ele é muito importante, sabe?

Frankie sacudiu os ombros outra vez.

– Só gente corajosa pode ser espiã. Como meu pai.

– Onde ele está?

– Não sei. Está numa missão secreta. Mas, quando ele voltar, contarei o que vi.

– O que você viu?

– Os cadáveres. Olhe.

Frankie quase havia esquecido dessa parte. Olhou para onde ela

apontava e viu uma grande clareira no bosque, onde a terra parecia diferente

da terra ao redor. Havia sido escavada, revirada e recolocada, como se cobrindo algo. Nas proximidades havia um buraco fundo e vazio ao lado de

outro monte de terra.

– Eles cavaram hoje de manhã – sussurrou a garota. – É onde irão colocar.

– Colocar o quê?

– Os novos.

Antes que ela pudesse dar detalhes, um caminhão militar entrou estrondosamente no bosque, esmagando o capim e os gravetos em seu caminho. A garota ficou imóvel por instantes e então agarrou o antebraço de Frankie. Ele fitou a mãozinha branca, os dedos finos e delicados a agarrá-lo. Frankie passava um bocado de tempo olhando dedos – violonistas fazem isso com frequência – e jamais esqueceria a primeira vez que olhou os dela.

– Não fale – sussurrou ela.

O caminhão parou. Com o motor ainda ligado, um bando de homens saltou. Usavam lenços sobre a boca e o nariz. Houve uma rápida movimentação, alguma coisa foi destravada e, a seguir, eles retiraram corpos da traseira do veículo – seis corpos descalços, mas ainda vestidos, com roupas com manchas escuras e molhadas. Para Frankie, pareciam profundamente adormecidos, tão adormecidos que se curvavam quando carregados, como compridas sacas de arroz. Frankie queria que eles se mexessem e dissessem: "Ei, ponha-me no chão, estou acordado agora." Mas eles nem estremeciam. Com o motor barulhento abafando qualquer som, os soldados jogaram os corpos no buraco em silêncio, um por cima do outro, com a mesma emoção de estivadores descarregando caixotes. Voltaram ao caminhão e trouxeram grandes pás de metal.

Minutos depois, haviam jogado por cima dos cadáveres terra suficiente para que Frankie e a garota não conseguissem mais vê-los. Os soldados não

falaram. Apenas juntaram a terra com as pás e a pisotearam. Após terminarem, voltaram apressados para dentro do caminhão, fechando as portas enquanto o veículo se afastava com um ruído ensurdecedor.

De repente tudo ficou terrivelmente quieto, como se a própria terra estivesse atordoada demais para respirar. Eu conheço esse som, o silêncio faz parte da música. Mas só porque algo está em silêncio não significa que você não o escute.

Frankie olhou para a garota. Uma lágrima solitária descia pela face da



menina. Com o olhar fixo nas covas recém-cobertas, ela pôs as mãos diante de si e falou em voz suave e circunspecta. As palavras eram do ritual católico da *Sancta Missa*:

– “Venham depressa assisti-las, santos de Deus. Venham depressa ao encontro delas, anjos do Senhor. Envolvam essas almas em seus braços e levem seu fardo rumo aos céus para o Altíssimo.”

Ela virou-se para Frankie, explicando:

– Alguém tem que dizer isso por eles, do contrário não vão para o céu.

Ela limpou a lágrima com a junta de um dedo.

– Podemos descer agora. E você pode tocar violão para mim.

O que eu sei sobre o amor é que ele muda a maneira como vocês me tratam. Eu o sinto nas mãos de vocês. Nos dedos. Nas composições. O jorro

súbito de frases vivazes, as sétimas maiores, linhas melódicas que se desdobram com clareza e doçura, como um cartão de Dia dos Namorados colocado em um envelope. Os humanos ficam atordoados com um novo afeto, e o jovem Frankie já estava atordoado quando ele e a garota misteriosa desceram daquela árvore.

Caminharam juntos sem conversar. Ela o conduziu até a beira do campo de sepultamento.

– Não tão perto – disse a menina quando Frankie grudou nos calcanhares dela.

– Desculpe.

Ela sorriu.

– Você ainda está com medo.

– Não, não estou.

– Os soldados não voltarão.

– Como é que você sabe?

– Nunca voltam.

– Toda aquela gente estava morta?

– Sim.

– Como eles morreram?

– Provavelmente levaram tiros.

– Por quê?

– Porque está acontecendo uma guerra. Meu pai diz que o generalíssimo mata quem ele quer.

Frankie tinha ouvido esse nome antes. Generalíssimo. Aquilo lhe causou um calafrio.

– Não gosto da guerra – disse ele.

– Detesto a guerra.

– Eu também.

– Você fala de um jeito engraçado.

– Não, não falo.

– Onde aprendeu inglês?

– Com meu professor.

– Professor da escola?

– Meu professor de violão.

Frankie engasgou, percebendo que acabara de trair a confiança de El Maestro.

– Você não pode contar para ninguém.

– Não vou contar.

– É segredo.

– Sei guardar segredo.

Ela olhou o violão. O cão pelado olhou para ela olhando para ele.

– Você sabe mesmo tocar?

– Sim.

– Toque alguma coisa.

– Para você?

Ela olhou para o campo recém-escavado.



– Para eles.

– O que devo tocar?

– Não sei. Algo que diga que não vamos esquecer deles.

Frankie queria muito agradá-la. Pensou em todas as músicas que

aprendera. Lembrou-se de uma dos discos roubados, uma canção das Filipinas

que seu professor disse que era “triste o bastante para derreter a agulha do fonógrafo”. El Maestro a ensinara a Frankie. O título era “Maalaala Mo Kaya”, de um compositor filipino chamado Constancio de Guzman. (“Um

nome elegante”, devaneara El Maestro.) Retratava duas pessoas de classes sociais diferentes prometendo não esquecer seu amor. No selo do disco, o título traduzido era “Will You Remember?” (Você vai lembrar?).

Frankie sentou-se sobre uma pedra e colocou o violão no joelho. Ele

estava vivamente consciente da nova amiga a observá-lo e tentou tocar com perfeição. Senti isso no toque que ele empregou nas cordas, na ternura com que adornou toda e cada nota.

Vista de longe, a cena poderia parecer estranha. Duas crianças ao lado de

uma vala comum, uma tocando violão, a outra escutando, o sol forte no céu,

os rastros de um caminhão do exército espanhol ainda frescos na terra.

Mas eu vi outra coisa. Vi um garoto quase curvando as cordas na direção

de uma garota. Foi a primeira vez que Frankie Presto tentou oferecer sua música para outra pessoa.

E foi assim que eu soube que ele estava apaixonado.

– Como é que você consegue tocar assim? – perguntou ela quando

Frankie acabou.

– Não sei.

– É muito bom.

– Mesmo?

– Sim.

– Você acha que eles ouviram?

Ela olhou para o terreno.

– Não sei. Não é uma sepultura adequada.

– O que quer dizer *adequada*?

– É quando se faz alguma coisa do jeito certo.

– Qual é o jeito certo?

– De uma sepultura? Ela é bem bonita. Você coloca o corpo num caixão.

A família vem se despedir. E se colocam flores por cima.

– Por que flores?

– Para que as pessoas tenham uma coisa bonita para olhar enquanto

sobem aos céus.

– Oh!

– Você nunca viu uma sepultura?

– Minha mãe tem uma.

– Sua mãe morreu?

– Sim.

– Ela era querida?

– Não conheci minha mãe.

– Onde é a sepultura?

– Na América.

– Então você nunca a viu?

– Não.

Frankie ficou pensando como seria a sepultura e se alguém havia colocado

flores nela. Ele gostaria de poder perguntar para Baffa. De repente, sentiu muita falta do pai.

– Devemos colocar flores nessa sepultura – disse a garota.

– Certo.

– Está vendo alguma?

– Que tal aquelas ali?

– Aquelas são ervas daninhas.

– Não dá para usar ervas daninhas?

– Não. São feias.

Ficaram em silêncio. Frankie olhou para o violão.

– Eram seis pessoas, certo?

– Sim.

– Já sei o que podemos fazer.

Ele baixou o violão e começou a desenroscar uma tarraxa de afinação.

Soltou a corda da tarraxa e do cavalete. Com a corda solta na mão, Frankie agachou-se e a garota agachou-se com ele. Enrolou a corda várias vezes, depois dobrou-a em um ângulo de 90 graus e amarrou tudo, criando uma haste abaixo dos círculos. Ele fizera isso anteriormente com as cordas velhas

de El Maestro, produzindo brinquedos enquanto o professor dormia no sofá.

Mas nunca havia removido uma corda do seu violão.

Frankie enfiou a ponta no solo e prendeu com duas pedrinhas para que ficasse ereta.

– Uma flor – maravilhou-se a menina.

– Para que eles possam ir para o céu – disse Frankie.

– Mas agora você não pode tocar.

Frankie sabia que ela estava certa. Tranquilo, soltou outra corda, depois outra e mais outra.

– Posso tentar? – perguntou a garota.

Agacharam-se juntos. Dessa vez ela não disse “Não tão perto”. Fizeram

mais cinco flores de cordas e as espalharam pela terra que cobria os corpos.

Então se levantaram e limparam a poeira. O sol se punha. A garota balbuciou

uma pequena oração e Frankie repetiu as palavras, embora não as

compreendesse.

Enquanto fitavam a sepultura, ela entrelaçou os dedos nos dedos de

Frankie. Ele por sua vez apertou os dela. Existem momentos na Terra em que

o Senhor sorri diante da doçura inesperada de Sua criação. Aquele foi um desses momentos.

– Qual é o seu nome?

– Francisco.

– Qual é o seu sobrenome?

– Rubio.

– Significa alguma coisa? Francisco?

– É o nome de um violonista famoso.

– Oh.

– Qual é o seu nome?

– Aurora.

– Qual é o seu sobrenome?

– York.

– Significa alguma coisa? Aurora?

– Significa “alvorecer”.

– O que é alvorecer?

– Quando o sol nasce. Todo mundo sabe isso.

Frankie desviou o olhar. Teria que pedir a El Maestro para lhe ensinar mais inglês.

– Você toca muito bem, Francisco.

Frankie corou.

– Acho que você é o melhor violonista do mundo.

– Mesmo?

– Eu não mentiria para você.

O cão pelado ganiu.

– Você já foi beijado por uma garota?

– Uma vez.

– Onde?

– Na escola.

Ela riu.

– Não. *Onde*? Na bochecha?

– Na minha orelha.

– Qual orelha?

Ele apontou.

– Vou beijar a outra – anunciou ela.

E beijou. Suavemente. Rapidamente. E então, como se satisfeita consigo mesma, ela inclinou-se para a frente e afagou a cabeça do cachorro.

Frankie piscou.

– Aurora – disse ele, como que praticando. – Au-ro-ra.

Ela sorriu quando ele disse seu nome, ele retribuiu o sorriso e, sem que

percebesse, entrou em outra banda. Daquele momento em diante, Aurora York esteve na música de Frankie. Daquele dia. Daquela noite. E para sempre.



13

BEM, DEIXE-ME EXPLICAR: NO MEU MUNDO AS COISAS MUDAM RAPIDAMENTE

de maior para menor. Uma simples mudança de acorde, uma diminuição da terça; você mexe um dedo e está feito. Frankie deixou o bosque naquele dia em estado de sonho, o cão pelado andando a seu lado. Mas, quando retornaram à fábrica, ele viu que havia alguma coisa errada. Havia caminhões da polícia do lado de fora. Homens de uniforme cinza encostados no muro. O cachorro rosnou.

– O que você quer, moleque? – perguntou um policial.

Frankie engasgou.

– Meu pai.

– Onde está seu pai?

– Lá dentro.

– É? Lá dentro? Mesmo?

O policial empertigou-se. Outro caminhão estacionou. Frankie reconheceu o veículo que vira no bosque. Os soldados que estavam sepultando corpos mais cedo desceram e acenderam cigarros. O coração de Frankie disparou.

– Quem é seu pai? – perguntou o soldado.

O cão pelado começou a latir.

– Cale a boca, animal!

O homem sacou a arma.

– Não! – gritou Frankie.

O homem atirou e errou, a bala levantou poeira do chão. O cachorro fugiu

correndo.

– Então – prosseguiu o policial –, quem é seu pai?

Naquele instante a porta da frente da fábrica foi escancarada e um dos funcionários saiu aos tropeções com os braços presos pelos pulsos. Dois policiais apareceram por trás dele.

– Luís! – bradou Frankie. – Luís! Onde está…

Luís lançou um olhar fulminante e sacudiu a cabeça. Frankie calou-se.

– Esse homem é seu pai? – perguntou o policial.

– O pai dele não está aqui! – gritou Luís. – Está doente.

– Quieto! – berrou o agente que o segurava.

Enfiou o cassetete nas costelas de Luís, aí empurrou-o para o caminhão e

o jogou lá dentro. Frankie viu outros dois funcionários já no banco traseiro.

Pareciam aterrorizados.

– Isso é verdade, moleque músico?

Frankie sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto.

– Fale, moleque! Isso é verdade? Seu pai está em casa doente?

– *Sí* – Frankie finalmente murmurou.

– Então por que você disse que ele estava lá dentro?

Frankie olhou para a frente.

– Eu queria… água.

– Vá pedir água em outro lugar. E me dê esse violão. Vou mostrar como

um espanhol toca.

Sem esperar, o policial puxou o instrumento das costas de Frankie. Virou-

o para cima.

– O que é isso? Não tem cordas.

Ele cuspiu.

– É preciso cordas para tocar violão, moleque. Seu pai não ensinou isso?

Ele arremessou o violão, que caiu na terra. Os outros riram.

– Francisco, vá para casa! – gritou Luís.

Os policiais riram outra vez.

– Sim, Francisco, vá para casa. Diga a seu pai que não vai ter trabalho amanhã. Nem depois de amanhã.

Frankie virou-se e correu, os pés rangendo no cascalho enquanto ele

escapulia. Correu uns nove ou dez passos, aí parou, correu de volta e apanhou o violão. Os policiais riram de novo.

– Melhor arranjar cordas! – gritou um deles.

Mas Frankie já ia longe, a respiração enchendo tanto o peito que ele tinha

a sensação de estar tragando todo o ar do país.

Ele correu um longo trecho. Quando as pernas fraquejaram, caminhou.

Depois correu de novo. Um caminhão de ciganos parou ao lado dele. Os homens se ofereceram para levar Frankie até Villarreal em troca de todas as moedas em seu bolso – e do violão. Relutante, entregou o violão. Arrastou-se

para a traseira com os olhos dos ciganos em cima dele e apertou-se entre um

saco de batatas e uma mulher de xale preto a roncar.

Enquanto seguia para oeste, o caminhão passou por um veículo militar

que pararia na fábrica de sardinhas; dele desembarcaria um oficial que, ao ouvir que um menino estivera ali e fugira, esbofetearia um soldado aos berros:

– Aquele era o bastardo! O garoto Rubio!

Mas àquela altura Frankie sacolejava na traseira aberta de um caminhão,

tentando não chorar. Parece cruel dizer que Frankie nunca mais viu Baffa.

Mas é verdade. No mesmo dia em que encontrou o amor, Frankie Presto

perdeu seu lar.

De maior para menor.

Abby Cruz

Compositora, produtora

CONHECI FRANKIE PRESTO NUM CUBÍCULO.

É verdade. Eu tinha 20 anos e havia acabado de começar a trabalhar para a

Aldon Music em Nova York, num prédio de escritórios na Broadway.

Colocavam compositores como eu em cubículos, um do lado do outro. Neil Sedaka estava lá. Carole King. Gerry Goffin. Cynthia Weill. Barry Mann.

Nosso trabalho era escrever hits. Você tinha um piano, uma mesinha, um

cinzeiro – naquele tempo todo mundo fumava – e dê-lhe martelar as teclas. Parece estranho agora, pois podíamos ouvir uns aos outros trabalhando através das paredes. Mas, na verdade, aquilo nos inspirava. Era uma competição. Uma quantidade impressionante de músicas famosas saiu daqueles cubículos. “On Broadway”, “Breaking Up Is Hard to Do”, “Will You Still Love Me Tomorrow”.

Nunca escrevi nenhum hit tão importante quanto esses. Eu batalhava na esperança de que não me despedissem. Pagavam 50 dólares por semana e esperavam que em troca você fizesse eles ganharem dinheiro.

Eu era a única compositora latina trabalhando lá, de modo que nunca havia oportunidade de falar espanhol. Mas um dia, em 1961, grávida do meu primeiro filho – e esperando que não me demitissem –, todo mundo saiu para almoçar, menos eu. Eu estava desesperada para criar alguma coisa grandiosa. Estava tocando piano, um gancho que eu achava que era bom, e de repente ouvi um violão. Aquilo atraiu meu ouvido; primeiro porque não havia muito violão por lá, segundo porque tocavam um solo *em cima dos meus acordes de piano*.

Eu parei. E o violão parou.

Então recomecei. E, como esperado, o violão começou a tocar de novo, um pequeno solo rápido. Aí tentei uma pegadinha. Toquei uma canção que minha avó colombiana havia me ensinado. “La Malagueña”. E ouvi o violão embarcar nela, tocando loucamente.

Imediatamente parei e falei em espanhol:

– Muito bem, quem está aí?

E do cubículo ao lado apareceu o homem mais bonito que eu já tinha visto

– cabelo negro, olhos azuis, usando camisa cor-de-rosa e calças pretas.

– *Hola, me llamo Frankie* – disse ele.

Eu o reconheci na hora. Ele estivera no *Ed Sullivan Show* – duas vezes – e no *American Bandstand*. "I Want To Love You" havia sido o disco número 1

no país. Ou seja, todo mundo do show business conhecia Frankie Presto. Mas

eu não fazia ideia de que ele falasse espanhol. Todos nós pensávamos que ele

fosse da Califórnia.

Enfim, ali estava eu com meu barrigão.

– Oi, sou Abby.

– Como você conhece "La Malagueña"? – perguntou ele.

– O que você está fazendo aqui? – questionei.

– Me escondendo – respondeu.

Ele apontou para a janela. Fui até lá, olhei para baixo e vi uma multidão

de garotas segurando os discos dele, acotovelando-se diante da porta

principal.

Acontece que ele tinha ido lá com o empresário, Tappy Fishman, que

estava em reunião com diretores da nossa companhia para tratar de canções para o próximo álbum de Frankie. Fiquei empolgada porque pensei que talvez

pudesse compor para ele, mas ele disse que não queria gravar material de outras

pessoas. Estava ali apenas para ser cortês.

– Acho que um artista deve gravar suas próprias canções – declarou ele.

– Você escreveu “I Want To Love You”, certo?

– Sim.

– Para uma garota?

– Aham.

– Ela gostou?

– Não sei – disse ele. – Ela desapareceu.

Eu não podia acreditar que estava a sós com Frankie Presto. Perguntei que tal era ser famoso – ele estava na revista *LIFE*, era amigo de Sinatra e de Bobby Darin – e ele riu e disse que em geral era divertido, exceto quando precisava correr de mulheres aos gritos. Uma vez, inclusive, machucara o tornozelo ao pular de uma escada de incêndio.

Só quando estava indo embora ele perguntou:

– Para quando é o bebê?

Gostei disso, pois era a primeira coisa que a maioria dos outros homens perguntava. Eu falei que era para dali a seis semanas e que eu só esperava não

ser despedida antes.

– Não vão despedi-la. Você compõe bons ganchos – declarou. E então

acrescentou: – Um dia quero ensinar música para meus filhos.

Aí minha filha nasceu e tirei uns meses de licença. Quando voltei ao trabalho, encontrei no meu cubículo uma cesta de brinquedos e um bilhete dizendo “Parabéns!” e assinado “O violonista da porta ao lado”. Dentro da cesta havia a partitura de uma canção chamada “No, No, Honey”. Sob o título

lia-se: “Escrita por Frankie Presto e Abby Cruz”.

Bem, devo ter ficado uma eternidade olhando para a partitura. Então

larguei-a em cima do piano e toquei. O gancho era o refrão que eu estava tocando no dia em que ele apareceu. Não sei como ele havia lembrado! E me

deu a coautoria da música inteira. E, como você provavelmente sabe, “No, No, Honey” tornou-se uma canção top-10. Meu primeiro disco de ouro. E

posso garantir que evitou que eu fosse despedida. Carole e Gerry tinham escrito grandes sucessos para Shirelles e Drifters, Neil Sedaka para Connie Francis, Barry e Cynthia para Crystals. Mas eu tinha um hit com Frankie Presto. Isso era demais!

Ao longo dos anos seguintes ele mandou bilhetes para o escritório me

parabenizando por compor uma coisa e outra. Ele sempre acrescentava “Cante

suas próprias canções!” e sempre assinava “O violonista da porta ao lado”. E

então os bilhetes pararam. Não ouvi falar dele por anos. Sei que passou por muita coisa e que parou de fazer música por um longo tempo.

Mas, quando soube como ele morreu, fiquei chocada. Quis vir. Prestar

minha homenagem. Ele foi tão gentil comigo lá no começo. Graças a ele continuei na indústria da música. “No, No, Honey” pagou a faculdade da

minha filha. Acho estranho ele ser enterrado na Espanha, porque me lembro de certa ocasião em que ele falou sobre esse país com muita rispidez.

Foi na última vez que o vi, num hotel grande em Nova York, em 1964, num evento qualquer da indústria. Àquela altura ele tinha muitos hits, como

“Shake, Shake” e “Our Secret”, mas parecia um pouquinho menos à vontade.

Usava um terno amarelo e óculos escuros, estava com o empresário e a noiva,

uma atriz, esqueci o nome dela. Eu estava com minha filhinha, então não quis

incomodar. Mas, assim que nos viu, ele veio depressa.

– Esse é o bebê? – perguntou.

– É ela – respondi.

– Quantos anos?

– Três.

– Uau.

– Sua noiva é linda.

– Obrigado.

– Foi para ela que você escreveu “I Want To Love You”?

– Não.

Ele se abaixou para conversar com minha filha e cantou “Do Re Mi” para ela. Quando terminou, ela o abraçou.

– Onde vão se casar? – perguntei.

– Havaí.

– Mesmo?

– Tappy está cuidando de tudo.

– Você tem família no Havaí?

– Sou da Espanha, lembra?

– Então por que não se casam na Espanha?

O rosto dele se contraiu.

– Nunca mais voltarei lá – disse ele.



14

O SEGUNDO DIA QUE PROMETI COMPARTILHAR FOI AQUELE EM QUE O jovem

Frankie deixou seu país natal para sempre. Isso ocorreu onze meses e nove dias depois de Baffa ser preso por alguma coisa inventada por trabalhadores

descontentes, o que, francamente, está além de minha compreensão. Vocês humanos estão sempre trancafiando uns aos outros. Celas. Calabouços.

Algumas das primeiras cadeias de vocês eram esgotos onde homens

patinhavam em seus próprios dejetos. Nenhuma outra criatura tem essa

arrogância – confinar os seus. Dá para imaginar um pássaro aprisionando outro pássaro? Um cavalo enjaulando um cavalo? Sendo eu uma forma de

expressão livre, jamais entenderei. Posso apenas dizer que alguns de meus sons mais tristes foram ouvidos em lugares como esses. Uma canção dentro de uma gaiola nunca é uma canção. É um apelo.

Frankie foi para casa na noite da batida policial na fábrica esperando encontrar Baffa na residência da rua Calvário, mas ela estava vazia quando ele entrou e continuava vazia quando acordou. Ele notou que a fechadura da

porta da frente fora arrombada e que a mobília fora afastada do lugar. Seu estômago roncou. Frankie desejou que Baffa pudesse lhe preparar o café da manhã. Espiou pelas janelas e viu gente passando, mas, depois de Luís mentir

deliberadamente para protegê-lo, Frankie entendeu que não podia confiar em

ninguém. Ficou no escuro, rezando pelo pai. Lavou o rosto e atrás das orelhas,

para o caso de bom comportamento apressar o retorno de Baffa. Sem violão,

não podia tocar música, e não queria ligar o rádio com medo de que alguém

escutasse. Logo o silêncio ficou tão ruidoso que Frankie tapou as orelhas com as mãos.

Eu queria confortá-lo. Envolvê-lo com uma melodia tranquilizadora. Mas sabia que naquele momento ele estava sendo observado de novo e não ousei interferir em tais acontecimentos.

Frankie ficou escondido lá dentro por dois dias, comendo o que havia nos jarros e bebendo água da torneira. Via o rosto de Baffa a cada piscar de olhos, via o pai cantarolando ao volante do automóvel italiano, batendo o pé enquanto ele praticava, inclinando-se para dar um beijo de boa-noite.



Na terceira manhã, Frankie ouviu arranhões na porta. Temeu que fossem os soldados e correu para o jardim dos fundos, escondendo-se atrás da mesa onde certa vez havia batucado uma *jota*. Esperou que arrombassem a porta, porém ouviu um ganido. Esgueirou-se por trás da mesa e viu o cão pelado chegando de mansinho, arfando, a língua rosada pendurada e molhada.

Não sei dizer como a criatura fez a jornada, mas Frankie nunca se sentira tão feliz ao ver alguma coisa. Agarrou o cachorro pelo pescoço e o abraçou, enterrando o rosto na pele do animal e chorando por um longo tempo.

Ficaram juntos no jardim, dois membros do trio sentindo falta do terceiro componente.

Todo mundo entra numa banda nesta vida.

De um jeito ou de outro, a banda se desfaz.

Naquela tarde Frankie trocou a camisa, calçou os sapatos, colocou um boné de tweed e saiu pelo portão dos fundos do jardim, levando com ele o cão pelado. Uma hora mais tarde chegaria um carro da polícia e dois agentes revistariam a casa outra vez. Pode parecer altamente fortuito, mas, quando um poder maior tem planos para você, a vida pode ser cheia de quase acidentes.

Frankie caminhou de cabeça baixa e com o boné enterrado no rosto até chegar à lavanderia na rua Crista Senegal. Subiu as escadas. Bateu na porta de El Maestro. Nenhuma resposta. Bateu de novo.

– *Quién es?* – perguntou a voz áspera.

– Sou eu, Maestro.

– Sua aula era ontem.

– Sim, Maestro.

– Hoje é ontem?

– Sinto muito, Maestro.

– Vá embora.

– Por favor, Maestro.

– Hoje não é seu dia.

– Posso entrar, Maestro?

– Volte para o seu pai.



– Não posso, Maestro.

– Por que não?

Frankie não respondeu.

– Por que não, garoto?

Frankie não conseguia respirar.

– Vou voltar a dormir agora…

– Meu pai se foi!

Frankie começou a chorar no momento em que disse “foi”. Tudo que ele

havia guardado dentro de si transbordou. Seus joelhos dobraram. Ele caiu no

chão. Seus soluços eram mais inalação do que exalação, e o cão pelado cutucava o rosto da criança com o focinho, ganindo junto, harmonizando o sofrimento.

Finalmente a porta abriu-se. Frankie agarrou as canelas do professor e apertou com força. O cego ficou com os óculos escuros no nariz, empinando o

queixo.

– Você vai entrar e comer – disse em tom suave. – E aí vai me contar o que aconteceu. – E balançou a cabeça. – Este país virou um inferno.

Basta dizer que Frankie e o cachorro viveram com El Maestro daquele

dia até a noite em que Frankie embarcou num navio. De momento vou pular a

maior parte dos detalhes (temos um funeral em andamento), mas digo que estudante e professor tiveram efeito profundo um sobre o outro, como

frequentemente acontece com humanos unidos por um trauma. Frankie

dormia sobre um lençol embaixo da mesa da cozinha e de manhã varria o apartamento e tirava o pó dos violões. Comprou comida nos mercados até o

dinheiro na gaveta de El Maestro acabar, depois passou a roubar nas padarias

e bancas de frutas. Apoiava-se nas beiradas e enfiava as mercadorias no bolso da jaqueta. Quando El Maestro descobriu o que Frankie andava fazendo, repreendeu-o rispidamente:

– Você já perdeu o bastante, garoto. Não perca sua alma também.

– Como vamos comer?

– Você está com fome de novo?

– Sim, Maestro.

O cego tateou em busca do vinho. Como não tivera filhos, não sabia de quanto alimento precisavam. Ouviu Frankie ocupar seu lugar embaixo da mesa e balbuciar:

– Boa noite, Maestro.

Ouviu o cão pelado ganir, como que ecoando Frankie. Ficou em sua cadeira até o resto do vinho acabar. Então levantou-se e foi para a cama.

Na manhã seguinte, acordou cedo, tomou banho, barbeou-se, calçou um par de sapatos de couro e meteu-se em uma camisa branca limpa. Perguntou a Frankie que tal estava e o garoto disse:

– Parece que está indo trabalhar.

Então ele informou a Frankie que estavam de saída.

– Aonde vamos, Maestro?

– Apenas me leve aonde eu disser. – E, após uma pausa, determinou: – Traga o cachorro.

Minutos depois, Frankie conduzia El Maestro e o cão pelado pelas ruas de

Villarreal, ao longo da Calle Mayor e por uma rua lateral de lojas e tendas.

Estavam voltando à velha taberna – o lugar onde Baffa vira o cego tocando pela primeira vez. Quando entraram, El Maestro empinou o nariz e virou o rosto para os dois lados, como se recordando do salão pelo aroma. A seguir anunciou em voz alta:

– Quero ver o proprietário!

El Maestro sentiu o homem aproximar-se antes de este falar e

imediatamente estendeu a mão.

– Nos encontramos de novo – disse El Maestro.

– É mesmo – concordou o dono, cauteloso.

– Vim aqui hoje fazer uma proposta. Ofereço a oportunidade de você ser o

anfitrião de minhas apresentações outra vez.

– Por que eu faria isso?

– Porque sou bom.

– Não quando está bêbado.

– Isso não é mais motivo de preocupação.

– É o que você diz.

– É o que digo.

– O que propõe?

– Dois shows por noite. Em troca de remuneração justa, é claro.

– Não tocamos a mesma música de antes.

– Sei disso.

– Só a que o generalíssimo aprova.

– Também sei disso.

– Ainda quer trabalhar?

– Não estou aqui na sua frente?

– E a bebida?

– Não bebo mais. Está aqui a criança para comprovar. Certo, garoto?

Ele deu um tapinha no ombro de Frankie, que forçou um sorriso.

– Meu sobrinho – disse El Maestro. – E nosso adorável cão.

O cachorro ganiu.

O dono franziu os lábios.

– Você mudou um bocado de vida.

– Como você pode ver.

– Está até barbeado.

– De fato.

– Bem… Você é o melhor que já tocou aqui.

– Concordo.

– Mas não posso ter clientes contrariados.

– Claro.

– Você deve chegar na hora.



– Mais cedo até.

– Se beber, está na rua, entendido?

– Entendido.

O dono da taberna olhou para o novo trio: homem, menino, cachorro.

– Você começa amanhã.

– Como queira – assentiu El Maestro.

Quando chegaram em casa, Frankie pegou as garrafas de vinho e

aguardiente e colocou-as na lata de lixo.

– O que está fazendo? – perguntou El Maestro.

– Não é certo mentir – respondeu Frankie. – Você disse que não bebia mais.

El Maestro gemeu, mas não deteve o garoto. Em vez disso, afundou no

sofá, resignado com a nova sina. Segurou o rosto entre as mãos, depois cambaleou para a frente até encontrar o violão. Frankie ficou secretamente feliz por se livrar do álcool. Gostava mais de El Maestro sem ele. Quando o

professor começou a tocar uma composição de Segovia, Frankie desceu com

as garrafas e deu-as para a lavadeira em troca de vários meses de lavagens grátis e da promessa de que ela faria um jantar para eles naquela noite.

E assim Frankie Presto, em sua nova banda, influenciou o líder cego, que,

a despeito de ter jurado que nunca mais faria aquilo, voltou ao palco para tocar sua linda música.



15

TALVEZ VOCÊ ESTEJA SE PERGUNTANDO SOBRE BAFFA, AQUELA ALMA PURA e

simples. Frankie também indagava. No começo, perguntava pelo pai todas as manhãs para El Maestro, mas não havia resposta. Mencionei como o medo de tiranos sufoca os humanos; naquele tempo, até mesmo perguntar sobre uma "pessoa desaparecida" significava que você poderia ser a próxima. O mundo estava em guerra e a Espanha vivia sob lei marcial. Qualquer coisa que ofendesse as crenças políticas ou religiosas do generalíssimo era punida com prisão ou até mesmo com a morte. El Maestro disse ao garoto que era perigoso demais falar sobre Baffa fora de casa. Com o tempo, Frankie parou de questionar.

Mas ficar calado não significava esquecer. E o menino jamais se esqueceu do pai. Toda noite, antes de rastejar para baixo da mesa da cozinha, ele ligava o fonógrafo roubado e ouvia baixinho o disco de Ella Fitzgerald cantando "A-Tisket A-Tasket", uma canção sobre a perda de uma cesta marrom e amarela. Na canção, Ella anseia por sua cesta e se pergunta onde poderia estar, e os homens da banda respondem: *"So do we! So do we!"* (Nós também! Nós também!) Frankie sentia-se assim a respeito de Baffa. *"Eu também! Eu também! Onde ele poderia estar?"* A canção reconfortava. Não é por essa razão que, com frequência, vocês buscam a música? Para sentir que não estão sozinhos?

Enquanto isso, de dia Frankie estudava intensamente com seu professor outra vez sóbrio. Seria o período mais fértil do crescimento musical do garoto.

Como não frequentava mais a escola (um arranjo que não chateou Frankie de forma alguma), os dois passavam horas a fio no violão. Antes de

completar 9 anos, Frankie já sabia tocar vários estilos, de jazz a flamenco, virando as unhas para dentro para dedilhar na técnica de *rasgueo*. No clássico, conseguia dedilhar com grande velocidade em arpejos difíceis, que soavam como se uma mão estivesse tocando uma linha de baixo enquanto a outra mão

tocava uma cascata de notas. El Maestro, apesar da cegueira, ensinou Frankie

a ler música meticulosamente por meio de descrição, audição, mais descrição,

mais audição. O professor conseguia escutar uma única nota fora do lugar e



insistia com Frankie para que conferisse a partitura e lesse para ele onde estavam cada marca, linha, sustenido e bemol. Embora suas bochechas ainda

fossem fofinhas e sua cabeleira negra ostentasse o brilho da juventude, a música do garoto exibia uma sensibilidade muito superior à sua idade. Às vezes descreve-se isso como “uma alma velha”. Mas talentos como eu estão

dentro de vocês desde a criação. Nesse sentido, todo artista é velho.

Frankie dominou até mesmo os reverenciadíssimos 12 estudos de Heitor

Villa-Lobos, extremamente exigentes de quanto ele precisava esticar os dedos

esquerdos. Se Frankie reclamava da dificuldade, El Maestro falava:

– O Sr. Villa-Lobos viveu com canibais na selva brasileira para aprender a

música deles. Isso sim é difícil. O que você está fazendo não é.

– É verdade mesmo, Maestro?

– O quê?

– Essa história?

– Claro.

– Canibais?

El Maestro suspirava.

– O homem sofre por sua arte, Francisco. É disso que você tem que se lembrar. Às vezes são canibais. Às vezes é coisa pior.

Frankie era proibido de ir à taberna, embora sempre pedisse a El

Maestro para acompanhá-lo até lá.

– Você tem que dormir – dizia El Maestro.

Um músico bigodudo que tocava conga, chamado Alberto, vinha toda

noite buscar o cego para o trabalho.

– *Tu tío es un gran artista* – declarava Alberto com frequência.

– *Yo sé* – falava Frankie, atestando que sabia o grande artista que ele era.

Às vezes o menino acordava de manhã e sentia um tênue aroma de

perfume. Pensava nos vestidos no closet e indagava se alguma dama estivera

lá enquanto ele dormia. Isso o fazia pensar nas faces rosadas e nos dedinhos

brancos de Aurora York e na tarde que haviam passado juntos antes de tudo

mudar.

– Maestro – perguntou ele um dia –, qual é a idade certa para se casar?

– Você está escondendo alguma coisa de mim, Francisco?

– Não.

– Conheceu uma garota?

– Uma vez.

– E quer casar com ela?

– Talvez.

– Onde a encontrou?

– No bosque.

– Era uma fada?

– Não creio, Maestro.

– Tinha olhos estranhos?

– Sim.

– Era gentil e solícita?

– Sim.

– Você a viu de novo?

– Não.

– Era uma fada. Uma *anjana*. Não se apaixone por fadas, Francisco. Elas não são reais.

– Ela era real.

– Parece uma fada.

– Não era uma fada!

– Está bem. Não era uma fada.

El Maestro mastigou e engoliu, depois tateou a mesa até encontrar a xícara de café.

– Se ela era real, você vai encontrá-la de novo.

– Quando?



– Quando for a hora.

Ele bebeu o café. Frankie franziu as sobrancelhas.

– De quem são os vestidos no closet?

– Termine de comer, Francisco.

Toda perda deixa um vazio no coração. El Maestro, como você deve ter

presumido, sofreu, cedo na vida, uma grande perda que o levou ao desespero

da bebida. Sua mulher morreu. A bela mulher que o conduzia para fora do palco e lhe dava um beijo nos lábios. Depois que ela se foi, ele não quis mais

saber do mundo. Deixou-se afundar – na melancolia, na bebida, num sono assombrado e agitado. Se pudesse desligar o coração e apagar as luzes da memória, teria feito isso.

Mas, ao longo dos meses, com o novo protegido, o professor foi se

curando de forma considerável. Caminhava melhor. A barriga diminuía. A

cabeça doía menos. A pele tinha mais cor. Sem a névoa constante do álcool,

ele gradualmente readquiriu um senso de propósito. Dava por si quase feliz ao

acordar, sentindo o cheiro da torrada preparada por Francisco. Apreciava o respeito que o menino lhe demonstrava, afastando sua cadeira, alcançando o

violão. Gostava de ouvir Francisco cantando pelo apartamento, canções que os dois compartilhavam na coleção secreta de discos de goma-laca. Ele até mesmo aceitou, a contragosto, o cachorro. Às vezes o animal deitava a cabeça

no colo de El Maestro, que lhe coçava as orelhas.

– Ele gosta de você – dizia Frankie.

– Ele cheira a água de sarjeta – declarava El Maestro.

No fundo, o homem sabia que Frankie continuava com o coração partido

por causa do pai. E, tendo passado a se importar com o garoto, conseguia imaginar a dor que Baffa enfrentava. Assim, certa noite, na taberna, El Maestro resolveu arriscar. Perguntou ao proprietário se havia soldados na plateia.

Foi informado de que sim, havia um grupo sentado logo à frente.

– Apresente-me a eles – pediu El Maestro.

Ao longo da noite, ele tocou muitos sucessos de flamenco – o tipo de música que o generalíssimo aprovava – e dedicou aos “bravos homens que servem nosso líder”. As pessoas bateram palmas, os soldados gostaram. Mais



tarde convidaram o violonista para sentar-se com eles. El Maestro pagou bebidas e contou histórias, pagou mais bebidas e riu de um jeito que não costumava rir. No fundo, aquilo era uma agonia para ele. El Maestro tinha uma história de guerra medonha e não ligava para soldados ou generais. Mas,

assim como praticar escalas, há determinadas coisas que você aguenta por um

motivo maior. À medida que os soldados bebiam mais e mais, ele ousou fazer

algumas perguntas.

No fim da noite, sabia o destino de um fabricante de sardinhas chamado

Baffa Rubio.

Em 3 de agosto de 1945, dois dias antes de Frankie deixar o país para

sempre, El Maestro visitou uma prisão a muitos quilômetros de Villarreal.

Foram necessários subornos, mentiras e um cigano de motocicleta para o feito. Mais detalhes não importam nesta história. O importante é que, naquela

tarde, no pátio vazio atrás de uma cadeia de tijolos vermelhos, ocorreu uma conversa decisiva entre um homem solteiro que encontrou um bebê num rio e

um violonista cego que ensinou a ele seu destino. Os dois conversaram por 24

minutos em andamento *mosso* sussurrado, compasso 7/4 – um ritmo irregular, entrecortado. Baffa Rubio, pálido, machucado e muito mais magro do que jamais fora, viu o homem de óculos escuros e começou a tremer. Esperou os

guardas se afastarem. As duas primeiras palavras que murmurou foram:

– Meu filho?

– Estou com ele…

– Graças a Deus.

Lágrimas. Respiração. Silêncio.

– Ele está bem?

– Ele está bem.

– Ele pergunta por mim?

– Claro.

Lágrimas. Respiração. Silêncio.

– Sou um péssimo pai. Nunca fiz planos para se algo assim acontecesse comigo.

– Estou cuidando dele, *señor* Rubio.

– Você não deve contar para ninguém que ele é meu.

– Por que não?

– A fábrica. Três operários que me detestavam. Eles disseram para a

polícia que eu era socialista e que outros três eram do sindicato. Quando neguei, falaram que eu estava mentindo. Disseram que o garoto era a prova disso. Que um bom católico jamais acolheria um bastardo. Que a mãe dele era

esquerdista…

– Espere. Ele não é seu filho?

Lágrimas. Respiração. Silêncio.

– Não fiz nada de errado.

– Claro que não.

– Salvei uma vida.

– Claro.

– Esses porcos…

– Fale baixo, *señor* Rubio.

– Esse Franco…

– Não fale dele, *señor* Rubio.

– Não fiz nada de errado.

– Entendo.

Lágrimas. Respiração. Silêncio.

– Você está ensinando violão para ele?

– Todos os dias.

– E que tal ele toca?

– É excepcional.

– Quem dera eu pudesse ouvir.

– Quanto tempo vão mantê-lo?

– Doze anos e um dia.

– Doze anos?

– É a minha pena. Como pode uma coisa dessas? Quando eu sair, Francisco será um homem.

– Sinto muito.

– Tenho que lhe pedir um favor. Você fará?

– Farei.

– Mande o garoto embora.

El Maestro sentiu um aperto no estômago.

– Embora?

– Sim.

– Para onde?

– América. Tenho uma irmã.

– América?

– Lá ele estará a salvo.

– É uma viagem e tanto.

– Não existe futuro aqui.

– Mas posso cuidar dele…

– É arriscado demais.

– Ele pode ficar com…

– Por favor, Maestro. Alguém vai falar. Eu ouvi o que fazem com filhos de traidores. Eles são espancados e passam fome.

– Mas você não é um traidor.

– Mesmo assim ainda estou aqui.

El Maestro esfregou o rosto. Agora ele estava suando.

– Como eu faria isso?

– Tenho dinheiro. Escondido. Você vai pegar. Pague os homens nas docas.

– Que homens? Que docas?

– Dinheiro bastante vai levá-lo a qualquer homem em qualquer doca.

– Mas como…

– Escute. Temos pouco tempo. Pegue isto.

Baffa agarrou a mão do cego e passou um pedaço de tecido rasgado de uma camisa. Havia algo escrito ali.

– Tem um endereço na América. É para onde ele deve ir.

– Certo.

– Dê um novo nome ao menino. O meu está condenado.

– Certo.

– Diga que um dia irei encontrá-lo.

– Sim.

– Que não se esqueça de mim.

– Sim.

– Que eu o amo.

– Direi a ele, *señor* Rubio.

Lágrimas. Sufocamento.

– Não fiz nada de errado, Maestro. Você tem que acreditar em mim.

– Acredito.

– Ele é tudo que tenho.

– Sinto muito.

– Faça o que pedi.

– Farei.

– Guarde o dinheiro que sobrar.

– Não quero seu dinheiro, *señor* Rubio.

– Não quis ofender. Você não sabe o que é abrir mão de um filho.

Por trás dos óculos escuros, as lágrimas começaram a brotar.

– Não – disse o cego. – Claro que não.



16

NAQUELA NOITE, DEPOIS DE TEREM TERMINADO NA TABERNA, EL MAESTRO e

Alberto, o músico que tocava conga, esgueiraram-se para dentro da casa na rua Calvário (que tinha sido saqueada e esvaziada de todos os pertences) e encontraram uma caixinha de latão embaixo de uma tábua do assoalho,

exatamente como Baffa explicara. Na caixa havia um saco de veludo

contendo 600 mil pesetas – lucros da fábrica de sardinhas –, dinheiro suficiente para subornar um pequeno exército. Os dois homens saíram

depressa pelo jardim dos fundos e foram para a lavanderia da rua Crista Senegal, onde se sentaram à luz de velas enquanto Alberto separava o

dinheiro em maços de 10 mil pesetas, cada um preso com um elástico, para que El Maestro pudesse saber quanto tinha em mãos.

– Pegue três para você – disse ele a Alberto.

– Maestro, não posso…

– Sim, pode. Por favor. E ache um papel. Você deve anotar o que vou falar.

Ele deu instruções por oito minutos. Quando terminou, Alberto suspirou,

olhou para a lista e depois pegou o braço do violonista.

– É um bocado de coisa em pouco tempo, Maestro.

– O menino está em perigo.

– Farei conforme pediu.

– Obrigado, Alberto.

Alberto cravou os olhos no saco de veludo com o dinheiro. El Maestro não pôde ver o rosto dele, é claro. Mas eu pude. Notei o olhar que vi muitas

vezes quando uma nova riqueza está ao alcance. Os olhos estreitam-se. Os lábios contraem-se.

– Não se preocupe, Maestro. Deus está do nosso lado.

El Maestro não dormiu bem naquela noite. Pela manhã, enquanto Frankie

ainda cochilava, vestiu as roupas empilhadas na bancada do banheiro (o



garoto separava para ele todas as noites) e foi até o closet. Tateou até encontrar uma bolsa pendurada num cabide. Abriu o fecho e buscou uma

coisa ali dentro: um conjunto de cordas novas, enroladas juntas em círculo.

Permaneceu no closet por vários minutos, imóvel como uma estátua. Então saiu, fechou a porta e foi até a cozinha.

– Levante-se, Francisco – pediu ele.

O menino abriu os olhos. O cão pelado levantou a cabeça.

– Dormi demais, Maestro?

– Não – disse o cego, segurando as cordas. – Mas temos muita coisa para fazer hoje.

As horas restantes de 5 de agosto de 1945 foram repletas de atividade, como se um trompetista soprasse tercinas de colcheia para preencher cada compasso. El Maestro mandou Frankie fazer uma mala com escova de dentes, pente, sabão e todas as roupas que conseguisse acomodar lá dentro, especialmente roupas de baixo.

– Para onde vamos?

– Uma aventura.

– Onde está a *sua* mala, Maestro?

– Vou pegar mais tarde. Agora se apresse.

Saíram do apartamento e, segurando a mão do menino, o cego fez Frankie guiá-lo primeiro até uma loja na rua San Miguel, onde havia violões e violinos pendurados nas paredes. Frankie nunca tinha visto um lugar daqueles. Cheirava a madeira e óleo. Um homem de barba veio lá dos fundos, foi até El Maestro e o abraçou. Conversaram em voz baixa, uma conversa que Frankie não conseguiu ouvir.

– Maestro, é você?

– Já faz um tempo, velho amigo.

– Em que posso ajudar?

– Hoje vou sair daqui com seu melhor violão. Certifique-se de que seja forte o bastante para viajar.

– Tenho um Estruch. Abeto, pau-rosa, braço de ébano.

– Excelente.

– Mas é caro.

– Pegue-o para mim agora. E seu estojo mais resistente.

– Você voltou a tocar, Maestro?

– É para o garoto.

– Aquele garoto?

– Sim. E mais um pedido: cubra o selo do fabricante.

– Mas isso vai desvalorizar o instrumento.

– Ele não precisa saber o valor.

– Nem as pessoas com quem ele possa topar?

– Exatamente.

– E as cordas?

– Sem cordas.

– Como queira, velho amigo. Mas posso perguntar uma coisa?

– Certamente que sim.

– Não é um violão bom demais para um menino tão novinho?

– Não. Deve permanecer com ele o resto da vida.

– Por quê?

– Porque eu não posso.

El Maestro deu um maço de notas de um saco no bolso do casaco e o homem

desapareceu por alguns minutos. Frankie aproximou-se e tocou no ombro do professor.

– O que são aquelas caixas pretas, Maestro? – perguntou ele, estudando uma fileira de amplificadores pequenos.

– Têm botões?

– Sim.

– E um cabo?

– Sim.



– Perda de tempo.

– O que elas fazem?

– Deixam o som do seu violão bem alto, de modo que as pessoas possam ouvir de muito longe.

– Isso é ruim, Maestro?

O cego encontrou o ombro de Frankie.

– Lembre-se do seguinte, Francisco – disse ele. – O segredo não é tornar sua música mais ruidosa, mas deixar o mundo mais quieto.

O dono da loja apareceu com um estojo de violão. Chamou El Maestro. Sussurraram e se abraçaram mais uma vez. El Maestro deu a volta no balcão, carregando a nova compra. Estendeu a mão esquerda. Frankie conduziu-o porta afora.

– Comprou um violão novo, Maestro?

– Sim.

– Quando vai tocá-lo?

– Siga para a direita.

Fizeram mais três paradas. Em cada uma delas, Frankie ficou surpreso ao ver El Maestro ser cumprimentado por gente que parecia conhecê-lo. O menino mal ouviu o professor falar com qualquer um. De fato, a única pessoa que o cego chamava pelo nome era Isabel, a dona da lavanderia do andar de baixo, que de vez em quando fazia *peladillas* para eles, amêndoas envolvidas numa crosta de açúcar.

Mas naquele dia as pessoas recepcionavam El Maestro como se ele fosse da casa. Frankie não tinha como saber que há anos, antes da guerra, El Maestro havia sido um violonista famoso e uma atração popular em casas noturnas, relacionando-se com certos homens que gostavam de ficar na rua até tarde, ouvindo música, bebendo e cortejando mulheres. Os músicos costumam fazer amizade com aqueles que ficam até o fim da noite. Criam laços num horário em que o mundo inteiro parece adormecido, menos eles.

Alguns daqueles homens assustavam Frankie, com suas caras rugosas e seus barrigões. Mas reagiam rápido quando El Maestro lhes entregava um maço retirado do bolso. Cada conversa terminava com um sussurro e um aperto de mãos. Então El Maestro virava-se em busca de Frankie e iam adiante.

Entre as paradas, ele comprou comida para o menino e, na padaria, mandou Frankie pegar pão extra e potinhos de mel para colocar na mala. No todo, foi um dia empolgante para o garoto. Mas ele continuou esperando que

El Maestro fizesse a própria mala e reparou no cão pelado mantendo-se grudado nele, às vezes dando encontrões em sua perna.

No fim da tarde, El Maestro perguntou:

– Onde está o sol?

– Quase indo embora – respondeu Frankie.

O cego disse ao garoto para levá-lo a um restaurante das redondezas.

Frankie e o cachorro esperaram do lado de fora. Frankie passou a mão delicadamente sobre o estojo do violão novo. Ele esperava que El Maestro trouxesse alguma comida. Estava com fome de novo. Passou-se uma hora.

Estava quase escuro. Quando o professor finalmente apareceu, não trazia nada. A voz dele estava grave e lenta:

– Vamos, Francisco.

– Para onde, Maestro?

– Para a taberna.

– Posso ver você tocar?

– Só desta vez. Sim.

De início Frankie ficou tão empolgado que esqueceu a fome. Mas El Maestro não compartilhava do entusiasmo. Sua respiração estava pesada. Ele dava uns gemidos. Ao caminhar, carregando o violão novo, cambaleou um pouquinho. Frankie percebeu que o professor não estivera comendo no restaurante. Ele tinha bebido.

– De que cor são suas calças hoje, garoto?

Frankie franziu o cenho.

– Fiz uma pergunta.

– Marrons, Maestro.

– E seus sapatos?



– Marrons também.

– E seu cabelo?

Frankie não queria responder. Estava triste porque o professor havia

quebrado a promessa, como se coisas ruins fossem começar a acontecer de novo.

– Seu cabelo, garoto?

– É preto.

– E seus olhos? Nem isso eu sei.

– Meus olhos são azuis.

– Ah. Azuis.

Ele inspirou profundamente pelo nariz. Deixou o queixo cair no peito.

Cantou alguma coisa meio que balbuciando.

– *Am I blue?… Am I blue?…*

Blue significava azul, mas também significava triste.

Ele tossiu.

– É uma canção, garoto. Você vai aprender um dia.

O homem busca coragem na bebida, mas não é a coragem que ele

encontra: é o medo que ele perde. Um homem bêbado pode pisar em falso num penhasco. Isso não o torna corajoso, apenas descuidado.

Naquela noite, no palco da taberna, a bebida ajudou El Maestro a esquecer

as restrições impostas aos artistas em seu país. O resultado foi a apresentação

mais destemida de sua carreira. Mal fazendo uma pausa entre as canções, tocou composições americanas como “St. Louis Blues” e “Tiger Rag”. Tocou

“Parfum”, do lendário cigano Django Reinhardt. Fez uma interpretação

assombrosa de “Parlez-Moi d’Amour”, bem como de obras de Schumann,

Vivaldi e Ferdinando Carulli. Seu violão soava poderoso e apaixonado, e, devo confessar, jorrei através dele naquela noite como uma fonte borbulhante.

Ele balançava para a frente e para trás, sentindo a vibração de cada nota. As

pessoas na plateia ficaram em tamanho silêncio que em determinados

momentos o local parecia estar vazio. Esse tipo de música era proibido pelo

governo. Mas, quando sou apresentada com tão grande beleza, consigo

hipnotizar a multidão. Nas duas horas seguintes, ninguém protestou. Nem mesmo uma figura trajada de modo pesado que a tudo assistia nos fundos do

lugar.

Perto do fim, El Maestro esfregou os olhos por baixo dos óculos escuros.

Então, pela primeira vez em toda a noite, ele falou:

– Esta última canção, meus conterrâneos, é para o melhor aluno que já tive.

Ele virou a cabeça para onde havia instalado Frankie em uma cadeira,

perto da cozinha.

– Venha, garoto. Vamos tocar juntos.

Começou a dedilhar os acordes de “Avalon”, uma canção de Al Jolson que Frankie adorava ouvir no fonógrafo roubado. Os frequentadores olhavam de um lado para outro. Alguém apontou para o menino no canto.

Frankie sentiu o corpo inteiro estremecer. Desceu da cadeira e se aproximou nervoso, tocando o ombro do professor para este saber que ele estava ali.

– Venha – sussurrou El Maestro em meio aos acordes. – Pegue o outro violão e cante.

– Mas não quero.

– Por que não?

– Estou com medo.

– Sim. E ficará com medo de novo. A vida inteira. Você deve vencer isso. Encare-os e finja que não estão ali.

– Maestro…

– Você consegue. Lembre-se sempre de que eu disse que você consegue.

Frankie estava petrificado, mas sua confiança no professor era total. Pegou o violão, colocou a correia por cima do ombro e começou a dedilhar os acordes que ele e El Maestro haviam praticado. Finalmente, depois de aguardar a introdução, cantou sua primeira canção para uma plateia.

I found my love in Avalon / Beside the bay… / I left my love in Avalon / And I sailed away…[3]



As pessoas olharam de um lado para outro. Ele estava cantando em inglês!

Admito que gostei de observar as reações. A voz de Frankie era tão bela e

sincera que não podiam deixar de admirá-la (o que significa, é claro, que estavam me admirando). E ele e El Maestro tocavam os violões em perfeita harmonia, Frankie conduzindo o ritmo, o professor entretecendo notas de solo, como que polvilhando açúcar num biscoito. Durante um verso inteiro, a

multidão maravilhou-se. Durante um verso inteiro, a arte sobrepujou a

política e a beleza sobrepujou o espanto.

I dream of her in Avalon / From dusk till dawn / So I think I'll travel on /

To Avalon[4]

A voz de Frankie, como uma bebida forte, havia feito os clientes

esquecerem momentaneamente o medo. Mas, como no caso da bebida, aquilo

não durou. Um homem de terno bege foi o primeiro. Bateu com o copo na mesa em protesto. Uma vez. E de novo. Seguiram-se outros. Logo a taberna

inteira estava batendo copos ou talheres. O medo fez baixar a cortina. Frankie

parou de cantar. Seus olhos se encheram de lágrimas. Voltou-se para o professor, que, como se esperasse por aquilo, parou de tocar.

– Ajude-me a levantar – pediu El Maestro.

Ele se ergueu, segurando a mão de Frankie. Enquanto os frequentadores

vaiavam, El Maestro inclinou-se na direção de Frankie e disse:

– Agora fazemos uma reverência assim.

Ele se curvou até a cintura. Frankie fez o mesmo. Os xingamentos ficaram

mais ruidosos. Alguns gritaram “Traidor!”.

– Sempre agradeça à plateia – sussurrou El Maestro.

Ele apertou a mão de Frankie.

– Agora leve-nos pela saída dos fundos.

Para Frankie, tudo ficaria um tanto nebuloso. Mas ele se lembraria de Alberto, o músico que tocava conga, esperando ao volante de um carro no beco. Lembraria de uma longa viagem no escuro. Lembraria de chorar muito

naquela viagem, pensando no quanto deixara aquela gente zangada.

Lembraria de El Maestro com o violão novo entre os joelhos, falando muito

pouco até o carro dar um solavanco e ele perguntar a Alberto:

– Quanto tempo mais?

E Alberto responder:

– Vinte minutos, meu amigo.

Lembraria do professor alcançando um frasco prateado e dizendo para ele

beber, pois tinham uma longa viagem pela frente e Frankie precisava dormir.

Lembraria do gosto adocicado mas pungente do líquido. Lembraria de El

Maestro entregando-lhe o estojo do violão.

– Ele será seu, garoto. É um ótimo instrumento, feito de abeto e pau-rosa,

com braço de ébano. O fabricante é de uma antiga família de luthiers. Isso é

importante. Sempre deve haver história no que quer que você toque.

Frankie queria estar feliz. Um violão novo. Mas muitas emoções

turbilhonavam dentro dele.

– Por que eu tinha que cantar, Maestro?

– Um dia você entenderá.

– Mas eles bateram os copos.

– E você mostrou coragem. Vai precisar dela nesta vida.

– Aonde estamos indo?

O cego desviou o olhar.

– Lembra da sua primeira aula?

– Sim, Maestro.

– O que você fez?

– Escutei.

– Certo. E, para onde está indo, você também vai ter que escutar. Quando escutar, aprenda. Lembre-se disso. Na música e na vida.

– Mas, Maestro…

– Quando começou a tocar pela primeira vez, do que se lembra?

– Doeu.

– Sim – disse o cego com a voz embargada. – E isso vai doer também. – Ele limpou a garganta. – Mas você vai ter calos. E ficará mais fácil.

O carro sacolejou. O cego esfregou o rosto.

– Francisco.

– Sim, Maestro?

– Tem cordas dentro do estojo do violão. Você vai colocá-las.

– Certo, Maestro.

– Elas são muito especiais para mim.

– Por que, Maestro?

– Eram da minha esposa.

– Você teve uma esposa, Maestro?

– Não por muito tempo.

– Para onde ela foi?

– Para o céu. As cordas foram um presente. Nunca usei.

– Porque ela morreu?

– Sim, porque morreu antes que pudesse dá-las para mim. Encontrei-as

dentro da bolsa dela.

Frankie tentou imaginar a aparência da mulher.

– Aqueles vestidos no closet eram dela?

– Os vestidos. Os sapatos. Um frasco do perfume. Você não precisa de muita coisa para se lembrar de alguém, Francisco. Uma só coisa basta.

Ele se esticou e deu um tapinha no joelho do menino.

– Você tem essas minhas cordas. É o bastante.

Frankie sentiu-se ainda mais apavorado.

– Estamos indo embora de casa, Maestro?

– É só um apartamento.

– Você vai comigo?

– Em cima de uma lavanderia.

– Você vai comigo?



Não houve resposta.

– Aonde estamos *indo*?

O cego inclinou-se.

– O que você vê lá fora?

Frankie franziu os olhos para enxergar pelo vidro da janela. Estava muito escuro. Mas, ao chegarem a uma elevação, Alberto diminuiu a velocidade, e, ao longe, pequenos diamantes de luar tremeluziram no horizonte.

– O mar – murmurou Frankie.

Dizzy Gillespie, o trompetista de jazz, disse uma vez: “Levei a vida inteira para aprender o que *não* tocar.” Ele era um dos meus especiais. E estava muito certo. O silêncio intensifica a música. O que você não toca pode purificar o que você toca.

Mas com as palavras não é assim. O que você não diz pode assombrá-lo.

El Maestro era um artista (a alma dele com certeza era minha), mas seus instintos eram excessivamente musicais para esta vida. Ele omitia palavras como omitia notas.

Assim, naquela noite, enquanto aguardavam no porto de Valência, ele deixou Frankie adormecer sem contar tudo. E, uma hora depois, quando

viram o sinal, ele carregou o menino nos braços, andando até um navio por uma rampa comprida, atrás de Alberto, que segurava a mala e o violão e sussurrava:

– Em frente, Maestro… Sempre reto… Cuidado com essa prancha,

Maestro…

El Maestro levou a cabeça de Frankie até seu rosto várias vezes, roçando

as faces no nariz e no queixo da criança, como que memorizando o formato.

Ele não havia contado tanta coisa! Que não fariam a jornada juntos. Que o

menino acordaria em algum lugar no bojo daquele navio, na companhia de homens que haviam sido subornados para garantir a viagem dele. Que no estojo do violão ele encontraria um maço de dinheiro, documentos de viagem,

um pedaço de tecido com um endereço americano e um bilhete com as letras

tortas da caligrafia de um cego dizendo:

Francisco

É hora de você partir. É perigoso demais aqui. Esse é o desejo de seu pai. Ele ama você e irá encontrá-lo um dia. Lamento não poder continuar

lhe ensinando. Mas você pode aprender sozinho agora. Encontre sua tia na

América. Quando precisar de dinheiro, toque violão. Se sentir minha falta,

como eu sentirei a sua, feche os olhos e toque as cordas que lhe dei.

Estarei sempre em sua música.

Maestro

Ele não falou mais nada – nem os detalhes da visita à prisão, nem a duração da pena de Baffa, nem as respostas para as inúmeras perguntas de Frankie, inclusive sobre El Maestro um dia ter enxergado. A verdade era que,

sim, o professor havia enxergado. Ele perdera a visão lutando na guerra civil

do país, protegendo o irmão mais moço da esposa, que havia fugido para lutar pela República. Ele fora para o campo de batalha atrás do cunhado. Durante um ataque violento, El Maestro salvou o rapaz de uma granada, que acabou explodindo perto dele, soltando um gás venenoso com cheiro de mostarda. Nos dias seguintes, sua pele ficou manchada e sua visão desapareceu lentamente, como uma cortina descendo sobre sua vida.

Envergonhado, o cunhado fugiu do país. El Maestro voltou para casa cego.

– Chegamos, meu amigo – disse Alberto.

– Onde estão nossos contatos?

– Bem à nossa frente – respondeu Alberto, acenando com a cabeça para dois marinheiros com barba por fazer da casa de máquinas.

– Ele é cego? – perguntou um dos marinheiros.

– Ele é um grande artista – declarou Alberto.

– Vocês sabem o que fazer com o menino? – perguntou El Maestro.

– Sim, sim. Inglaterra, depois América. Depressa.

– Alberto? Eles são de confiança?

– São de confiança, Maestro.

– Fizemos isso muitas vezes – contou o marinheiro. – Onde está o dinheiro?

– No meu bolso. Pegue a criança. Cuidado.

El Maestro entregou Frankie, que dormia, e sentiu os braços aliviados do

fardo. De repente, ele arfou. Não estava preparado para o vazio que o assolou.

– Esperem. Onde ele está? *Onde ele está?*

– Bem aqui, pelo amor de Deus.

– Francisco!

– Acalme-se. Estamos com ele. Vê? – disse o marinheiro enquanto pegava a mão de El Maestro e o fazia tocar no rosto de Frankie. – Tudo bem? Fale baixo.

– Sim. Desculpe.

– Ele ficará seguro.

– Bom.

– Isso é difícil para ele – observou Alberto.

– O dinheiro. Agora. – O marinheiro cuspiu. – Não é culpa minha que o homem não possa ver.

Claro que, se El Maestro pudesse ver, nossa história seria diferente, pois, muito antes de entregar o menino sob o luar, teria reconhecido algo no cabelo da cor de uvas pretas de Frankie e na curva de seus lábios. Teria visto no rosto do menino o reflexo inequívoco de sua esposa, Carmencita. Teria de algum modo percebido que ela era a mãe de Frankie e que o corpo deixado para trás na igreja era apenas metade do assassinato que ele havia imaginado.

Teria percebido, quando Baffa confessou não ser o pai da criança, que ele, El Maestro, era. Que por anos ele estivera ensinando o filho pelo qual ficara de luto.

Mas foi essa a nota que o destino resolveu omitir, sombreando a melodia para torná-la desoladora. Assim, o cego, sem saber, entregou seu único filho para dois marinheiros da casa de máquinas. Deu a eles dez maços de pesetas do saco de veludo no bolso do casaco. Eles pegaram o menino, a mala e o violão que continha os documentos de viagem assinados por Carlos Andrés Presto, citando o garoto não como Rubio, mas como Francisco Presto.

Ao perder o pai, Frankie readquiriu seu nome.



Minutos depois, o navio afastou-se do porto. El Maestro ouviu o motor coaxante, o bater das ondas contra o casco, todos os sons da desatracação. Permaneceu ali na rampa, bem acima da água, até os sons sumirem e o navio estar muito distante. Tirou os óculos escuros e esfregou os olhos com as costas das mãos. De repente não conseguiu segurar as lágrimas.

– Por que está chorando, Maestro? – perguntou Alberto.

Ele não tinha palavras para responder. Apenas sentia-se oco como o interior de seu violão. Estendeu o braço até encontrar o ombro do músico.

– Meu amigo… Obrigado por me ajudar.

Ele não pôde ver a expressão vazia no rosto de Alberto. Não pôde ver os olhos se estreitarem ou o maxilar cerrar-se. Apenas sentiu a mão do homem deslizar rapidamente para dentro de seu bolso e furtar o saco de veludo com dinheiro.

– Não tem de quê – disse Alberto. – Adeus.

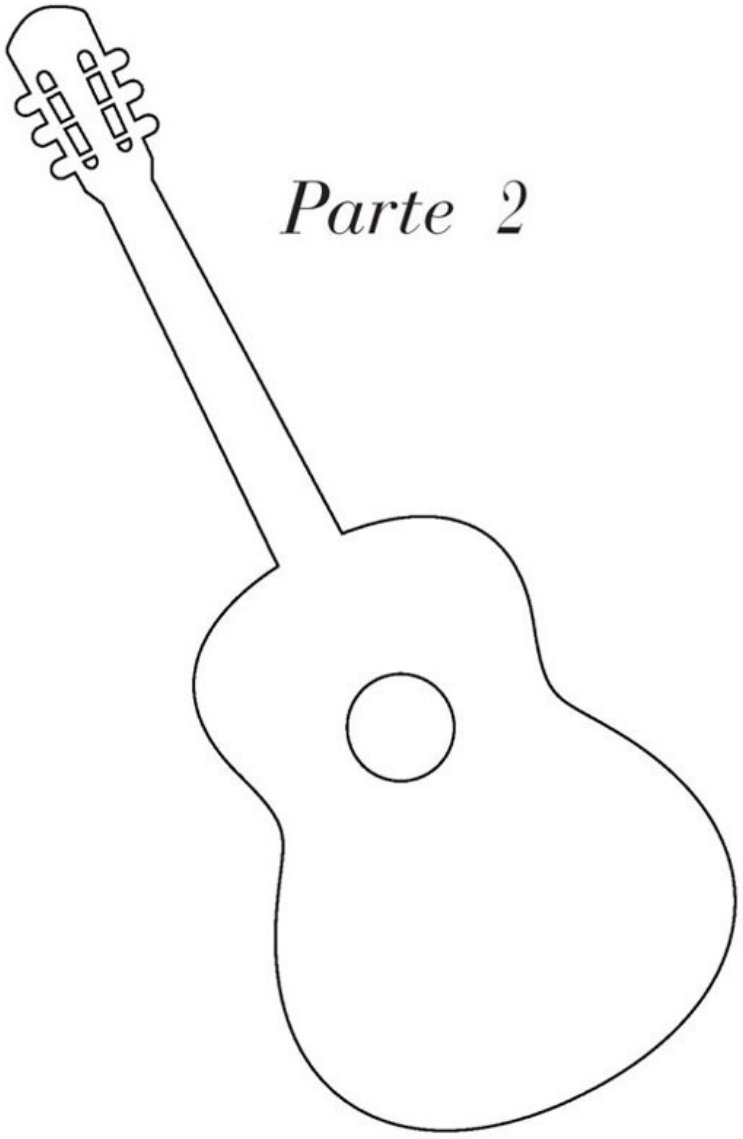
Alberto empurrou o cego da rampa, de uma altura de seis metros,

jogando-o dentro d’água, onde as lágrimas de El Maestro e o mar tornaram-se

um.

3 Encontrei o meu amor em Avalon / Junto à baía… / Deixei o meu amor em Avalon / E parti…

4 Sonho com ela em Avalon / Do anoitecer ao amanhecer / Por isso acho que seguirei viagem / Até Avalon.



Parte 2

Niles Stango

Historiador de música, escritor

FRANKIE PRESTO TINHA MEDO DO PALCO.

Sabia disso? É verdade. Ele disse que vinha da infância, de uma

apresentação que fez aqui na Espanha e a plateia vaiou. Ele nunca superou.

Tinha que se ajoelhar e respirar fundo antes de cada show. Um monte de grandes estrelas sofre disso. Streisand. Adele. David Bowie. Carly Simon.

Suam. Vomitam.

Mas, tão logo Frankie Presto subia ao palco, não se via nervosismo nele.

Ele cantava e tocava – e sabia dançar. Dançar de verdade. Eu o colocaria na

minha lista dos cinco maiores artistas dos primórdios do rock and roll. Quer

saber quais são os cinco? James Brown. Elvis. Chuck Berry. Frankie Presto.

Little Richard. Essa é a minha lista. Tenho um monte de listas.

A primeira vez que o vi? Auditório Municipal de Buffalo. Eu havia

começado a escrever para a revista *LIFE*, recém-saído da faculdade, e me contrataram para redigir uma matéria sobre "The Twist"– a dança de Chubby

Checker, isso mesmo –, por isso fui a Buffalo entrevistar Chubby, que estava

no programa com uma penca de outras atrações, inclusive Frankie Presto. E

vou lhe contar, Presto roubou o show. Apresentou quatro canções. Só tocou violão numa delas – e mesmo assim era, sem dúvida, o melhor músico no palco. Fez um solo deslumbrante numa versão acelerada de "My Girl

Josephine". Fez *bending* e acentuou o contratempo – acho que jogou umas frases de jazz ali – e fez tudo isso *dançando*, deslizando para a esquerda e para a

direita, mergulhando e balançando o violão como uma espada. Vi os caras da banda se entreolharem e balançarem a cabeça em aprovação. É assim

que você sabe que alguém é bom, quando nem a *banda* consegue acreditar.

Perguntei sobre isso para ele aquela noite no *backstage*:

– Como é que você não toca violão o tempo todo? Você é fantástico.

Ele apenas riu e disse:

– Ah, tenho que tomar cuidado com esse violão. Ele é superpoderoso.

Agora me recordo da palavra, "superpoderoso", porque é uma coisa que

você diria se tivesse crescido no Mississippi, não na Espanha, certo? Porém,

como se descobriu mais tarde – escrevi sobre isso no meu segundo livro, *Profiles of Rock* (Perfis do rock) –, Frankie Presto cresceu por toda parte: Inglaterra, Detroit, Nashville, Louisiana, Califórnia. Nunca consegui chegar à

verdadeira história da vida dele neste país. Ele costumava dizer: "Não me lembro direito da Espanha." Sempre achei que ele estivesse mentindo. Quem

não se lembra de pelo menos *alguma coisa*?

Mas você queria saber os maiores sucessos dele? Tenho uma lista

também. Aqui estão minhas três canções preferidas:

A número 1, obviamente, é "I Want To Love You". Vendeu 2 milhões de

cópias – o que, naquele tempo, era um número inacreditável. Naquela época

ninguém abria as músicas somente com a bateria. O martelar do ritmo. *Ba-bump-bump*. Aí aquele grito do violão. E então ele canta: "*Ah-ahhhh want to love you*…" A massa vai à loucura. Ah, sim. Eu colocaria essa como a maior canção de rock and roll de 1960. A número 2, para mim, é "No, No, Honey",

que ele compôs com Abby Cruz. É uma cançãozinha tímida de um homem

suplicando a uma mulher que não vá embora, apesar do comportamento dele.

E tem, é claro, aquele breve vocal feminino no fim, que não se sabe quem faz,

em que a mulher canta “Yes, yes, honey” e o aceita de volta. Até hoje as pessoas tentam adivinhar quem seja. Pensei que fosse Darlene Love; parece ela, mas ela negou. De qualquer forma, “No, No, Honey” é, sem dúvida, a minha número 2.

Por fim – a número 3 –, fico com “Our Secret”. É poética. É assombrosa.

Burt Bacharach produziu, quem diria. Colocou um *reverb* na voz de Presto, que soa realmente fantasmagórica. Não vendeu tão bem quanto as outras

duas, mas ainda assim é a melhor balada dele. Perguntei, certa vez, sobre a inspiração para “Our Secret” e ele disse:

– Você não conhece ela.

Amigos? Não posso dizer que fôssemos amigos. Ele foi bacana comigo ao

longo dos anos, mas vamos ser honestos: o trabalho de um jornalista é bisbilhotar. E Frankie Presto tinha um monte de segredos, então não ficava louco de alegria ao me ver por perto, especialmente quando comecei a

trabalhar para a *Rolling Stone*. Uma vez ele me falou:

– Niles, o que eu toco, você não pode escrever, e o que você escreve, eu

não posso tocar.

Nunca consegui descobrir nada sobre os pais dele, sobre como chegou à América, nem mesmo que escola frequentou – se é que frequentou alguma.

Era como um fantasma que de repente se materializou como um astro do rock

and roll. A última vez que entrevistei Frankie foi há uns 40 anos, no final dos

anos 1960, antes do longo sumiço. Estávamos num clube em Nova York, ele

metido naquele lance de drogas, como todos nós na época, e Frankie me disse

uma coisa estranha:

– Niles, restam-me três cordas.

Presumi que estivesse se referindo à idade dele…

A minha? 72. Aposentado na maior parte do tempo. Hoje vivo em Paris e estou trabalhando num novo livro. Quando ouvi que Presto tinha morrido – e como ele morreu, erguendo-se acima da multidão como se estivesse voando e depois caindo como numa apresentação de circo –, bem, me joguei num avião para Barcelona e vim de carro até aqui. Acho que meus velhos instintos de repórter vieram à tona. Pensei em escrever um artigo para algum lugar, como *Newsweek* ou *Time* – sabe como é, "a vida e a morte de um *popstar* misterioso" –, mas a maioria dos locais que contatei só queria saber se Presto foi assassinado, e não sobre a carreira dele. Foi por isso que sua equipe veio, certo? Morte vende. Música nem tanto.

Mesmo assim, digo o seguinte: tem uma história aqui. Há algo esquisito.

Andei fazendo perguntas por aí e algumas pessoas disseram ter visto Presto, na manhã do dia em que morreu, perto da estátua de Francisco Tárrega.

Estava com o violão e havia alguém com ele.

Gostaria de tê-lo ouvido tocar mais uma vez. Ele não gravou um disco durante décadas – a menos que se acredite na lenda do álbum "não lançado", aquele que chamam de *As cordas mágicas de Frankie Presto*. Vai saber se é ele. Existem tantos boatos. Certa vez um escritor perguntou a Frankie qual tinha sido sua apresentação mais corajosa – de todos os tempos – e ele respondeu que foi a vez em que tocou sozinho no fundo de um navio. Fiquei pensando: "Ah, tá…" Fundo de um navio? Ele é o que, um pirata? É como

aquela canção da *Noviça rebelde*. Como você resolve um problema como Maria? Como você conta uma história como a de Frankie Presto? Como saber

em que acreditar?



17

1969

– POSSO AJUDAR? – PERGUNTOU O HOMEM ATRÁS DO BALCÃO.

– Ovos – sussurrou Frankie.

O homem mostrou o ouvido.

– Não consigo ouvir, meu chapa.

Frankie estava com a barba por fazer, os olhos vidrados por trás dos óculos de sol de aviador. Ao se inclinar para a frente, o cabelo negro comprido caiu sobre os malares angulosos e mal dava para ver seu rosto.

– Preciso comprar… ovos.

Um adolescente com um sorriso escancarado reclinou-se no balcão

subitamente, dando um encontrão no ombro de Frankie. Ele usava um chapéu

verde de aba mole.

– Ei, cara, você vende cerveja?

– Os ovos estão ali – disse o homem.

Ele ignorou o adolescente, apontando para uma prateleira refrigerada atrás

de um bando de jovens, homens com barbas desgrenhadas e bandanas,

mulheres com vestidos estampados ou shorts jeans azuis, muitos deles

descalços. O chão da loja estava coberto de pegadas enlameadas.

– Sessenta centavos pelos ovos – informou o homem enquanto ajeitava os

óculos. – Você tem 60 centavos, meu chapa?

Alguém gritou:

– Estou muito louco!

E outros rugiram em aprovação. Um ventilador de teto girava no alto.

Frankie meteu a mão no bolso e oscilou sobre os calcanhares. Conseguia sentir o violão no estojo macio às suas costas, mas não conseguia mais enxergar o homem diante dele. Era como se estivesse no meio de um balão,

sendo espremido pelo lado de fora.

– Aqui – Frankie balbuciou, catando uma nota de 20 dólares de um maço em sua mão.

– Pode me dar uma? – perguntou o rapaz.

Frankie deixou cair outra nota.

– Vou pegar vinte cervejas! – anunciou o rapaz.

Frankie achou uma caixa de ovos e foi embora cambaleante. O homem

gritou para ele:

– Vai querer o troco?

Mas Frankie já estava abrindo a porta de tela para o ar pegajoso do verão.

Eram os Estados Unidos da América, no ano de 1969, no mês de agosto,

no estado de Nova York, durante o festival de música de três dias conhecido

como Woodstock, no qual meio milhão de pessoas reuniu-se em uma fazenda

de gado leiteiro de 2,4 quilômetros quadrados. Frankie, então com 33 anos, era alto e esguio, com olhos azuis profundos, ombros largos, mãos grandes e barbicha no queixo e bochechas. Sua vida naquele exato momento era, em termos musicais, *lontano* – distante ou longe –, e nesses compassos de tempo erráticos me é impossível fazer a notação. Aquilo se devia a algo que Frankie bebeu ou engoliu quando estava atrás do palco do festival. Não sei dizer o que era. Duvido que o próprio Frankie soubesse.

Num instante vou explicar por que avançamos tanto a nossa história e por que a jornada de Frankie em Woodstock marcaria um momento decisivo em sua vida, em sua música e em seu romance com Aurora York, a menininha da árvore que ele procuraria durante boa parte da juventude.

Primeiro, porém, desejo dizer algo sobre os estados alterados como aquele em que Frankie se encontrava. Eles não aproximam vocês de mim.

Apenas me deixam tonta.

Por séculos, músicos buscaram me encontrar na ponta de uma agulha ou no fundo de uma bebida. É ilusão. E com frequência acaba mal.

Veja o meu querido discípulo russo Modest Mussorgsky. Em 1881, ele jazia de bruços numa taberna em São Petersburgo. Esse homem um dia compôs obras maravilhosas, como *Quadros de uma exposição* e *Uma noite no monte Calvo* (que mais tarde ficou famosa por causa de um desenho animado



chamado *Fantasia*). Ele não compôs nada naquele bar, acreditando que o álcool fizesse dele um artista. Morreu aos 42 anos.

Eu estava lá para recolher seu talento.

E estava no leito de hospital da minha amada Billie Holiday, de apenas 44

anos, que teve o fígado destruído pela bebida; e estava dentro do quarto de hotel de Charlie Parker, meu singular saxofonista de jazz, que morreu aos 34

anos, com o corpo tão destroçado pelas drogas que os legistas pensaram que

tivesse 60.

Tommy Dorsey, o líder de orquestra, sufocou durante o sono aos 51 anos

de idade, tão chumbado com pílulas que não conseguiu acordar. Johnny Allen

Hendrix (vocês o chamavam de Jimi) engoliu um punhado de barbitúricos e

expirou. Tinha 27 anos de idade.

Essa ideia de que uma arte mais pura espera por você em alguma

substância não é nova. Mas é ingênua. Eu existia antes de as primeiras uvas

serem fermentadas. Antes de o primeiro uísque ser destilado. Com ópio ou absinto, maconha ou heroína, cocaína ou ecstasy, ou com qualquer novidade

que surja, você pode alterar o seu estado, mas não pode alterar a seguinte verdade: eu sou a Música. Estou dentro de você. Por que eu me esconderia atrás de um pó ou uma fumaça?

Você me considera tão insignificante assim?

Mas vamos voltar à jornada atordoada de Frankie através de uma

fazenda lamacenta, carregando um violão e uma dúzia de ovos. Uma banda chamada Santana estava num palco fora do alcance da visão, e a voz do cantor parecia vir do céu.

You've got to change your evil ways… baby[5]

Frankie estava perdido. A substância química em seu organismo, ingerida

pouco antes do nascer do sol, fizera-o vagar para longe da área dos músicos.

Ele só lembrava do seguinte:

Estava com Aurora York, que agora era sua esposa, e ela estava dormindo sobre uma manta de algodão, grávida do primeiro filho deles. Ele não queria acordá-la, mas acabou acordando.

– Francisco?

– Aurora – sussurrou ele.

– Significa alvorecer.

– Eu sei.

– Estou com fome, Francisco. Se você me ama, vá buscar o café da manhã.

Ela franziu os olhos e sorriu. Frankie disse a ela para esperar ali, pois ele iria buscar ovos e cozinhá-los. Mas, depois daquilo, as coisas ficaram nebulosas. E agora, do lado de fora do mercado, ele não sabia ao certo há quanto tempo aquilo acontecera.

– Era uma fada?

– Não creio, Maestro.

– Tinha olhos estranhos?

– Sim.

– Era gentil e solícita?

– Sim.

– Era uma fada.

Ele sacudiu a cabeça para dissipar a voz de El Maestro que,

frequentemente, pipocava em sua mente. Tentou localizar a área do palco onde havia deixado Aurora, mas só conseguia ver um mar de espectadores, alguns dos quais pareciam ter caudas de cometa ao se movimentar. Pisou de

modo desajeitado em cima de sacos de dormir e cobertores. A voz de um homem ressoou pelos alto-falantes:

– TEMOS ALGUNS AVISOS PARA DAR, PESSOAL… MUITO BEM,

ESSE É MANEIRO… A VIA EXPRESSA DO ESTADO DE NOVA YORK

ESTÁ FECHADA! FECHAMOS A ESTRADA, CARA!

Houve uma onda retumbante de aplausos e Frankie balançou a cabeça.

Era tudo barulhento demais. Em meio às pessoas batendo palmas para

festejar, ele fitou a caixa de ovos até os ouvidos detectarem a música.

Lord knows you got to change…[6]

Frankie foi na direção do som aos trambolhões, tentando me usar como

compasso e procurando se lembrar quando – e com que banda – deveria tocar.

5 Você tem que mudar esse seu jeito malvado… baby.

6 Deus sabe que você tem que mudar…

18

1946

– TOQUE ALGUMA COISA. *JOUE*.

Frankie olhou para cima. Ele tinha 10 anos, vestia roupas esfarrapadas e

estava sentado ao lado do estojo aberto do violão nas docas de Southampton, um porto na costa sul da Inglaterra, duas horas ao sul de Londres. Um homem de bigodinho fino e fala francesa se aproximou dele.

– *Joue* – disse o homem de novo, sacudindo o punho. – *Pompe*.

– Como, senhor?

– *Pompe*. Seu "violom". "Asim."

O homem fez um movimento rápido, como se coçasse o peito. Já estava quase escuro e Frankie deu uma olhada nas duas moedas dentro do estojo.

Não eram o suficiente para comprar uma única batata, que era tudo que ele havia comido desde a manhã. Os navios tinham entrado no porto para passar a noite. Aquele estrangeiro era a última esperança.

– Por favor, senhor. Estou com fome. Posso tocar uma canção por um xelim.

O homem mordeu o cigarro e tirou uma moeda do bolso.

– *Joue* – repetiu ele, jogando a moeda. – Algo alegre, *oui*?

Algo alegre. A simples ideia parecia estranha para Frankie. Fazia mais de um ano que ele havia deixado a Espanha naquele navio. Depois de três dias sob o convés, foi acordado à noite e lhe mandaram rastejar para debaixo de um cobertor vermelho imundo.

– Para sua proteção – disse um dos marinheiros.

– Onde está meu professor?

– Está vindo.

– Meu violão…

– Estamos levando suas coisas. É uma brincadeira, certo?



– Eu quero El Maestro!

– Baixe a voz! A brincadeira é assim. Você se esconde, e então ele acha você.

– Mas…

– Quieto! Se você falar, ele não vem.

Frankie inspirou enquanto o mundo escurecia. Envolvido naquele cobertor, foi carregado para fora do barco por dois homens. Ouviu o bater da água, o ranger da madeira, velas se agitando, a própria respiração acelerada.

Ele foi depositado em cima de uma superfície dura e o estojo do violão foi deslizado para debaixo do cobertor. Ele o agarrou com um braço, como se a caixa pudesse mantê-lo a salvo.

– Seu professor vem logo – sussurrou um marinheiro. – Fique no cobertor até ouvi-lo.

Claro que o professor nunca veio. Nem ninguém. Os marinheiros abandonaram Frankie no porto britânico e, nos meses que se seguiram, o jovem Francisco Presto juntou-se a uma longa linhagem de predecessores talentosos, mendigando com sua música para conseguir comida. Quanto isso recua no tempo? Francesco Corbetta, meu virtuoso italiano do violão barroco, teve que tocar nas ruas da Florença do século XVII; trezentos anos depois, Irving Berlin cantava por moedas no Lower East Side de Manhattan. Vocês deveriam se

envergonhar de tratar meus filhos dessa maneira, como cachorros

implorando restos.

Frankie, com o violão onipresente, raramente vagava para além das docas.

Pelo bilhete, ele sabia que deveria encontrar a tia na América. Mas os contrabandistas haviam levado o dinheiro; portanto, isso agora era impossível.

Toda noite ele sonhava que via El Maestro descendo de um navio, guiado por

Alberto, o músico de conga; Frankie corria para o professor e pegava sua mão. E o cego então perguntava: “Você tem praticado, Francisco?” E as coisas ficavam bem outra vez.

Assim, o menino permaneceu à espera naquele porto fedorento, tocando

para viajantes, até mesmo dançando se eles quisessem. Frankie foi de músico

a artista – às vezes ele tinha o que comer, às vezes não.

Naquele momento, ele acomodou o violão no joelho que era puro osso. As

unhas estavam irregulares por serem roídas para se manterem curtas. *Algo alegre*. Ele escolheu uma canção vivaz chamada “Billets Doux”, de Django Reinhardt, o famoso cigano nascido na Bélgica, considerado o maior

violonista de jazz da Europa. (El Maestro se referiu a ele certa vez dizendo:

“Ele não é deste mundo.”)

A canção era rápida e vibrante, como uma criança saltitante, e exigia plena atenção de Frankie – por isso, enquanto tocava, ele não reparou na expressão atônita do francês, nem viu o cigarro cair de seus lábios.

– Qual é nome, essa canção? – perguntou ele, falando a língua com

dificuldade.

– “Billets Doux”.

– Quem compor?

– Django Reinhardt.

– Quem ser ele?

– Um grande violonista.

– Que significar? “Billets Doux”?

– Não sei. Só sei o nome.

– Você tocar bem.

– Obrigado, senhor.

– Onde sua mãe?

– Morreu, senhor.

– Onde seu pai?

– Não sei, senhor.

O homem acendeu outro cigarro e olhou para a água.

– Eu ir em viagem. Muito longe.

– Sorte sua, senhor.

– Não querer ir.

– Por que não, senhor?

– Ter bebê. Menino como você.

– Que bom, senhor.

– Bebê morrer. Dois mês atrás. Não querer ir viagem. – Ele bateu com a mão na amurada. – Não querer fazer nada.

Frankie não soube o que dizer. A água batia nos pilares de madeira.

– *Parles-tu français?* – perguntou o homem subitamente.

– Não, senhor. Apenas inglês.

– Você não ser inglês.

– Sim, senhor. Sou.

– *Hablas español?*

Frankie não respondeu.

– *Bueno* – disse o homem, e dali em diante falou apenas num espanhol capenga.
– Agora, de onde você realmente é?

Frankie sacudiu os ombros.

– Espanha, sim? Qual parte?

– Não sou mais de lá.

O homem tocou com o pé no estojo do violão de Frankie.

– Escute. Para onde tenho que ir preciso de alguém que fale inglês. Meu

inglês é ruim.

– E daí?

– Seu inglês é bom. Você vai? Traduz minhas palavras? Daí talvez eu vá.

– Não, obrigado.

– Eu pago.

– Não, obrigado.

– Dou cama.

– Não, obrigado.

– Dou comida.

– Por que você está indo?

– Para fazer música.

– Você é músico?

– *Oui*. Talvez não tão bom quanto você.

O homem estendeu a mão direita na direção do violão de Frankie.

– Deixe-me tentar.

– Não estrague ele.

O homem ajustou a correia no ombro. Colocou a mão esquerda no braço do violão. Só então Frankie reparou que os dedos tinham graves deformações: dois estavam mutilados e apenas o segundo e o terceiro alinhavam-se aos trastes.

– É bom violão.

– Eu sei.

– Onde conseguir essas cordas?

– Meu professor.

– De que são feitas?

– Não sei.

Ele ronronou como se acariciasse veludo.

– *Magnifique*.

– Você toca mesmo?

Vendo os dois dedos, Frankie teve dúvidas.

– Eu tentar “Billets Doux” – disse o homem.

Ele balançou o queixo, expirou profundamente, então tocou a mesma

canção – mas tão rápido que Frankie parou de respirar. Os dois dedos do homem dispararam pelos trastes, segurando uma nota e a seguir saltando para

muitas outras, derramando cascatas de oitavas com a suavidade de um óleo vertido por um funil. Aqueles dois dedos produziam mais música que

quaisquer cinco dedos poderiam, e ele terminou com um *sweep* de acordes usando a técnica de *pump* que havia tentado explicar, um dedilhado sincopado que fazia o violão soar como uma locomotiva.

– “Billets Doux”, não? – disse o francês, devolvendo o violão. – Significa

“cartas de amor”.

– Como é que você sabe?

– Eu escrever ela.

O homem sorriu pela primeira vez, o bigode se elevou.

– Sou Django.

– Você?

– *Oui*. Eu mesmo.

Frankie pegou o violão. Sentia arrepios.

– O que aconteceu com suas mãos?

– Um incêndio.

– Você se queimou?

– Quando eu era jovem.

– Você toca com dois dedos?

– Toco com isso.

Ele tocou o peito, perto do coração.

Frankie não podia acreditar. Tinha escutado os discos daquele homem

tantas vezes, sentado ao lado de El Maestro no apartamento em cima da lavanderia, ambos imaginando um violonista com mãos grandes, poderosas,

de incrível alcance. Foi a primeira vez que meu filho percebeu a total desconexão entre o corpo de um homem e a música que ele pode fazer.

– Você ser cigano? – perguntou Django a Frankie.

– Não.

– Eu sou cigano. Venha comigo, eu lhe mostro como tocar como cigano.

Frankie mordeu o lábio superior. Estava com tanta fome. E aquele era

Django Reinhardt!

– Quando?

– Partimos em manhã.

– *Amanhã* de manhã?

– Sim.

– Por que tão rápido?

– Toco com banda. Estão esperando.

– Que banda?

– Duke Ellington.

– *O* Duke Ellington?

– *Oui*.

– Onde?

– América.

Frankie estremeceu. América? Sua tia estava lá!

Django estendeu a palma da mão.

– Você vai, eu vou?

– Ok – disse Frankie.

Apertaram-se as mãos. Frankie olhou para o violão.

A última corda tinha ficado azul.



19

1969

– WHIP, WHOP! WHIP, WHOP! WHOOO!

Enquanto o sol se punha em Woodstock, Frankie passava por um enorme grupo de espectadores gritando, dançando e batendo tambores.

– Whip, whop! Whip, whop! WHOOO!

Alguns usavam ponchos, outros estavam sem camisa e dois homens louros que pareciam irmãos haviam enrolado toalhas verdes no pescoço como capas. Passavam uma garrafa enquanto cantavam. Um irmão alcançou-a para Frankie e fez sinal para que bebesse.

Frankie tomou um gole.

– Venha! Toque! – chamou o homem.

Ele apontou para o violão de Frankie.

– Vamos lá, cara. Faça um rock pra gente!

– Rock! Rock! – entoou a multidão.

A batucada continuou.

– Ei, eu sei quem você é! Você é Frankie Presto!

– Uau!

– Sério?

– Quem?

– Frankie Presto, cara! Shake, Shake! Lembra?

Mesmo num estado de consciência confuso e nebuloso, Frankie sentiu um

reflexo de fuga manifestar-se. *Você é Frankie Presto!* Ele tinha que cair fora quando alguém dizia isso.

– Shake, Shake, Frankie! Shake, Shake, Frankie!

Passaram a garrafa e bateram os tambores, e agora todos cantavam,

chamando por ele.

– Shake, Shake, Frankie!

Ele deu meia-volta e cambaleou, indo embora enquanto ouvia:

– Buuu! Não! Ahhh! Ele está surtando.

Frankie sentiu o coração disparar e, ao se ver a uma distância segura, atirou-se no chão lamacento, numa área de ônibus amarelos, todos com

mensagens coloridas pintadas com spray. Ele respirava pesadamente,

deixando os ouvidos encontrarem a música que estava no ar. Era mais uma banda que ele conseguia escutar mas não via, Canned Heat, cantando algo chamado “Going Up the Country”. “Seria uma flauta?”, pensou Frankie. Sim.

Uma flauta.

– Ei, cara – alertou uma voz feminina –, pega leve.

Ele se virou e viu uma mulher atraente de cabelo escuro sentada dentro de

uma van roxa. Vestia uma regata laranja e short de brim, tinha a pele bronzeada e as unhas pintadas de cores diferentes. Ela fez Frankie pensar em

Aurora. Onde ele vira Aurora pela última vez? Os ovos. Tinha que levar os ovos para ela. *Se você me ama, vá buscar o café da manhã.*

– Qual é o seu nome? – perguntou a mulher.

– Frankie.

– Venha cá, Frankie… – disse ela.



20

1946

– VENHA CÁ, FRANCISCO! – BRADOU DJANGO. – ELES CHEGAR!

Frankie voltou correndo para perto do francês, que usava uma echarpe

vermelha e casaco esporte azul e estava parado junto a um portão da estação

de trem chamada Grand Central, em Nova York. Frankie estivera pulando

entre os feixes de sol que se derramavam pelas janelas mais altas do terminal.

Ele nunca vira paredes tão elevadas. O mundo de Frankie, até seus 9 anos de idade, começava e terminava nas ruas de Villarreal. Expandiu-se nas docas de Southampton. E explodiu ao desembarcar na América. Tudo que ele via era maior e mais grandioso do que já vira antes. Os carros. Os edifícios. As malas que as pessoas carregavam. Os chapéus que usavam.

– Veja, Francisco. Ser ele, não?

Entre as ondas de viajantes, Frankie viu dois estranhos se aproximarem, um deles um homem alto e impressionante, com bigodinho e cabelo penteado para trás. Frankie tinha visto o rosto dele na capa de um disco. Era como ver o papel ganhar vida.

– Monsieur Django, suponho? – disse Duke Ellington, estendendo a mão.

– Monsieur Duke, prazer grande é.

Frankie estava abismado. Lembrou-se da noite em que El Maestro o fez colocar para tocar o disco de Duke Ellington repetidas vezes até permitir que ficassem com o fonógrafo.

Django tocou no ombro de Frankie e balbuciou "*chavo*" (a palavra cigana para "garoto"), e então desandou numa mistura de espanhol e francês. Frankie devolvia as palavras em inglês.

– O Sr. Django diz que está muito animado e honrado por conhecê-lo e se apresentar com sua orquestra – traduziu Frankie. – Além disso, gostaria de ouvir Dizzy Gillespie tocar em algum local.

– E você, jovem escudeiro? – perguntou Duke Ellington sorrindo.



– Hã?

– Você é filho dele?

– Não… – Frankie não sabia o que ele era. – Sou o falador dele.

– Muito bem, falador. Diga que partiremos para Cleveland em uma hora.

Frankie fez conforme o solicitado, embora não soubesse o que era Cleveland; por isso, disse apenas “Cleveland”. O homem que acompanhava Duke Ellington propôs:

– Eu carrego o violão do Sr. Reinhardt.

– É meu – esclareceu Frankie.

– Onde está o do Sr. Reinhardt?

– Ele não trouxe nenhum.

– Ele não trouxe um violão?

Frankie traduziu. Django pareceu constrangido, quase zangado. Desfiou uma torrente de palavras.

– Ele disse que achou que alguém aqui daria um violão para ele.

No trem para Cleveland, Frankie estava excitado demais para ficar sentado e quieto. Ele agora trajava um casaco novo que Django lhe comprara em uma loja na estação de trem. E estava viajando com músicos! Na plataforma, Frankie maravilhou-se com a bagagem deles – trompetes, bateria,

um contrabaixo. Alguns abriram seus estojos e sopraram algumas notas para ele.

– O que *vocês* tocam? – perguntou Frankie para um grupo de homens.

– Saxofone – responderam.

– Todos vocês tocam o mesmo instrumento?

– Tenor.

– Alto.

– Barítono.

Frankie ficou boquiaberto. Os músicos permitiram que ele segurasse diferentes instrumentos de sopro – dourados, prateados, um trombone com pisto que deslizava para a frente e para trás. Ele se sentia como se alguém tivesse aberto um baú de tesouros. O melhor de tudo foi que lhe deram o roteiro da turnê, e nele Frankie leu a palavra *Detroit*. Aquela era a cidade! A do pedaço de tecido que ele guardava no estojo do violão! Ele encontraria sua tia e ela o ajudaria a voltar para a Espanha, para o pai e para El Maestro.

Ele estava no caminho certo outra vez.

Frankie permitiu-se uma sensação de vertigem que não experimentava desde Villarreal, um frio na barriga que o fazia ansiar pelo dia seguinte.

Deram a ele a cama de baixo no beliche do vagão-dormitório, mas, em pé ao lado de um trompetista atarracado, Frankie não se controlou e pediu:

– Posso ficar em cima?

– Claro que sim – disse o homem. – Assim não preciso ficar escalando.

Frankie subiu ligeiro e saltou sobre o colchão. O trem arrancou e começou a roncar. Frankie ouviu o riso disperso dos músicos e alguém cantarolando uma canção. Gostou da camaradagem daqueles homens, que se pareciam mais com os meninos do que com os homens da Espanha. Tinham até nomes infantis, como “Cat”, “Taft” e “Shorty”. Deitado no beliche, Frankie sorriu.

Ele havia entrado em outra banda, dessa vez sem sequer tocar.

Naquela noite, Django veio ver as acomodações de Frankie. Os músicos estavam se vestindo para deitar e Django reparou que todos usavam cuecas boxer com estampas florais coloridas.

– *Que están usando?* – perguntou, rindo.

– Ele quer saber o que vocês estão vestindo – disse Frankie.

Os homens pareceram surpresos.

– Será que ele nunca viu roupas de baixo bacanas antes?

– Vocês são loucos – falou Django sem pensar.

– Ele disse que vocês são loucos.

– Nós ouvimos.

– Não somos nós que temos um tradutor tampinha.

– Digam isso a Duke.

Frankie seguiu Django ao compartimento que ele dividia com o Sr. Ellington. Quando entraram, o líder da banda também estava se despindo.

Django ficou chocado ao ver que os trajes íntimos dele eram ainda mais espalhafatosos, com corações e flores em uma estampa colorida.

– Algum problema? – questionou Duke.

– *Non, non* – negou Django.

Ele se inclinou para Frankie e sussurrou em espanhol:

– *Chavo*, isso aqui é um país estranho.



21

1969

– VAI COZINHAR ESSES OVOS? – PERGUNTOU A MULHER NA VAN.

Ela usava sombra azul, tinha os lábios pintados e três colares pendiam de seu pescoço.

– Cozinhar? – Frankie olhou para a caixa. – Sim.

– Onde?

Ele apontou na direção da música.

– Lá.

– De onde você é?

– Eu?

– Sim, lindo. – Ela sorriu. – Você.

Quando questionado dessa maneira, Frankie normalmente dizia Califórnia. Dessa vez disse:

– Espanha.

– Bem longe – murmurou a mulher. – Veio ouvir a música?

– Tocar.

– No palco?

– Sim.

– Você está bem distante do palco.

– Tenho esses ovos.

– Você disse que…

– Para o café da manhã.

– Você é mesmo da Espanha?

– *Sí*.

– Você é engraçado.

Ele sentiu os joelhos bambos. Firmou-se na porta da van.

– Por que não entra?

– Onde?

– Aqui do meu lado.

Frankie entrou. Ficaria apenas por um minuto, disse a si mesmo.

– Como você chegou aqui? – perguntou ela.

– Vim a pé da loja.

– Não – falou rindo. – Você disse que é da Espanha. Como chegou *aqui*? –

Ela abriu os braços. – Estados Unidos.

Frankie deixou cair a cabeça sobre um almofadão bordado. Observou a

mulher fechar um cigarro.

– Com uma banda – respondeu ele.



22

1946

A BANDA DE DUKE ELLINGTON EXCURSIONOU POR TRÊS MESES. NESSE PERÍODO,

Frankie viu pela primeira vez uma vaca (pela janela do trem), um sorvete de casquinha e um cinema americano. Continuou a aprender as técnicas de violão cigano com Django – e a aperfeiçoar a linguagem franco-hispânica que forjaram juntos. Também ficou sabendo que o bebê de Django chamava-se Jimmy e que morrera após viver por apenas algumas semanas, que Django selecionou Bach, Händel e Mozart para tocar na missa fúnebre e que o bebezinho foi sepultado em um cemitério francês. Era a segunda vez que ele ouvia falar de um funeral adequado (a primeira vez fora por intermédio de Aurora York) e pensou em ver onde sua mãe estava sepultada quando chegasse a Detroit.

Também ficou sabendo que Django estivera prestes a cancelar aquela que acabaria sendo sua única viagem à América – ele só mudou de ideia quando Frankie concordou em acompanhá-lo. A possibilidade de viajar com um menino tornou a jornada após a morte do filho mais suportável.

Posso ver todos os futuros, aqueles que meus talentos terão e aqueles dos

quais se afastarão (assim como posso ouvir todas as melodias em um teclado, aquelas tocadas e aquelas ainda não tocadas), e posso afirmar que, se Frankie não estivesse lá, Django jamais teria vivenciado a América nem a forma como ela influenciou sua vida e arte.

Por isso a corda de Frankie ficou azul quando eles se encontraram.

Voltaremos a esse assunto. Mas, primeiro, a noite de estreia.

Quando chegaram a Cleveland, Django foi forçado a comprar um violão novo para o show, o que o deixou furioso.

– Isso é palhaçada – falou para Frankie enquanto afinava o novo instrumento. – Por que eles não ter um violão para mim? Um Selmer, como eu amo? Sou Django. Deveriam me dar um violão de ouro.

– Pode tocar com o meu – disse Frankie.

– Sim?

Ele largou o novo e pegou o de Frankie. Após alguns acordes, parou.

– É perfeito. Você afinou já?

– Sim, senhor.

Django analisou Frankie.

– Vou tocar seu violão hoje à noite e mostrar para eles quem eu sou. Mas vou devolvê-lo, e você jamais deve se desfazer dele. Nunca venda. Nunca perca. Nunca dê para alguém e espere que volte. Não renuncie à música, *chavo*. Ou vai renunciar a si mesmo.

– Sim, Sr. Django.

Naquela noite, das coxias do Cleveland Music Hall, Frankie vivenciou algo que permaneceria com ele para sempre. Os primeiros acordes de uma orquestra. O rodopiar elegante dos clarinetes e saxofones. O poder dos trombones e baixos. Até mesmo a aparência da banda – a uniformidade, todos lindamente trajados com smokings pretos – impressionou-o. E o público! Quase duzentas pessoas! Ovacionando! Era uma reação que Frankie jamais imaginara. Alguma coisa explodiu dentro dele, espalhando-se pela corrente sanguínea. Ele não entendeu a química do aplauso, mas soube, a partir daquele instante, que queria ouvir aquilo para si um dia.

Django só apareceu no final, acompanhado apenas por Duke Ellington ao piano e um baixista que tentou segui-lo. Praticamente não houve ensaio. Mas alguém disse sobre Reinhardt: “Ele é a música em forma de homem.” E eu aceito o cumprimento. Ele foi um de meus prêmios. Seu desempenho naquela noite, no violão já muito viajado de Frankie, foi tão notavelmente original que até os membros da banda bradavam:

– Vai fundo, Mestre! Vai fundo!

Django tocou quatro canções, e cada uma causou impressão maior que a anterior. Na manhã seguinte, no hotel, pediu a Frankie que achasse um jornal e lesse qualquer coisa que houvessem escrito sobre ele. Frankie folheou as páginas até ver uma manchete: ARTISTA FRANCÊS DO VIOLÃO ROUBA SHOW DE DUKE.

– Humpf – disse Django, bebendo café. – Como tinha que ser.

O tempo que ficaram juntos foi tão agitado e passou tão rápido que anos depois pareceria mais um sonho do que uma memória para Frankie. Mas certa

noite, em Chicago, Frankie assistiu à montagem de palco e reparou que a bateria exibia um desenho da gravadora RCA Victor – um cachorro olhando

um gramofone.

Frankie sentiu o estômago embrulhar. Pensou no cão pelado e no

fonógrafo no apartamento de El Maestro. Pensou em todas as partes de sua vida que havia deixado para trás. De repente, sentiu-se profundamente triste.

A viagem era empolgante, mas ele ainda era uma criança, e todas as crianças

em algum momento querem ir para casa.

Quando a turnê chegasse a Detroit, ele trataria disso.



23

1969

A MULHER DA VAN PASSOU A LÍNGUA PELOS LÁBIOS.

– Que grande barato essa história – disse ela. – Você viajou por todo lado

quando era criança? Com Duke Ellington?

– É.

– Que demais!

Ela tragou o cigarro que enrolara e passou-o para Frankie. Inclinou-se sobre as pernas dele.

– Quero ver esse violão.

A mulher abriu o estojo.

– Cuidado – balbuciou Frankie.

– Cuidado por quê?

– Ele faz coisas estranhas.

– Tipo o quê?

– Mágica. Uns lances assim.

Ela abriu um sorriso.

– Você é engraçado.

– Não sou.

– Acho que é.

Frankie olhou para a mão. Parecia enorme. A fumaça o fazia piscar. A mulher deslizou mais para perto dele.

– Pegue uma dessas.

– O que é isso?

– Uma Lemmon. Não gosta de Lemmons?

Ela colocou uma pequena pílula verde na boca de Frankie, depois engoliu

uma também. Aconchegou-se a ele.

– Qual é a desses ovos?

– Minha esposa. São para minha esposa. Vamos ter um bebê.

– Onde ela está?

– Não sei.

– Não sabe?

– No palco.

Ela sorriu.

– Então ela não está aqui, não é?

Ela colocou o rosto perto do dele.

– O que aconteceu a seguir?

– A seguir?

– A história. Depois que você deixou a banda?

– Não lembro.

– Tente.

Frankie fechou os olhos.

– Estava frio.



24

1946

ESTAVA FRIO. NEVAVA. FRANKIE PUXOU O CASACO DE LÃ QUE DJANGO havia

comprado e acomodou as coxas no alpendre de concreto. Naquele momento,

sua estada na América somava outubro, novembro e parte de dezembro. Ele

não sabia como as pessoas viviam num clima daqueles. Pela centésima vez abriu o estojo do violão e tirou o pedaço de tecido com um endereço escrito

na caligrafia de Baffa, o endereço de sua irmã: rua Claret, 467, Detroit, Michigan.

Frankie já havia batido na porta várias vezes. Ninguém atendera. Ele ficou

esperando nos degraus a maior parte da tarde. Django se oferecera para ir com ele, mas Frankie, a essa altura bastante audacioso em sua independência, disse ao violonista que a tia provavelmente iria querer saber tudo sobre Baffa e por isso ele ficaria lá por um tempo. E provavelmente ela iria querer que Frankie morasse com ela até poder mandá-lo de volta para a Espanha.

– Se for assim, você deve vir para se despedir, *chavo* – falou Django. – Partimos amanhã, sim?

– Ok – concordou Frankie.

Ele puxou o casaco. A casinha de tijolos vermelhos era parecida com outras do quarteirão. Todas tinham uma entrada de veículos curta e reta, como os trastes que cobrem o braço de um violão, com carros estacionados enchendo-se de neve. Carros grandes. Carros compridos. Para Frankie, parecia que todo mundo tinha um veículo na América, ao contrário de Villarreal, onde as pessoas ainda usavam carroças e cavalos.

Frankie fechou os olhos e reviu a casa de Baffa na rua Calvário, viu-se sentado no jardim, ouvindo rádio, o cão pelado junto dele. Lembrou daqueles dias como quentes e agradáveis.

– Está perdido, filho?

Frankie abriu os olhos. Um carteiro de uniforme azul e sacolão de couro estava diante dele. Flocos de neve salpicavam a aba do seu boné.

– Não, senhor.

– O que está fazendo?

– Esperando.

– Na neve?

– Sim.

– Quem?

– Minha tia.

Frankie estendeu o pedaço de tecido.

– Bem, você está na casa certa. É sua tia, é?

– Sim, senhor.

– Como chegou aqui?

– O Sr. Django pagou um carro.

– Você quer dizer um táxi?

– Acho que sim.

– Ela sabia que você viria?

– Estou atrasado.

– Deveria ter chegado de manhã?

Frankie trocou de posição no concreto.

– Antes disso.

O homem cerrou os lábios, avaliando o garoto à sua frente. Pegou vários envelopes.

– Quer entregar a correspondência deles?

Frankie pegou as cartas.

– Mantenha-se aquecido – disse o homem. – Eles devem chegar do trabalho a qualquer momento.

Quem eram “eles”?, pensou Frankie. Observou o homem fazer seu trajeto, parando em cada casa, até não conseguir mais enxergá-lo. Escureceu. Frankie já temia ter que dormir ali.



Naquele momento, um Chevrolet verde-claro dobrou na rua com os faróis acesos. Quando o carro reduziu a velocidade, o coração de Frankie acelerou.

Pare aqui, ele desejou em silêncio. *Pare aqui*. *Pare aqui*.

Parou. Frankie levantou-se. Ele não entendia realmente o que era uma “tia”, pois nunca tivera uma. Porém, desde o momento em que lera o bilhete de El Maestro no fundo daquele navio, desejava conhecê-la, esperando que ela consertasse as coisas, mandasse-o de volta para casa, reunisse-o com sua banda original.

O que ele viu mudou tudo.

Ele viu as portas do carro se abrirem e um homem sair por um lado e uma mulher roliça de cabelo claro pelo outro. Frankie tinha visto o rosto dela antes, inúmeras vezes, em uma fotografia, com o braço ao redor de Baffa – uma fotografia que ele mantinha debaixo do travesseiro. Um arrepio percorreu seu jovem corpo e algo zuniu em sua cabeça. Largou as cartas, pulou da varanda e, enquanto a mulher ficava boquiaberta sem entender nada,

ele correu pela grama polvilhada de neve, com os braços estendidos para o alto, e gritou:

– Mãe!

Na música ocidental, as coisas se resolvem. Uma quarta suspensa volta

para a terça. Um acorde diminuto desliza para a sua tônica. Dissonância para

consonância. Eu firmo a paz dessa forma. Humanos não seguem tais regras.

Por isso, naquela noite, na rua Claret, Danza Rubio, a mulher que desceu do

Chevrolet verde-claro, ficou atônita com o menino correndo em sua direção.

E, sem manter contato algum com o irmão, Baffa, por muitos anos, ficou desconfiada com a aparição repentina de uma criança. Ficou imóvel quando Frankie tentou abraçá-la. E, quando ele exclamou “Sou seu filho!” e contou a

história que Baffa havia contado (sobre a esposa, o carro, o acidente), ficou furiosa e revelou a verdade a Frankie ali mesmo, na rua, como uma série de

fortes batidas no aro da caixa.

Thwack!

Ela não era sua mãe.

Thwack!

Ela não era esposa de Baffa.

Thwack!

Baffa nunca teve uma esposa.

Thwack!

Ele nunca conseguiu arranjar uma esposa.

Thwack!

Ele nunca estivera na América.

Thwack!

Não houve acidente.

Thwack!

Não havia sepultura.

Thwack!

Baffa era um mentiroso.

Thwack!

Ele não falava com ela havia anos.

Thwack!

Ela presumia que ele estivesse morto.

Tudo isso levou menos de três minutos. Cada golpe aprofundou o silêncio atordoado de Frankie. No fim, o marido de Danza interrompeu rispidamente:

– Olha aqui, garoto, não vamos lhe dar dinheiro algum, se é isso que você espera.

O menino, perplexo, sentiu o maxilar tremer. Usou toda a energia que lhe restava para agarrar o estojo do violão e correr. Danza gritou atrás dele, mas Frankie não voltou. Desapareceu entre os flocos de neve que caíam sob os jatos de luz dos postes, as lágrimas escorrendo pelas bochechas.

Eu disse que a música permite a criação rápida. Mas não é nada comparada ao que vocês humanos conseguem destruir em uma única

conversa.

Burt Bacharach

Compositor, artista, produtor

FRANKIE PRESTO AMAVA O ESTÚDIO. MORARIA LÁ DENTRO SE TIVESSE uma cama.

Oh… claro… meu nome é Burt Bacharach… América… Los Angeles.

Mas conheci Frankie em Nova York. Produzi a canção “Our Secret” em 1964.

Ótima balada. Coloquei um *reverb* na voz dele e a deixei misteriosa. Criamos o trecho de cordas por volta da meia-noite. Aí comecei a dar uns telefonemas

e lá pelas três ou quatro da madrugada achei dois violinistas para irem ao estúdio. Frankie e eu éramos de partes diferentes do mundo, mas tínhamos uma coisa em comum: não íamos embora até ficar perfeito. Alguns músicos

não gostam disso. Eu os mantenho lá para fazer vinte takes, trinta takes. Mas

qual é o sentido de fazer arte se não fizer direito?

Frankie sacava isso, sabe? Era uma alma linda. Se eu soubesse que ainda

estava tocando, teria viajado o mundo para ouvi-lo. Realmente não fazia ideia

de para onde tinha ido – ou se ainda estava vivo – até saber de sua morte há

uns dias. Foi mesmo no palco?… Meu Deus… Que coisa horrível.

A primeira vez que o ouvi tocar? Lembro, sim. Na verdade, foi como nos

conhecemos. Eu estava no Bell Sound Studios de Nova York para uma sessão

de gravações com Dionne Warwick. Cheguei cedo e a sala grande estava

vazia, exceto por aquele cara de costas para nós, com fones de ouvido, inclinado sobre uma guitarra. Pedi ao engenheiro para abrir o som; ia mandar

o cara sair, mas não consegui. Congelei. Ele tocava de um jeito incrível.

Estava alternando entre *riffs* clássicos e a canção de jazz “Body and Soul”.

– Quem é esse cara? – perguntei.

– Você não vai acreditar. É Frankie Presto – respondeu o engenheiro de som.

– O cantor?

– O cantor toca uma guitarra irada.

Acho que ele tinha gravando umas faixas antes de nós. Todo mundo tinha

ido embora, mas ele permanecera lá dentro por mais duas horas, brincando com todos os instrumentos, indo da bateria para o piano e as guitarras. Meu

pessoal estava chegando, por isso liguei o microfone da sala e disse:

– Ei, desculpe interromper esse seu lance genial, mas estamos no nosso horário.

Ele tirou os fones de ouvido e acenou pedindo desculpas.

– Foi fantástico, você deveria ter colocado esse som para todo o prédio ouvir – falei.

Ele se inclinou sobre o microfone e declarou:

– Eu estava só brincando.

Veio em minha direção e me apresentei. Ele soube quem eu era na mesma

hora, o que me surpreendeu, porque na época eu não estava gravando, só compondo, mas ele disse que gostava muito de algumas coisas que fiz —

“Baby, It’s You”, das Shirelles, e “Only Love Can Break a Heart”, a canção

de Gene Pitney. Falou algo sobre trompetes e *flugelhorns* – o que era incomum para um cara do rock and roll –, aí perguntei:

– Onde você aprendeu sobre os metais?

– Viajando com Duke Ellington – respondeu.

Eu ri.

– O que você era, o menino que servia água para ele? – falei, brincando.

Porque ele era jovem demais para Duke.

Ele era mais alto do que eu imaginara e sua figura era impressionante.

Quando o pessoal da banda chegou, também ficou vidrado. O cara tinha

presença, entende? E, ainda por cima, vestia um casaco esporte vermelho berrante. Quando contei que estávamos gravando Dionne Warwick, ele disse

que amava a voz dela e perguntou se podia ficar. Normalmente não gosto de

distrações externas quando gravo, mas Frankie tinha uma *vibe* do bem, sabe?

Ele era musical, dava para sentir. Por isso, concordei.

– Pode ficar aqui na cabine se estiver a fim.

E ele disse que tudo bem.

A música que gravávamos era para um filme chamado *Uma certa casa*

suspeita. Hal David escreveu a letra. Eu compus a música. Para ser honesto, estávamos gravando porque, embora Brook Benton já a cantasse, eu queria experimentá-la com Dione. Fizemos montes de takes com orquestra completa,

seção de cordas, cantores de apoio – como eu disse, trabalho até ficar perfeito

–, e meio que esqueci de Frankie sentado lá. Então, durante um playback, por

acaso me virei enquanto Dione cantava o trecho:

But a room is not a house, / And a house is not a home / When the two of

us are far apart / And one of us has a broken heart.[7]

Vi Frankie chorando.

– Você está bem? – perguntei.

– Sim.

Mas dava para ver que aquilo tinha mexido com ele. Ele nem limpou as lágrimas. Só muito depois fui saber que ele era órfão. Sem mãe. Sem pai.

“Uma casa não é um lar.” Não é de surpreender, né? Poderia haver coisa mais

dura de ouvir?

7 Mas um quarto não é uma casa, / E uma casa não é um lar / Quando nós dois estamos distantes / E um de nós está com o coração partido.



25

1950

– VOCÊS ME OUVIRAM? – BERROU A FREIRA. – EU DISSE PARA FAZEREM FILA!

As crianças fizeram fila.

– Agora andem!

Elas marcharam para o refeitório. Um garoto alto deu um encontrão nas costas de Frankie.

– Pare com isso – sussurrou Frankie.

– Me faça parar – disse o garoto mais alto.

Nesse ponto de nossa história Frankie estava com 13 ou 14 anos. Ele não

havia decidido que idade tinha. Ao descobrir que Baffa não era seu pai verdadeiro, Frankie ignorou a data de nascimento que lhe haviam informado,

calculando que também fosse mentira.

– Comecem! – gritou a freira.

As crianças, em pé ao lado das mesas do refeitório, recitaram preces em

voz alta. Depois se sentaram e as freiras despejaram suco de laranja nos copos, seguido de colheradas de óleo de fígado de bacalhau.

– Que gosto horrível – reclamou um menino.

– Agradeça por tê-lo. Beba!

Frankie levou o suco aos lábios e o cheiro adocicado trouxe lembranças de Villarreal, das carroças de laranja rodando pelas ruas. Mas tais lembranças

agora só deixavam Frankie com raiva. Baffa não era seu pai. A mulher da foto

não era sua mãe. Seus documentos de identificação citavam-no como “Presto”

– um nome que ele nem sequer conhecia. Era tudo mentira. Não havia mais

doçura alguma nas laranjas.

Naquele momento, a vida de Frankie estava em formação rígida, cadência

4/4, com um andamento que poderia ser descrito como *mosso* – ou agitado.

Ele vivia há três anos no Lar Católico para Órfãos da Grande Detroit, dividindo um quarto com outros nove meninos. Fora levado para lá quando a

polícia o descobriu dormindo no beco atrás de um restaurante, depois de ter perdido o trem que levou Django e a banda de Ellington para sua próxima parada. (Quando Frankie deu um jeito de chegar à estação, os músicos haviam

partido. Ele se sentou e chorou com os cotovelos em cima do estojo do violão

até um homem de uniforme dizer que ele não podia mais ficar sentado ali e deveria “ir para casa, para sua mãe”.)

Frankie voltou a mendigar e a procurar coisas para comer nas latas de lixo.

Aquelas atrás do restaurante ofereciam os melhores restos. Ele ficou bastante surpreso quando a polícia o encontrou (Frankie se tornara bastante hábil em se esconder das autoridades), mas ficou feliz quando as freiras disseram que ele teria sua própria cama. Aceitou as calças azuis, a camisa branca e os sapatos pretos de couro e nem se importou quando jogaram suas

roupas velhas fora dizendo que, ao contrário de sua alma, elas não tinham mais salvação.

Frankie chegou ali magricela, mas em três anos desabrochou e tornou-se

um adolescente esguio, de belos dentes brancos, mãos grandes (um tremendo

estímulo para o desempenho no violão) e olhos azuis profundos que

arrancavam sorrisos nervosos das meninas de sua classe.

Mas com os meninos o caso era diferente. Crianças de orfanato reparam

na mais ínfima preferência. E os outros garotos odiavam Frankie por tocar violão tão bem a ponto de as freiras permitirem que ele as acompanhasse nas

cerimônias do Natal e da Páscoa. E também odiavam que ele tivesse um horário privado na biblioteca todas as noites para aprimorar sua música.

Frankie se destacava, então procuravam maneiras de zombar dele, como

implicar com o leve sotaque que ainda aparecia no seu inglês.

– Ei, cucaracho – provocavam. – Não fala nossa língua?

– Ei, duas cores. Você é pardo ou branco?

– Ei, gitano, conte-nos sobre seus amigos ciganos outra vez.

Certa noite, Rafael, o garoto mais alto, ofereceu bolinhos para todos após

a comemoração de seu aniversário. Mas ignorou Frankie de propósito.

– Não comem lá no beco de onde você veio – sussurrou Rafael.

– Se é pra ficar tão imbecil quanto você – disse Frankie –, não quero seu bolo.

Imediatamente os dois se engalfinharam. Os outros meninos torciam e vaiavam. Frankie deu um soco no olho de Rafael, que urrou. Rafael derrubou Frankie, correu até a cama dele, meteu a mão lá embaixo e puxou o violão. Frankie pulou em cima de Rafael, o violão entre eles, atirado de um lado para outro. No momento em que foram apartados, Frankie viu que a última corda havia rebentado – a mesma corda que certa vez ficara azul nas docas britânicas.

Frankie explodiu em lágrimas, gritando:

– Vou matar você! Vou matar você!

Avançou em Rafael outra vez e teve que ser contido pelas mulheres do refeitório. Como castigo, naquela noite os dois meninos foram forçados a dormir no chão; Rafael na reitoria, Frankie na cozinha. Frankie olhou o teto e sentiu um vazio que nunca sentira antes – mas não por causa da briga.

Até aquele momento, suas cordas nunca haviam rebentado.

Isso é bastante incomum, visto que as cordas em geral rebentam após poucos meses de uso. Frankie deduziu que era porque ele tocava com cuidado, até gentileza, conforme seu professor havia ensinado.

– *Não ataque as cordas, Francisco.*

– *Não, Maestro.*

– *Adule-as.*

– Sim, Maestro.

– Deixe-as ansiosas pela próxima nota. Da mesma forma que na vida.

– Na vida, Maestro?

– Se quiser que alguém o escute, você vai atacar essa pessoa?

– Não, Maestro.

– Não, não vai. Você vai fazê-la ouvir a beleza do que está oferecendo, e

ela vai querer ouvir.

Frankie sentia saudade daquelas aulas. Sentia saudade até mesmo de

acender os cigarros de El Maestro e limpar o vinho que ele derramava. Ele cuidava do violão; como Django dissera, era seu bem mais precioso. As cordas eram tudo que lhe restava do professor. E agora alguém havia

rebentado uma.

Naquela noite, Francisco não conseguiu dormir. Pensou em El Maestro.

Pensou em Aurora York, a menina na árvore, e se perguntou se o professor estaria certo: seria uma fada? Parecia fazer tanto tempo. Ele não costumava rezar por livre e espontânea vontade (era sempre por determinação das

freiras), mas fechou os olhos e pediu a Deus para poder voltar para a Espanha.

Estava cansado da América. Rastejou para baixo de uma mesa comprida e deitou-se de lado, cantarolando “How Great Thou Art”.

Minutos depois, abriu os olhos. Ouviu arranhões do lado de fora do

prédio. Empurrou uma cadeira contra a parede e escalou até a janela em cima

da pia. Ao avistar uma coisa no beco lá fora, o rosto dele se alterou. Frankie

abriu a janela depressa e espremeu-se por ela, caindo no chão.

O que aconteceu a seguir pode parecer incrível. Mas só posso dizer que é verdade.

Frankie abriu os olhos e sentiu a língua molhada do cão pelado lambendo seu rosto.



26

TEMOS QUE FALAR DAQUELAS CORDAS.

Você sabe que elas vieram de Carmencita, a linda mãe de cabelos escuros de Frankie.

Você sabe que eram para o marido dela, El Maestro, que na verdade era o pai de Frankie.

Você sabe que permaneceram intocadas por nove anos – dentro de uma bolsa no closet de El Maestro –, até ele dá-las a Frankie no dia em que o menino deixou a Espanha.

O que você não sabe é onde Carmencita conseguiu as cordas.

Ou com quem.

Aconteceu na última manhã de sua vida. O sono havia sido agitado, a criança por nascer mexia-se dentro dela. Carmencita levantou ao alvorecer, vestiu-se em silêncio para não acordar o marido. Colocou um xale e caminhou na direção do rio Mijares. Um nevoeiro pairava sobre o solo, esmaecendo todas

as cores em um branco leitoso. Era tão espesso que ela quase não viu uma família cigana às margens do rio. O homem tinha orelhas grandes e cabelo ralo. A mulher sentada ao lado dele parecia mais velha. Atrás deles havia uma menininha com tranças ruivas compridas. Ela escovava um cavalo.

– Fique com Deus, *señora* – disse o homem.

Aquelas eram palavras perigosas durante a guerra. Mas Carmencita

respondeu:

– Fiquem com Deus também.

– Seu bebê virá logo – falou a mulher.

Carmencita colocou a mão na barriga.

– Posso lhe oferecer um lenço? – perguntou a mulher, metendo a mão

dentro de uma caixa de madeira.

– Não trouxe dinheiro – respondeu Carmencita.

– Não estamos vendendo essas coisas – esclareceu o homem. – Estamos doando.

– Meu marido pensa nos outros…

– Não precisamos delas…

– Ele é um homem de Deus…

– Não passo de um comerciante de cavalos…

– Querem matá-lo, *señora*!

A mulher começou a chorar. Carmencita tirou a mão da barriga. Tanta

gente em seu país se encontrava naquela situação, fugindo de um lado para outro. A guerra arruinava vidas. Seu marido tinha perdido a visão. Seu irmão

havia desaparecido. Padres eram caçados e famílias como aquela estavam em

fuga. Ela se perguntava a que mundo seu bebê estava prestes a chegar.

– Vocês podem ficar conosco – convidou Carmencita.

Os ciganos se entreolharam.

– Onde?

– Em nossa casa. Não temos muito espaço, porém vocês serão bem-vindos.

– Mas somos estranhos.

– Digam-me seus nomes e não serão mais estranhos.

O homem sorriu.

– Um nome faz tanta diferença?

– Claro que não – respondeu Carmencita.

Ela sabia que, na guerra, às vezes era melhor não se saber os nomes.

– Obrigado, boa mulher – falou o homem. – Mas não poderíamos colocá-la em risco dessa maneira.

Ele segurou a mão da esposa e chamou a filha, que largou a escova de cavalo.

– Temos pouco a oferecer em troca de sua generosidade. Mas quem sabe uma canção?

A criança começou a cantar uma suave melodia cigana.

– Que bela voz – afirmou Carmencita.

– Gosta de música? – perguntou o homem.

– Meu marido é violonista.

– Também sou. Ou era. Eu costumava tocar canções para o Senhor.

Infelizmente, meu violão se foi.

– Levaram – revelou a esposa.

– Sinto muito – disse Carmencita.

– Seu marido vai ensinar seu filho a tocar?

– E só no que ele fala.

– Então você deve ficar com isso.

Ele mexeu na caixa e retirou um conjunto de cordas enroladas, presas por uma fita amarela. Pareciam novinhas, quase reluzentes.

Ela protestou.

– Não posso aceitar.

– Por sua bondade.

– Não é nec…

– Por favor. Para ligar a criança e o pai. São cordas especiais. – Ele baixou a voz: – Elas têm vida dentro de si.

A esposa deu um tapa no braço dele.

– Ele quer dizer que foram feitas de seda, e a seda vem de vermes, e os vermes um dia estiveram vivos.

Ela lançou um olhar severo para ele.

– Não fale por charadas.

Ele sorriu e se balançou para a frente e para trás. Quando a esposa lhe deu

as costas para cuidar do cavalo, ele se inclinou na direção de Carmencita.

– Não me referi a vermes – sussurrou.

O cigano tirou um rosário do bolso, com contas e uma pequena cruz



negras. Carmencita reparou que o rosário era montado em uma corda de

violão como as que ele havia acabado de lhe dar. Quando o homem puxou pelas extremidades, a corda começou a cintilar num tom azulado como o miolo de uma chama.

– *Le duy vas xalaven pe* – disse ele, expressão cigana que se traduz como

“uma mão lava a outra”, significando que estamos todos conectados.

Quando a esposa se aproximou, o homem enfiou o rosário de volta no

bolso. Ele fitou o céu branco.

– Melhor seguir seu caminho, *señora*.

– Têm certeza de que não querem ir junto?

– Deus nos protegerá. Assim como rezo para que Ele proteja você.

– Acenderei uma vela por sua família na basílica.

– San Pascual?

– Conhece?

Os olhos do homem se perderam ao longe.

– Estivemos lá uma vez. Com nossa outra filha. Fique atenta. São tempos

perigosos para se rezar.

Carmencita olhou as cordas.

– Posso perguntar seu nome? – questionou ela. – Mesmo que isso não

tenha importância?

– Ele é conhecido como El Pelé – declarou a esposa.

Carmencita caminhou para o nevoeiro. Virou-se um minuto depois, mas

eles haviam sumido.

A caminho de casa, Carmencita colocou as cordas dentro de uma

bolsinha, planejando dá-las a El Maestro quando o bebê nascesse. Naquela noite, durante a tempestade, ela estava com a bolsa na catedral, onde foi acender uma vela não só pelo bebê, mas também pela família cigana que havia encontrado de manhã. Fez as preces, foi ao chão por causa das dores, deixou cair a bolsa e não a viu mais. Não viu o receptáculo das velas ser derrubado pelos invasores. Não viu o fogo das velas de oração que ela acendeu unir-se ao fogo maior que consumiu tudo em seu caminho.

No dia seguinte, quando a polícia de Villarreal vasculhou as ruínas, encontrou os restos carbonizados de Carmencita. Os invasores, presumindo que fosse uma freira – devido ao hábito que a envolvia – haviam profanado o

corpo. Os despojos eram pavorosos demais para ser identificados, e os ossos

foram rapidamente sepultados em uma cova anônima.

Dois dias depois, um adolescente estava limpando os escombros quando

encontrou uma bolsinha que inexplicavelmente havia sobrevivido às chamas.

Dentro havia um documento de identidade. O garoto devolveu a bolsa ao endereço citado, entregando-a à pessoa que atendeu a porta.

Um homem alto, cego, chamado Carlos Andres Presto.

Mais conhecido como El Maestro.

Ele agarrou a bolsa e afundou numa cadeira. Entendeu o que aquilo

significava – por que a esposa não aparecia havia três dias. Despejou o conteúdo em cima da mesa de madeira. Tateou um objeto enrolado.

– O que é isso? – perguntou ao garoto.

– Parecem cordas.

– De violão?

– Sim.

El Maestro mordeu o lábio.

– Deixe-me sozinho. Agora!

O garoto saiu voando.

Segurando o presente que nunca foi entregue, a gentileza final da esposa,

El Maestro desabou. Chorou até anoitecer, sem sair da cadeira. Então colocou

tudo de volta dentro da bolsa e escondeu-a no closet. Aquelas cordas com

"vidas" dentro de si permaneceram intocadas por nove anos, assim como a história da bondade de um estranho permaneceu ignorada.

Semanas depois, o homem conhecido como "El Pelé" correu para ajudar

um padre que estava sendo espancado por soldados da República. Foi detido e

mandaram-no entregar o rosário. Quando se recusou, foi abatido por um

pelotão de fuzilamento. Os matadores viram seu corpo cair, mas não viram uma outra coisa: o rosário, no momento de sua morte, adquiriu um tom de azul flamejante.

Décadas depois, El Pelé seria canonizado pela igreja católica como o primeiro santo cigano. As pessoas ainda falam de sua coragem, humildade e,

claro, daquele rosário.

Ninguém menciona as cordas que ele doou.

Elas contariam sua própria história.



27

1969

A MULHER DA VAN ESCALAVA O PESCOÇO DE FRANKIE COM BEIJOS. ELE SE sentia tão

pesado que não conseguia se mexer. Frankie contemplou a lateral do corpo dela, o top de algodão cor de laranja, o short jeans, as pernas bronzeadas e as

unhas dos pés pintadas de vermelho, preto, roxo.

– Sem azul – murmurou Frankie.

– Hã?

– Você não tem azul.

– Unhas do pé azuis? Você é engraçado.

– *Am I blue*… – disse ele, meio que cantando.

– Sei quem você é.

– Hã?

Ela o beijou um pouco mais.

– Você é o cantor…

– Minha esposa está esperando…

– Frankie Presto.

– Café da manhã.

– Você vai mesmo se apresentar?

– Tenho que cozinhar esses ovos.

– Você não terminou a história… depois que fugiu.

– Toquei violão.

– Você era um moleque.

– Eu era bom.

– Quanto?

– Salvei a vida dela.

– Quem?

– Aurora.

– Quem é Aurora?

Os olhos de Frankie ficaram vidrados.

– Continue cantando para mim… – pediu a mulher.

Mas os pensamentos atrapalhados de Frankie estavam nas cordas azuis, em Aurora York e em onde ele a deixara, grávida, dormindo sobre uma manta. Ele sabia que tinha que voltar, não queria decepcioná-la, ser irresponsável como havia sido tantas noites antes.

– Tenho que ir… – disse ele de repente.

Frankie levantou tão rápido que a mulher escorregou de cima dele,

esborrachando-se no chão. Agarrou suas coisas e saiu aos tropeções pelas portas de correr, que rosnaram como leões quando ele as afastou.

– Ei, o que é isso? – bradou a mulher atrás dele.



28

1951

– *MAS O QUE É ISSO?* — GRITOU UM HOMEM AO ABRIR O PORTA-MALAS DO CARRO.

Seu nome era Hampton Belgrave. E ele encarava um Frankie adolescente

enroscado em seu cachorro.

– Posso explicar – disse Frankie, piscando.

– Você quase me mata do coração!

– Aqui é o Tennessee?

– Este é o meu carro?

– Sim, senhor.

– Então eu faço as perguntas!

– Sim, senhor.

– Quem diabos é você?

– Frankie, senhor.

– Frankie de quê?

– Presto, senhor.

– De quem é este cachorro?

– Meu, senhor.

– Por que tá no meu porta-malas?

– Marcus Belgrave, senhor.

– Meu primo Marcus?

– Sim, senhor.

– Marcus o músico?

– Sim, senhor.

– Ele botou você no porta-malas?

– Não, senhor.

– Então por que tá aí?

– Para chegar ao Tennessee, senhor.

– Por que num pega um trem?

– Não posso pagar.

– Pegue um ônibus, então.

– Também não posso pagar, senhor.

– Aí se esconde no meu porta-malas?

– Sim, senhor.

– Com um maldito cachorro?

– Desculpe, senhor.

– Quanto tempo ficou aí dentro?

– Desde Detroit, senhor.

– Saí de Detroit ontem!

– Sim, senhor.

– Você não come desde então?

– Não, senhor.

– Não bebe desde então?

– Não, senhor.

– Não mija desde então?

– Não, senhor.

– Você acha que eu ligo?

– Não, senhor?

– É isso aí, não ligo! Você é um clandestino…

– Não, senhor…

– …que quer ir para o Tennessee.

– Sim, senhor.

– Melhor não ter mijado no meu porta-malas, moleque.

– Não, senhor.

– Melhor esse cachorro também não ter mijado!

– Não, senhor…

– Como você sabe pra onde tô indo?

– Chegamos, senhor?

– Eu não disse onde estamos. Mas tenho uma arma no porta-luvas…

– Marcus me contou, senhor!

– Como Marcus sabia?

– Você é primo dele! Seu nome é Hampton! Você contou para ele que ia voltar de carro para o Tennessee!

– Por que Marcus contaria isso pra você?

– Eu trabalho para ele.

– Um moleque branco trabalha pro Marcus? O que você faz?

– Toco música.

– Conte a verdade.

– Na banda dele.

– Toca com Marcus?

– Sim, senhor.

– Você não passa de um moleque!

– Tenho cerca de 15 anos, senhor.

– Cerca de?

– Não sei ao certo, senhor.

– O que você toca?

– Violão. Ele está aqui, senhor.

– Peraí…

– Vê?

– Tire esse chapéu!

– Por que…

– Você é aquele garoto! O que toca muito rápido!

– Sim, senhor.

– Eu estava lá! Eu vi! Você hipnotizou o homem da faca!

– Sim, senhor…

– Você é o capeta!

– Não, senhor!

– No meu porta-malas!

– Por favor…

– O capeta no meu porta-malas!

– Não…

– Com o cachorro do capeta!

– Eu apenas toco…

– Nenhum homem desse mundo toca daquele jeito…

– Ela estava em apuros, senhor…

– O que você quer comigo, capeta?

– Não sou o capeta!

– Jure!

– Eu juro!

– Jure por Jesus!

– Eu juro por Jesus!

– Por que tá aqui então, moleque?

– Onde?

– Tennessee.

– Chegamos?

– Maldição, não me enrole!

– A garota, senhor.

– Que garota?

– A garota com aquele homem.

– A que quase teve a garganta cortada?

– Sim, senhor.

– O que tem ela?

– Ela mora aqui.

– Quem disse?

– O homem.

– O da faca?

– Sim, senhor.

– E daí?

– Conheço ela.

– Aquela garota?

– Sim, senhor.

– Você conhece *aquela* garota?

– O nome dela é Aurora.

– Aurora.

– Acho eu.

– Acha?

– Faz tempo.

– Quanto tempo?

– A gente era criança.

– Oh, Senhor…

– Em outro país…

– Saia.

– Sério, senhor?

– Você não é o capeta.

– Não, senhor…

– Apenas um tolo.

– Não, senhor…

– Do pior tipo…

– Não, senhor…

– Um tolo apaixonado…

– Não, senhor, eu…

– Entra no mato e mija. O maldito cachorro também. Daí vem sentar na frente.

Vamos entrar na cidade, achar alguma coisa pra comer.

– Muito obrigado, senhor. Muito, muito obrigado.

– Tá me agradecendo pelo quê, moleque? Você rodou por dois dias no

porta-malas de um carro… por uma *garota*.

Ele deu uma risadinha.

– Melhor pra você se você fosse o capeta.





29

1952

AGORA, UMA PEQUENA ANTEPOSIÇÃO (OU UMA “ANACRUSE”, AS NOTAS QUE

precedem o primeiro tempo forte de uma canção).

Frankie fugiu do orfanato após o reencontro com o cão pelado. Nos meses

seguintes, achou trabalho na região de Detroit chamada de Black Bottom, onde, apesar da idade, fazia shows à noite com grupos de jazz em troca de comida para ele e para o cachorro e de um colchão no porão dos clubes. Foi lá

que fez amizade com o trompetista Marcus Belgrave, tocou junto com o

quarteto dele e certa noite salvou a vida de uma jovem loura, distraindo o agressor com sua velocidade espantosa ao violão.

E, embora ela parecesse muito mais velha agora, Frankie acreditava que aquela jovem fosse Aurora York, a menina da árvore. O homem da faca

admitiu que acabara de conhecê-la e disse que ela estava de passagem, vinda do Tennessee. E foi por isso que Frankie se escondeu num carro rumo ao sul. Quando se deu conta, estava dormindo no sofá de Hampton Belgrave, primo de Marcus.

Todo mundo entra numa banda nesta vida.

Algumas vezes por acaso.

Seis meses depois daquela viagem escondido no porta-malas, Frankie obteve sua primeira contratação solo, na esperança de atrair Aurora até ele: cantar na frente de uma concessionária de automóveis de Nashville.

Carros, carros, carros,

Temos carros, carros, carros…

O proprietário da Vines Fine Cadillacs, o Sr. Rutland Vines, era um empresário careca com queixo duplo que gostava de enganchar os dedos nos suspensórios. Havia contratado Frankie (na esperança de atrair compradores) por insistência de seu mecânico, Hampton Belgrave (que sem saber havia transportado o garoto para o Tennessee).

– Meus Cadillacs não são diferentes dos Cadillacs lá da Shimey Motors – declarou Rutland. – A única diferença, imagino, é a experiência que proporciono ao cliente, entende?

Frankie, na verdade, não entendia. Mas Hampton disse que o homem pagaria, e essa parte Frankie entendera.

– Apenas faça uma música boa, tipo de igreja, gospel, como Red Foley, ou

hillbilly boogie, como Tennessee Ernie Ford, e quem sabe um *honky-tonk* também – instruiu Rutland. – Deixe eles felizes. Está entendendo?

Frankie assentiu com a cabeça.

– E você tem que se vestir direito. Arranje uma gravata bonita. E passe brilhantina nesse cabelo. Tem cabelo demais saltando aí. Ouviu?

Naquela noite, de volta à casa de Hampton, Frankie plantou-se ao lado do

rádio enquanto o amigo preparava um ensopado de carne de porco, milho e cebola. Os dois estavam juntos havia meses, após Hampton telefonar para o primo e Marcus confirmar que Frankie não era de forma alguma o capeta.

Hampton era um homem atarracado, de pescoço curto e cotovelos

grossos, apreciador de tortas, chapéus-coco e blues. Sempre sonhara em fazer

música, embora consertasse automóveis para ganhar a vida. Tocava um pouco

de harmônica (ele pegou uma pequena quantidade de mim ao nascer) e à noite

colocava discos que Frankie acompanhava ao violão.

– Seu ouvido é bom, moleque – dizia a Frankie. – Você ouve, você toca.

Naquela noite, Frankie girou o dial de uma rádio para outra, aprendendo

rápido um repertório de country. Boa parte da música que os locutores chamavam de "*honky-tonk*" ou "*hillbilly*" era bastante simples, três ou quatro acordes, tocar a nota grave, dedilhar. Mas não era fácil imitar os cantores.

Eles trinavam ou espichavam as palavras no sotaque sulista. Ainda assim, Frankie gostou da música, pois contava histórias de coração partido, amor e bebedeira. Além disso, era muito mais fácil de tocar que os 12 estudos de Heitor Villa-Lobos a que El Maestro costumava submetê-lo.

– Yodel-ley-ee-hee-ho – cantou Frankie, tentando imitar o som de

yodeling (ou iodelei) numa canção chamada "Chime Bells", de Elton Britt. –

Yodel-ley-ee-hee-ho…

Hampton surgiu, carregando uma enorme concha de sopa, e desligou o rádio de supetão.

– Pare com isso! Você tá quase me levando à loucura! – Ele sacudiu a cabeça. – Vista-se, moleque. Vou levar você num lugar onde há música de verdade.

O cão pelado ergueu-se.

– Cachorro não pode ir – disse Hampton.

O cachorro sentou-se.

– *Yodeling* – resmungou Hampton. – Deus acuda esse mundo.

Naquela noite, Hampton ciceroneou Frankie pelas ruas de Nashville.

Passaram por um prédio de tijolos vermelhos chamado Ryman Auditorium.

– É onde fazem o programa *Grand Ole Opry* – disse Hampton. – Toca nas rádios do país inteiro. Aquele lugar faz o artista ficar famoso.

– Posso tocar lá? – perguntou Frankie.

– Acho que sim. Basta as pessoas verem como você é rápido.

Hampton coçou o queixo.

– Você quer fazer isso?

– Claro.

– Tá certo então. Talvez faça mesmo.

Ele levou Frankie até Printer’s Alley, região de clubes noturnos que apresentavam música country. Quando as portas se abriam, ouviam-se rabecas

misturadas a violões e contrabaixos.

– Tá captando o som? – perguntou Hampton.

– Podemos entrar?

– Você pode. Mas os clubes para pessoas de cor ficam mais adiante.

Frankie não entendia bem a regra “de cor” que Hampton mencionava com frequência. Mas sabia que era injusta. Ele nem era americano e mesmo assim podia entrar em lugares que Hampton não podia.

– Então vamos a esses outros clubes – disse Frankie.

Hampton sorriu.



– Certo, moleque. Mas no estacionamento da loja você não vai poder tocar nada da música que ouvir por aqui. Ou Rutland te dá um pé na bunda.

Naquela noite, Hampton levou Frankie para cima e para baixo pela rua Jefferson, a lugares chamados Club Baron, Del Morocco, Maceo’s, Sugar Hill e Pee Wee’s. Os olhos do garoto se esbugalharam com a música que ouviu: violões e baixos desconexos, canto rosnado, pianistas cujos dedos pareciam correr e andar ao mesmo tempo. Havia risos, gemidos e gente levantando da cadeira e gingando os quadris ou gritando “Vai! Vai! Vai!”. Frankie amou. Era como se a música e a plateia estivessem no mesmo palco. Até Hampton, com seu chapéu-coco, foi dançar um pouco, voltando suado e abanando a mão como

um leque.

– E aí, Hampton, quem é esse moleque? – perguntou um homem que

andava pelo salão segurando uma bebida. – Arranjou um filho branco?

Hampton riu.

– Petey, esse moleque bota no chinelo a maioria dos dedilhadores dessa cidade. Tô dando um jeito de empresariar ele. Botar ele no *Opry*.

– Empresariar?

– Isso.

– Você é mecânico de carro.

– No momento.

– Você entende de música?

– Entendo o suficiente.

– Quando vai começar a empresariar esse garoto?

– Assim que ele encontrar o que está procurando.

– O menino tá procurando o quê?

– Que que todos os moleques da idade dele procuram?

Os dois desataram a rir. Frankie sentiu que ficou vermelho.

Claro que Frankie não havia esquecido o motivo de ter ido para

Nashville: encontrar Aurora York. Ele tinha certeza de que ela era a garota naquele clube de Detroit. Mas não imaginava que a cidade fosse tão grande.

Para Frankie, o mundo estava ficando cada vez maior, e tornava-se cada vez



mais difícil encontrar as pessoas.

Nos dias de semana, ele caminhava pelas ruas comerciais de Nashville

todas as manhãs, parando nas lojas para perguntar por uma garota chamada Aurora. Muitos perguntavam se ele tinha uma foto.

– Não – dizia. – Mas ela fala de um jeito engraçado. Com sotaque

britânico.

– Filho, você também fala de um jeito engraçado – respondiam.

Ninguém se lembrava dela. Em pouco tempo, tendo esgotado os pontos

comerciais, Frankie começou a bater na porta das casas, perguntando a mães

ou senhoras de idade se tinham visto uma menina loura da idade dele. Pegou

o emprego na concessionária de Cadillacs e falava para todo mundo que era

da Espanha, na esperança de que alguém comentasse com Aurora. Com

certeza ela ficaria curiosa a respeito de um violonista da Espanha.

Quando o tempo começou a esquentar, Frankie reparou nos adolescentes

em conversíveis a caminho de parques de diversões ou lagos. Sentiu um pouco de solidão. Hampton era bacana, mas já tinha idade; os filhos estavam

espalhados por aí e a esposa havia falecido. E no trabalho ninguém realmente

conversava com Frankie. Apenas o cão pelado lhe dava uma esperança de dias melhores. Frankie brincava muito com o animal, rolando pelo chão e coçando atrás de suas orelhas.

Claro que, quando ficava triste de verdade, Frankie recorria ao violão.

Hora após hora. Dia após dia. Praticando, tocando, praticando mais um pouco, lapidando as progressões de blues que ouvia nos clubes da rua Jefferson. Para os meus discípulos, o mapa é simples. Todas as estradas solitárias levam de volta à música. Eu acolho. Eu perdoo.

Jamais abandono.

Será que os humanos podem dizer o mesmo?

Certo dia, Frankie estava diante da concessionária, cantando o gospel predileto de Rutland, chamado “By and By”.

Temptations, hidden snares / Often take us unawares, / And our hearts are made to bleed / For a thoughtless word or deed; / And we wonder why the test / When we try to do our best, / But we’ll understand it better by and by. [8]

Um carro parou e, pela porta do carona, desceu um homem alto e magro usando um chapéu de caubói. Bebeu de um cantil e limpou a boca com o braço. Frankie reparou nas orelhas de abano e na linha estranhamente delgada dos lábios, que parecia traçada de uma ponta a outra da face.

O homem repousou os braços no capô do carro e balançou a cabeça acompanhando a canção de Frankie.

– Você vem? – perguntou o motorista.

– Você vai lá dentro e vê o que eles têm – disse o homem. – Vou ouvir a música.

O amigo entrou para falar com Rutland. Frankie terminou a canção. O

homem alto bateu palmas.

– Mas que trabalho esse, hein? Tocar numa loja de carros.

– Sim, senhor.

– Você aceita pedidos?

Frankie olhou em volta. Não havia outros clientes.

– Sim, senhor. Se eu souber.

– Toque a canção mais triste que tiver.

Frankie hesitou. Estava quente e ele sentia o suor escorrendo pelas têmporas.

– Por que você quer ouvir uma canção triste?

O homem tomou outro gole do cantil.

– São bem mais verdadeiras que as alegres, você num acha?

– Canções alegres podem ser verdadeiras, se você está alegre.

O homem deu uma sonora risada.

– De onde você é, filho?

– Espanha – respondeu Frankie, pensando em Aurora. Ele conferiu se Rutland estava olhando e anunciou: – Esta é uma canção triste de lá.

E tocou “Lágrima”, a composição do xará Francisco Tárrega, a mesma que a mãe dele cantarolou, que ele ouviu Segovia tocar e que Tárrega compôs por estar com saudades de casa.

O estranho alto ouviu atentamente, olhos fixos no asfalto, como se houvesse um

buraco através do qual estivesse enxergando.

Quando Frankie terminou, o homem coçou a sobrancelha.

– Bem, filho, essa foi ótima, simplesmente ótima. – Ele olhou para o alto.

– Você sabe que é bom demais para estar trabalhando aqui, certo?

– Por favor, não conte ao Sr. Rutland que toquei isso – implorou Frankie.

O homem sorriu de modo irônico.

– Seu segredo está a salvo. – Aproximou-se de Frankie. – Posso experimentar esse violão?

Frankie olhou para o interior da loja.

– Tá tudo bem, filho – disse o homem. – Seu patrão não vai se importar.

Frankie entregou o violão.

– Instrumento robusto – falou o estranho, examinando-o.

– Sim, senhor.

– Madeira boa. Braço forte. Mas o selo está coberto. Como aconteceu isso?

– Não sei, ele veio assim.

O homem sacudiu os ombros.

– Certo. Esta é a canção mais triste que conheço. Ouça.

Ele cantou uma canção chamada “I’m So Lonesome I Could Cry”. Falava sobre o apito de um trem, noites longas, o lamento de pássaros e a lua escondendo-se atrás de uma nuvem. Cada verso terminava com o homem

dizendo o quanto estava solitário, até que, no final, o próprio Frankie sentia-se prestes a chorar.

– O que você acha? – perguntou o cara alto depois do último acorde.

– Foi o senhor quem compôs?

– Foi, sim.

– É triste.

– Falei pra você.

– Para quem escreveu?

– Minha esposa. Mas ela não é mais minha esposa. – Ele tossiu. – Você tem uma garota?

– Estou esperando por ela.

– Aqui?

– Sim.

– Você pode ter que esperar um bocado.

– O senhor é um cantor muito bom mesmo.

O homem deu uma risadinha.

– Filho, você não sabe quem eu sou, né?

– Não, senhor. Quem é o senhor?

O homem olhou para o interior da loja, acenou para o acompanhante,

depois fitou Frankie e deu um sorriso largo.

– Luke – disse ele, estendendo a mão. – Luke the Drifter é meu nome artístico.

– O senhor grava discos?

– Às vezes.

Frankie apertou a mão dele.

– Sou Frankie Presto.

– Quer me ajudar a escolher um carro, Frankie Presto?

De repente, Rutland veio voando da loja, com o maior sorriso que Frankie já vira. Parecia uma criança, pensou Frankie, com as pernas curtas e gordas saltitando na direção deles.

– Oláá́á! – exclamou, agarrando a mão do homem. – Não posso acreditar! Sr. Williams, é uma honra! Quer dizer, sou um fã, um verdadeiro fã de sua música. Você é o maior artista de nosso tempo! Oh, céus! Oh, céééus! Hank Williams!

O homem alto virou-se para Frankie e deu uma piscadinha.

– Estou eletrizado, honrado, já disse isso, não disse? – tagarelou Rutland.

– Estou honrado por lhe vender um carro, senhor! Um Cadillac, claro! O melhor que temos!

O homem ajeitou o chapéu.

– O que você tem em azul?

Logo depois estavam percorrendo fileiras de veículos. Rutland não parava de falar um segundo, perguntando sobre uma e outra canção. Falou de “Hey, Good Lookin’”, “Move It On Over”, “Cold, Cold Heart” e de uma chamada “I Saw the Light”, que ele disse que o coro de sua igreja tinha tentado cantar.

– Música linda, Hank, tão cheia de alma!

O homem de chapéu ia passando os dedos pelo capô de cada carro, até deparar com um modelo azul-bebê e parar.

– Uau, este é lindo – disse ele.

– Bem que pode ser este – concordou o acompanhante.

– Não tem melhor, Hank – apoiou Rutland rapidamente.

– O que você acha, Frankie Presto? – perguntou o homem.

Frankie sentiu todos os olhares em cima dele. Girou o violão para as costas e colocou a mão no capô. Sentiu algo gelado e apavorante, sua expressão ficou sombria. Puxou a mão como se tivesse levado um choque.

– O que é isso, rapaz? – perguntou Luke, ou Hank.

– Não leve este carro – balbuciou Frankie.

– Mas o que foi?

– Não leve este carro. Tem algo de ruim nele.

– Oh, Deus, ele não entende de nada, é só um adolescente estúpido –

protestou Rutland, lançando um olhar carrancudo para Frankie. – De qualquer

forma, hoje é o último dia dele aqui. Volte ao seu posto, garoto. – Rutland forçou um sorriso. – Sinto muito, Hank. Estou certo de que podemos fazer uma excelente proposta para você. É um carro ótimo. Cadillac. Simplesmente

o melhor.

O homem com chapéu de caubói sacudiu os ombros para Frankie e

Frankie afastou-se lentamente com o violão às costas.

Uma hora depois, concluída a papelada, os dois homens saíram do

escritório e voltaram para o carro deles. Frankie estava sozinho ao sol, dedilhando acordes e tentando não chorar. Não queria perder o emprego.

Como Aurora iria encontrá-lo?

– Vamos seguir nosso rumo agora, Frankie Presto – disse o homem.

– O senhor comprou aquele carro?

– Sim.

Frankie baixou o olhar.

– É só um carro. Seu patrão fez uma oferta boa. E é difícil deparar com uma boa oferta. Posso não necessitar do dinheiro, mas as pessoas para quem

eu devo com certeza precisam.

O homem riu da própria piada. Frankie não disse nada. O homem pegou

um frasquinho de pílulas no bolso. Engoliu uma e empurrou com o que quer

que houvesse no cantil. Em seguida escorregou para o assento do carona, fechou a porta e pendurou o braço para fora da janela.

– Senhor? – chamou Frankie.

– Pois não?

– Quem é o senhor realmente?

O homem coçou o nariz.

– Se quer ganhar a vida fazendo música, filho, você vai ter que ser um monte de gente. Vai gostar mais de ser uns do que outros. – Ele sacudiu a cabeça para trás na direção da loja. – Não vá embora sem pegar um envelope

que seu patrão tem para você.

O carro foi embora com uma nuvenzinha de fumaça saindo do cano de

descarga. De repente ficou tudo silencioso. O sol torrava, sem uma nuvem para abrandar o calorão. Frankie tocou um pouco mais. Quando eram seis horas, foi ao escritório, onde Rutland, claramente aborrecido, entregou-lhe um

envelope e disse que não voltasse mais.

– Eu nem deveria estar lhe dando isso – falou o patrão. – Você quase me

custou aquela venda. É melhor aprender a ter respeito se espera trabalhar em

algum lugar de novo.

Na caminhada para a casa de Hampton, Frankie parou e sentou na beira da estrada. Estava com medo do que Hampton diria sobre a demissão. Em

primeiro lugar, ele jamais deveria ter conversado com Hank, ou Luke.

Abriu o envelope e ficou boquiaberto. Dentro havia 107 dólares, a

comissão da venda do Cadillac que Hank Williams insistiu que fosse paga a

Frankie e a mais ninguém. Era mais dinheiro do que Frankie jamais tinha visto na vida, mais do que ganharia em seis meses no estacionamento da loja.

Também havia a letra de uma canção rabiscada num pedaço de papel:

Sunflowers waiting for the sunshine. / Violets just waiting for dew. / Bees

just waiting for honey / And honey, just waiting for you! [9]

Embaixo as seguintes palavras: “Boa sorte na espera de sua garota.” E

assinado “Hank Williams”.

Seis meses depois, na madrugada de ano-novo de 1953, Hank Williams,

com a corrente sanguínea cheia de morfina, morreu quietinho no banco de trás

de um Cadillac azul-bebê. O motorista, tentando levar Hank para uma

apresentação, parou num posto de gasolina e descobriu o cantor, gelado e

inanimado, debaixo de uma coberta, morto aos 29 anos de idade.

O que Frankie sentiu no capô daquele carro foi o que eu antevi, o que desejei que ele transmitisse: que a morte estava à espreita, que o cantor precisava tomar jeito, maneirar, parar com a bebida e a medicação. Você me

acha intrometida? Por quê? Eu disse que amo meus discípulos. Disse que as

visitas mais tristes são aquelas que acontecem cedo demais. Disse que posso

ver todos os futuros. Não tenho o direito de compartilhar esse poder de vez em quando? Não devo fazer nada? Devo deixar a música morrer sempre?

8 Tentações, armadilhas ocultas / Com frequência pegam-nos de surpresa / E fazem sangrar nosso coração / Por uma palavra ou ação irrefletida / E nos indagamos por que o teste / Quando tentamos fazer nosso melhor / Mas entenderemos melhor pouco a pouco.

9 Girassóis esperando a luz do sol / Violetas esperando o orvalho / Abelhas esperando o mel / E eu, meu bem, só esperando por você!



30

1969

ESTAVA ESCURO AGORA, E FRANKIE AVANÇOU AOS TROPEÇÕES PELA MULTIDÃO de

Woodstock até não ver mais a van roxa da mulher. Havia chovido e os pés dele chapinhavam na lama. Virou o violão nas costas. *O palco. Ele tinha que*

chegar ao palco. Onde estava o palco? Como se perdera tanto? Ouviu risos uivantes, virou-se e viu um grupo de jovens deslizando em poças de lama e guinchando quando o barro espirrava neles.

– Sou o Rei da Lama! – gritou um rapaz.

Frankie foi em frente, arrastando-se, passando por um homem que distribuía sanduíches de mortadela e um grupo que compartilhava um jarro de água. Esbarrou nas pessoas com a caixa de ovos, desviando bruscamente, como se circulasse por um planeta estranho e acidentado, passando por barracas improvisadas, filas de sacos de dormir e uma mãe nua lavando duas crianças em um laguinho.

Viu pessoas numa fila comprida e, com a mente ainda confusa, entrou no fim dela, calculando que alguém lá na frente poderia orientá-lo.

– Para quem você quer ligar, irmão?

– Hã?

Um homem sardento sorria para ele. Estava sem camisa e tinha o peito cabeludo. O cinto apertava a cintura flácida, que se derramava em volta.

– É uma fila de telefone, cara. Para quem você vai ligar?

– Fila de telefone?

– Sim. Estão deixando a gente usar os telefones de graça. Tenho que ligar para a minha velha. Eu deveria ter voltado *ontem*.

Frankie sentiu o suor em seu rosto. Movimentou a mandíbula. O que quer que fosse a pílula verde da mulher, estava fazendo efeito. Os ossos pareciam estar desconjuntados.

– Você também está tentando ir para casa, irmão?

– O palco.

– Vai tocar?

– Aham.

– Lá longe. *Lá* longe!

O homem semicerrou os olhos. Frankie semicerrou os dele também.

– Ei, irmão!

– Sim?

– O palco é naquela direção.



31

1953

– O PALCO ESTÁ LOGO ATRÁS DESSA PORTA – SUSSURROU HAMPTON.

Frankie assentiu com a cabeça.

– Você entra lá e apenas toca a sua música. Rápido do jeito que toca esse

violão, não tem como dizerem não para você.

Era um dia quente, com um enérgico compasso 2/4, e o andamento era

vivace – vivo –, mas *sostenuto*, prolongado. Hampton e Frankie estavam do lado de fora do Ryman Auditorium, esperando uma audição para o *Grand Ole*

Opry. Frankie, agora com 17 anos, aprendera um bocado de música country desde a chegada a Nashville. Também crescera 5 centímetros e agora parecia

mais um homem do que um menino. Hampton falou:

– Acho que você tá pronto pra enfrentar o maior palco de todos.

Ele vestiu Frankie para a audição com um chapéu de caubói cinza e um casaco

esporte branco com remate de renda. Custou uma semana do salário de Hampton. Devo observar que o mecânico havia pedido para ser o empresário de Frankie, e, embora o rapaz não compreendesse o que significava aquele cargo, prontamente disse sim. Ele gostava de Hampton. E, como era Hampton quem o alimentava e o deixava ouvir rádio, Frankie não podia recusar.

– Apenas toque do jeito que você tocou lá em Detroit. Não tem como dizerem não.

– Ok.

– Você é a coisa mais rápida que já se viu.

– Ok.

Hampton parecia nervoso. Passou-se mais uma hora. Frankie queria bater na porta, mas o empresário não deixou.

– Não podemos parecer metidos. Virão chamar a gente.

Por fim, quando o sol começava a se pôr, um homem de terno saiu pela porta da frente. Frankie correu até ele, disse “Com licença” e perguntou se alguém iria recebê-los em breve.

– As audições são na entrada sul – revelou o homem. – Dobrando a esquina. Mas a esta altura todos já foram embora. Vocês têm que voltar na semana que vem.

Frankie olhou para Hampton, que estava boquiaberto. Então virou-se para o homem de terno.

– Senhor… tem como eu levar alguma coisa que comprove que estivemos

aqui? Para a próxima vez? Para dizer, quem sabe, que devemos ser os primeiros da fila?

O homem olhou Frankie de cima a baixo e riu. Meteu a mão no bolso e tirou um cartão de visita.

– Só tenho isso aqui, meu jovem.

O homem foi embora. Hampton praguejava e sacudia a cabeça. *Porta errada?*

– Tudo bem, Hampton – disse Frankie. – Podemos tentar na semana que vem.

Mas o velho continuou resmungando, aborrecido com seu erro. Ele suava copiosamente. Na volta para casa, esmurrou o volante várias vezes. E, de repente, após dobrar num semáforo, agarrou o próprio braço e caiu contra a porta enquanto o carro guinava para o meio-fio.

– Hampton! – gritou Frankie, agarrando o volante e dirigindo feito um doido. – O que foi? Hampton! Ei!

Frankie jogou a perna por cima da perna de Hampton e freou o carro, que guinchou alto ao parar.

– Oh, não, não, não, não – implorou Frankie.

Abriu o colarinho de Hampton. Seus olhos estavam revirados. Ele gemia.

Frankie gritou pela janela:

– Socorro! Onde fica o hospital?

Minutos depois Frankie arrastava Hampton por portas duplas, os braços

em volta do peito do velho. E dizia:

– Você está bem, você está bem.

Mas uma vez lá dentro gritou:

– Socorro!

Uma enfermeira correu para acudir, porém um médico de cabelo cortado bem rente e peito largo barrou sua entrada.

– Espere! – protestou ele. – Você tem que levá-lo para o hospital de gente de cor.

– Por favor! – gritou Frankie.

O médico sacudiu a cabeça.

– O hospital para gente de cor vai cuidar dele.

– Mas ele está mal!

– Então é melhor você correr.

A respiração de Frankie acelerou. Cerrou os olhos com força. E algo dentro dele rompeu-se. Talvez por causa de Baffa, ou de El Maestro, ou por nunca ter encontrado a mãe, ou por causa das inúmeras e preciosas coisas que haviam sido tiradas dele nesta vida. Frankie sentiu uma força assomando, um ruído entre as orelhas, como um glissando irado de uma ponta à outra do teclado. Ele não perderia Hampton também.

– Agora escute aqui – disse ele, chegando a centímetros do rosto do médico. – Acabo de vir do *Grand Ole Opry*. E ele também. É um homem

importante.

O médico deu uma risadinha.

– Vieram do *Opry*?

Frankie puxou o cartão de visita do bolso e meteu-o na palma da mão do

médico.

– Isso. Vou tocar lá no sábado à noite. Se cuidar deste homem agora mesmo, deixarei quatro ingressos da primeira fila para você.

Enquanto falava, Frankie tinha a sensação de estar ouvindo outra pessoa.

De onde tirava aquelas palavras?

O médico fungou enquanto lia o cartão de visita. Pertencia a um gerente



de eventos de alto nível.

– Você está mesmo tocando no *Opry*?

– Olhe a minha roupa – disse Frankie.

O médico apertou os lábios. Acenou para a enfermeira.

– Nos fundos – ordenou.

Horas depois, Frankie estava sentado à cabeceira do leito de seu amigo,

dedilhando o violão suavemente, uma progressão de blues que parecia fazer seu próprio ritmo.

– Continue tocando, moleque. Me acalma.

Hampton Belgrave, aos 77 anos, havia sofrido um ataque cardíaco, mas o

rápido socorro médico recebido o estabilizara. Ele viveria.

– Você prometeu mesmo ingressos para o médico? – sussurrou Hampton.

Frankie assentiu com a cabeça.

– Para um show em que você não está?

– Sim.

Hampton sorriu e sacudiu a cabeça.

– Tá muito mais esperto do que quando te encontrei no meu porta-malas.

Frankie tocou um acorde. Hampton engasgou.

– Num quero nem imaginar o que podia ter acontecido comigo.

– Você vai ficar bom, Hampton.

– Graças a você.

– Não.

– Vou dormir um pouco agora. Talvez fazer uma oração.

O velho mecânico fechou os olhos, por isso não viu o que aconteceu em

seguida: a quarta corda do violão de Frankie adquiriu uma tonalidade azul flamejante. Frankie olhou-a fixamente. Sentiu um arrepio percorrer seus

braços e pernas. Você se pergunta sobre os episódios críticos na história do meu filho? Aqui está um:

No silêncio de um quarto de hospital, ao som da respiração de um homem



idoso, Frankie Presto finalmente entendeu que, de alguma maneira, por meio

daquelas cordas, ele segurava a vida em suas mãos.

Duas semanas mais tarde, e quatro quilos mais leve, Hampton voltou para casa. Sentou-se com Frankie e falou que empresariar um músico obviamente era extenuante demais para ele.

– Talvez você deva pensar em alguém com uma cabeça melhor pra essas coisas.

Frankie ficou triste. Gostava de Hampton e queria ver o interior do Ryman Auditorium. Mas a verdade é que ele não ligava para roupas de caubói. E não havia encontrado Aurora York em Nashville, que era o motivo de sua vinda. O mais perto que tinha chegado dela fora no balcão de maquiagem da loja de departamentos Harvey's, onde uma mulher de meia-idade se lembrou de uma garota com sotaque britânico que disse estar de mudança para Nova Orleans. Não era muita coisa para seguir em frente.

Mas era alguma coisa.

Assim, uns meses após o incidente no *Opry*, Frankie pegou 20 dólares do dinheiro deixado por Hank Williams no envelope e colocou o resto na cômoda de Hampton, como forma de agradecer ao homem por ter cuidado dele. Depois botou seus óculos escuros, deu um abraço no velho e foi embora a pé – com seu violão, sua mala e o cão pelado – para a estação de ônibus Greyhound, onde comprou bilhete só de ida para Nova Orleans.

Ao embarcar, o motorista avisou:

– Só são permitidos cachorros se forem acompanhantes de cegos.

Pensando rápido, Frankie pôs as mãos diante de si e declarou:

– Por que você acha que estou usando estes óculos?

Ele e o cão tiveram permissão para subir e se acomodar. O ônibus arrancou. Uma mulher de idade sentada ali perto tocou no braço de Frankie e enfiou uma nota de 10 dólares na mão dele.

– Que Deus o ajude em sua aflição – disse ela.

Frankie agradeceu à mulher. O cão pelado ganiu. Frankie indagou-se por que Deus sempre era mencionado nos momentos mais inusitados de sua vida.



32

1954

SOBRE O CACHORRO.

Frankie agora estava com 18 anos, o que significava que seu companheiro de quatro patas era ainda mais velho. Na vida dos caninos, isso é raro. Mas aquele era um animal incomum, e sua longevidade era claramente determinada pela necessidade, não pelos anos. O cachorro estava lá para tirar Frankie do rio. Estava lá para distrair os soldados na fábrica de sardinhas. Estava lá para fazer companhia a Frankie quando Baffa foi preso. E, de algum modo, estava lá em Detroit, do lado de fora do orfanato, quando Frankie precisou desesperadamente de um amigo.

Já em Nova Orleans, o cachorro esperava à noite em quartos de hotel

enquanto Frankie ganhava dinheiro tocando com grupos de *doo-wop* e quartetos de jazz. De dia, o animal seguia Frankie para cima e para baixo, esperando do lado de fora das lojas enquanto Frankie perguntava sobre

Aurora. A cada vez que meu filho saía abatido, sem qualquer informação nova, o cachorro levantava-se, a língua arfante, e acompanhava Frankie até a

próxima parada.

Porém, quando 1954 chegava ao fim, Frankie reparou que seu

companheiro estava ficando mais lento. Levava mais tempo para andar pelas

ruas ou cruzar a grama alta embaixo da ponte Huey P. Long, que atravessava

o rio Mississippi. Frankie praticava embaixo da ponte três horas por dia, enquanto os trens passavam lá no alto. Ele se tornara bastante hábil no rhythm

and blues e dedilhava na batida das rodas quando atingiam uma lacuna na junção dos trilhos. O cão pelado olhava para cima com o barulho.

– Chuckutty, chuckutty – cantava Frankie.

Mas, nas últimas semanas, nada do que Frankie tocasse fazia a criatura erguer a cabeça; nem mesmo quando imitou o trinado agudo de um jovem Elvis Presley e o ritmo rascante de uma canção de seu novo disco, chamada

“That’s All Right (Mama)”.

– Você é um espectador difícil – disse Frankie.

O cachorro espirrou.

– O que você quer ouvir?

O cachorro piscou e olhou diretamente para ele.

– Hum. Algo lento e bonito?

Frankie recostou-se numa árvore e começou a tocar numa progressão 2/5.

O ar estava quente e o sol escondia-se atrás de uma única nuvem branca. A memória de Frankie vagou. Antes que se desse conta, estava tirando

“Maalaala Mo Kaya”, a canção que certa vez tocara para homenagear os

mortos enterrados em um campo espanhol. Frankie não havia tentado tocar aquela obra por muitos anos e ficou surpreso com a facilidade com que ela voltou à sua lembrança. A melodia simples era tranquilizadora. O cão pelado

deu um longo bocejo silencioso.

Quando Frankie terminou, o animal veio até ele e Frankie coçou suas

orelhas. O cachorro lambeu seus dedos.

– Obrigado – agradeceu Frankie, rindo. – Agora estou todo pegajoso.

O cachorro deu meia-volta e andou para a beira do rio. A corrente

lamacenta movia-se ligeira.

– Ei, cuidado! – gritou Frankie, inclinando-se para a frente.

E, pela primeira vez em todos aqueles anos, o cachorro virou-se e rosnou,

fazendo Frankie inclinar-se para trás, confuso.

Existem canções que você toca e tem que recomeçar, e canções que você

toca e nunca acerta. Mas, quando uma canção está concluída, não há mais nada que você possa fazer.

O cão pelado pulou na água e foi chapinhando rio adentro.

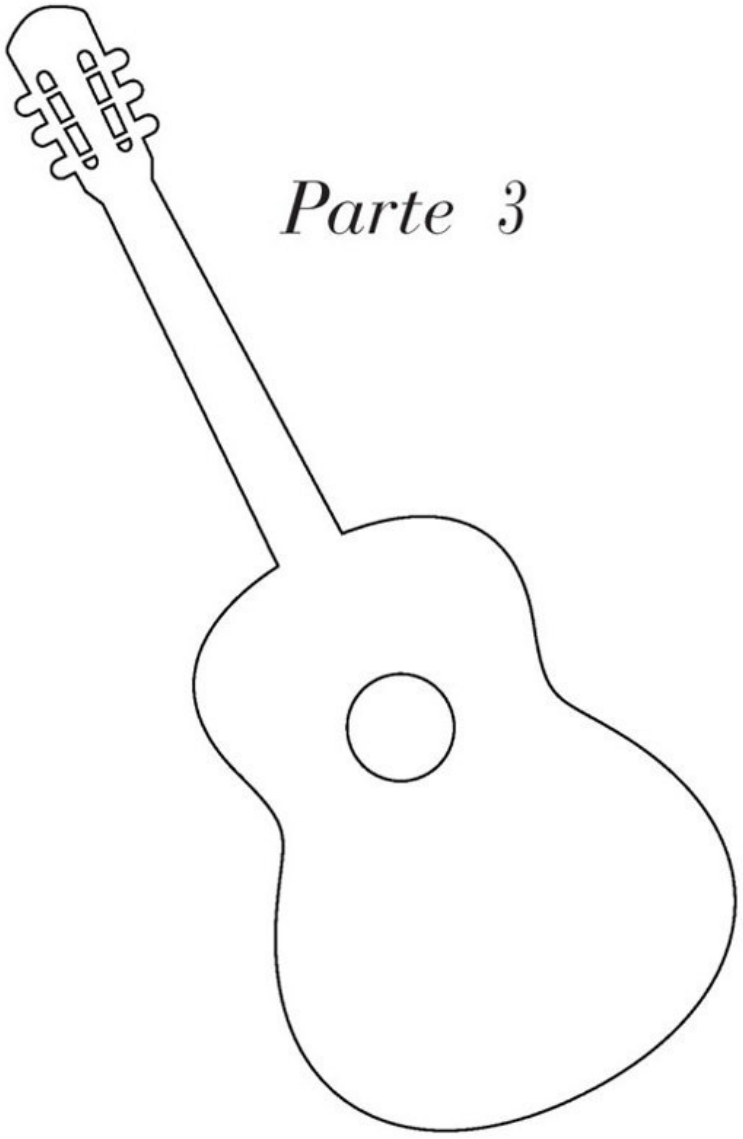
Frankie assistiu a tudo inerte, sabendo, de algum modo, que não deveria ir

atrás enquanto o último membro de sua banda original de três elementos desaparecia nas águas do Mississippi.

Um instante depois, ouviu um farfalhar na grama alta atrás dele. Girou a

cabeça e semicerrou os olhos ao sol. Viu um vulto pairando acima dele, sorridente.

– Ouvi dizer que você estava me procurando – disse Aurora York.



Parte 3

Cecile (York) Peterson

Irmã de Aurora York, matemática aposentada da Escola de

Economia de Londres

NOSSO PAI ERA UM ESPIÃO.

Foi assim que chegamos à Espanha, minha cara. Ele foi espião durante a

Segunda Guerra Mundial e achou que ficaria mais seguro lá do que na

Inglaterra. E suponho que, dada a Blitz – os bombardeios estratégicos da aviação alemã contra o Reino Unido –, ele estava certo. Meu pai trabalhou para a inteligência britânica na Operação Fortitude. Na verdade, ela é bastante

famosa. Distraiu os alemães da invasão da Normandia, fingindo que os

aliados planejavam ataques maiores em outras partes… Oh, sim, minha cara.

Escreveram livros a respeito. Faça uma consulta.

Meu pai trabalhou com um agente duplo espanhol em quem os alemães

confiavam. Era tudo muito produtivo – exceto para nossa família. Papai nos

colocou em uma casinha perto de Valência – minha mãe, Aurora e eu. E então

nos deixou para sempre. Foi assassinado em 1945, oito meses depois da Normandia. Encontraram o corpo num quarto de hotel em Barcelona,

estrangulado com um arame. Acredito que ele tenha sido traído. Nunca se sabe. “O sigilo faz parte da vida que escolhemos”, ele costumava dizer.

Minha irmã e eu éramos bastante diferentes. Aurora era um espírito livre.

Vestia roupas esquisitas com estampas descombinadas e gostava de dançar já

na primeira hora da manhã. Amava subir em árvores, correr na chuva e besuntar o rosto com massa de tomate. Eu era mais estudiosa. Recatada.

Resguardada. Filha de minha mãe, suponho. Os números me intrigavam. Matemática. Ciência. Eu preferia as coisas organizadas. Aurora apreciava as coisas bagunçadas.

Daria para descrever Aurora e Frankie assim. Bagunçados.

Para ser exata, ouvi falar de "Francisco" anos antes de encontrá-lo. Minha irmã conheceu-o quando era bem novinha, nos bosques aqui da Espanha. Não sei o que eles disseram ou fizeram naquela tarde, mas, o que quer que tenha sido, ele se tornou parte do vocabulário dela. "*Um dia, quando eu casar com Francisco…*" ou "*Um dia, quando eu tiver uma casa com Francisco…*" eram algumas das frases que costumava dizer. Honestamente, pensei que ele fosse imaginário. Ela tinha apenas 7 ou 8 anos, e você sabe como são as menininhas. De qualquer forma, sendo filhas de um espião, verdade e mentira com frequência eram indistinguíveis em nossa casa.

Só quando ela fugiu, ao chegar à América, me dei conta de que "Francisco" era uma pessoa real. A esta altura Aurora era uma adolescente e naquele verão tinha ido para o Tennessee com nossa mãe e nosso padrasto para uma conferência médica. Ele era médico. Escocês. Temperamento medonho. Ele e Aurora viviam discutindo – ela odiava a ideia de minha mãe substituir meu pai. E certo dia, durante aquela viagem, tiveram uma briga horrível. Ela tinha uma mala nova amarela e, quando minha mãe voltou para o quarto do hotel após o evento, a mala havia sumido e Aurora idem. Eles a procuraram por algumas semanas, mas por fim desistiram e voltaram para casa.

Lembro-me deles entrando em casa – duas pessoas, em vez de três – e de

me sentir muito traída, como se tivessem saído com todas as minhas coisas e voltado de mãos vazias. O que me sobrara da infância com minha irmã, meu padrasto levou embora. Nunca o perdoei por isso. Talvez nunca tenha perdoado Aurora por deixar mamãe e eu sozinhas com aquele homem.

Ao longo dos meses, recebemos cartões-postais dizendo que ela estava bem, mas com poucos detalhes sobre qualquer assunto, exceto que ela acreditava que "Francisco" estava em algum lugar da América também, ela podia sentir. Desconsiderei a ideia, acreditando que fosse mais um dos devaneios da minha irmã maluca. Francamente, não sei como ela sobreviveu.

Então, num dia de 1955, ela telefonou para nosso apartamento em Londres. Eu devia ter 23 anos; portanto, ela tinha 18 ou 19. Atendi o telefone e ouvi Aurora dizer:

– Cecile, vocês têm que vir. Vou me casar!

Nem mesmo um "olá". Fiquei pasma ao escutar a voz dela.

– Aurora? É você mesmo? – perguntei.

– Ele finalmente me encontrou, Cecile – respondeu ela.

– Quem encontrou você? – questionei.

– Francisco, é claro!

Era assim que a coisa funcionava entre os dois. Longos períodos de ausência – e aí um romance louco e intenso. Acredito que ela e Frankie foram feitos um para o outro, mesmo que raramente permanecessem juntos. Era como se estivessem ligados por um segredo que os alegrava na maior parte do

tempo e os ensandecia no restante.

Apaixonados? Oh, sim, minha cara. Frankie e Aurora eram

profundamente apaixonados, mais do que quaisquer pessoas que eu já tenha conhecido, e isso inclui meu próprio casamento, que durou 42 anos. Lembro-me de Frankie praticando ou compondo, de minha irmã chegando por trás e beijando sua orelha – sempre a orelha –, e ele dizendo: “Aurora quer dizer alvorecer.” Eles riam, sabe-se lá por quê. Faziam pequenos duetos cantando juntos. Tinha a canção espanhola sobre um vagão de trem. *Laaaa-paaan-de-ro la-la-la*, *la-la-la-la-la*. Conhece?… Pensei que, estando aqui na Espanha…

Enfim. Deixa para lá.

A fase mais feliz dos dois foi logo antes de Frankie ficar famoso, quando

se casaram. Moravam em Nova Orleans. Comprei passagem para ser dama de

honra de Aurora. Meu padrasto proibiu minha mãe de ir. Dá para acreditar?

Ele disse: “A vadiazinha já nos causou dor de cabeça suficiente.”

Sinceramente, aquele homem era uma cobra.

Assim, viajei sozinha para os Estados Unidos, mas, quando cheguei a

Nova Orleans, descobri que, como nem Frankie nem Aurora tinham a

documentação necessária, não podiam casar-se legalmente.

Isso não os deteve. Realizaram o casamento num clube noturno do Bairro

Francês… Não, não recordo o nome. Mas lembro que começou às duas da

madrugada, após o estabelecimento fechar. Havia muitos músicos lá. Fats Domino tocou piano. Ele era amigo de Frankie. E vários artistas de jazz também.

Foi a primeira vez que vi Frankie se apresentar. Ele era de fato brilhante.

Entendi por que minha irmã ficara caidinha por ele. Cantava como um

rouxinol e era tremendamente atraente. Na época, ele trabalhava com um grupo de… é "*doo-wop*" a música? Sim… Exato… Cada um tinha um

registro vocal diferente, um muito grave, outro muito agudo, um

intermediário, e fizeram uma canção chamada "Earth Angel" para minha

irmã. Frankie ajoelhou-se no momento em que a canção pergunta: "Você será

minha?" E Aurora começou a chorar quando ele colocou um anel no dedo dela. Fiquei tão feliz por ela! Era minha irmã, afinal de contas. E ninguém

poderia ser mais feliz do que Aurora quando ficava feliz. Ela agarrava você pelas mãos, rodopiava seus braços e ficava dizendo "Não é maravilhoso?!", como se fosse uma garotinha.

Talvez por isso ela e Frankie se sentissem atraídos um pelo outro. Eles pouco puderam ser crianças quando eram crianças. Então, ao se tornarem adultos, muitas vezes agiam como crianças. Dormiam tarde. Faltavam a

compromissos. Sempre rindo e se desculpando pelas coisas. Mas já não eram

crianças, certo? E foi aí que os problemas começaram.

Quando ela o deixava por longos períodos, eu a censurava, mas Aurora

sempre tinha uma desculpa: ele tinha que trabalhar sua música, ela tinha que

tratar de alguma coisa. Ele enviava dinheiro para ela. Ela mandava de volta.

Ele telefonava. Ela desligava. Ela sabia que havia outras mulheres. Isso não a

perturbava. Eu dizia:

– Aurora, se ele é seu marido, vocês têm que ficar juntos.

– Oh, Cecile, estamos juntos. Estamos apenas afastados – explicava ela.

Eles guardavam muitos segredos. Papai teria aprovado. Mas isso me

deixava no escuro a respeito de muitas questões – inclusive sobre o motivo da

grande separação. Até hoje não sei dizer. Imagino que o casamento com aquela atriz não tenha ajudado muito. Nem direi o nome dela, me aborrece muito. Não sei o que Frankie estava pensando. Você viu fotos da minha irmã

quando moça? Mais bonita do que qualquer atriz, minha cara. Aurora poderia

ter tido qualquer homem que escolhesse. Ela escolheu Frankie. Foi

exatamente isso.

Você conhece o lema em latim da Escola de Economia de Londres?

Rerum cognoscere causas. Significa “conhecer as causas das coisas”. Mas há tanta coisa que eu não sei a respeito de Frankie e Aurora que talvez nem seja

muito útil para a sua reportagem. Posso apenas confirmar que ele foi a causa

de muita alegria para ela – e de muito desgosto. Talvez por isso ele acreditasse que eu não gostava dele. Sempre que nos visitavam, ele me abraçava e oferecia:

– Cecile, deixe eu tocar uma canção para você.

– Não, não precisa – dizia eu.

Eu não deixaria a música dele me enfeitiçar. Artistas acham que a arte

torna todo comportamento aceitável. Não concordo. E falei isso para ele.

Olhando agora, penso que posso ter sido ríspida. Mas sempre fui uma

pessoa prática. Aurora entendia isso. Ela costumava rir e dizer:

– Melhor para você que ele não toque música, Cecile. Aquele rapaz e seu

violão só precisam de alguns minutos para mudar a sua vida.



FRANKIE E AURORA. UMA SINFONIA EM SI.

Falei anteriormente sobre amor e música, o dueto entrelaçado. Basta dizer

que havia um motivo para Frankie Presto, apesar de todas as suas aventuras amorosas, sentir-se vazio com quase todas as mulheres com que ficou.

Mea culpa.

A verdade é que não sou boa em dividir. Quero vocês só para mim. E

vocês, meus preciosos seguidores, me querem também – mesmo que à custa

de outros. Vocês me seguem para salas de prática solitárias, palcos distantes e

estúdios de gravação enfumaçados no meio da madrugada, os dedos fatigados

martelando teclas de piano, os lábios cansados fixados no bocal; vocês continuam tocando, abandonando aqueles que amam vocês e a quem vocês

deveriam amar. Outras pessoas seduzem vocês. Eu seduzo mais. É o preço que exijo. E que vocês pagam.

Frankie notou isso bem cedo. Certa noite, no período em que estava com

Duke Ellington, o famoso bandleader tinha duas mulheres à espera num carro

negro comprido.

– Você gosta daquelas mulheres bonitas, Francisco?

Frankie deu um sorriso largo.

– Concordo. Elas são maravilhosas. Mas a música é minha senhora.

Entende o que isso significa?

Frankie sacudiu a cabeça.

– Significa que de manhã aquelas mulheres terão ido embora, mas meu

piano ainda estará lá.

Quando menino, Frankie não entendeu. Já homem, compreendeu plenamente. Ao longo das décadas, não importava em que cama Frankie fosse parar, a senhora dele era eu. E eu conseguia roubá-lo de volta de qualquer uma. Qualquer uma.



Exceto Aurora York.

Frankie apaixonou-se por Aurora quando criança e nunca mais amaria ninguém daquela maneira. Simples assim. Ele pensava nela sem parar; então ia atrás dela e, cada vez que a perdia, tornava a persegui-la. Daquele primeiro dia no bosque espanhol até a noite fatídica em Woodstock, a história deles foi o que vocês humanos rotulam de história de amor verdadeiro.

Mas todas as histórias de amor são sinfonias.

E, como sinfonias, têm quatro movimentos:

Allegro, uma abertura rápida e animada

Adagio, um ciclo lento

Minuet/Scherzo, passos curtos em compasso 3/4

Rondo, um tema repetido, interrompido por várias passagens

Eu sempre soube para onde Frankie e Aurora rumavam.

Dada a musicalidade dele, como poderia ser diferente?



34

1955

O PRIMEIRO MOVIMENTO DE FRANKIE E AURORA. *ALLEGRO*. RÁPIDO. ANIMADO.

Começou na Espanha e adquiriu velocidade na Louisiana. Encontraram um

local para morar, alugando um apartamento conjugado em cima de uma

farmácia em Nova Orleans. Aurora dormia numa cama de solteiro e Frankie

num sofá no outro cômodo, ainda tímido nos caminhos do amor e atento à advertência de Aurora: “Nada até agora conta. Estamos começando do zero.”

Toda noite, enquanto comiam feijão-vermelho e arroz, Frankie contava

suas aventuras para Aurora: a viagem de barco desde a Espanha, o encontro

com Django nas docas, o orfanato, Hank Williams e o *Grand Ole Opry*. Ela se inclinava com o queixo entre as mãos, maravilhada com todos os lugares onde ele estivera. Aurora não falava muito de suas viagens, e Frankie não perguntou sobre o homem de barba de Detroit nem sobre quaisquer outras pessoas com quem ela pudesse ter estado. Mas, às vezes, de manhã, enquanto

ele praticava violão, ela o fitava e chorava um pouquinho. Uma vez, ele questionou:

– Qual é o problema?

– Por que você não me encontrou antes? – perguntou ela.

– Corri atrás de você naquela noite – respondeu ele.

– Fiquei envergonhada – disse Aurora.

– Aquilo não me deteve – afirmou Frankie, contando que batera de porta

em porta com o cão pelado em diversas cidades.

– Obrigada.

– Pelo quê?

– Por não desistir.

– Por que eu desistiria?

Às vezes eles caminhavam ao longo do rio Mississippi à noite e dividiam

rosquinhas fritas de um saco de papel. Dava para ouvir a música dos clubes



do Bairro Francês, e aí Frankie começava a cantar junto. Ou cantava uma canção que as crianças de Villarreal costumavam entoar enquanto corriam atrás do trem pela cidade.

La pan-der-o-la-la-la

La pan-der-o-la-la-la

Aurora ria e recostava a cabeça no ombro dele e Frankie recordava uma conversa que tivera com seu professor de violão certa vez:

– Como você sabe que está apaixonado, Maestro?

– Se você está perguntando, não está.

– Você se apaixonou alguma vez, Maestro?

– Quem escreveu "Recuerdos de la Alhambra"?

– Francisco Tárrega.

– Que técnica ele usou naquela canção?

– A técnica de tremolo.

– São essas as perguntas que você deveria fazer. Não perguntas sobre o amor.

– De onde vem tremolo, Maestro?

– Da palavra "tremer".

– O que significa "tremer"?

– Sacudir. Agitar. Estar assustado ou nervoso.

– Quando isso acontece?

El Maestro fez uma pausa.

– Quando você está apaixonado.

Frankie tocou um bocado de música em Nova Orleans, uma cidade que

eu impregno mais que a maioria. Tocou com bandas de blues. Tocou jazz no

Dew Drop Inn. Aurora foi com ele a barzinhos e shows ao ar livre, até a um

estúdio de gravação nos fundos de uma loja de eletrodomésticos no Bairro Francês. A versatilidade de Frankie ao violão fez dele um favorito por lá, e o

dono dizia aos clientes:

– O que quer que você precise – *presto!* – esse garoto sabe tocar! É por isso que o chamam de Presto!

Numa noite de verão, Frankie estava no estúdio quando um negro forte, de cabelo penteado para cima e bigodinho, veio gravar umas canções. Eram basicamente blues, algo fácil para Frankie acompanhar, mas ele notou que o

produtor não estava satisfeito com o resultado. Depois de várias horas, fizeram um intervalo.

O cantor, cujo nome era Richard Penniman, foi para o beco nos fundos do

estúdio para engraxar os sapatos. Ele parecia frustrado. Frankie saiu atrás dele. O engraxate era um menino de 6 anos chamado Ellis, que adorava Frankie porque

este mostrava a ele como fazer acordes no violão.

– Quer uma boa engraxada, Sr. Presto? – perguntou Ellis.

Frankie pediu a ele para tratar primeiro dos sapatos novos do homem.

– Obrigado – disse Richard Penniman.

– Por nada.

– É sua garota lá dentro? A loura?

– Sim.

– Ooooo-paa.

Frankie sorriu.

– Você é um tipo bonitão – declarou o homem. – Faz shows?

– Basicamente toco violão.

– Hum-hum.

– O quê?

– Ninguém fica famoso tocando violão. Se quer aparecer, melhor cantar.

Na frente. Sozinho.

Aurora chegou e falou que ia comprar sorvete. Perguntou se eles queriam.

– Que tal uma casquinha de tutti frutti? – perguntou o homem.

Frankie riu.

– Qual é a graça?

– Tutti frutti. É italiano.

– Significa?

– Todas as frutas.

– Humpf. Quisera saber disso antes.

– Antes do quê?

– Antes de escrever minha canção.

– Que canção?

– “Tutti Frutti”.

– Sobre frutas?

– Não é sobre frutas! É sobre, você sabe… – Ele sacudiu a cabeça de leve

e mexeu os quadris. – Quer ouvir?

E ali, no banco do engraxate, ele cantou um verso – um *boogie-woogie* ruidoso e rápido. Frankie balançou a cabeça em aprovação, de olhos

arregalados, e até o pequeno Ellis, o engraxate, abriu um sorrisão.

– Talvez – sugeriu Frankie – você devesse gravar *esta*.

Minutos depois, ele gravou. A música foi concluída rapidamente. A

energia na sala era palpável. Richard Penniman gritou “Aaaaah” para avisar o

saxofonista de que era a hora do solo. As palavras foram consideradas picantes demais, por isso num instante uma mulher no estúdio inventou uma

nova letra e, quinze minutos depois, a versão final foi gravada. (Criação rápida, lembra? Meu presente para vocês?)

“Tutti Frutti” (com Frankie tocando no violão um *lick*, um pequeno solo,

não creditado) tornou-se um tremendo sucesso e forjou a carreira do homem de bigode, que ficou mais conhecido como Little Richard.

Ninguém notou quando Aurora voltou com o sorvete.

– O que foi que eu perdi? – perguntou ela.

O *allegro* continuou. Frankie economizou dinheiro dos trabalhos musicais e, pouco antes do Natal, comprou um pequeno anel, que trazia dois corações ligados por uma lasca de diamante. Na noite seguinte à sua compra, ele e Aurora caminharam pela Canal Street, passando pela loja de departamentos Maison Blanche, onde, na vitrine, como parte da tradição



anual, havia um boneco de neve de papel machê chamado Mr. Bingle, descrito como ajudante do Papai Noel. Aurora adorava aquela criação esquisita, de chapeuzinho e olhos negros redondos.

– Papai Noel não pode fazer nada sem Mr. Bingle – proclamou ela, com o rosto colado no vidro.

– Aurora.

Frankie abriu a caixa do anel.

– Eu também não posso fazer nada sem você. Aceita casar comigo?

Aurora inspirou fundo. As lágrimas rolaram por suas faces. Eu tinha plena consciência da falta de música, mas Frankie, sempre confiável e atento, cantou baixinho a letra de “Earth Angel” e o momento ficou completo.

Earth angel, Earth angel, / Will you be mine? 10

– Papai Noel e Mr. Bingle estão sempre juntos – sussurrou Aurora.

– Sempre – disse Frankie.

– Seja como for.

– Seja como for.

– Muito bem. Vou casar com você.

Eles se beijaram docemente, ela colocou o anel e Frankie cumprimentou o boneco de neve de papel machê dando um tapinha na aba de um chapéu imaginário, fazendo Aurora rir.

Marcaram o casamento numa igreja das redondezas e só na semana do evento se deram conta de que faltavam documentos. Tanto Frankie quanto Aurora viviam à margem da sociedade, nenhum dos dois tinha carteira de motorista, o dinheiro que ganhavam era na maior parte em espécie e, pelo que pude deduzir (esses detalhes me chateiam), obter os documentos necessários teria ocasionado um longo adiamento.

Então, cancelaram a igreja e usaram a casa noturna de um amigo para a celebração. E um violinista que um dia frequentara um seminário protestante abençoou a união às três da madrugada. Cecile, a irmã de Aurora, foi a dama de honra, e o jovem Ellis, o engraxate, fez as vezes de padrinho de Frankie.

Teve comes e bebes, Fats Domino tocou piano, Richard Penniman cantou suas canções desvairadas e Hampton Belgrave veio de Nashville e fez uma participação tocando harmônica.

De manhãzinha, quando todos já tinham ido para casa, Frankie e Aurora,

ainda vestindo os trajes nupciais, deram uma caminhada ao longo do rio.

– Lembra do dia em que nos conhecemos? – perguntou Aurora.

– No bosque – disse Frankie.

– Você estava muito apavorado.

– Não, não estava.

– Estava sim.

Ela tirou os sapatos. Um bando de pássaros voou sobre a água.

– Aquele foi o último dia em que você viu seu pai.

– Ele não era meu pai.

– Lamento ele não estar aqui.

– Sua mãe também não veio.

– Tem razão. Ela não veio.

Aurora deu a mão para Frankie. Caminharam em silêncio. Lá longe, um

homem de avental jogou um balde d’água na calçada e começou a varrer a folia da noite.

– Francisco?

– Sim?

– Nós dois temos uma família agora.

– Você e eu?

– Sempre.

Frankie cantou a primeira frase de “Always” (Sempre), uma canção

popular, gravada pelos Ink Spots e Frank Sinatra. Aurora passou o braço dele

em volta de seu ombro.

– Nem tudo é uma canção.

– É, sim.

– Ok. É.

Enquanto o sol se erguia sobre a extremidade leste de Nova Orleans, eles

se recolheram ao apartamento em cima da farmácia e se deitaram juntos no mesmo travesseiro. Mais tarde Frankie adormeceu com o nariz no cabelo

louro de Aurora e o braço em volta de sua cintura. Ele havia entrado em muitas bandas. Essa era a sua favorita.

10 Anjo na terra, anjo na terra / Você será minha?



35

1969

A MÚSICA FICOU MAIS ALTA NA ESCURIDÃO DE WOODSTOCK, E FRANKIE ouviu,

vinda dos céus, a voz áspera de uma cantora de blues chamada Janis Joplin.

Mesmo no seu estado confuso, conseguiu decifrar o padrão 1/4/5 do acorde de

uma canção chamada “Piece of My Heart” e um refrão estrondoso no qual a

cantora brada para o amante que pegue, pegue, pegue outro pedacinho do seu

coração.

– Palco? – gritou Frankie para um grupo próximo.

– Para lá! – bradou alguém, apontando.

– Palco? – berrou ele um minuto depois.

– Para lá!

Ele tinha a direção. Tinha os ovos. Frankie determinou uma marcha para suas pernas, que, devido à pílula verde, ele tinha que manobrar mentalmente por meio das articulações dos joelhos, como se fosse uma marionete. Ergue, estende, pisa…

– Posso experimentar seu violão, senhor?

Frankie olhou para baixo. Viu um menino de cabelo claro, com camisa listrada e cuecas brancas, sem sapatos, que devia ter uns 6 anos. Ao seu lado estava uma menina, ainda mais nova, também em roupas de baixo. Os dois estavam brincando na lama.

– Posso experimentar depois dele? – questionou a menina.

Frankie girou o pescoço, tentando processar. *Crianças. Noite. Brincadeira na lama.* Ele tinha que continuar andando. Porém, por algum motivo, ajoelhou-se e levou a mão às costas.

– Este? – perguntou ele.

– Sim – disse o menino.

– Você sabe tocar?

– Claro.

– Eu também – ecoou a irmã dele.

– O namorado da minha mãe toca.

– Onde está sua mãe?

– Lá.

O menino apontou para um círculo de pessoas embrulhadas em mantas, passando cachimbos. Frankie tentou adivinhar qual era a mãe. Coçou a cabeça. *Vá andando*, disse a si mesmo.

– Quer um pouco de lama? – ofereceu o menino.

– Hã?

– Pode pegar um pouco.

– Ok.

O garoto colocou uma bolota de lama na mão de Frankie.

– Obrigado.

– Agora posso tocar o violão?

– Você é jovem demais.

– Não sou, não.

Frankie lembrou da escola de música em Villarreal, Baffa Rubio discutindo com o dono.

– Não, você não é – balbuciou Frankie. – Tem razão.

Frankie pensou em Aurora deitada sobre a manta. O que ele fazia ali? Por que não estava com ela? Quem eram essas crianças? Qual era a letra da canção que ele estava escutando? Pegue? Pegue? O palco. *Vá andando.*

– Vão procurar a mãe de vocês – sussurrou Frankie.

– Mas queremos o violão.

Frankie esfregou a lama de volta na mão do menino e se levantou. Foi embora aos tropeções na direção da música e de outro pedacinho de coração

sendo levado.



36

1956

SEGUNDO MOVIMENTO DE FRANKIE E AURORA. *ADAGIO*. O PERÍODO LENTO.

O talento de Frankie tornava-o muito requisitado. Apresentações ao vivo.

Gravações de estúdio. De início, isso não foi problema (de início, isso nunca é

problema). Aurora ia com ele sempre que podia e nos intervalos

aconchegava-se no pequeno apartamento deles, que tinha uma sacada com

grade de ferro, luminárias antigas de madeira e uma cozinha de azulejos em

tom pastel.

Aurora era feliz ali. Cortava o cabelo de Frankie e ajudava a escolher suas

roupas. Nos shows, ela começou a notar que as garotas que gritavam por Jimmy Clanton ou Sam Cooke também ficavam de olho em seu marido, o

violonista sexy de topete negro. Isso não a incomodava. Ela esperava Frankie

depois dos shows e sempre saíam de mãos dadas a caminhar pela cidade, chegavam em casa de madrugada e ouviam discos até pegar no sono,

enroscados um no outro. Aurora acordava com o sol alto no céu, fazia um chá

e cutucava Frankie, dizendo:

– Acorde, dorminhoco. Você tem que praticar.

Foi nessa época que Frankie contou a Aurora sobre as cordas do violão.

Certa noite, quando estavam recostados nos travesseiros, ele lhe mostrou o violão e revelou os três incidentes ocorridos: com Django nas docas, com Hampton no quarto de hospital e, claro, a noite em que Aurora foi ameaçada

com uma faca até Frankie distrair o agressor.

– Você me salvou.

– Acho que sim.

– Eu teria morrido.

– Não diga isso.

– E a corda ficou azul?

– Sim.

– Por quanto tempo?

– Poucos segundos.

– Por que azul?

– Não sei.

– Você consegue prever quando vai acontecer?

Frankie sacudiu a cabeça.

– O que isso significa?

– Que posso afetar as coisas, acho.

– Quando quiser?

– Não. Só…

– O quê?

– Creio que só se realmente importar.

– Então eu realmente importava?

Frankie sorriu. Aurora chegou mais perto.

– Acho que é outra coisa, Francisco.

– O quê?

– De onde vieram essas cordas?

– Do meu professor.

– Antes disso?

– Da esposa dele.

– Onde ela conseguiu?

– Vai saber…

– É aí que está a resposta.

– Três delas rebentaram.

– As três que ficaram azuis?

Frankie assentiu com a cabeça.

– Talvez tenham se esgotado. Talvez você tenha recebido seis chances. –

O olhar dela ficou distante. – Seis almas.

– Do que você está falando?

– Do bosque. Lembra que você fez flores com suas cordas?

– E daí?

– Você fez algo por desconhecidos. Uma gentileza para seis

desconhecidos. Talvez seja uma retribuição.

– Duvido. – Ele deu de ombros. – Sou apenas um violonista.

Aurora enfrentou o olhar dele.

– Não, não é.



37

1957

À MEDIDA QUE O *ADAGIO* DELES PROSSEGUIA, FRANKIE E AURORA IAM enxergando as mesmas coisas de modos diferentes. Um dia, telefonaram convidando

Frankie para tocar no Pontchartrain Beach, um parque de diversões em um lago perto de Nova Orleans. Elvis Presley tinha uma apresentação marcada ali, e a banda queria um violonista de apoio porque, embora Elvis carregasse

um violão, raramente o usava. Aurora foi ao show. A gritaria era

ensurdecedora. Depois do último número, Aurora tentou chegar aos

bastidores, mas havia tantas mocinhas histéricas que ela desistiu e foi para casa.

Quando retornou ao apartamento aquela noite, Frankie ficou aliviado ao

vê-la.

– Onde estava? Procurei você por toda parte.

– Estava cheio demais – disse ela.

– Gostou da música?

– Não consegui ouvir.

– Querem que eu faça mais shows.

– Na praia?

– Shreveport.

– É meio longe.

– Não é nada mau.

– Como foi?

– Uma loucura!

– Elvis é bacana?

– Ele não falou muito. Disse que gostou do meu cabelo.

Aurora sorriu.



– Claro.

Nas harmonias mais simples, as notas vão juntas para cima e para baixo, mantendo a mesma distância, como as bordas dos trilhos de trem. Uma versão mais complexa é o contraponto, no qual duas linhas musicais desenvolvem-se de modo independente uma da outra, ainda em equilíbrio harmônico, mas não mais ligadas como que por um eixo.

Nos três anos subsequentes ao casamento, Frankie e Aurora foram da

harmonia para o contraponto, enquanto o *adagio* completava seu ciclo lento.

Frankie fez uma viagem a Nova York. Aurora pegou um emprego numa floricultura. Frankie substituiu Elvis sigilosamente num show em Vancouver. Aurora entrou para uma igreja. Frankie foi a Los Angeles, conheceu o agente Tappy Fishman e assinou um contrato. Aurora aprendeu a fazer caranguejo.

Quando chegou em casa, Frankie disse:

– Tenho uma grande novidade. Vamos nos mudar para a Califórnia.

O que se seguiu foi uma discussão que se prolongou por duas semanas, algo costumeiro entre casais de humanos quando um quer ir a algum lugar e o outro não. No fim do mês, finalmente encaixotaram as coisas do apartamento e, de cara amarrada e com pouca conversa, encheram a traseira de um Plymouth Belvedere que Frankie havia comprado após Tappy Fishman ajudá-lo a tirar a carteira de motorista.

Ao deixarem Nova Orleans, só Aurora olhou para trás.

Se fosse nos primeiros tempos de casados, eles teriam passado a viagem de mãos dadas. Mas, agora, o carro estava abarrotado com instrumentos, roupas e duas ideias de futuro muito diferentes. Rodaram por três dias, do Sul para o Oeste americano, e, quando chegaram à costa, pouco antes do crepúsculo, Frankie reparou que o sol parecia uma laranja gigante.



1958

– VOCÊ *NÃO* VAI TOCAR VIOLÃO? – PERGUNTOU AURORA.

– Leonard não quer – disse Frankie.

Isso foi às vésperas do Natal, em um apartamento sem decoração, numa rua sem árvores de Los Angeles.

– Por que ele não quer que você toque?

– Interfere na minha dança.

– Mas você é um violonista.

– Eu também canto, Aurora.

– Você canta maravilhosamente. Mas…

Frankie jogou as mãos para a frente.

– O quê?

– Eu gosto quando você toca violão.

– Eu toco quando estou numa banda.

– Não vai estar numa banda?

– A banda vai ficar atrás de mim.

– Atrás?

– Como no Canadá. Cantei algumas canções sem o violão naquela noite.

– E?

– A sensação foi diferente. Gostei.

– Você não foi você no Canadá. Por isso a sensação foi diferente. Você não é ele,

e sabe disso.

– Sei.

– Você não é Elvis Presley.

– Eu sei.

– Mas sentiu-se como se fosse.

– Por que está dizendo uma coisa dessas?

– Porque é verdade, Francisco.

Ele franziu a sobrancelha.

– Frankie.

– Frankie. Outra ideia de Leonard. Ou Tappy. Qualquer que seja a droga do nome dele. – Aurora passou a mão na bolsa e remexeu dentro dela. – Por que as pessoas precisam de mais de um nome?

– Ele está me ajudando.

– Como seu professor chamava você?

– “Garoto”, basicamente.

– Como seu pai chamava você?

– Ele não era meu pai.

Aurora encontrou um maço de cigarros.

– Faça o que quiser – disse ela.

– Não é o que você quer?

– O que eu quero importa?

– Sim.

– Então não é isso que eu quero.

– Não vou esquecer como tocar violão – declarou ele.

Aurora aboletou-se no chão.

– Não. Não imagino que possa esquecer.

– Leonard já tem dez shows agendados. Com um monte de gente. The

Drifters. The Everly Brothers. Grandes shows, com grandes plateias. Não dão

bola se eu toco violão. Querem me ouvir cantar. A sessão de gravação está chegando e…

– Tudo bem.

– Um disco pode fazer uma grande dif…

– Já falei que tudo bem.

A voz de Aurora se abrandara.

– Tudo bem? – perguntou Frankie.

– Faça o que quiser.

– Tem certeza?

– Podemos parar de falar disso?

Frankie forçou um sorriso.

– Você vai ver. Vai ser bom. *Fantástico* – disse ele em espanhol.

– Quanto tempo de turnê?

– Um ou dois meses.

Aurora acendeu um cigarro.

– Três, você quer dizer.

– Por que está fumando?

– Sinto saudade de Nova Orleans.

– Este apartamento é bacana.

– É novo demais. Gosto de coisas velhas.

Frankie atravessou a sala e abriu o estojo.

– Olhe. Um violão – anunciou ele, tentando fazer graça.

– “Parlez-Moi d’Amour” – pediu Aurora.

– Essa é velha.

– Por favor. Toque para mim.

– Está bem.

Frankie passou a correia pelo pescoço e dedilhou as cordas delicadamente.

Em seguida ajoelhou-se e tocou a canção que Aurora pediu, escrita havia quase 30 anos por um compositor francês.

“Parlez-Moi d’Amour”, diz o título. “Fale-me de amor.” Mas falar de

amor é como lançar palavras ao vento. Aurora esperou a estrofe final. Uma

pequena lágrima formou-se em seus olhos.

Du Coeur on guérit la blessure

Par un serment qui le rassure

Significa: “Do coração se cura a ferida / com uma jura que o tranquiliza.”

Frankie prometeu telefonar quando chegassem à primeira parada.

Mas Aurora sabia que ela já teria ido embora.



39

1969

FRANKIE FINALMENTE AVISTOU O PALCO DE WOODSTOCK. BRILHAVA COMO uma

praça na escuridão, iluminando um campo imenso de espectadores.

– Ei, cara, olhe por onde pisa.

– Hã?

– Calma aí, meu irmão.

– Desculpe.

A pílula verde agora fazia Frankie guinar de um lado para outro, dando encontrões nas pessoas; as coisas ficavam borradas e depois clareavam de novo. Ele sentia o violão batendo nas costas. Quando era aluno, El Maestro havia ensinado a barrar as distrações cantarolando a melodia que estivesse tentando tocar, de modo que mente e dedos fossem uma coisa só.

Agora, enquanto descia aos trancos e barrancos a encosta inclinada,

passando por barracas, latrinas, pessoas sentadas de pernas cruzadas ou deitadas lado a lado, ele repetia três palavras:

– Aurora… bebê… café da manhã.

Ganhou velocidade, decidido a endireitar as coisas.

– Aurora… bebê… café da manhã.

– Ai!

– Aurora.

– Cuidado!

– Bebê.

– Calma!

– Café da manhã.

De repente, estava correndo, ou sentiu como se estivesse correndo, as luzes ficando maiores, a música mais alta, os comentários sendo deixados para trás enquanto ele avançava.

– Peraí!

– Aurora.

– Viu aquele cara?

– Bebê.

– Que cara?

– Café da manhã.

– Com o violão. É o… qual é mesmo o nome? Presto! Frankie Presto! Era *ele*!



40

NÃO MUITO LONGE DESTA IGREJA EM VILLARREAL EXISTE UM PEQUENO museu

dedicado a Francisco Tárrega. Lá dentro, muitas fotografias, alguns dos violões e um grande busto em gesso de Tárrega. Esse busto foi, no passado, o

bem mais precioso de um bairro pobre de Castellón chamado San Félix,

apelidado de “Bairro da Pólvora” devido a seus rudes cidadãos da classe operária. Tais cidadãos tinham Tárrega em conceito tão elevado que, em 1924, quinze anos após a morte do violonista, tornaram-no seu santo

padroeiro.

No mês de outubro, enquanto outras cidades exibiam imagens de figuras

católicas tradicionais, o povo de San Félix desfilava o busto de Tárrega pelas

ruas em procissão religiosa, cercado de moças, de pessoas a cavalo e de uma

carroça cheia de flores. Foram atribuídos poderes mágicos ao busto, que chegou a ser levado à casa de doentes para curá-los.

Outras cidades desaprovaram. As pessoas se perguntavam como era

possível um violonista tornar-se uma divindade. Mas seria isso muito

diferente da fama hoje em dia? O mundo de vocês está cheio de artistas transformados em deuses, cuja simples presença inspira gritos de devoção.

Com o desaparecimento de Aurora York de sua vida, Frankie Presto teve

um período assim. De agosto de 1959 a outubro de 1964 ele vendeu 3 milhões

de discos, gravou cinco álbuns e teve quatro canções entre as top-10 das paradas musicais, inclusive duas que chegaram ao topo: “I Want To Love You” e “Shake, Shake”, ambas compostas por Frankie. O público dos shows

dele passou de centenas para milhares e dezenas de milhares. Ele se

apresentou no *American Bandstand*, no *Ed Sullivan Show* e no *Kraft Music Hall*. Seu rosto estava em capas de revistas e outdoors. Ele vestia ternos coloridos e sapatos combinando, o topete escuro e farto penteado para trás em

ondas. Às vezes algumas mechas caíam sobre sua testa enquanto ele cantava, e o modo como trepidavam quando ele dançava fazia com que as jovens gritassem: “*Frankie! Frankie!* ”

Nas lojas de discos por toda a América, fãs pegavam os álbuns só para ficar olhando o rosto bonito de Frankie. Um desses álbuns, *Frankie Presto Wants To Love You*, mostrava Frankie em um carro conversível, usando um casaco esporte marrom e camisa de colarinho cor-de-rosa, inclinado na janela para autografar a mão de uma jovem morena extasiada. Parecia uma cena ocorrida do lado de fora de um show de Frankie, mas na verdade foi produzida por um fotógrafo profissional. A morena escultural de olhos amendoados era uma modelo do estado do Texas, escolhida pessoalmente por Tappy Fishman.

Seu nome era Delores Ray.

Para mim, ela não era diferente de outras tantas mulheres com quem Frankie passava o tempo. Nenhuma ameaça ao coração dele. Apenas Aurora York podia rivalizar com o meu domínio. Mas Aurora, como mencionei, esteve sumida naqueles anos. Sua mala amarela desaparecera quando Frankie voltou para o apartamento na Califórnia.

De início ele ficou zangado. Magoado. Tentou beber para esquecê-la.

Então Tappy colocou-o em turnê outra vez e não o deixou parar por dois anos.

A ausência de Aurora transcorreu em paralelo à ascensão de Frankie à fama, e, embora possa parecer coincidência, garanto que não foi. Aurora sabia que

agora compartilhava o coração de Frankie não apenas comigo (que ela podia

tolerar), mas com a ambição (que ela não conseguiria suportar). Admirei sua

visão antecipada dos fatos. Partiu sabendo que o sucesso absorveria Frankie como uma onda e o levaria embora.

E, assim, ela decidiu ir embora antes.

Enquanto isso, Delores Ray, graças à capa daquele álbum, foi escalada

para uma série de televisão chamada *The Adventures of Dee Dee* (As aventuras de Dee Dee) e logo tornou-se bastante popular, com Tappy Fishman

administrando sua carreira. Estrelou filmes e envolveu-se romanticamente

com alguns atores. Mas sua paixão mais forte continuou sendo Frankie, que ela beijara na noite daquela sessão de fotos e a quem chamava de “a coisa mais exótica que já vi”. Ela parecia enfeitiçada por meu amado filho (e por que não, dado todo o fascínio que eu lhe concedera?) e, ainda que Frankie não

a amasse, Delores era bastante sedutora. Tappy Fishman encorajou o

relacionamento, sabendo que o público se interessava muito por casais de celebridades atraentes e famosas. Ele chegou a pagar refeições que os dois dividiam em restaurantes e telefonava para os fotógrafos alertando sobre o paradeiro do casal.



Por fim, sugeriu que se casassem.

Isso foi no final de 1964. A popularidade de Frankie havia começado a declinar. Seus discos vendiam cada vez menos. O gosto do público é tão inconstante quanto a capacidade de atenção de uma criança, e agora uma nova

onda de música popular, dessa vez da Grã-Bretanha, dominava as vendas.

Frankie já não escrevia seu próprio material. Em vez disso, era forçado a gravar

canções escritas por outros. Quando se opunha, Tappy lembrava que isso fazia parte de um grande contrato que ele havia assinado com a

gravadora, que o via como “ídolo juvenil”, um título tão efêmero quanto a expressão em si sugere.

E quanto ao violão? Frankie raramente tocava. As cordas mágicas

passaram a ser ignoradas. O violão acabou trancafiado em um closet escuro numa casa nova e enorme que, pelas minhas contas, tinha cinco quartos, duas

piscinas e dezesseis espelhos.

Gostaria de dizer que Frankie não deu bola quando sua estrela perdeu o brilho; que estar em primeiro lugar, para ele, era a mesma coisa que estar em

segundo; que não fazia diferença vender um milhão de discos ou meio

milhão; e que apenas uma coisa importava: eu, a Música. Mas a fama vicia. E,

sem as forças orientadoras de sua vida – El Maestro, Baffa, Hampton ou Aurora York –, Frankie ficou à deriva.

Certa vez, flutuando rio abaixo, ele agarrara a trela de um cão pelado.

Dessa vez, agarrou outra coisa.

– Casamento?

– No Havaí, na praia! – propôs Tappy. – Vou bancar. Meu presente para o

casal feliz.

– Mas, Leonard…

– O quê?

– Sou casado com Aurora.

– Quem foi que disse? Vocês têm uma certidão? Você mesmo me contou

que não conseguiram fazer a papelada. E quando foi a última vez que você a viu? Há quatro anos? Cinco? Pelo amor de Deus, Frankie. Ela não vai voltar.

– Não diga isso.



– Você não foi nenhum monge, garoto.

– Leonard…

– Ei, não estou julgando. Mas Delores é louca por você. Sabemos que vocês têm uma coisa.

– Como sabe que ela quer casar comigo?

– Confie em mim. Peça Delores em casamento.

– Nem tenho um anel.

– Tratei de tudo numa joalheria. Dê uma passada por lá a qualquer hora nesta semana. Ainda hoje, se quiser.

O que Tappy não falou é que o casamento, na opinião dele, era mais vantajoso para Frankie do que para Delores. Ele temia que os holofotes sobre seu cantor estivessem se apagando, que os habitantes da cidade que um dia o veneraram botassem seu busto abaixo e não mais gritassem seu nome. Frankie Presto estava em declínio, Delores Ray estava em ascensão. A luz dela poderia reacender a dele.

– Não sei, Leonard…

– Não sabe o quê? Você tem algum problema em voltar para casa e para

essa mulher todas as noites?

– Não é isso…

– O que eu não daria para ter isso.

– Ela é legal, mas…

– Frankie, me escute. – Ele colocou as mãos sobre os ombros de Frankie.

– É bom para a sua carreira.

Não sei quem inventou essa frase. Não sei quem inventou essa palavra. Só posso dizer que estou na Terra desde a origem da humanidade e produzi sons para cada ponto da tapeçaria da vida, sons que evocam despertar, dor, amor, as quatro estações. Todavia, em minhas incontáveis criações, jamais houve um som para “carreira”.

Por que vocês deixam que isso me afete tanto?

O casamento foi realizado e rendeu as manchetes que Tappy queria. O casal passou a lua de mel no Havaí, onde os fotógrafos eram acionados diariamente. As vendas dos discos de Frankie Presto de fato aumentaram, ainda que apenas por um breve período. Delores foi escalada para outro filme importante. Ela se mudou para a enorme casa de Frankie e colocou o violão num pequeno closet. Frankie observou-a fazer isso. Ele pensava em Aurora. Começou a beber de novo. Levava garrafas para o pátio ou para a piscina.

Um dia, no verão de 1965, Tappy pediu a Frankie que fosse ao escritório dele. Um homem que Frankie nunca tinha visto estava lá também.

– Venha cá, garoto – pediu Tappy.

Frankie aproximou-se e Tappy despenteou o cabelo dele, até preencher a testa com uma franja.

– O que você acha? – perguntou Tappy ao desconhecido.

O homem acenou afirmativamente com a cabeça.

– Ele deveria usar assim.

– Este é Allan Edgars. Ele é diretor. Vamos colocar você num filme, Frankie. Que tal?

Frankie deu de ombros. Não gostou do cabelo despenteado.

– Com Delores. Você e ela juntos. Par romântico. Moleza, hein?

O diretor riu.

– E a melhor parte é: vamos filmar em Londres. Ideia de Allan. Para o inferno com essa bosta de invasão britânica. Vamos nós *invadi-los*! Que tal?

Você já esteve na Inglaterra, Frankie?

Frankie baixou o olhar. Lembrou-se da jornada no navio, vindo da Espanha. Recordou-se de ser embrulhado em um cobertor, colocado por cima da carga e rolado para as docas de Southampton, onde foi instruído a “ficar quieto”. Ficou lá por horas, ouvindo o som da própria respiração, assustado demais para se mexer. Finalmente sentiu uma coisa movimentando-se em cima de sua barriga. Tirou o cobertor e uma gaivota alçou voo, quase batendo com as asas em seu rosto. Ele gritou enquanto a ave voava rumo ao céu de nuvens brancas.

– Não – disse Frankie. – Nunca estive na Inglaterra.

– Partimos em três semanas.

– Ainda tenho canções para gravar.

– Depois do filme.

– E quanto ao próximo álbum?

Tappy olhou para o diretor. Olhou de volta para Frankie.

– Faremos o filme primeiro, garoto. Será bom para você. Diversão.

Frankie não disse nada, mas sentiu uma queimação no estômago. Pegou um pente no bolso para arrumar o cabelo.

– Deixe assim – falou Tappy. – Fica melhor desse jeito.

Frankie guardou o pente, a queimação ficando ainda mais abrasadora.

Roger McGuinn

Guitarrista, cantor, fundador dos Byrds, incluído no Rock and Roll Hall of Fame

MINHA MELHOR HISTÓRIA COM FRANKIE PRESTO? BEM, APRESENTEI PRESTO aos Beatles. Essa é uma história muito boa.

Foi no verão de 1965. Era a primeira turnê dos Byrds em Londres, e Frankie estava lá fazendo um filme. Ele assistiu a um dos nossos shows e, ao final, foi ao *backstage* perguntar sobre a minha Rickenbacker de doze cordas.

Eu tinha visto uma apresentação dele quando estava no ensino médio. Achara o cabelo dele bacana. Não fazia ideia de que fosse um guitarrista tão maravilhoso. Mas estava prestes a descobrir.

Os Byrds eram bastante populares em 1965. Nossa gravação de “Mr.

Tambourine Man” chegou ao primeiro lugar nas paradas britânicas e por isso fomos a Londres. Mas não foi uma boa turnê. Anunciaram a gente como “a resposta da América aos Beatles”, e era difícil corresponder a isso. A imprensa estava pegando no nosso pé.

Enfim, na noite seguinte à ida de Frankie ao *backstage*, os próprios Beatles foram nos ver tocar. Nosso assessor de imprensa, Derek Taylor, fazia a assessoria deles, então arranjou a coisa toda, e o combinado era nos encontrarmos depois do show numa sala no andar de cima do clube.

Estávamos muito nervosos. Nosso baixista tinha rebentado uma corda durante o show – o que era raríssimo acontecer. Ele devia estar tocando com tanta força que nem percebeu.

Enfim, entramos na sala e John Lennon e George Harrison estavam lá.

John disse:

– Foi um ótimo show.

Eu senti que tinha que pedir desculpas. Declarei que não, que não tinha sido muito bom. Ele então me zoou um pouquinho.

– Qual é a desses seus óculos? – perguntou John depois, referindo-se a meus óculos redondos.

Ele experimentou. E, como todo mundo sabe, começou a usar aquele tipo de óculos, tornando o modelo muito famoso.

Em dado momento mencionei que Frankie Presto tinha aparecido na noite anterior. John imediatamente cantou um pedacinho de “Our Secret”, dizendo que era uma das baladas mais maneiras que já ouvira. Também comentou que

Frankie Presto não havia feito um bom disco desde então.

Na noite seguinte, encontrei Paul McCartney num clube privado e ele me levou para dar uma volta por Londres no seu Aston Martin DB5 novo.

Mencionei o nome de Frankie e Paul ficou todo empolgado. Falou que alguém contara que Frankie tinha tocado na banda de Elvis Presley. Haveria uma festa naquela semana na casa de um dos Rolling Stones – naquele tempo, todas as grandes bandas britânicas andavam juntas – e Paul pediu que eu levasse Frankie, para que ele pudesse perguntar se aquilo era verdade. Todo mundo admirava os Beatles, mas os Beatles ainda admiravam Elvis.

No dia seguinte tratei de descobrir onde estavam rodando o filme de Frankie e fui até lá. A filmagem era num depósito além da Carnaby Street, onde costumávamos comprar nossas roupas naquele tempo – jeans stretch e botas pretas com zíper. Encontrei Frankie sentado sozinho numa daquelas cadeiras de diretor, meio que cochilando. Ele se animou ao me ver. Me apresentou à esposa, Delores Ray, que era uma grande estrela de TV na América.

Contei a Frankie o que Paul McCartney havia dito e Delores pareceu realmente surpresa.

– Quando você tocou com Elvis? – perguntou ela.

Frankie disse que era apenas um boato idiota.

Quando o convidei para a festa, Delores se empolgou:

– Os Beatles *e* os Rolling Stones? Vamos!

Porém, mais tarde, enquanto ela filmava uma cena, Frankie me falou que não achava uma ideia lá muito boa. Tive a sensação de que a esposa o deixava constrangido.

Conversamos mais sobre guitarras e perguntei se ele queria dar uma passada no hotel naquela noite para uma *jam session*. Ele chegou meia hora adiantado. Trazia um estojo muito velho, de onde tirou um violão surrado – nem sei qual era o fabricante, o selo estava coberto –, e começamos a tocar.

Notei que as mãos dele eram enormes. Muitos dos grandes músicos têm mãos enormes, tipo Jimi Hendrix, sabe? O jeito como ele conseguia colocar o polegar por cima do braço? Dava um grande controle.

Enfim, até aquele momento eu me considerava um guitarrista decente.

Mas, depois de vinte minutos, nem queria mais tocar. Frankie pegava solos e criava arranjos realmente singulares. E, quando eu perguntava "O que é isso?", ele mencionava algum compositor clássico – Giuliani, Haydn – ou nomes atuais, como Tom Jobim ou Wes Montgomery. E ele não estava tentando se exibir. Era simplesmente bom demais mesmo, não dava para esconder.

Fizemos a *jam* com básicos como "Midnight Special" e "You Got Me Dizzy", de Jimmy Reed. E tocamos algumas canções dos Beatles. Ele sabia os arranjos com perfeição. Em dado momento, começou a sorrir e perguntei:

– Qual é a graça?

– Nada, é que fazia um tempão que eu não tocava violão – revelou ele.

E de novo eu quis me enfiar num buraco, porque se o som dele era assim quando *não estava* tocando… já viu, né? Mas fiquei com a impressão de que ele se sentia acabado. Tenho certeza de que muitos dos primeiros roqueiros sentiam isso, pois naquele tempo todo mundo queria que você fizesse a mesma coisa, vez após vez.

Frankie confessou que sentia falta de estar numa banda e brinquei que ele poderia entrar para os Byrds se prometesse não rebentar uma corda quando os Beatles estivessem na plateia. Ele olhou para o violão e me perguntou:

– Roger, você sabe quantos anos têm essas três cordas de cima?

– Não.

– Vinte anos – declarou.

– Sem chance – falei. – Não rebentaram? Não é possível.

E ele sacudiu a cabeça dizendo:

– Eu sei. Mas é verdade.

Então tá… a história dos Beatles. A festa foi na casa de um dos Stones, talvez na de Keith Richards, metida a chique, três andares de arenito escuro. Lembro que mostraram como os mordomos fechavam baseados para eles e deixavam nos degraus de manhã. Tinha um monte de drogas na festa – aliás, como em *qualquer* festa naqueles anos.

Frankie apareceu cerca de uma hora depois do combinado.

– Já estava achando que você não viria – comentei.

– Não posso ficar muito tempo – disse ele.

Então o apresentei e todo mundo foi muito bacana. Lembro que eu, Frankie, George Harrison e Eric Clapton engatamos uma discussão sobre Leadbelly, o velho músico de blues, e Frankie sabia tudo sobre ele porque tinha morado na Louisiana. Contou que Leadbelly era tão bom que foi

liberado da prisão *duas vezes* depois de os guardas o ouvirem cantar – numa delas, tinha assassinado um homem! Rimos e dissemos que poderíamos tentar

isso caso fôssemos em cana um dia.

Lembro que Frankie conheceu Paul e Ringo e eles se deram bem, embora

Paul tenha ficado decepcionado quando Frankie negou ter tocado com Elvis.

Mas, quando Frankie conheceu John, este fez um comentário sobre seu cabelo

que não foi bem-vindo. Frankie estava usando uma espécie de franjão. John riu e falou:

– O grande Frankie Presto. Está tentando se parecer conosco agora?

Aquilo chateou Frankie, sabe? Ele foi embora logo depois.

Alguns dias após a festa encontrei Frankie, que ainda parecia aborrecido.

Pedi que esquecesse e que não levasse a mal o que John havia dito. Falei que

ele deveria voltar a tocar violão porque era muito bom e que, se algum dia quisesse improvisar em nossos discos, seria sorte nossa.

Voltamos para a América naquela semana. Não sei o que aconteceu com o

filme que Frankie estava fazendo. Ouvi dizer que ele caiu fora. Também ouvi

dizer que rompeu com o empresário. Tornei a vê-lo – e foi a última vez – mais

ou menos quatro anos depois, num clube no Greenwich Village. Ele estava com uma banda de rock, lá atrás, só tocando a base. Não cantou. Usava óculos escuros e eu não tive certeza se era mesmo ele. No fim do show, me

aproximei e disse “Frankie?”. De início pareceu feliz por me ver, mas, depois

de conversar por alguns minutos e lembrar daquela festa, meio que se fechou.

Perguntei se gostaria de se reunir para tocar qualquer dia, mas ele disse que não podia, pois havia muita coisa rolando, inclusive a esposa estava

esperando um bebê. Talvez estivesse envergonhado por estar tocando naquela

espelunca. Sei lá. Ele perguntou se os Byrds tocariam em Woodstock e eu disse que não, porque já tínhamos feito festivais suficientes. Aí ele pediu licença para ir ao banheiro e não voltou mais.

Fiquei mal quando soube de sua morte. Estava em turnê na França e

pensei que era meu dever vir ao funeral porque ele me fez ser um guitarrista

melhor. Fez mesmo. Naquela primeira noite que tocamos, percebi quanto eu

tinha que avançar. A música pode ser competitiva nesse sentido. O ferro afia o

ferro, diz o provérbio.

Alguém falou que ele foi a Woodstock, mas não sei se é verdade… A esta

altura nós já saberíamos, certo?



41

PERMITA-ME RESPONDER À PERGUNTA DO SR. MCGUINN. FRANKIE FOI A Woodstock.

Ele até tocou. Mas não do jeito que se imaginaria. Ele não foi convidado.

Ninguém pediu que fosse. Frankie compareceu com a esperança de resgatar o

que experimentara um dia – as multidões curtindo sua música. Mas banda nenhuma precisava dele e, como você está prestes a saber, tudo deu

terrivelmente errado. Sua participação tornou-se o triste capítulo de um homem que perdeu o rumo – e o final de um movimento principal na sinfonia

com Aurora York.

Foi o *minuet/scherzo*, conduzido em compasso de 3/4. Se você bate os dedos

para ilustrar – 1-2-3, 1-2-3, 1-2-3, 1-2-3 –, sente um ritmo quase vertiginoso. De fato, a palavra *scherzo* se traduz por “piada”.

Era uma palavra que Frankie havia começado a aplicar a si mesmo em

meados dos anos 1960, “uma piada triste”. (Existe contraponto mais agudo que este?) Ele sentia que sua música não era mais levada a sério. Sentia que

seus desejos não eram ouvidos. Aquela sensação de queimação

experimentada no escritório de Tappy Fishman havia se intensificado e os comentários de John Lennon a respeito de ele ser uma imitação haviam-na transformado em raiva. Retomando as rédeas de sua vida, eis o que Frankie Presto fez nos meses restantes de 1965:

Abandonou o filme em Londres. Isso destruiu suas oportunidades no

cinema.

Abandonou Tappy Fishman. Isso destruiu suas oportunidades na indústria.

Abandonou Delores Ray. Isso destruiu seu casamento e o lançou num

emaranhado de complexidades legais e financeiras que, em seu prejuízo, ele

ignorou.

Cortou o cabelo.

Como Sansão derrubando os pilares ao seu redor, Frankie destroçou todas

as coisas a que se apegara no esforço de se livrar delas. Então, nos anos seguintes, perdeu-se nos escombros. Sucumbiu a substâncias tóxicas,

acreditando, como eu lamentei, que meus poderes mais verdadeiros pudessem

ser descobertos nelas.

Fixou residência em Nova York, num apartamento térreo mal-iluminado

na Rua 12 Oeste no Greenwich Village. Mantinha horários esquisitos. Dormia

mal. Praticava incessantemente e, quando não estava praticando, em geral ficava num estado alterado. Trabalhava para qualquer grupo que lhe pagasse,

tocava em qualquer sessão de estúdio, recebia dinheiro para deixar o nome fora dos relatórios de royalties e, se não tivessem dinheiro para remunerá-lo,

aceitava pílulas, fumo ou álcool.

Frankie se pegou pensando em sua infância.

– Por que você bebe tanto, Maestro?

– Isso não é uma pergunta sobre música.

– Você está triste, Maestro?

– De novo, não é uma pergunta sobre música.

– Às vezes fico triste, Maestro.

– Pratique mais. Fale menos. Você ficará mais feliz.

– Sim, Maestro.

Todo mundo entra numa banda nesta vida.

Às vezes é uma banda errada.



42

1968

MAS VAMOS VOLTAR À HISTÓRIA DE AMOR. O *MINUET*. UMA DANÇA CURTA. Certo dia em dezembro, Frankie atendeu a porta no Greenwich Village, semivestido, os

olhos injetados, e ali estava ela, Aurora York, usando um cachecol e luvas, o

cabelo louro enfiado debaixo de um chapéu.

– Terminou com aquela atriz? – perguntou ela.

– Sim.

– Papelada concluída?

– Sim.

– Podemos nos casar agora?

– Se você quiser.

– Pra valer?

– Pra valer.

– Vim só para me certificar.

– Vai ficar?

– Não.

Ele não a viu de novo por várias semanas. Numa quinta-feira à tarde, ela apareceu de novo.

– Você está praticando?

– Sim.

– Está tocando?

– Quando consigo.

– Está usando drogas e bebendo?

– Às vezes.

– Você tem que parar.

– Eu sei.

– Então faça isso.

– Você vai ficar?

– Não.

No mês seguinte, ela retornou. Dessa vez passou algumas horas. No mês

posterior, veio e passou a noite.

Ela repetiu esse padrão, danças curtas – um *minuet* perfeito – ao longo de todo o inverno e primavera adentro, até que, numa manhã de segunda-feira, no meio de uma tempestade terrível, apareceu de novo. Dessa vez, segurava

uma sombrinha numa mão e a mala amarela na outra.

Frankie sorriu.

– Vai ficar? – perguntou.

– Estou grávida – disse ela.



43

1969

É HORA DE TERMINARMOS NOSSA JORNADA EM WOODSTOCK. FRANKIE finalmente

chegou ao *backstage*. Àquela altura, o festival havia se transformado numa confusão. Helicópteros traziam os artistas para uma área destinada a pouso e

decolagem, de onde eles atravessavam uma ponte de madeira para chegar ao

palco. Mas eram deixados ali por um longo tempo, aguardando o momento de

tocar, e muitos não sabiam quando deveriam se apresentar. A chuva causou estragos na eletricidade. Os amplificadores fritaram. Os suprimentos

acabaram. Na madrugada de domingo, o evento dava uma sensação de festa

arrastada, sem fim, em que hordas de pessoas lutavam contra o sono enquanto

tentavam se manter secas.

Uma história contada frequentemente é que as bebidas do *backstage* eram

batizadas com drogas alucinógenas. Não posso confirmar isso. Mas sei que, quando Frankie enfim chegou lá, ele estava morto de sede e bebeu a primeira

coisa que viu num dos copos de papel arrumados em cima de uma mesa

dobrável. Seu rosto estava pincelado de lama e a camisa branca estava imunda. Ele girou a cabeça de um lado para outro.

– Aurora… bebê… café da manhã – seguia balbuciando.

Frankie encarou os outros músicos, que sorriram amarelo ou desviaram o

olhar. Havia um grande balde de água ao lado de toalhas de papel. Frankie então jogou água no rosto e limpou a lama.

Em meio à música barulhenta de uma banda chamada Sly & The Family

Stone, apresentando uma canção chamada “Stand!”, Frankie girou à direita e

à esquerda e começou seu *minuet* final.

– Aurora!

Ele berrou girando. Berrou cambaleando. Ergueu a caixa de ovos.

– Aurora! Voltei! Aurora!

Escorregou. Ergueu-se de novo. Seus gritos eram engolidos pela música e,

quando pipocava um vocal ou uma guitarra guinchava, não dava para ouvir



Frankie.

“*Stand!* …”

– Aurora!

“*Stand!* …”

– Aurora!

Ela não estava lá.

E quando finalmente a banda terminou, em meio a estrondosos aplausos –

eram 4h05 da manhã –, as luzes do palco foram apagadas. Ficou a maior escuridão.

E Frankie decidiu tocar violão.

Para atrair Aurora.

E mudar a sina deles.

O que aconteceu a seguir não é agradável de contar e, em defesa de meu

querido discípulo, preciso dizer que ele não estava em si. Seu corpo, mente e

coração estavam em três lugares separados. Ele tropeçou rampa acima e se aproximou do palco gigante. Ninguém o deteve porque ele trazia um violão ao pescoço e se movia como um músico que sabia aonde estava indo. Uns poucos operários tinham começado a montar o palco para o número seguinte

(a celebrada banca britânica The Who), mas era tarde, eles estavam exaustos e

não deram bola para o músico de cabelo comprido que avançou decidido para

a muralha de amplificadores.

Resmungando consigo mesmo, Frankie pegou o conector de um cabo

cinza e enfiou na saída do violão, que ele equipara com um dispositivo elétrico. Não podia segurar os ovos e tocar, por isso largou a caixa. A tampa

se abriu. Sob o pouco luar que havia ali, ele pôde ver que todos os ovos estavam quebrados.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

O que nem você nem ninguém sabe é o que aconteceu poucas semanas

antes, na noite em que Roger McGuinn encontrou Frankie em Nova York.

Aurora, grávida, tinha se mudado para o apartamento dele, sob a condição de

que Frankie se endireitasse, retornasse imediatamente para casa após cada apresentação e se preparasse para ser um bom pai para o bebê. Sem drogas.



Sem bebida. Sem outras mulheres. Ela estava com cinco meses e a

combinação funcionou por um tempo. Mas Frankie, ao rever McGuinn,

recordou-se de Londres, de 1965, dos Beatles, da festa e de quão distante ele

se encontrava da antiga fama mundial, tocando naquele clube frio, úmido e fedido. Com o ego ferido, ficou deprimido e permaneceu na rua até

amanhecer, bebendo e fumando com os músicos no porão do clube.

Pouco antes de o sol nascer, ele cambaleou de volta para o apartamento,

envergonhado pela recaída e preparado para um confronto. Mas tudo estava escuro lá dentro. Frankie entrou no quarto em silêncio e deslizou para debaixo

das cobertas enquanto Aurora dormia. Os movimentos dele sacudiram

Aurora, que, sonolenta, se virou para colocar um braço em volta do marido.

– Francisco – balbuciou ela.

– Aurora – sussurrou ele.

– Significa alvorecer.

– Eu sei.

– Estou com fome. Se você me ama, faça o café da manhã.

Ele suspirou profundamente. Estava salvo. Ela não sabia. Ele nunca mais faria aquilo de novo. Jurou para si mesmo.

– Vou comprar ovos – prometeu ele.

Tudo que ele precisava fazer era manter-se acordado.

Mas seus olhos se fecharam.

A noitada tinha acabado com Frankie.

Uma hora depois, Aurora acordou e deparou com Frankie roncando sobre o travesseiro. Decidiu fazer um bom café da manhã para ambos. Não havia nada na geladeira, então ela vestiu uma jaqueta, pegou a bolsa e saiu do apartamento. Comprou uma caixa de ovos e cebola no mercado. Na volta, a um quarteirão de casa, foi abordada por três rapazes que saltaram de um beco, empurraram-na e agarraram sua bolsa. A alça estava enganchada no braço de Aurora e, quando ela a puxou de volta, seu corpo girou e ficou de frente para um dos agressores, que levantou a perna e deu um chute forte em sua barriga. Ela caiu de joelhos, a bolsa ainda no ombro. Ele a chutou de novo para que soltasse a bolsa. Os outros dois o xingaram e fugiram correndo, e ela deu



meia-volta e correu também.

Um táxi parou rangendo os freios. Um homem saltou. Aurora emitiu um ruído estranho, caiu no calçamento e começou a tremer.

Frankie ressonava no momento da primeira ligação do hospital. E ressonava no momento da segunda. Quando chegou para ver a esposa, uma criança natimorta viera à luz, fora envolvida em uma manta, dada à mãe para que a segurasse por um minuto e levada embora. Aurora olhava pela janela quando Frankie entrou. Seu rosto estava machucado e ela tinha curativos em vários lugares. Aurora virou a cabeça e Frankie parou como uma estátua. Ele sentia culpa por todos os poros.

– Quem fez isso? – balbuciou.

Ela balançou a cabeça.

– Como eles…

Ela balançou a cabeça.

– Por quê…

Ele ficou sem palavras.

– Onde você estava? – murmurou ela.

Daquele instante até o minuto em que começou a tocar em Woodstock, as semanas não passaram de um borrão para Frankie. E, embora ele mal pudesse se lembrar dos acontecimentos, posso atestar que não esteve sóbrio um único

dia. Ele não conseguia encarar Aurora. Não conseguia encarar nada.

Cambaleou do hospital para casa, apanhou o violão e não voltou mais. Pegou carona até o norte do estado de Nova York, usando qualquer droga que lhe permitisse não pensar no que havia acontecido. Mas sua mente torturada não esquecia. Em vez disso, imaginava Aurora todos os dias, de todas as maneiras, até realidade e fantasia perderem a nitidez. Finalmente, em Woodstock, ele imaginou Aurora dormindo sobre aquela manta (“*Se você me ama, faça o café da manhã*”) e partiu numa busca inútil por ovos.

E ao se encontrar na escuridão do palco, querendo apenas vê-la mais uma vez, Frankie tentou a última coisa em que pôde pensar para mudar o que acontecera.

Afastou-se das cascas quebradas e, irado, girou o botão do volume no dispositivo do violão. Ouviu um zumbido de um amplificador gigante. No topo dele havia uma garrafa de cerveja vazia. De algum lugar da memória, Frankie resgatou um truque que Hampton Belgrave havia mostrado. Bateu a garrafa na borda do amplificador, quebrando-a em duas direitinho, aí pegou a parte do gargalo e enfiou o dedo anelar direito dentro dela, criando um “slide” de vidro – um equipamento que músicos de blues utilizam para afetar o tom e o vibrato das cordas. A umidade provocou uma sensação boa na pele de Frankie. Ele bateu o pé duas vezes, correu o slide braço acima e disparou um acorde penetrante de si maior com sétima, como que para sacudir a música.

Fora do palco, os músicos ergueram o olhar, porque o acorde retiniu com muita clareza. Mas tudo que viram foi escuridão. Frankie começou tocando como um fantasma, um emaranhado de arpejos que ficavam mais e mais

rápidos, então deslizavam braço abaixo como que colidindo com um foguete.

Ele usou os pedais a seus pés para criar distorção, *fuzz*, *wah-wah*. Segurou um ré agudo, sacudindo a mão como que estrangulando todo o sussurro do braço,

a seguir fez uma escala flamejante de blues subindo e descendo e subindo de

novo. Não havia outros instrumentos tocando, nada de bateria, nem baixo. A

maioria dos solos é tocada em cima de uma linha melódica ou contra uma seção rítmica. Mas essa foi uma apresentação singular de violão, e as melodias dentro dos *riffs* de Frankie tornaram tudo ainda mais notável. Ele era um homem nadando contra águas enfurecidas, e, durante todo o meu tempo dentro dele, não consigo recordar uma batalha maior. Eu esvoacei naquele solo como um lençol numa tempestade de vento. Trechos de Leadbelly,

Mozart, Chet Atkins, Segovia. Frankie conjurou todas as influências musicais

que conhecia e emitiu as notas com tanta emoção que as lágrimas escorreram

por suas faces e caíram sobre seus dedos.

E o tempo todo ele olhava fixamente para as cordas e gritava:

– Mudem! Mudem!

Ele queria que ficassem azuis.

Em sua mente transtornada, Frankie acreditava que poderia desfazer

aquela noite terrível, salvar seu filho e trazer Aurora de volta para ele. Ele não tinha tal poder? Para que serviam aquelas cordas se não para *aquele momento*?

– Mudem!

Os dedos voavam. O solo explodia pelos amplificadores.

– *Mudem!*

A última onda de notas veio em jorro, um tema de Vivaldi, um *lick* de Chuck Berry; o violão estava quase sufocando, a emoção crua e sem fim. Ao

lado da plataforma, um assistente de palco resmungou:

– Vou pegar esse cara.

Mas, ao passar pelos integrantes do The Who, o guitarrista Pete

Townshend agarrou-o e sussurrou:

– Não se atreva.

No total, Frankie tocou por dois minutos e dezessete segundos. Terminou

açoitando o violão com a mão direita, como uma borboleta esvoaçante,

enquanto deslizava acordes pescoço abaixo, que soavam como um motor

gigante morrendo. Aí moveu o slide de vidro para cima e para baixo e fez ressoar uma nota grave uivante e três sobretons harmônicos, seguidos pelo final.

Bum-bum-bum.

Dummmmmmmmmmmm.

As cordas permaneceram inalteradas. Ele afundou no chão. Como não

havia luz, ninguém o viu tocar. E, como já eram quase cinco da manhã, muita

gente no meio da multidão estava dormindo. Ao som de aplausos levemente

esparsos, alguns gritos de aprovação dispersos e um homem berrando

“TRAGAM THE WHO!”, Frankie sentiu que nada em sua vida melhoraria.

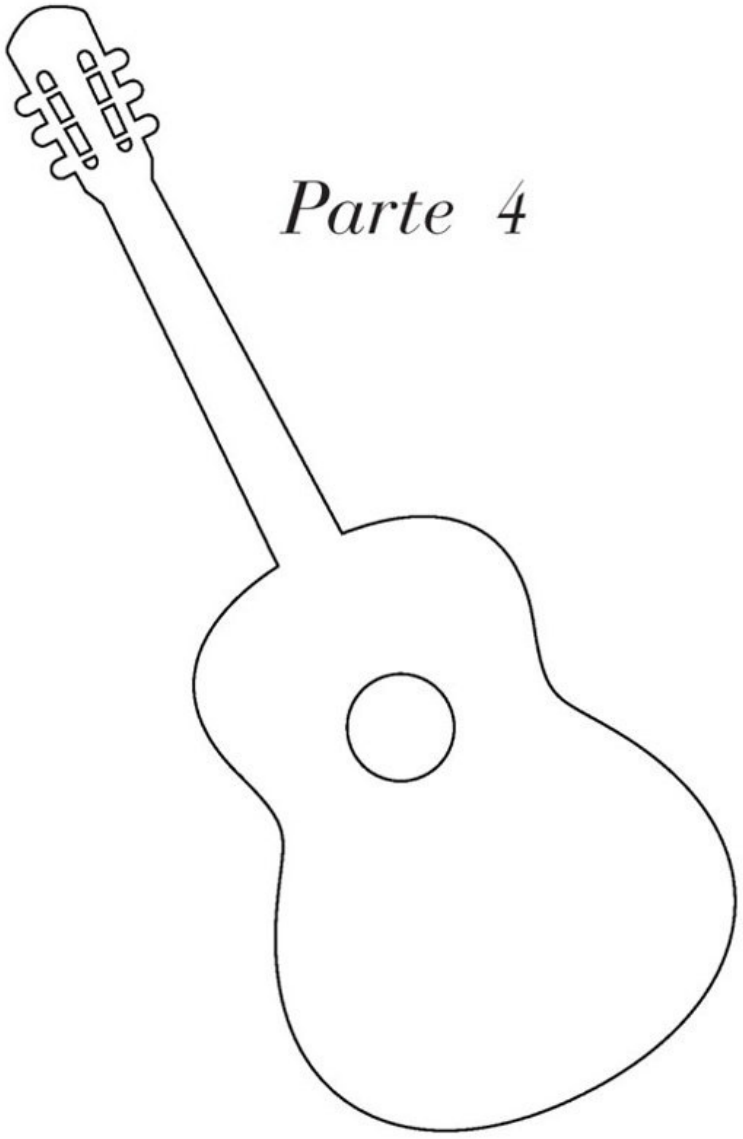
Estava escuro, sombrio e ele estava só.

Assim, de joelhos, já em posição de prece, meu amado filho inclinou-se para a frente e estendeu a mão esquerda como sempre havia sido instruído, reta e aberta, como que pedindo ajuda a Deus.

E então, lembrando-se das palavras de El Maestro (“Garoto estúpido!

Deus não dá nada!”), cravou o pescoço da garrafa quebrada na palma da mão,

de novo, e de novo, de novo, dilacerando a mão que o alimentava, até não conseguir mais ver os dedos por causa do sangue.



Parte 4

Pau Sanz

Inspector Jefe (inspetor chefe de polícia), Cuerpo Nacional de

Policía

DOU ENTREVISTA AGORA.

Só curta, ok? Meu inglês não é muito bom.

Sou Pau Sanz. Inspector Jefe. Sou o chefe da investigação da morte de Francisco Presto.

Eh? … Ainda não. Tudo que sabemos é que ele morrer quando cair de muito alto no Teatro Municipal. É festival para Tárrega. Temos todo ano.

Nunca um problema. Nunca antes.

Eh? … *Sí*, esta nossa pergunta também. Como ele sobe? Por que ele cai?

Talvez alguém empurra? Talvez alguém querer que ele morra?

Não encontramos ferimento. Cicatrizes na mão, mas sem ferimento. Sem

balas… como vocês dizem… *bullets*? Ninguém atirar nele.

Devemos fazer perguntas. Sabemos ser uma igreja. Respeitamos. Mas é

trabalho da *policía*, alguém morto, sim? Deve fazer perguntas.

Eh? … Sem suspeito. Ainda não. Mas alguém ver ele com pessoa de manhã, e essa pessoa usar muitas roupas e cobrir rosto. Talvez essa pessoa fazer mal para ele? É possível, não?

Para mim, caso é simples. Ser um assassinato. Tem que ser.

Homem não voa.



44

1981

A BALSA ADENTROU A BAÍA E TRÊS RAPAZES FITARAM OS PENHASCOS VERDES.

– Parece a Terra do Nunca – disse um deles.

– De Peter Pan?

– Talvez a gente seja os Garotos Perdidos.

– Bom nome para uma banda.

– Sou o Capitão Gancho.

– Você é a Sininho.

– Seu histérico.

– Cale a boca.

O ano era 1981, o mês era janeiro, em uma pequena porção de terra chamada ilha Waiheke, no golfo de Hauraki, Nova Zelândia. Os três rapazes, recém-formados na faculdade e membros de uma banda de música country, chamavam-se Lyle, Eddie e Cluck. Vestiam jeans e camisas folgadas de algodão, as cabeleiras fartas, os corpos esguios. Lyle era mais alto que os outros dois. Ele e Eddie carregavam estojos de violão ao descer do barco e subir um morro a pé.

– Olá, garotos.

Dentro de um Jeep estava um homem de rosto robusto e avermelhado, cabelo à escovinha prateado e uma tatuagem no antebraço. A mão repousava

no volante. Ele sorriu, revelando vários dentes de ouro.

– Procurando transporte?

– Sim, senhor – disse Lyle.

– Subam.

Eles se amontoaram na traseira.

– Sou Lyle. Este é Eddie. Ele é Cluck.

– É Cluck mesmo? Cacarejo? Ha! Ha! – perguntou o homem, rindo.

– Todo mundo critica – resmungou Cluck.

– Qual o seu nome? – questionou Eddie.

– Keeyvin.

– Kee-vin?

– K-e-v-i-n.

– Oh. Kevin. Ok.

– Dos Estados Unidos vocês?

– Texas.

– Que bom. Vamos lá.

Segundos depois, sacolejavam pela estrada principal da ilha, passando por enormes trechos ondulados de grama e enseadas rochosas com ondinhas quebrando à beira-mar. Eles repararam que Kevin acenava para todo carro ou pedestre que passava.

– Uma dupla de pirralhos – anunciou ele, acenando para duas criancinhas.

– E ali *hard yakka*, trabalho duro – disse ele, apontando para trabalhadores rurais sem camisa.

– O que esse cara está falando? – cochichou Eddie.

– Sei lá – respondeu Lyle.

– Estiveram em Oz, então? – perguntou Kevin.

– Como?

– Austrália.

– Oh. Sim, senhor. Aterrissamos lá, daí voamos para cá.

– Vocês sabem o que dizem por aí. A Austrália é o país sortudo, mas a Nova Zelândia é de Deus.

– Sério?

– É verdade, camarada. É linda. Olhe a água. Adorável, não é?

O ar quente soprava pelas janelas abertas. A estrada ziguezagueava ao

longo de enseadas exuberantes. Não havia semáforos, e Kevin mal tinha que tocar no freio.

– De Deus – repetiu para si mesmo.

– Sabe de algum hotel barato?

– Ah, tem aos montes, camarada. Estão de férias?

– Recém-formados.

– Que bom! O que traz vocês à ilha?

– Estamos procurando uma pessoa.

Lyle bateu no ombro de Eddie.

– Quem? – perguntou Kevin.

– Um violonista.

– E cantor.

– Nativo?

Os rapazes se entreolharam.

– Ele é americano. Bem, espanhol de nascimento. Você conhece muita

gente nesta ilha?

Kevin sorriu, as rugas do rosto franzindo-se como uma cortina.

– Calculo que sim.

Ele apontou pela janela.

– Aquela banca de frutas pertence a Curtis Mormont. Casca grossa ele…

Aquela casa azul lá em cima? Pertence a um camaradinha irlandês, vem para

cá por causa do clima mais quente. Mulligan. Milligan. Chamamos ele de Vermelho… Aquela casinha ali na frente? É do meu amigo Tim. Tim, o

Terrível, dizemos. Mas só quando está bêbado…

O Jeep serpenteava por campos suavemente ondulados que despencavam

no mar. Cada curva revelava uma nova baía pitoresca.

– Como é o nome do violonista?

Lyle olhou para Cluck, que olhou para Eddie.

– Presto. Frankie Presto.



O homem coçou a testa logo acima do olho.

– Não, camarada. Esse eu não conheço.

Ele deu uma olhada pelo retrovisor.

– Então vocês garotos também são músicos, hein?

– Somos uma banda.

– Ah, que bom. O que vocês tocam?

Cluck batucou no encosto do banco.

– Bateria.

– Violão – disse Lyle.

– Baixo – declarou Eddie.

Kevin desacelerou o Jeep.

– Olhem só. Tive uma ideia. Por que não param lá em casa? Conheçam minha esposa. Ela é adorável. Vamos comer alguma coisa, e daí vocês seguem seu rumo. Nada sofisticado. Só sorobô.

– O que é isso? – perguntou Cluck, nervoso.

– Sobras – esclareceu Kevin.

– Você não precisa fazer isso pela gente – falou Lyle.

– Sem estresse, camarada. Se não fossem vocês ianques na Segunda Guerra Mundial, estaríamos falando japonês.

– Qual a distância até sua casa?

– Nada é distante em Waiheke.

– Quanto é a corrida?

Kevin sacudiu a cabeça e sorriu.

– Ah, não sou taxista, camarada. Apenas moro aqui.

Horas depois a lua pendia sobre a água e incontáveis estrelas podiam

ser avistadas do pátio da casa de Kevin. Lyle, Eddie e Cluck estavam com a

barriga cheia de frango, azeitonas, queijo e tomate. E vinho. Um monte de vinho. Planejando ficar apenas uns minutos, renderam-se à hospitalidade

neozelandesa e ficaram até depois de o sol se pôr. A brisa úmida parecia

reduzir o ritmo deles e a pele brilhava ligeiramente por causa do suor.

Contaram a Kevin e à esposa dele, Robbie, sobre sua busca por Frankie Presto. Tinham a esperança de encontrá-lo e talvez ouvi-lo tocar.

– Ele é meio que uma lenda – disse Eddie.

A esta altura, 12 anos depois de Woodstock, criara-se, de fato, um certo mito acerca de meu querido discípulo. Um crítico havia escrito um best-seller

afirmando que Frankie era “o violonista mais talentoso dos primórdios do rock and roll” e Roger McGuinn, dos Byrds, contou num documentário que tocara com Frankie e ficara pasmo com sua habilidade. Embora o angustiado

solo de violão na escuridão de Woodstock não tenha sido gravado

oficialmente, havia um gravador ligado fora do palco e cópias piratas dos dois

minutos e dezessete segundos tornaram-se item de colecionador, com muitos

palpites sobre quem seria o artista – entre os cotados, Jimi Hendrix, Jerry Garcia, Pete Townshend e Carlos Santana, todos presentes no festival. E todos

negaram a autoria. Mais recentemente, o nome de Frankie fora citado, mas, como ele havia desaparecido da vida pública, ninguém conseguia confirmar.

E, quanto mais difícil a solução de um mistério, mais interesse ele desperta em vocês humanos.

Lyle, Eddie e Cluck ficaram fascinados com o enigma de Frankie Presto.

Inclusive desenvolveram uma teoria sobre seu paradeiro. O primo de Eddie, que trabalhava numa firma de licenciamento de músicas, rastreou um cheque

de royalties da canção “I Want to Love You” até o endereço de entrega, uma

caixa postal na ilha Waiheke, Nova Zelândia. Eddie, Lyle e Cluck, cuja banda

chamava-se Clever Yells, haviam planejado a viagem como uma aventura

pós-formatura, na esperança de serem os primeiros a encontrar o violonista recluso.

Lyle parecia particularmente enfeitiçado. Ele tentou explicar seu fascínio

aos curiosos anfitriões neozelandeses.

– Frankie Presto era muito popular quando eu era garoto – disse ele. –

Meus pais possuíam todos os discos dele e eu pendurei as capas dos álbuns na

parede. Para mim, ele era o máximo. Tinha tudo: voz, visual, habilidade. E de

repente desistiu de tudo. Desapareceu. Tem gente que diz que ele era melhor

que qualquer um no violão em todos os tempos. E simplesmente caiu fora.

– Então por que você quer encontrá-lo? – perguntou Robbie.



Lyle desviou o olhar.

– Bem, senhora, pode parecer idiotice. Mas quero muito me dar bem na música, andei escrevendo canções e tentando vendê-las. Cada vez que alguém

diz não, é como levar um soco no estômago. Vou à loucura tentando descobrir

por que não gostaram. Acho que, se encontrasse Frankie Presto, ele poderia me ensinar alguma coisa.

– Como vender uma canção? – questionou Robbie.

– Como não se importar tanto – respondeu Lyle.

Kevin olhou para a esposa.

– Esses ianques são muito profundos.

Ambos riram e Kevin disse:

– Diversão da boa, hein?

Lyle sorriu, mas desviou o olhar.

Era tarde quando pararam de conversar. Kevin anunciou que os hotéis

estariam fechados e insistiu em que os visitantes dormissem nos sofás. Eles estavam cansados demais para argumentar.

No dia seguinte, de manhã cedo, Lyle sentiu um empurrão no ombro.

– Levante-se, camarada – pediu Kevin suavemente.

Quinze minutos depois, os três músicos estavam na traseira do Jeep,

esfregando o sono dos olhos, enquanto Kevin saía da estrada principal e rumava para uma baía oculta. Chegou a uma clareira entre grandes árvores. O

Jeep parou e Kevin apontou para uma pequena trilha.

– Por ali.

– O que tem lá? – perguntou Lyle.

– O que vocês estão procurando.

Minutos depois, os três estavam afastando arbustos, pisando em solo úmido e avançando quase no escuro devido à vegetação espessa acima deles. Viram uma caixa térmica numa árvore. Viram dois alto-falantes antigos numa escada. Enquanto seguiam em frente e os raios de luz aumentavam, começaram a ouvir um som ribombante e perceberam que estavam se aproximando da costa.

– Abaixem-se – sussurrou Eddie.

Os três se agacharam.

– O que foi? – perguntou Lyle.

– Olhem.

– Onde?

Eddie apontou para a esquerda. Através de uma clareira nas moitas, viram um homem sentado numa rede, curvado sobre um violão e com o rosto voltado para a água.

– É ele?

– Deus do céu!

– Não acredito! Achamos o cara!

– Esperem. – Lyle colocou um dedo sobre os lábios. – Ouçam.

Inclinaram-se para a frente, tentando distinguir os sons de música acima do barulho das pequenas ondas que batiam nas rochas.

– Estão ouvindo?

– O quê?

– O que ele está tocando. Não pode ser ele.

– O que ele está tocando?

Lyle balançou a cabeça.

– Escalas. Como uma criança.



45

1944

– MAESTRO?

– Sim?

– Meu pai vai voltar para casa?

– Não sei, Francisco. Sirva uma bebida para mim.

– E se ele nunca voltar para casa?

– Não pense nessas coisas. Agora sirva.

– Mas e se ele não voltar?

– Aí você vai ter que recomeçar.

– Do começo?

– Não. Você não pode ser um bebê duas vezes.

– Então como se recomeça?

– Do jeito que um compositor começa uma nova peça. Onde está minha

bebida?

– Não quero começar sem meu papai.

– Não chore, garoto.

– Mas…

– Pare já com isso.

– Mas…

– Escute aqui, Francisco. Você acha que eu queria uma vida na

escuridão? Você acha que eu não queria ver meus dedos ou os trastes e as tarraxas de afinação? Acha que eu queria ter que tatear por aí como um animal perdido?

– Não, Maestro.

– Não, eu não queria. Isso é a vida. Tem coisas que são levadas embora.

Você vai aprender a recomeçar muitas vezes – ou será um inútil.

– Sim, Maestro.

– E você está sendo um inútil neste momento, visto que ainda não tenho

minha bebida.

– Desculpe, Maestro.

– Não tem importância. Volte aos arpejos. Isso é tudo que direi a respeito

deste assunto. Está me ouvindo?

– Sim, Maestro.

– Pare de chorar. Comece a tocar.

46

POUCA GENTE NA HISTÓRIA HUMANA AGARROU MAIS DE MIM NO NASCIMENTO que

Ludwig van Beethoven. Minha cor atraiu-o de modo instantâneo, e sua pegada com os dois punhos assegurou-lhe uma existência musical. Porém, quando o pai bêbado acordava-o tarde da noite e exigia que ele praticasse, um Ludwig assustado mal conseguia me fazer surgir. Mais adiante na vida, quando ele ficou totalmente surdo, permaneci em sua alma, constante como sempre. Mas produzir música sem ouvir era um fardo que eu não conseguia tornar mais leve, nem mesmo para um filho predileto.

Foi a mesma coisa com Frankie Presto, cuja mão esquerda foi retalhada de maneira severa no palco de Woodstock. Tudo que pude fazer foi observar. Ensanguentado e confuso, Frankie foi levado do festival num helicóptero do exército, graças a uma mulher que o encaminhou às pressas para a área médica. A equipe militar cuidou dos cortes. Um cirurgião do exército operou, salvando o que pôde.

No dia seguinte, no hospital, com as drogas eliminadas da corrente sanguínea, Frankie se deu conta do que havia acontecido. Olhou a mão enfaixada e chorou até não conseguir mais olhar. Naquela noite, uma enfermeira veio com o estojo do violão, dizendo que alguém do festival havia trazido. Ele perguntou se o violão estava ali dentro. Ela abriu um fecho e espiou.

– Sim, está – disse ela.

Ele sentiu o peito se encher antes de falar com a voz embargada:

– Leve embora daqui, ok? Apenas leve embora.

Nos dias seguintes, ele ficou sabendo de outras baixas em Woodstock: um jovem fuzileiro morto pelo uso de heroína, um adolescente atropelado dentro do saco de dormir por um trator. Viu vítimas cambaleantes de LSD dando entrada no hospital, a maioria mal saída do ensino médio, sendo tranquilizadas por voluntários que afagavam seus braços enquanto elas gritavam ou choravam. Em dado momento, uma enfermeira com uma prancheta perguntou a idade de Frankie, e, fitando os jovens pacientes, ele respondeu “33”. Sentiu-se velho e ridículo.

Por fim teve alta e voltou para Nova York, mas o apartamento na Rua 12 estava vazio, como ele sabia que estaria. Aurora se fora. Bem como a mala amarela. E dessa vez Frankie não tentou encontrá-la. Em vez disso, vendeu a maior parte dos seus equipamentos – três guitarras, amplificadores e gravadores –, conservando apenas o violão da infância e suas cordas misteriosas. Vagou por meses, morando em hotéis, dormindo até tarde para evitar as horas vazias olhando para a mão. Ele ansiava por bebida e por perder-se nas drogas, mas sabia que fora por causa delas que havia caído naquele buraco. *Você terá que recomeçar muitas vezes*, lhe avisara El Maestro.

Em momentos assim, ele costumava recorrer a mim, esquecendo-se dos problemas no transe com o violão. Mas agora tudo mudara. Frankie ouvia fitas cassete no carro, canções de compositores chamados Randy Newman e Warren Zevon e dos guitarristas Grant Green e Freddie Robinson. Porém

ouvir não é o mesmo que tocar. Ele sentia falta de tocar. Também sentia falta de praticar.

Depois de um tempo, preenchia as horas assistindo à TV. Viu jovens protestando contra a guerra no exterior. Frankie odiava a guerra; no entanto, sabia que devia ao exército o seu transporte de helicóptero para um local seguro e as suturas reparadoras. Ele se sentia em dívida – em especial com o cirurgião, com quem continuou a se encontrar, um homem musculoso na metade dos 40 anos que ficava falando a Frankie sobre grandes músicos que eram portadores de deficiências.

– Você já ouviu falar de um violonista de jazz chamado Django Reinhardt? – perguntou o médico. – Ele tinha apenas dois dedos. Mas tocava de um jeito assombroso.

Frankie desviu o olhar.

– Django era único.

– Ele não cantava. Você canta.

– Hum.

– Você consideraria cantar suas músicas de novo?

– Ninguém quer ouvir minhas coisas.



– Uma certa plateia poderia querer.

– A cena musical de hoje é inteiramente nova.

– Aqui talvez. – O médico sorriu. – Mas eu não estava falando daqui.

Foram feitas ligações. Organizados encontros.

Nove meses depois, Frankie Presto foi para o Vietnã.

Há décadas – desde a Segunda Guerra Mundial –, a United Service

Organization, ou USO, levava artistas até as tropas norte-americanas.

Cantores como Bing Crosby e as Andrews Sisters fizeram a viagem. Até meu

magnífico violinista Jascha Heifetz participou, e certa vez tocou para um só soldado em meio a uma tempestade. Jascha dizia que foi sua melhor atuação.

Música e guerra estão entrelaçadas faz tempo, desde as antigas trombetas

aos pífaros e tambores. E, no ano de 1970, Frankie Presto deu seguimento à

tradição, juntando-se a uma turnê natalina da USO com o comediante Bob Hope, a cantora Lola Falana, um grupo de bailarinas chamadas Golddiggers,

um jogador de beisebol, uma rainha de concurso de beleza e uma *big band* que Frankie ajudou a organizar. Ele também cantava duas de suas músicas famosas, “No, No, Honey” e “I Want To Love You”. A turnê passou por várias bases militares. Caminhões rodavam, palcos eram montados, o show acontecia e então tudo era guardado, transportado e feito outra vez.

Aonde quer que a turnê chegasse, Frankie fazia amizade com os soldados

e pedia que o levassem o mais perto possível do front. A desgraça que presenciou ajudou a diminuir a dele. Viu crianças vietnamitas na beira da estrada com o olhar perdido. Viu enormes tripés de metralhadora que

pareciam tendas indígenas. Viu telhados serem explodidos e um atirador ser morto.

Mas o dia que devo relatar para os propósitos de nossa história ocorreu na

semana final da turnê, na sequência de um show vespertino em Long Binh, importante base militar americana. A plateia era grande, quase 2 mil pessoas,

e os soldados subiram em postes para enxergar melhor. Aplaudiram e gritaram – em especial quando as mulheres dançaram. As Golddiggers apresentaram-se ao fundo enquanto Frankie cantava, e alguns soldados berraram:

– Que sorte a sua, Presto!

Depois do show, enquanto a banda se dispersava, Frankie ouviu uma voz gritando seu nome.

– Sr. Frankie! Sou eu, Ellis!

Um soldado fortão estava na beira do palco, sorrindo e acenando a farda verde. Frankie piscou, incrédulo. Ellis Dubois era o menino engraxate do beco de Nova Orleans (o que ouviu Little Richard cantar "Tutti Frutti"), que mais tarde foi padrinho do casamento improvisado de Frankie com Aurora York. Na época, Ellis tinha 6 anos.

Agora estava com 21.

– Ellis, não acredito – disse Frankie. – Você está… crescido.

– Sim, senhor.

– Venha cá!

Abraçaram-se e conversaram rapidamente, trocando informações e perguntas. Frankie perguntou sobre a saúde do rapaz (boa), sua entrada no exército (recrutado) e o velho estúdio de gravação nos fundos da loja de eletrodomésticos em Nova Orleans (mudou-se para outro local). Ellis perguntou a Frankie sobre seus discos de sucesso (ele tinha todos), o *Ed Sullivan Show* (assistiu ambas as vezes) e, claro, sobre a senhora Aurora.

– Não estamos mais juntos – revelou Frankie.

Ellis disse que lamentava, pois se recordava de todas as vezes que a senhora Aurora havia levado sanduíches, bolinhos e chá gelado para ele.

Então Ellis anunciou que estava prestes a se casar. Havia se apaixonado por uma vietnamita e se casaria com ela antes de seu período de serviço acabar, na esperança de levá-la para a América e proporcionar-lhe uma vida

melhor. O processo do casamento era longo e arrastado, mas haveria uma recepção com a família da jovem naquela noite. Ellis suplicou a Frankie para

ir.

– Por favor. Haveria a possibilidade de o senhor tocar uma canção para nós?

Frankie mostrou a mão esquerda cheia de cicatrizes.

– Não posso mais tocar, Ellis.

– O que aconteceu?

– É uma longa história.

Ellis estava acostumado a ver ferimentos. Mas considerou aquele

profundamente triste. Sua lembrança de Frankie era de um homem

inseparável do violão.

– Sinto muitíssimo, Sr. Frankie.

– Obrigado, Ellis.

– Tive uma ideia. E se o senhor cantar e eu tocar?

– Ellis, agora você toca?

– Não se lembra que me ensinou alguns acordes no beco? O senhor me

mostrou o D, o G e o A. O resto aprendi sozinho. Entrava de fininho e ouvia

vocês todos gravarem. Vocês eram tão bons que me inspiraram a entrar numa

banda e tudo mais.

Frankie sorriu.

– Não bote a culpa em mim.

– Por favor. O senhor pode ir e cantar?

– Muito bem. Vou cantar para você e sua garota.

– Beleza. Hum… Tem um violão?

Horas depois, estavam num gramado nos fundos de um templo budista,

diante de três mesas cheias de familiares vietnamitas. Havia comida, bebida,

mulheres em trajes tradicionais e uns poucos soldados americanos que

tiveram que deixar as armas do lado de fora. Ellis dedilhou o violão de Frankie (sim, Frankie ainda levava o instrumento para toda parte, seguindo as

palavras de Django Reinhardt) e tocou os acordes de “Our Secret”, um hit de

Frankie. E, pela primeira vez em anos, Frankie cantou essa música numa versão simples, acústica, bem parecida com aquela do dia em que a escreveu,

tendo Aurora em mente:

One day our secret / Will not be a secret / Because everybody will see /

That my secret / Is your secret / I will love you / And you will love me,

too.[11]

Os convidados aplaudiram educadamente. Frankie sentiu que a família



não estava feliz com aquela união, dava para ver no rosto deles. Mas foram cordiais, e Ellis e a noiva pareciam muito apaixonados.

Várias horas e muitos drinques depois, Ellis insistiu em acompanhar

Frankie de volta ao hotel onde a equipe do show estava hospedada. Ele pediu

um táxi e, quando este enfim chegou, os dois homens sentaram-se no banco

de trás. A caminho do hotel, comentaram sobre como era bom ver um rosto familiar em uma guerra estrangeira.

– Este foi o meu melhor presente de casamento, Sr. Frankie.

– Espero que vocês dois sejam felizes.

– Seremos. Vou levá-la para Nova Orleans e abrir meu negócio de

calçados.

O motorista começou a apontar e dizer alguma coisa. Manobrou na

direção de um posto de gasolina.

– Nada de gasolina. Hotel – instruiu Ellis.

O homem seguiu apontando para o painel.

– Nada de gasolina! – gritou Ellis. – Hotel! Direto!

O motorista falava depressa em vietnamita, intercalando com “pouco

tempo, pouco tempo”. Parou o carro e saiu, acenando com as mãos para indicar que eles deviam esperar. E seguiu rumo ao posto de gasolina.

– Puxa, me desculpe, Sr. Frankie – disse Ellis, suspirando. – O pessoal aqui, sabe como é.

Frankie observou o homem pela janela.

– Ellis, por que ele está correndo?

Os olhos de Ellis, amortecidos pelo álcool, piscaram de modo preguiçoso

e então se esbugalharam.

– Saia! Saia! Saia! – berrou.

Frankie abriu a porta e os dois começaram a correr porque Ellis se

lembrou das vezes em que fora advertido para nunca ficar dentro de um veículo no Vietnã se o motorista descesse, já que às vezes colocavam

explosivos nos carros para matar soldados americanos. Enquanto ele e

Frankie corriam, ouviram uma voz gritando em vietnamita, depois um

instante de silêncio e aí uma enorme explosão que jogou os dois longe.

Frankie atirou o estojo do violão sobre Ellis quando caíram no chão. Foi poeira e barulho por todo lado; os ouvidos deles zumbiam, os olhos ardiam e

não conseguiam ver nada por causa da fumaça.

Então, de repente, ficou tudo quieto. Alguém gritou. Cachorros latiram. O

carro havia sido mesmo preparado. Talvez quisessem matar Ellis por ter uma

noiva vietnamita. Careço de detalhes. Só sei que Frankie ajudou Ellis a se arrastar até um prédio e, quando um jipe do exército chegou zunindo à procura de soldados, Frankie sinalizou para ele. A perna de Ellis sangrava um

pouquinho, mas de resto estava bem, apenas um tanto esfolado e machucado,

assim como Frankie. Entraram no jipe e Ellis avisou aos gritos que Frankie era um VIP e que tinham que levá-lo de volta ao hotel imediatamente. Os dois

estavam ofegantes. Mas Frankie agora olhava para o estojo do violão e, ao passarem por um poste de luz, Ellis viu por quê: havia estilhaços da bomba cravados nele.

Dando-se conta de que os estilhaços poderiam tê-lo atingido, Ellis tocou o

estojo. Sua voz ficou embargada.

– Oh, Deus…

– Tudo bem – disse Frankie.

– Eu poderia ter morrido.

– Não pense nisso.

Ellis começou a chorar.

– Me desculpe, Sr. Frankie. Meu Deus, me desculpe.

– Não se desculpe. Você está vivo.

Ele repetiu as palavras para si mesmo – *Não se desculpe. Você está vivo*.

Deslizou o estojo entre as pernas e o abriu.

– Que luz é essa? – perguntou Ellis.

Frankie olhou fixamente para o instrumento. A quarta corda da guitarra estava azul cintilante. Ele sentiu um nó na garganta e fechou o estojo, depois

passou a mão pelos buracos dos estilhaços.

– Tudo bem – falou. – Não é nada.

Mas claro que era. Um futuro havia sido alterado. Salvo da explosão, Ellis se casaria com a noiva vietnamita, eles residiriam em Nova Orleans, abririam

um negócio de calçados, criariam três filhos e nove netos, um dos quais se tornaria um compositor famoso.

Nada disso teria acontecido se Frankie não reencontrasse Ellis. A quarta corda contou essa história.

Todo mundo entra numa banda nesta vida.

Às vezes ela se reúne de novo.

11 Um dia nosso segredo / Não será segredo / Porque todo mundo vai ver / Que

meu segredo / É o seu segredo / Vou amar você / E você vai me amar também.



47

1981

AQUELES GAROTOS DO TEXAS TIRARAM OS SAPATOS E ERGUERAM-SE DA moita. Em

seguida, caminharam lentamente pela areia, aproximando-se do violonista.

– Sr. Presto?

Frankie olhou para cima. Estava barbudo e com a pele bronzeada.

Não disse uma palavra.

– Somos americanos.

Frankie estreitou os olhos. O silêncio dele fez com que os rapazes

falassem mais rápido:

– Na verdade, somos do Texas…

– Montamos uma banda…

– Desculpe incomodar…

– Aquele cara, Kevin, falou pra gente…

– Ele nos deixou no bosque…

– Nem sabíamos…

– Que você estava aqui…

– Amamos sua música…

Frankie levantou a mão e, embora não fosse aquela a sua intenção, eles se calaram. Na verdade, ele estava acenando para uma garotinha de uns 4 ou 5 anos que vinha correndo pela praia.

Ela tinha o cabelo trançado, estava descalça e sem blusa, e Frankie abriu um grande sorriso quando ela passou o braço dele por sua barriga. Ele a fez rodopiar. Ela ria, mas não fazia som algum. Quando foi colocada no chão, viu os três estranhos e sua expressão mudou. Voltou correndo, e em silêncio, por onde tinha vindo.

Lyle, Eddie e Cluck observaram para onde ela se dirigia: uma casinha no fim da praia, envolta em árvores, de onde agora surgia uma mulher loura usando um roupão.

– O que está acontecendo? – indagou a mulher.

– Ah, desculpe, senhora, voltaremos mais tarde – gaguejou Lyle.

E ele e os outros debandaram rumo às arvores.

Tony Bennett

Cantor, pintor, vencedor do Grammy, homenageado pelo Kennedy Center

BEM, ANTES DE MAIS NADA, QUE NOTÍCIA TRÁGICA A DA MORTE DELE. É uma tragédia para o mundo da música. Era um homem maravilhoso. Você o conheceu? Se conheceu, teve sorte. Estou falando sério. Frankie Presto era um verdadeiro artista. Muito gentil. Muito atencioso. E o violonista mais puramente musical que já conheci.

Vou contar por que falo isso. Eu canto desde o final da década de 1940.

Frank Sinatra, Nat King Cole, Billie Holiday, essas pessoas foram as minhas

influências. Eu adorava cantores de jazz. Era como me via. Mas, quando chegou a hora de ganhar dinheiro, falaram que eu não conseguiria como cantor de jazz. Entende? Era assim que a indústria funcionava. Uma vez disseram a Duke Ellington que iam tirá-lo da gravadora. Ele perguntou:

– Por quê?

– Você não está vendendo discos o bastante – responderam.

E ele disse:

– Vocês estão confundindo as coisas. Meu trabalho é fazer discos. O

trabalho de vocês é vender.

Duke Ellington. Dá para acreditar?

Bem, chegou um momento, no início dos anos 1970, em que eu também

não estava vendendo muitos discos. E não admitia fazer a música que queriam

que eu fizesse. Sob pressão, havia gravado um álbum de rock. Algo terrível para mim. Enquanto o gravava, fiquei doente. Foi um período difícil. Senti como se estivesse me separando daquilo que mais amava.

Deixei a gravadora e fui para Londres, onde permaneci por quase dois

anos. Foi a época mais fantástica da minha vida, pois só fiz a música que desejava fazer.

No tempo em que morei lá, me instalei num hotel cujas janelas da sala

davam para um parque. Toda manhã, ao acordar, sempre via o mesmo homem sentado num banco do lugar com um violão. Ele nunca tocava. Apenas

segurava o instrumento no colo.

Então, depois de algumas semanas, fiquei curioso. Ao voltar de uma caminhada, passei por ele e achei que conhecia aquele rosto. Falei:

– Com licença, vejo você aqui todos os dias…

E, antes que eu pudesse terminar a frase, ele olhou para mim e cantou um verso de “Love Letters”, uma canção que gravei em meu primeiro álbum. E a voz dele era linda. Perfeita.

– Seu violonista foi Chuck Wayne – disse ele.

– Isso mesmo – confirmei.

– Um grande disco aquele.

– Obrigado.

– Existe outra canção chamada “Love Letters”.

– É?

– Django Reinhardt. Chama-se “Billets Doux”.

– “Billets Doux”.

– Francês. É instrumental.

– Pode tocar?

– Não. – Ele olhou para o violão. – Não mais.

Foi quando vi a mão esquerda dele, cheia de cicatrizes.

– É por isso que você senta aqui todos os dias, mas não toca? – perguntei.

Ele me fitou e respondeu:

– Estou esperando uma pessoa.

– Quem?

– Minha esposa.

– Ela vai chegar logo? – questionei.

Ele balançou a cabeça dizendo que não tinha certeza, que nem mesmo

sabia se ela ainda morava em Londres.

Seguimos conversando, até que me dei conta de que era Frankie Presto.

Ele estava fora do circuito havia anos. Contou que seu verdadeiro nome era Francisco e eu revelei:

– Ei, meu nome verdadeiro é Benedetto, talvez sejamos primos!

Rimos e batemos um bom papo.

Sempre pensei que Frankie fosse um cara do rock, mas constatei que nós

dois tínhamos um monte de conhecidos em comum. Frank Sinatra. Bob Hope.

Ele inclusive conheceu Duke Ellington quando era garoto, sabia?

No dia seguinte, ele estava sentado lá de novo. Um carro veio me buscar,

então convidei-o para ir comigo ao local onde estávamos fazendo um

programa de TV chamado *The Talk of the Town*. Aquela estava sendo uma experiência bárbara, com Robert Farnon, o maior arranjador do mundo (todos

o chamavam de “o Governador”) – tocávamos canções e falávamos sobre

música toda semana.

Francisco – ele gostava que eu o chamasse assim – foi comigo naquele dia. Ao chegar ao estúdio, sentou-se e ouviu. Não abriu o estojo do violão.

Convidei-o mais algumas vezes, e, cada vez que entrávamos no carro para sair, ele dava uma última olhada em volta, como se a esposa pudesse estar chegando.

Mas ela nunca apareceu.

Então, umas duas semanas depois, estávamos ensaiando para o show e

comecei a cantar uma música de Kurt Weill chamada “Lost in the Stars”, acompanhado apenas por um pianista. É uma canção linda, mas triste.

Conhece?

Before Lord God made the Sea and the Land / He held all the stars in the

palm of his hand / And they ran through his fingers like grains of sand /

And one little star fell alone.[12]

De repente, ouvi os mais lindos acordes de violão, um dedilhado de cada

vez. Olhei em volta e vi que era Frankie Presto tocando. Cada acorde parecia

uma luta. Dava para ver no rosto dele. Mas, como o andamento era muito lento, ele tinha tempo de fazer as trocas de dedos. Continuei cantando. Não quis parar, pois senti que aquilo era importante para ele. Fizemos alguns

versos e chegamos ao fim.

But I’ve been walking through the night and the day / Till my eyes get

weary and my head turns grey / And sometimes it seems maybe God’s

gone away… / And we’re lost out here in the stars.[13]

Ele tocou o acorde final e vi as lágrimas rolarem por seu rosto. Até os ajudantes de palco aplaudiram. Eu disse “Legal”. Mas eu estava mentindo.

Não quis embaraçá-lo. Foi mais do que legal. Foi espetacular.

No fim daquele verão, decidi voltar para os Estados Unidos. O carro veio

me buscar e lá estava Francisco, como de costume, sentado em seu banco.

Mandei o motorista esperar e fui me sentar ao lado dele.

– Estou indo – falei.

– Aonde?

– Para casa.

– Obrigado por me levar a seus programas, Sr. Benedetto.

– Por quanto tempo você vai esperar aqui?

– Não sei.

– E se sua esposa não voltar?

– Ela vai voltar.

– Bem, se algum dia tiver vontade, eu ficaria honrado em gravar com

você.

Ele quase riu.

– Não consigo mais tocar.

– Consegue. Você tocou.

– Só uns acordes.

– Nada de acordes. Música.

Expliquei que, enquanto ele tivesse aquele tipo de música dentro de si, nada poderia impedi-la de sair. Falei sério.

E aí perguntei:

– Quando você esteve em casa pela última vez?

– Na verdade, não tenho uma casa – declarou ele.

– Todo mundo tem algum lugar que chama de casa.

Ele ergueu o violão.

– Tudo que eu já tive foi isto – disse –: ela.

12 Antes de o Senhor Deus fazer o Mar e a Terra / Segurou todas as estrelas na palma da mão / E elas escorreram por seus dedos como grãos de areia / E uma estrelinha caiu sozinha.

13 Mas estive caminhando dia e noite / Até meus olhos ficarem cansados e meus cabelos acinzentados /

E às vezes parece que talvez Deus tenha ido embora… / E estejamos perdidos aqui nas estrelas.



48

UMA DAS CANÇÕES FAVORITAS DE FRANKIE ERA “SAVE THE LAST DANCE FOR ME”, dos Drifters. A letra – dizendo a uma mulher que tudo bem ela dançar com outros, contanto que lembre quem vai levá-la para casa – foi escrita por Doc

Pomus, uma vítima da pólio. Ele a escreveu ao recordar a noite de seu casamento, quando outros homens dançaram com a noiva enquanto ele teve que assistir a tudo da cadeira de rodas. Ele rascunhou as palavras no verso do

convite de casamento.

Eu falei que todas as histórias de amor são sinfonias e que o movimento

final é o *rondo*, tema que se repete em meio a várias interferências. Frankie e Aurora, com seu *rondo* de chegadas e partidas, guardaram suas últimas danças por bastante tempo. Finalmente, no ano de 1974, se reconciliaram para

sempre – graças, quem diria, a um programa de rádio.

Sim. Um programa de rádio. O Sr. Tony Bennett (ou Benedetto) fez um

último favor ao ferido Sr. Presto. Ao deixar Londres naquele dia, ele dividiu a

limusine com outro passageiro, um apresentador da BBC. Os dois homens

foram conversando durante o trajeto até o aeroporto e o Sr. Bennett relatou parte da história de Frankie. Omitiu seu nome, mas mencionou que toda manhã esse homem esperava pela esposa com o violão no colo.

– Não é incrível? – indagou Bennett.

– Extraordinário – concordou o apresentador.

Comovido com a triste narrativa, o homem da BBC contou o caso no

programa de rádio daquela semana. De carro a caminho do trabalho, Cecile (York) Peterson ouviu o programa e, ao chegar a seu gabinete na Escola de Economia de Londres, telefonou para a irmã, Aurora, e disse:

– Acho que seu marido está de volta à cidade.

Na manhã seguinte, sob uma chuva incessante, Aurora York saltou de um

ônibus e caminhou na direção do parque. Avistou Frankie e espiou-o,

escondida atrás de um poste, esperando por uma hora, observando ele ficar molhado. Aurora contou os pingos de chuva caindo em sua sombrinha e

atribuiu a cada gota um motivo pelo qual não deveria ir até Frankie. Quando



se esgotaram os motivos, ela fechou a sombrinha e se deixou encharcar.

Aí atravessou a rua.

Frankie viu Aurora se aproximar, a chuva pingando no rosto dela. Aurora

afastou o violão e sentou-se no colo dele.

– Vai ficar? – perguntou ele.

– Sim – respondeu ela.

A música pode aliviar a alma. O corpo é outra história. Aurora York

passou meses procurando os melhores especialistas para a mão ferida de Frankie. Sou muitíssimo grata por isso. Ela usou as conexões da irmã. Pagou

outra cirurgia. Fez com que ele praticasse os exercícios de reabilitação todos

os dias. Cuidou de meu amado discípulo até ele se recuperar. Depois disso, meu fascínio reacendeu-se nele.

Enquanto isso, voltando ao amor entre os dois (o *rondo*, lembra?), Frankie e Aurora tiveram o prazer de descobrir que as barreiras entre eles haviam se

dissolvido. A fama já não era um problema, nem as viagens, as noitadas ou as

outras mulheres. Aurora despachou o que restava de narcóticos e álcool na vida de Frankie.

E, a partir daí, foi tratar de encontrar uma casa.

– Quer ficar em Londres? – perguntou Frankie.

– De jeito nenhum – disse ela.

– Onde então?

– Algum lugar distante – pediu ela. – E sossegado.

Foram de carro a várias localidades do interior da Inglaterra. Nenhuma delas agradou a Aurora.

– Mais longe – declarou ela. – Mais sossegado.

Voaram para Nova York, onde Frankie recuperou duas guitarras.

– Mais longe – repetiu ela. – Mais sossegado.

Voaram até Los Angeles, onde Frankie sacou dinheiro de um banco e

Aurora recusou-se até mesmo a sair do aeroporto.

– Mais longe. Mais sossegado.

Voaram para a Austrália.

– Mais longe. Mais sossegado.

Pegaram um navio para a Nova Zelândia. Ao passar a noite nas

imediações do porto de Auckland, ela viu uma balsa partir ao luar. Perguntou

para onde ia e um funcionário informou que era para um lugar chamado Waiheke, cujo nome maori, “Te Motu-arai-roa”, significava “ilha distante e abrigada”.

Na manhã seguinte, Aurora e Frankie estavam na balsa com todos os seus

pertences. Uma hora depois, ao chegar às docas, ver os penhascos verdes e ouvir o suave bater da água, Aurora virou-se para o amor de sua vida e olhou

nos olhos dele.

– Aqui – disse ela.



49

1981

OS RAPAZES DO TEXAS SORTEARAM NO PALITINHO. DECIDIRAM QUE UM deles

tentaria de novo. (Eles concluíram que os três juntos era intimidante demais.)

Lyle tirou o palitinho menor e, no final da tarde seguinte, com o sol se pondo,

caminhou através de arbustos e árvores e rumou sozinho para a praia. Frankie

estava sentado sem camisa, a correia do violão sobre a pele nua e bronzeada,

tocando escalas em fá: escala maior, escala menor, dórica, frígia, lídia, ascendente, descendente.

– Pode chegar – disse Frankie sem olhar para trás.

Lyle avançou com as mãos enfiadas nos bolsos.

– Olá, senhor.

– Minha esposa disse que vocês voltariam.

– Desculpe pela última vez…

Frankie continuou tocando escalas, lenta e deliberadamente.

– Eu só… nunca pensei que realmente o encontraria, Sr. Presto. Meu

nome é Lyle.

Frankie passou para as escalas em fá sustenido.

– Eu também toco violão.

Frankie assentiu com a cabeça.

– Não como o senhor, claro.

Frankie assentiu com a cabeça.

– Foi o senhor que tocou o famoso solo em Woodstock?

Frankie assentiu com a cabeça.

– Mesmo? Porque ninguém pôde confirmar que o senhor estava lá.

Frankie continuou balançando a cabeça até Lyle perceber que ele não

estava respondendo às perguntas, e sim movendo-se ao ritmo do quebrar das

ondas, como se acompanhasse um baterista.

– O senhor está praticando? Quer dizer, desculpe. Pergunta idiota. Por que escalas? Por que está praticando escalas?

Frankie parou de tocar.

– Hã?

– Por que escalas?

– Retreinando.

– Retreinando?

– Meus dedos. Meus ouvidos. É um longo processo.

Lyle queria fazer mil perguntas, mas, como Frankie retomou a prática, ficou quieto e escutou. Quando Frankie completou as escalas de si bemol e si natural, parou de novo.

– Estropiei minha mão. Estou trabalhando para encontrar.

– Encontrar o quê?

– A beleza. A mão esquerda encontra a beleza.

Ele estendeu a palma e Lyle notou as cicatrizes.

– O que aconteceu?

– Não lembro direito.

– Acidente?

– Não exatamente.

– Quando?

– Em 1969.

– O ano de Woodstock. Então o senhor esteve em Woodstock?

– Mais ou menos.

– Aquele era o senhor tocando?

– Tocando o quê?

– O solo. O que acabei de perguntar.

– Desculpe. Não ouvi.



– É famoso. Quer dizer, é um pirata famoso.

Frankie olhou diretamente para o jovem.

– Pirata?

– A gravação. O senhor consegue se for atrás.

– De um solo?

– É o solo mais incrível de todos os tempos. Eu não conseguiria tocar mesmo que tentasse. Ninguém consegue.

A respiração de Frankie pareceu acelerar-se.

– Não era eu.

Olhou para os pés.

– Você deveria ir agora. Tenho muito que praticar.

Passaram-se vários dias. Lyle e os companheiros de banda tentaram

outras três visitas, mas a praia estava vazia em todas elas.

– Talvez tenham se assustado e fugido por nossa causa – disse Eddie.

– Ele falou que não era ele – comentou Lyle.

– Você acredita nisso?

– Não sei. Ele toca muito devagar.

– Como ele se machucou?

– Não falou.

– O que vamos fazer agora?

Eles se entreolharam.

– Beber – declarou Cluck.

Dez minutos depois, entraram em um pub chamado McGinty's e pediram cerveja. Acharam uma mesa.

– Não são os roqueiros ianques?

Os três avistaram Kevin, o motorista, rindo atrás do bar.

– Você é bartender também? – perguntou Eddie.

– Aff, não, estou só me servindo. Como está indo a aventura?



– Não está – disse Lyle, taciturno.

– Ele desapareceu – acrescentou Cluck.

Kevin puxou uma cadeira.

– Sabem, camaradas, as pessoas costumam mudar-se para uma ilha para

ficar em paz. Se quisessem ser encontradas, com certeza não escolheriam Waiheke.

– Então por que você nos levou até ele?

– Sei lá. Ele está aqui faz tempo. Achei que gostaria de saber que as pessoas não haviam esquecido dele.

– Você sabia quem ele era? Que era famoso nos anos 1960?

– Claro! “I Want To Love You”? Ouvíamos essa canção no exército.

Uhhh-huu! Faz mexer os quadris, né?

– Então por que nos disse que nunca tinha ouvido falar dele?

– Primeira regra da amizade, camaradas: aprender a guardar segredo.

Os rapazes ficaram abatidos. Beberam a cerveja.

– Por isso dei uma passada na casa dele naquela noite. Para ter certeza de que estava tudo bem.

– Espera aí – disse Lyle. – Ele deu *permissão* para você nos levar lá?

– Ele não, camarada. Ela.

– A esposa dele?

– Aurora. Ela é adorável. Achou que seria uma boa ideia.

Revigorados com a novidade, os rapazes do Texas decidiram ficar na ilha durante o fim de semana, quando aconteceria um evento tradicional anual conhecido como Dia da Corrida. Cavalos, pôneis e tratores competiam numa praia ampla, enquanto os ilhéus se reuniam ao sol, comendo bifes do McGinty’s e bebendo cerveja de barris. A música fazia parte das festividades,

e não foi difícil os Clever Yells arranjarem para tocar algumas canções à tarde. (Os outros músicos eram uma pequena banda de metais e um homem com acordeão.) O palco era tosco, com uma bateria velha no centro,

amplificadores pequenos e microfones utilizados nas reuniões do conselho local. Mas Lyle, Eddie e Cluck estavam ansiosos para tocar – bandas que se



juntam depois de um período de inatividade ficam tão inebriadas quanto amantes no aeroporto – e, assim que plugaram os instrumentos e fizeram uma

rápida saudação, abriram sua apresentação com uma canção country escrita por Lyle, que recebeu aplausos vigorosos. Fizeram “Jambalaya”, de Hank

Williams, e uma versão de “Twist and Shout”, e todas pareceram combinar bem com o sol, a cerveja e o ruído ambiente de crianças guinchando e homens

bêbados rindo.

– Gostaríamos de tocar mais uma – disse Lyle. – Antiga, mas com certeza

das boas.

Cluck rufou os tambores e, com o violão tocando uma frase familiar, Lyle

mandou o verso de abertura do maior sucesso de Frankie Presto:

I want to love you, / I will be true, / No one will love you / The way I do. 14

A multidão aplaudiu na mesma hora, como as pessoas fazem ao

reconhecer as canções aos primeiros acordes. Lyle olhou para Eddie, que sorria. O carinho deles pela música era evidente. Mas um olhar de relance pela multidão tirou o sorriso de Lyle.

Frankie estava lá atrás, com a menininha nos ombros.

No meio da canção, deu as costas e foi embora.

Tenho que explicar o caso da criança.

Frankie e Aurora encontraram na ilha a paz que procuravam. Como a terra era barata, compraram um pequeno terreno na praia e construíram uma bela casa com materiais locais e deque com vista para a água. De manhã caminhavam à beira-mar; à noite Aurora grelhava peixe fresco enquanto Frankie praticava escalas e arpejos para readquirir a destreza. Vestiam short e camiseta. E notaram que os moradores da ilha eram artistas, andarilhos e tipos pitorescos que não davam bola para a antiga fama de Frankie.

Certo dia, cerca de um ano depois de chegaram ali, Frankie e Aurora estavam voltando de uma caminhada quando ouviram um animal gritando. Avistaram um vira-lata nas moitas. Ele tinha o pelo branco e estava abaixado, encarando o casal. Quando se aproximaram, o animal ganiu e recuou alguns passos. Atrás dele descobriram uma bebê muito pequena, com não mais de três meses de vida, embrulhada em um cobertor cinza.

– Quem é você, querida? – sussurrou Aurora, erguendo a criança



delicadamente.

Frankie observou. A menina não emitiu som algum. Aurora segurou-a contra o peito, mas os olhos da bebê permaneceram abertos e voltados para Frankie.

– Alguém abandonou-a à morte – disse ele.

As palavras simplesmente saíram. Dentro de cada ser humano existe o

conjunto total de suas memórias, aquelas que ele consegue acessar e aquelas que não consegue. Em algum lugar nas profundezas da mente de Frankie estava seu abandono, seu próprio cobertor cinza, seu cachorro a ganir.

– Precisamos encontrar um lugar para ela – declarou Aurora.

Foram depressa para o carro e não viram um vulto pesadamente vestido escondido no bosque.

Levaram a criança até a igreja mais próxima, um pequeno prédio térreo.

A freira atendente, uma mulher de pescoço grosso e semblante severo, pareceu surpresa com a chegada dos dois. Ela pegou a criança e pediu que esperassem. Em seguida chegou um policial, que os inquiriu, pedindo detalhes. Onde? Como? Quando? Quem eram eles?

– Por que tantas perguntas? – questionou Frankie.

– Porque a bebê foi deixada aqui há dois dias, camarada – replicou o policial. – Alguém abandonou-a no vestíbulo com um bilhete pedindo que a igreja cuidasse dela. E então, nesta manhã… – Ele fez uma pausa. – Ela sumiu.

Frankie olhou para Aurora.

– Não temos nada a ver com isso.

– Contamos o que aconteceu.

– Simplesmente a encontramos.

– É verdade. No bosque. Um cachorro estava de guarda.

Como a bebê estava perfeitamente bem, o policial acabou acreditando na história. Permitiu que fossem para casa. Mas naquela noite Aurora sonhou com a

criança. E, no dia seguinte, insistiu com Frankie para que fosse à igreja com ela.



– Olá, preciosa – murmurou Aurora, inclinando-se sobre o berço.

– Não espere resposta – falou a freira.

– Por que não?

– Tem algo errado com ela.

– O quê?

– Não dá um pio. Apenas uns poucos grunhidos. Talvez seja surda. Em geral o motivo é esse. Pobrezinha. Vamos levá-la ao continente amanhã.

Aurora olhou para Frankie.

– Pegue o violão – disse ela.

Frankie voltou com o violão. Dedilhou. A criança não reagiu.

– Toque uma canção para ela – pediu Aurora.

Frankie tocou as notas básicas de “Hush Little Baby”.

– Cante – sussurrou Aurora.

Ele cantou:

Hush little baby, don’t say a word, / Papa’s gonna buy you a mockingbird. 15

A criança olhou. Aurora cantou a frase seguinte:

And if that mockingbird don’t sing, / Mama’s gonna buy you a diamond ring. 16

A criança abriu a boca.

Os adultos cantaram juntos:

And if that diamond turns to brass, / Mama's gonna buy you a looking glass.[17]

Pararam. A criança virou a cabeça. Começou a chorar, os olhos bem apertados. Mas mal e mal saía um som. Apenas grunhidinhos abafados, quase dolorosos de se ouvir de uma criatura tão minúscula.

Frankie começou a tocar de novo.

E ela parou de chorar.

– Viu só? – perguntou Aurora à freira. – Ela não é surda. Consegue ouvir.

– Virou-se para Frankie. – E gosta quando você toca.

– Bem, não sei… – disse ele, sorrindo.

Mas eu sabia. Sabia exatamente o que estava acontecendo. Vejo o futuro de todos os meus filhos. E vi ali uma discussão, uma decisão, uma adoção e uma arrumação para dar espaço para um bercinho na bela casa deles. Uma nova banda estava se formando com Frankie Presto no centro dela.

Esta banda era uma família.

14 Quero amar você, / Serei fiel, / Ninguém vai amar você / Como eu.

15 Nana, nenê, não diga nada / Papai vai comprar um passarinho para você.

16 E se o passarinho não cantar / Mamãe vai comprar um anel de diamante para você.

17 E se o diamante for de latão / Mamãe vai comprar um espelho para você.



50

MAS VAMOS TERMINAR A HISTÓRIA DOS RAPAZES DO TEXAS.

Frankie e Aurora chamaram a bebê de Kai e a criaram com amor, areia, água do mar e música. Pelo que os médicos puderam averiguar, ela era muda,

com malformação congênita das cordas vocais. Mas a audição era aguçada, bem como a visão, e os olhos acompanhavam Frankie sempre que ele se

deslocava por um ambiente. Quando ele se sentava com o violão, ela batia palminhas.

Kai foi uma inspiração para a recuperação de Frankie. Estava lá quando Frankie finalmente tocou, sem erros, uma peça de Giuliani. Estava lá quando

ele dominou (pela segunda vez na vida) os 12 estudos de Heitor Villa-Lobos.

E estava sobre os ombros de Frankie quando os Clever Yells fizeram uma versão de “I Want To Love You” no Dia da Corrida na praia.

Também estava lá, duas semanas depois, de mãos dadas com Frankie e

Aurora, quando adentraram um acanhado estúdio de gravação no centro de Auckland chamado Last Laugh, com Frankie carregando o violão. Instigado por Aurora, ele havia concordado em gravar uma canção com os rapazes do

Texas, com a condição de que eles fossem embora da ilha e o deixassem em

paz.

– Não vai fazer mal tocar com eles – disse Aurora.

– Não estou a fim de tocar com ninguém.

– Mas está na hora.

– Hora de quê?

– De expandir sua plateia para além da esposa e da filha.

Lyle estava tão animado que não conseguiu dormir na noite anterior.

Escreveu as cifras da canção que iriam gravar, um rock que ele considerava sua composição mais comercial.

– Desculpe, não é um grande estúdio – justificou-se perante Frankie. –

Mas o equipamento é bom. E estão cobrando apenas 15 dólares por hora.

– Sem nomes – declarou Frankie.

– Como?

– Não quero meu nome em lugar nenhum. Nem nas faixas nem nos

créditos; em nada.

Lyle ficou decepcionado, pois esperava tornar o disco mais comercial

dizendo às pessoas que Frankie Presto havia participado.

– Claro. Certo. Como queira.

Frankie acenou com a cabeça, sério. Então sentou e abriu o estojo do violão. Entregue a ele por El Maestro, o estojo agora tinha quase 40 anos e mostrava marcas de desgaste, adesivos de segurança de inúmeros aeroportos e

fita adesiva em cima dos buracos feitos por estilhaços de bomba.

O violão em si permanecia o mais robusto dos parceiros. Frankie polia o

braço e lubrificava as tarraxas com esmero. Alguns pequenos estragos no corpo de pau-rosa haviam sido restaurados, mas permaneciam sem pintura. O

braço de ébano havia resistido ao teste do tempo. E, claro, as cordas. As quatro de baixo haviam sido trocadas várias vezes. Mas os olhos de Frankie

recaíam sobre as duas de cima, remanescentes originais, intocadas pelo

combustível mágico azul.

Ele recordava de uma conversa com seu professor:

– Por que as cordas fazem sons diferentes, Maestro?

– Simples. Elas são como a vida.

– Não entendo.

– A primeira corda é mi. Tem um tom agudo e rápido, como uma criança.

A segunda corda é si. O tom é levemente mais grave, como a voz esganiçada

de um adolescente. A terceira corda, sol, é mais profunda, como o poder de

um homem jovem. A quarta corda, ré, é robusta, um homem no auge do vigor.

A quinta corda, lá, é consistente e alta, mas incapaz de atingir tons agudos, como um homem que já não pode mais fazer o que fazia.

– E a sexta corda, Maestro?

– A sexta é o mi grave, a mais grossa, lenta e rabugenta. Percebe como

ela é profunda? Dum-dum-dum. Como se estivesse prestes a morrer.

– É porque ela está mais perto do céu?



– Não, Francisco. É porque a vida sempre vai arrastar você para o fundo.

Frankie pediu as cifras. Lyle mexeu no papel e deixou-o cair. Frankie pegou-o. E, ao ver o que estava escrito, encostou o violão na parede e pegou

uma Fender Stratocaster.

– Tudo bem eu usar esta? – perguntou, gesticulando para o engenheiro de

som de cabelo encaracolado atrás do vidro.

O engenheiro levantou o polegar.

– Certo, vamos lá – disse Frankie para Lyle.

– Não quer ensaiar? Podemos passar algumas vezes para lhe mostrar

onde…

Frankie sacudiu a cabeça recusando.

– Solte a fita.

Tratava-se de uma música rápida chamada “What the What?”. Cluck

tocava bateria em ritmo frenético e o baixo de Eddie era como um martelar nervoso. A parte de Frankie consistia em apenas quatro acordes repetidos com

distorção pesada e ele só tinha que dedilhar quatro tempos por compasso. Na

minha opinião, era tão rudimentar que não fazia jus ao talento dele. Mas Frankie cumpriu sua obrigação, repetindo a canção cinco vezes enquanto Lyle

tentava diferentes abordagens de vocal. Pelo vidro, Frankie enxergava Aurora

e a filha, e Kai sacudia-se para a frente e para trás, no ritmo. Aurora fez uns

movimentos exagerados com a cabeça, como se batesse contra uma parede, e

Frankie deu um sorriso amarelo.

– O que acha, Sr. Presto? – perguntou Lyle quando terminaram.

Frankie balançou a cabeça, mas não fez contato visual.

– Quer dizer, gostaria de saber sua opinião – disse Lyle. – Honestamente.

– Honestamente?

– Por favor.

– Por que você está fazendo essa canção?

– Como assim?

– Para mim, sua voz não parece adequada a ela. E não soa como se você

sentisse a música de verdade.

O rosto de Lyle ficou vermelho.

– Por que acha isso? – perguntou ele.

– Bem, você fez cinco takes com vocais diferentes – respondeu Frankie. –

Isso me diz que ainda está procurando o tom. Por que não faz como aquele dia na praia? Pelo menos parecia gostar do que rolava.

Houve um silêncio desconfortável. Lyle deu uma olhada para Eddie e

Cluck e os dois entenderam a deixa para sair da sala. Frankie suspirou e fitou

Aurora e Kai através do vidro. Ele já estava ali há mais tempo do que desejava.

– Sei que o que o senhor falou está certo – disse Lyle, baixando a voz. –

Mas estou tentando me dar bem na indústria. E é isso que estão comprando.

Querem uma batida forte. Querem garra.

– Garra?

– Sim, senhor. Como seu solo. Ou o solo que todo mundo pensa que é seu.

Aquele que *eu* pensei que fosse seu. Aquele tipo de garra.

Frankie roçou a palma da mão acima dos olhos. Suspirou.

– Aquilo não era garra. Era dor.

– Foi o senhor?

– Uma versão diferente de mim. Você não iria querer ser daquele jeito.

Frankie largou a Stratocaster e recostou-se na cadeira.

– Aprendi a tocar com um professor que era cego. Às vezes, quando ele

estava no banheiro, eu martelava ao violão, fazendo barulho. E ele berrava:

“Pare com isso, garoto estúpido! Ninguém quer ouvir coisas feias.” Eu me defendia dizendo: “Na escola, ensinam que Deus ouve tudo.” E ele retrucava

gritando: “Deus pode ouvir, mas eu não ouvirei.”

Lyle riu. E Frankie abriu um sorriso.

– A questão é: você tem que decidir para quem está tocando. Eu queria que ele achasse lindo o que quer que eu tocasse, então parei de fazer barulho e

fiz música. – Coçou o queixo. – Do que você realmente gosta, de coração?

– Acho que de country ou folk.

– Então toque isso – disse Frankie.



– Mesmo que não venda?

– Dinheiro e música não são amigos. – Frankie deu uma risadinha. – Sei

alguma coisa a respeito.

Lyle pensou por um instante.

– É engraçado. Na realidade tenho uma canção que tem a ver com o que

seu professor falou. É sobre perdoar alguém que traiu. É que Deus vai perdoar, mas eu não, que Deus perdoa, mas eu não.

– Parece boa – disse Frankie.

– Pode tocar comigo? Por favor? Vou escrever as cifras agora mesmo.

Não vai demorar. Poderia ficar e fazer só essa?

– E aí você e seus amigos voltam para os Estados Unidos?

– Prometo.

– E me deixam em paz?

– Com certeza. Dormiremos no aeroporto se você quiser.

Frankie acenou com a cabeça.

– Vamos nessa.

Lyle pulou em pé rapidinho e empurrou a porta para abri-la. Aurora e Kai estavam do outro lado.

– Oh, desculpe. Sinto muito – disse Lyle.

Frankie fez sinal para a família entrar.

O que aconteceu a seguir se revelaria importante e – como às vezes ocorre em acontecimentos marcantes – totalmente inesperado.

Aurora ficou contente por Frankie aconselhar a jovem banda.

– Que bom que está ajudando. Eles são bons rapazes.

– Só estou fazendo isso porque você mandou.

Aurora sorriu.

– Já é motivo suficiente.

– Venha cá, Kai – disse Frankie, pegando a filha no colo.



Aurora abriu uma garrafinha de suco. A menininha tomou um golinho e pulou do colo do pai.

– Lá vai ela! – exclamou Aurora.

Observaram Kai circular pela sala, faceira, mas em silêncio. Ela voltou e ergueu a guitarra para Frankie. Ela tinha um ar de curiosidade no rosto.

– Mostre a ela o que você sabe fazer, Francisco – pediu Aurora.

– É?

– Como está sua mão?

Ele franziu as sobrancelhas.

– Vamos ver.

Plugou um cabo num amplificador ali perto e testou os pedais. Então ergueu o queixo na direção da filha.

– Kai? – chamou. – Está ouvindo?

Eu tenho o poder de fazer você recordar-se das coisas. Absorvo suas memórias; quando me ouve, você revive as lembranças. Uma primeira dança. Um casamento. A canção que tocava quando você recebeu uma grande notícia. Nenhum outro talento proporciona uma trilha sonora para a sua vida. Sou a Música. Marco o tempo.

Naquele dia em Auckland, Frankie tocou as memórias dele. Abriu com

um verso de uma canção infantil, “Billy Boy”, antes de acelerá-la em uma versão de jazz (como o pianista Red Garland fez certa vez com Miles Davis).

Frankie tocou com facilidade e, para sua surpresa, sem dor. Improvisou por dois minutos, exigindo bastante de si, aí terminou com um movimento rápido

e súbito do pulso.

A pequena Kai aplaudiu, seu rosto um retrato de deleite silencioso.

– Quer mais?

Quando ela acenou que sim, Frankie tocou “Tea for Two” e “A-Tisket, A-

Tasket”, canções que ouvia no fonógrafo com El Maestro, começando cada uma com simplicidade e depois alcançando recantos distantes e colorações lindas. Aurora tentava reprimir o sorriso. Se eu tivesse boca, teria feito o mesmo. Pela primeira vez em anos, Frankie tocava livremente outra vez.

Quase tão rápido quanto antes, porém melhor, com mais riqueza, pois sua música agora era apaixonada, pensada, as notas escolhidas com mais cuidado,

da mesma forma que um grande pintor escolhe não apenas uma cor, mas a tonalidade perfeita.

Tocou trechos de muitas canções de rock, inclusive “All Along the

Watchtower”, de Bob Dylan, e “You Really Got Me”, dos Kinks,

desacelerando e depois imprimindo velocidade, tocando como se fosse

bateria, baixo e guitarra, todos em um. Quando ele parou com a guitarra, Kai

ergueu o velho violão que agora conectava a infância dela com a de Frankie.

– Esse? – perguntou Frankie.

Ela fez que sim com a cabeça.

– “Parlez-Moi d’Amour” – disse Aurora.

Frankie aquiesceu, tocando com emoção e cantarolando. Também tocou "Nuages", de Django Reinhardt (que o violonista cigano havia mostrado num quarto de hotel em Cleveland); dois blues que tinha aprendido na Louisiana; "Träumerei", de Schumann, que tocou numa praia certa vez; e "Recuerdos de la Alhambra", de Tárrega, permeada de tremolos. Tocou até uma composição desafiadora de um violonista brasileiro conhecido como Garoto, que era chamado de "o homem dos dedos de ouro".

Uma canção emendou em outra e o desempenho de Frankie expandiu-se como a luz do sol. O semblante da filha inspirou-o de um jeito que nenhuma plateia jamais havia inspirado e, entre brincadeiras e risos com Aurora, ele tocou uma partitura de sua vida, com novas nuances e interpretações, usando nonas bemóis, quartas suspensas e inversões de acorde que nunca havia tentado. Pude me sentir correndo nas veias dele e me liberando por seus dedos com paixão, destreza e criatividade.

Foi glorioso.

Ele terminou com uma canção que amava, a dolorosamente bela "Nature Boy", uma peça misteriosa escrita por um compositor andarilho que jamais tornou a escrever outra música tão popular. Ela conta a história de um garoto encantado que, como o jovem Frankie, viaja pelo mundo e guarda um segredo. As duas últimas frases foram as únicas que Frankie cantou naquela tarde, olhando agradecido nos olhos das duas pessoas que o resgataram do desespero:

The greatest thing, you'll ever learn / Is just to love, and be loved in return. [18]

Ele concluiu com um acorde final dedilhado lentamente, um ré menor,

acrescido de uma sexta, uma nona e uma 11a sustenida lá na parte mais alta do

braço; a seguir arregalou os olhos, brincando com a filha. A pequena Kai estava tão contente que se aproximou aos trambolhões e deu tapinhas nos trastes.

– Cuidado – sussurrou Frankie, sorrindo. – Estas aqui são cordas mágicas.

Na sala de controle, sem ser visto através do vidro, o engenheiro de som

de cabelo encaracolado rabiscou aquelas palavras num pedaço de papel.

Cordas mágicas. Ele mesmo um guitarrista incipiente, tinha ouvido tudo, sozinho na mesa de som, hipnotizado pela música que saía pelos alto-falantes.

Deu uma olhada para os rolos de fita de duas polegadas do gravador principal

e suspirou aliviado.

Ainda estavam girando.

A coisa toda havia sido gravada.

– Estamos prontos – disse Lyle, irrompendo na sala de controle, com

Eddie e Cluck vindo atrás.

– Fita nova? – perguntou o engenheiro.

– Sim, tudo novo – respondeu Eddie. – Vamos recomeçar.

– E quanto à outra fita?

– Esqueça. Não queremos.

O engenheiro assentiu com a cabeça.

– Certo, camarada. Você que manda.

Ele rebobinou os rolos, colocou o carretel numa caixa e pegou uma

caneta.

– Ei – falou para Cluck, que estava amarrando os tênis. – Como é o nome

do cara no violão?

Cluck sorriu maliciosamente. Olhou para os dois lados.

– É Frankie Presto. Não conte pra ninguém.

– Por que contaria? – retrucou o engenheiro. – Nunca ouvi falar.

Cluck franziu o cenho e foi para o estúdio. O engenheiro escreveu na lateral da caixa: “As cordas mágicas de Frankie Presto”. E colocou-a numa estante.

18 A coisa mais importante que você vai aprender um dia / É simplesmente amar e ser amado de volta.



51

A PRIMEIRA GRAVAÇÃO DE SOM ACONTECEU EM MEADOS DO SÉCULO XIX, quando

um inventor fez ruídos em um cilindro e um diafragma, movendo uma agulha

que gravou linhas em um papel coberto de fuligem. Vinte anos depois,

Thomas Edison criou o fonógrafo. E, desde então, vocês têm me capturado em todos os tipos de meios, de placas de goma-laca e discos de vinil a fitas

magnéticas e discos de dados codificados. Eu não julgo. Sou um talento.

Tenho tanto interesse por formatos de gravação quanto a Pintura por uma tela

em branco.

Mas o modo como essas gravações afetam meus discípulos – isso

interessa. A canção que os Clever Yells gravaram naquele dia em Auckland foi mais satisfatória que a predecessora em estilo rock. Ela combinou com o

estilo vocal incomum de Lyle, uma voz rala, queixosa, que impregnava sua música de anseio. Aquela canção – chamada “God Will” – foi regravada

poucos anos depois e incluída no primeiro álbum do rapaz, chamado *Lyle Lovett*.

E, sem jamais esquecer a mensagem do neozelandês que o levou a Frankie

(“*Primeira regra da amizade, camaradas: aprender a guardar segredo.* ”), o Sr. Lovett, hoje um artista de sucesso no mundo de vocês, nunca revelou o paradeiro de Frankie nem falou sobre o solo em Woodstock.

Quanto à caixa com a fita de duas polegadas, permaneceu de posse do

engenheiro de som de cabelo encaracolado até ele conhecer alguém que lhe ofereceu uma bela quantia em dinheiro, que ele aceitou rapidamente e gastou

em uma nova mesa de mixagem.

Logo cópias prensadas de um álbum em vinil com uma singela capa

branca começaram a aparecer pelo Pacífico Sul, sendo compradas

sigilosamente tanto por músicos quanto por não músicos maravilhados. O

título, em letras simples na contracapa, era: *The Magic Strings of Frankie Presto* (As cordas mágicas de Frankie Presto).

Porém, na época em que isso aconteceu, Frankie e Aurora haviam deixado

a ilha Waiheke. Partiram pouco depois do oitavo aniversário de Kai, quando

ela súbita e inexplicavelmente acordou e perguntou a Aurora, com uma voz

rascante:

– Cadê o papai?

Os médicos ficaram aturdidos com a fala súbita, referindo-se a “mutismo seletivo”, a problemas pulmonares ocultos, a questões neurológicas e à incapacidade da criança de revelar sintomas antes da cura que parecia

miraculosa.

E Frankie e Aurora compreenderam que agora tinham uma filha que fazia perguntas. Como uma peça musical acrescida de cordas e sopros, a vida deles ficou mais rica e mais complexa à medida que o pequeno universo da criança se expandia.

– Faça uma mala com algumas roupas – disse Aurora certa noite.

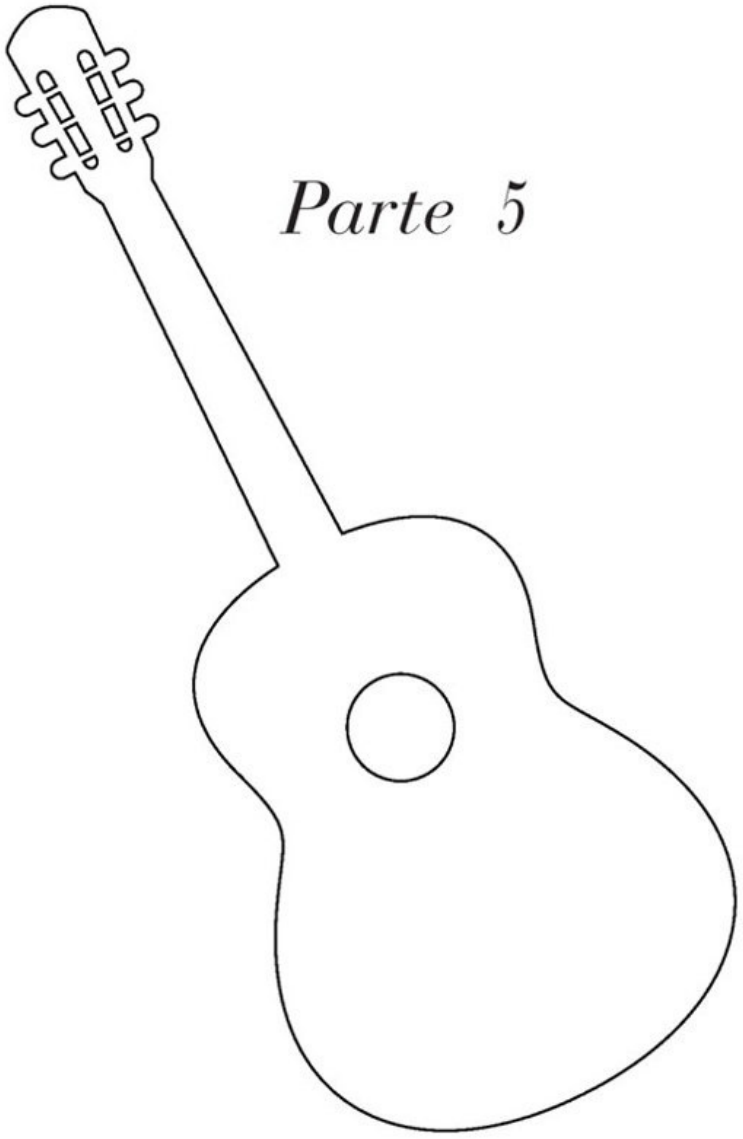
– Aonde estamos indo? – perguntou Frankie.

– Precisamos tirá-la desta ilha por uns tempos.

– Por quê?

– Porque hoje ela perguntou de onde você e eu viemos. Acho que está na hora de ela saber.

E na manhã seguinte embarcaram na balsa, malas a tiracolo, em uma jornada de redescoberta, os três membros da banda familiar de Frankie Presto – e uma quarta figura não avistada, pesadamente vestida, caminhando cinquenta passos atrás deles e observando tudo.



Parte 5

Paul Stanley

Guitarrista, cantor, membro fundador do KISS

CLARO. VOU FALAR SOBRE FRANKIE. ELE FEZ UM TESTE PARA O KISS UMA vez, sabe?

É sério. Era… deixe-me ver… 1984? Em Los Angeles. A gente estava à procura de um guitarrista solo para substituir Vinnie Vincent.

O KISS sempre fez audições. Levávamos os caras para um estúdio e deixávamos que tocassem umas músicas nossas. Na hora sabíamos se um cara conseguiria segurar a onda em termos musicais. Mas também precisava ter o visual. Sempre tivemos o lance visual. E então, se o cara possuísse o visual *e* as manhas, tentávamos conhecê-lo melhor, porque, quando coloca alguém novo numa banda, você vai do namoro para o casamento.

Especialmente numa banda como a nossa.

Enfim, a gente precisava resolver logo, por isso testou três guitarristas no mesmo dia. Já tínhamos visto dois – ambos muito bons –, aí entra o último camarada. Parecia velho. Eu não lembrava quem ou qual agência havia mandado ele, que usava uma touca de esqui e carregava um estojo. Ele nem abriu o estojo. Sentou, viu duas guitarras largadas no estúdio, pegou uma japonesa, uma Riverhead com corpo pequeno em formato de diamante, e disse:

– Tudo bem se eu usar esta?

A gente perguntou:

– Qual o problema com a sua?

– Ah, é só um violão antigo – respondeu.

Fiquei pensando: “Tá brincando, né? É isso que você traz para um teste do KISS? Vamos encerrar por aqui.” Mas aí ele tirou a touca de esqui e puxou o cabelo para trás. E eu me inclinei para a frente e falei:

– Puta merda.

E Gene Simmons perguntou:

– O que foi?

– É o Frankie Presto!

Então, tenho que contar que, quando eu era garoto, em Nova York, Frankie Presto era *o* cara para mim. Eu gostava de vozes como as de Dion and the Belmonts, Bobby Rydell, Jimmy Clanton. Todos sabiam cantar. Mas Frankie cantava *e* tocava *e* usava roupas bacanas *e* sabia dançar de verdade.

Assisti a uma apresentação dele no *American Bandstand*. Ele fazia aquele movimento com o pedestal do microfone, de empurrar para a frente e trazer de volta com o pé – Joe Tex também era famoso por fazer isso. Muito maneiro.

Eu tinha uns 8 anos quando “I Want To Love You” foi lançada, e foi meu primeiro disco. Devo ter tocado até gastar. Um ou dois anos depois, quando “Shake Shake” estourou, convenci meus pais a me levarem para ver Frankie num show de rock. No Fox Theatre, no Brooklyn. Ele fez uma apresentação curta, mas tocou violão e simplesmente *matou a pau*. Fez um solo do qual ainda consigo lembrar. Não só os dedos dele voavam, como no final ele desferiu quatro acordes formidáveis que ressoaram um após outro, bang, bang, bang, bang! E preencheram todo o lugar. Para mim, foi como o Sermão

da Montanha. Até hoje, quando toco, nada como explodir um grande acorde e simplesmente *tomar conta* do pedaço.

Enfim, os outros caras do KISS nem queriam escutar Frankie.

– Velho demais – disseram.

Mas eu falei:

– Vamos dar uma chance a ele.

Frankie ainda tinha uma cara boa, malares fortes, todo o cabelo. Achei que podia funcionar.

Tocamos uma de nossas faixas mais antigas para ele, chamada “Creatures of the Night”, e falamos para tentar algo parecido com o solo dela. E juro que ele tocou o solo *nota por nota*. Não sei como. Ouviu só uma vez. Mas fez cada nota gritar exatamente onde havia gritado antes, usou a alavanca com perfeição, quase como se estivesse lendo a música.

– Ok, agora faça o que quiser – pedi.

E ele apresentou um solo ainda melhor. O que mais me impressionou é que não ostentou a velocidade. Um ou dois *licks* mostraram quanto ele era rápido. Mas também era musical. Quase dava para *cantar* o solo quando ele tocava.

Não precisávamos ouvir mais nada – não em termos de música. Mas a idade ainda era um problema. E que tal ele era? Gene estava ocupado aquela noite, então me ofereci para jantar com Frankie. Na verdade, eu queria perguntar sobre os velhos tempos para ele.

Fomos a uma pequena hamburgueria em Santa Monica e confessei tê-lo

visto nos anos 1960. Frankie foi muito reservado a respeito, como se tivesse sido em outra vida. Disse que estivera longe dos palcos por um tempo e que não tinha um contrato de gravação havia séculos.

– É por isso que você quer entrar pro KISS?

Ele olhou para baixo, quase envergonhado, e confessou:

– Não. Para ser honesto, minha filha adora vocês.

– Quantos anos ela tem? – perguntei.

– Oito. Ela adora os trajes e a maquiagem que usam. E nunca me viu no palco. Então pensei: se eu tocasse numa banda de que ela gosta, seria uma bela recordação.

Então eu disse:

– Tá me zoando?

Ele sorriu e revelou que quanto mais velhos ficamos, mais queremos que os filhos nos conheçam.

Bem, eu já tinha ouvido um monte de gente falar sobre por que queria entrar para o KISS, mas aquela era inédita. Aí falei:

– Sabe, Frankie, não vamos mais usar maquiagem.

Ele ficou atônito, como se a filha fosse ficar arrasada.

– Por que não? – questionou.

– Tem um pessoal que acha que maquiagem indica que você não é sério.

– Little Richard usava maquiagem – declarou. – Jimi Hendrix usava maquiagem. David Bowie também.

Eu perguntei:

– Você tocou com esses caras?

E ele disse que sim, que tinha tocado com todos eles.

Mal pude acreditar. Era como conversar com a história do rock and roll.

Por fim, fiz a pergunta que tanto queria:

– Por onde você andava, cara?

– Estava numa ilha.

Pensei que ele estivesse brincando, mas era sério. Indaguei:

– Você viajou só pra isso?

E ele contou que sua família estava fazendo uma viagem longa, a caminho

da Europa, e que algum conhecido dele em L.A. tinha falado do teste. Aí olhou pra mim e falou:

– Vocês não vão mais usar maquiagem mesmo?

Para ser sincero, eu queria Frankie na banda – achei que seria bacana ter

um pouco de história no KISS –, mas acabou não dando certo, óbvio. Ele seguiu para onde estava indo e nós pegamos um cara uns 20 anos mais moço

que Frankie. E foi isso. Algumas semanas depois recebi uma carta dele agradecendo pela oportunidade de fazer o teste e nos desejando sucesso. Sabe

quando isso costuma acontecer no mundo do rock? Nunca.

E, no pé da página, nuns garranchinhos em lápis de cor, havia um recado

da filha dele dizendo: “Eu amo o KISS!”

É engraçado. Em 1999, tive a oportunidade de interpretar o papel

principal no *Fantasma da Ópera*, em Toronto. Nunca tinha tentado nada parecido. Mas me entreguei de corpo e alma àquele espetáculo, em parte porque na época meu filho tinha uns 5 anos de idade. E lembro de pensar:

“Quero que ele me veja nisso.”

E aí me lembrei de Frankie falando sobre a filhinha dele. Ele estava certo.

Chega um momento em que sua vida tem mais a ver com o legado para seus filhos do que com qualquer outra coisa.



52

SIGA-ME.

Escada acima.

Os lugares lá embaixo estão sendo ocupados, o padre está recepcionando os enlutados. A missa fúnebre vai começar em instantes. Nossa história deve terminar em breve. Mas há uma narrativa nessa basílica que precisamos concluir.

Olhe para o interior dessa câmara vazia. Vê o piso de concreto e as paredes nuas? Foi aqui que Frankie nasceu. Foi aqui também que um homem chamado Pascual Baylón morreu há quase quatrocentos anos. Baylón, um monge espanhol pobre e com pouca instrução, foi posteriormente canonizado pela humilde devoção a Deus – e pelos pequenos milagres ocorridos ao seu redor. Dizem que, durante seu próprio funeral, os olhos de Baylón se abriram para observar a cerimônia da eucaristia.

O corpo de Pascual Baylón permaneceu enterrado nesta igreja até a noite

em que ela foi reduzida a cinzas, a mesma noite em que a mãe de Frankie, Carmencita, perdeu a vida ao dar à luz nesta mesma câmara, colocando o nome de Pascual no filho – Francisco de Asís Pascual Presto – na esperança

de que isso pudesse protegê-lo.

De fato, já havia protegido.

Existe um motivo para mais gente não ter sido morta naquela noite, um motivo para a igreja estar quase vazia quando os invasores chegaram. Horas

antes, San Pascual realizou um último milagre, dessa vez do mundo dos mortos.

Ele sinalizou para os membros da igreja fugirem.

Batendo palmas de dentro da tumba.

As pessoas ouviram o som com nitidez.

Clap. Clap. Clap.

E saíram correndo.



Música de advertência.

Quando Frankie retornou à Espanha, ela deveria ter soado de novo.

– Maestro, podemos ir até o rio hoje?

– Por que faríamos isso?

– Meu pai me levou lá uma vez, para ver a estátua do Pastoret. O

pequeno pastor de ovelhas.

– Então você já viu. Não precisa ir de novo.

– Conhece a história da estátua, Maestro?

– Em Villarreal todo mundo conhece a história.

– É verdade?

– Pegue o violão.

– É verdade que um menino pastor de ovelhas ouviu música vinda de uma caverna?

– O violão.

– E lá dentro encontrou uma estátua da Virgem Maria?

– Francisco…

– É verdade que ele trouxe a estátua para a cidade…

– Quanta bobagem…

– E no dia seguinte ela desapareceu?

– Já chega.

– E que, quando as pessoas voltaram à caverna, ouviram música e encontraram a estátua de Maria de novo?

– Chega! A música vem das cavernas?

– Não, Maestro.

– Não, não vem. Vem da prática. Que você não está realizando.

– Então a história não é verdade?

– Vou dizer o que é verdade. Se Maria queria ficar numa caverna com sua música, por que o pastor tinha que ir lá incomodar?



– Sim, Maestro.

– Por que as pessoas precisam incomodar as outras?

– Sim, Maestro.

– Não volte atrás à procura das coisas. Deixe estar, deixe quieto.

Entendeu?

– Sim, Maestro.

– Agora comece a tocar, porque eu não estou ficando mais jovem.

A família saiu do aeroporto para o sol ofuscante. Os olhos de Frankie começaram a doer. Ele pegou os óculos escuros e, enquanto seguiam de carro

pela costa, olhou pela janela, dando-se conta de que havia se esquecido das cores de seu país: as casas em tom pastel, os laranjais, as marolinhas brancas

quebrando o azul do mar Mediterrâneo. O que não esqueceu, Frankie enterrou

em sua mente. Inclusive todas as lembranças de Baffa Rubio, sem jamais perdoar o homem pelas mentiras.

A ideia de voltar foi de Aurora. Já haviam passado pela Califórnia, Nova

Orleans e Londres, onde Aurora viu a mãe pela primeira vez em anos. Em volta de uma mesa retangular, compartilharam um jantar de rosbife e repolho,

e Aurora aguentou os olhares da mãe para a criança que eles chamavam de filha.

– Se eu consigo lidar com isso – Aurora disse a Frankie naquela noite –,

você consegue lidar com a Espanha.

– Não é a mesma coisa.

– Você acha que seu pai está vivo?

– Ele não é meu pai.

– Então você não irá vê-lo?

– Ele não está vivo.

– E se estivesse? Você não iria falar com ele?

– E dizer o quê?

– E dizer que você sobreviveu. Dizer que tem uma esposa e uma filha.

Dizer obrigado.



– Não se agradece às pessoas por mentirem.

– Francisco…

– Não quero ir.

– Nós vamos.

– Por que isso é tão importante para Kai?

– Não é só para Kai.

– Não quero ir.

Ela entrelaçou os dedos nos dele.

– Você já falou isso.

Por conta própria, Frankie jamais teria feito a viagem. Porém, com a esposa segurando uma mão e a filha segurando a outra, ele foi reconduzido à

sua quente terra natal.

E aos segredos que ela guardava.

A vida na Espanha mudara radicalmente desde a década de 1940. O ditador Franco estava morto e o país que ele oprimira por tanto tempo ia aos poucos se erguendo. Frankie mal reconheceu Villarreal. As ruas estavam pavimentadas e os carros dominavam as vias antes percorridas por cavalos e bicicletas. Agora havia um ginásio esportivo, um hospital grande e muitas lojas novas ao longo da Calle Mayor.

Frankie caminhou com a família por uma praça movimentada, passando por um jardim de salgueiros-chorões e pelo canal de irrigação onde Francisco Tárrega fora jogado pela babá, assim como Frankie certa vez fora lançado em um rio. Ele evitou contar quaisquer histórias sobre Baffa Rubio, embora pudesse sentir o incentivo silencioso de Aurora enquanto ela caminhava a seu lado.

No fim, foi a pequena Kai que fez Frankie mudar de ideia. Eles foram a um parque ver La Panderola, a velha maria-fumaça que deixara de circular havia décadas. Restavam apenas a locomotiva e um vagão de passageiros abrigados sob um toldo.

– A gente costumava correr atrás desse trem – contou Frankie para Kai.

– Quem?



– As crianças.

– Por quê?

– Era divertido.

– E se você caísse nos trilhos e o trem estivesse vindo?

– Isso não aconteceria.

– E se você corresse assim – disparou ela na frente do velho trem – e caísse, oh?

Ela se jogou, rindo, e Frankie pegou-a e a levantou bem alto.

– Aí meu papai teria me salvado no último segundo – falou ele com voz

retumbante.

Quando colocou Kai no chão, Frankie reparou em Aurora olhando para

ele com as sobrancelhas arqueadas. Frankie suspirou.

– Venha comigo, Kai. Vou lhe mostrar onde cresci.

A casa na rua Calvário fora pintada num tom cítrico e as janelas eram

novas. Na parte inferior do pórtico ainda havia duas fendas para rodas de carroça. De resto o local parecia tão moderno quanto as casas circundantes.

– Cá está – disse Frankie.

– Você morou aqui, papai?

– Quando garoto.

– Quem mais morava aqui?

– O homem que cuidava de mim. E nosso cachorro.

– Onde estavam sua mamãe e seu papai?

– No céu.

Frankie estendeu as mãos na direção de Aurora como a dizer: “Já chega? Podemos ir?” Mas a criança soltou-se em disparada e bateu na porta.

– Kai, por que você fez isso? – berrou Frankie, agarrando-a pelo braço.

– Pare – repreendeu-o Aurora. – Ela só está curiosa.

A porta se abriu. Uma mulher miúda com um xale nos ombros espiou para fora.

– *Sí?*

Frankie empertigou-se e então falou em espanhol:

– Me desculpe, *señora*. Não queríamos incomodar. Minha filha estava…

– Você fala inglês? – interrompeu Aurora.

– Um pouquinho – respondeu a mulher.

– *No es necesario…* – disse Frankie.

– Meu marido morou aqui quando criança. Nesta casa. Sua casa.

– *Sí?* – A mulher olhou para Frankie. – Ah – acrescentou, com o semblante a se abrir. – Já vi você antes.

– Onde? – perguntou Aurora.

A mulher ergueu um dedo. Desapareceu por um instante, deixando a porta aberta, em seguida voltou arrastando uma caixa grande pelo chão.

– Venham, venham – pediu ela.

Os três entraram, Frankie por último. Seu coração batia rápido. Olhou em volta de relance, esperando ser atingido por uma onda de emoção. Mas estava

tudo diferente. A pintura. As fotos. A mobília. No fim das contas, salas são salas, assim como uma pauta musical é uma pauta musical. A forma como você as preenche é que as torna suas.

– *Mira* – disse a mulher.

Ela ergueu um pano que cobria a caixa e dali retirou um velho disco.

– É você, não é?

Era a capa do primeiro lançamento de Frankie, um importado espanhol.

– Papai, olhe! — exclamou Kai, agarrando o disco.

Mas os olhos de Frankie já haviam se voltado para outros conteúdos da caixa. Um rádio velho. Uma trela de cachorro. E sua braguinha.

– Aquele ali era o seu violão? – cochichou Aurora.

– Onde você conseguiu isso? – perguntou Frankie à mulher.

– Um homem trazer. Muito tempo atrás. Diz deixar na casa se família vem buscar. Não vir família.



– Que homem?

Ela torceu os dedos, procurando a palavra em inglês, aí desistiu.

– *El hombre del cementerio.*

– O que ela disse? – questionou Aurora.

– O homem do cemitério – respondeu Frankie.

Há tempos a música faz parte dos rituais de morte de vocês. Missas de réquiem. Hinos. Um corneteiro soprando toques fúnebres. Sendo um talento,

eu não me lamento. Mas vocês com certeza lamentam-se por meu intermédio. Suas composições mais apaixonadas com frequência são inspiradas pela perda.

O réquiem para Baffa Rubio chegou tarde, na forma de seu filho adotivo, Francisco, que vagou pelo cemitério municipal vasculhando criptas em busca de um nome. Não era um lugar que o jovem Frankie houvesse alguma vez visitado. Durante sua infância, as tropas de Franco arrancavam cidadãos de suas casas, alinhavam-nos contra o muro externo do cemitério e os fuzilavam. Muitos carregavam porções do meu talento e foram sepultados com suas canções não cantadas. Seus ossos ocupam tumbas anônimas e os buracos de bala nas paredes são seus únicos marcos.

Baffa manteve o filho longe daquele lugar. Mas agora, ali dentro, Frankie procurava o nome de Baffa, passando por jazigos empilhados em quatro camadas, alguns assinalados com imagens de Jesus ou da Virgem Maria, outros exibindo flores frescas. Não encontrou nada. Nenhum registro de Rubio. E ninguém conseguiu lembrar quem poderia ter entregado a caixa de seus pertences na casa da rua Calvário. Haviam se passado anos demais. Todas as pistas tinham desaparecido. O filho mais uma vez foi deixado a se perguntar onde seu pai poderia estar.

Aurora e Kai esperaram do lado de fora, para permitir privacidade a Frankie. Quando ele apareceu, de mãos abanando como havia entrado, viu as duas sentadas ao sol num banco, a pequena Kai agarrada ao velho disco. Ele

tentou imaginar o que Baffa teria pensado ao ver aquele disco pela primeira vez. Será que descobrira numa loja? Será que alguém dera a ele? Será que se

perguntava por que o nome de Frankie fora modificado? Por que nunca

entrara em contato? Será que Baffa ouvira a música? Será que conseguira redescobrir ali a voz do menino que cantava em seu jardim?

Frankie ficou zonzo com a amplitude de tudo aquilo e se recostou na parede do cemitério. Ao tocar nela, sentiu uma arremetida súbita de memórias

horríveis, como se aqueles buracos de bala gritassem milhares de histórias silenciosas dentro de sua alma. Uma delas, Frankie sentiu, pertencia a Baffa.

Ele se afastou com um tremor.

– Francisco? – disse Aurora ao avistá-lo. – Você está bem?

Ele cambaleou para a frente, abraçou e segurou Aurora por um minuto.

Viu Kai fitando-o com amor, o disco encostado na boca. Naquele momento,

Frankie percebeu que aquela menininha não era sangue de seu sangue, mas olhava para ele como ele certa vez havia olhado para Baffa Rubio – com olhos arregalados, confiante, amorosa, protegida. Percebeu também que, não

fosse o fabricante de sardinhas, ele talvez nunca tivesse ouvido música, nunca

tivesse aprendido a tocar violão, nunca tivesse conhecido o cão pelado ou ido

ao bosque para encontrar Aurora. E, se nada disso tivesse acontecido, agora não haveria uma garotinha segurando o álbum dele e franzindo os olhos ao sol.

Frankie limpou os olhos e caminhou com a família até uma fonte nas

redondezas. Sentaram-se.

E ele contou tudo sobre seu pai.



53

SE ELES TIVESSEM IDO EMBORA NAQUELE DIA, NOSSA HISTÓRIA SERIA diferente.

Acontece que, se qualquer um de vocês deixasse algum lugar um dia antes, a paisagem de suas vidas seria rearranjada. Você não pode destocar notas que já foram tocadas. Nesse aspecto, o tempo é como a música: indelével.

Frankie, Aurora e Kai estavam voltando para a Inglaterra para visitar a irmã de Aurora e em seguida retornariam à Nova Zelândia. Em sua última noite no hotel, Frankie teve um sonho vívido. Sonhou que caminhava atrás de Baffa, subindo as escadas de um prédio com uma lavanderia no térreo. Viu Baffa enxugar a testa e encorajar o jovem Frankie a cantar. Viu uma porta se abrir e pôs os olhos pela primeira vez numa figura alta e barbuda com óculos escuros.

E aí tudo sumiu.

Na manhã seguinte, Aurora acordou e deparou com Frankie sentado à janela.

– Qual é o problema? – perguntou ela.

– Tem uma coisa que preciso fazer aqui.

– Então vamos ficar.

– Tenho que fazer sozinho.

Ela olhou meio desconfiada.

– Está tudo bem – garantiu Frankie. – Vá ver sua irmã. Vocês já têm as passagens. Irei para lá em poucos dias.

– Promete?

– Prometo.

Ele levou as duas de carro ao aeroporto, despediu-se com beijos e então voltou para Villarreal.

Para procurar El Maestro.

Talvez você esteja se perguntando por que isso não aconteceu antes.

Uma pergunta pertinente, pois Frankie nunca deixou de pensar no professor.

Ele se lembrava de cada instrução, de cada reprimenda. Sempre que pegava o

violão, vislumbrava o rosto de El Maestro, o cabelo escuro despenteado, a barba desgrenhada, os óculos escuros. Será que ainda estava vivo? Qual seria

sua aparência? Como estaria se virando? Um cego aos 70 anos? Será que se

lembraria da criança que acolhera?

E o que ele acharia da carreira de Frankie?

Na verdade, foi essa pergunta que manteve o ex-aluno distante todo

aquele tempo. A despeito de todos os sucessos, dos discos de ouro e dos shows, às vezes Frankie ficava envergonhado pela maneira como havia

chegado lá. El Maestro fizera preleções sobre a pureza da música, a dedicação

ao se tocar violão e os perigos das distrações tolas. No entanto, Frankie tornara-se muito popular (e rico) com canções relativamente simples. O

violão tivera pouca importância. O que vendera Frankie ao público foram sua

voz e sua bela aparência. Sua dança apenas contribuíra ainda mais para a popularidade. Frankie temia que certas coisas que havia feito pudessem de fato

enojar seu mentor.

Frankie quase podia ouvir El Maestro dizer: *"Por que você se comportou como um bobalhão?"* Não havia fama ou riqueza que aplacasse isso. O tempo que passara no pequeno apartamento de El Maestro em cima da lavanderia tinha sido o período em que Frankie estivera mais próximo de minha beleza nua e crua, da minha sedução melódica. Ao se perder disso, Frankie temia ter se extraviado das graças de El Maestro.

Devo observar que, com frequência, essa é a relação entre mentor e aprendiz. Tome como exemplo meu compositor francês Henri Duparc, que agarrou uma porção considerável de mim ao nascer, no século XIX. Ele criou algumas obras inspiradas, lindas combinações de orquestra e voz. Contudo, tinha tamanha reverência por seu mentor, o compositor alemão Richard Wagner, que em 1885, com apenas 37 anos, Duparc parou totalmente de compor e acabou destruindo toda a sua obra, queimando as transcrições, convencido de que não eram dignas do homem que ele admirava.

A sombra de um professor pode pairar sobre uma vida inteira. Claro que Frankie não tinha como saber que seu professor também era seu pai. Nem podia imaginar que, ao procurá-lo agora, não apreciaria o que viria a descobrir.



Assim sendo, acordou cedo, tomou um expresso no hotel e refez um trajeto familiar pelas ruas, a mesma rota que fizera muitas vezes com um carrinho verde e um violão grandão. Quantas vezes repetira aquele percurso, usando boné e calças curtas, balbuciando as informações que El Maestro costumava exigir! *"Que compositor escreveu tal peça?… O que é a técnica de*

rasgueado *do flamenco?”* As lembranças inundaram Frankie. Ele podia sentir a pulsação acelerando, como a do aluno nervoso que outrora havia sido.

Porém, ao virar a esquina da rua Crista Senegal, seu corpo vergou. A lavanderia se fora, substituída por um prédio de escritórios quadrado, com uma placa indicando “Estacionamento”. Nada de venezianas azuis. Nada de escadas para subir. Apenas uma entrada envidraçada e uma garagem com

portão amarelo.

Foi como se tivessem destruído suas memórias.

Frankie sentou no meio-fio. Sentiu o sol no pescoço. Ele não podia

desistir tão rápido. “Onde mais?”, pensou. Somente no último dia eles haviam

se aventurado para longe daquela região. Frankie reconstruiu mentalmente suas últimas paradas, mas não conseguiu recordar a localização das lojas, do

restaurante, nem mesmo do fabricante de violões que entregara a El Maestro o

instrumento que Frankie tocava até hoje.

Mas lembrou da taberna.

E ficou pensando se ela ainda existiria.

– Um cego, é?

– Sim. Alto. Cabelo escuro.

– Não, *señor*. Não me recordo.

– Faz muito tempo.

– Então foi na época em que meu pai era o proprietário.

– Ele ainda vive?

– Não, *señor*…

– É importante que eu encontre esse homem…

– …mas *você* parece familiar.

– Isso não vem ao caso.

– Espere. Você é o americano. O ator!

– Não…

– O cantor?

Frankie contraiu os lábios.

– Ah! Estou certo? Sim?

– Sim.

– Seu nome é Presto.

– Sim.

– Você é daqui, *señor*?

– Quando menino.

– Villarreal?

– Sim.

– Eu não sabia.

– Eu tinha outro nome.

– É por isso que você fala espanhol. *Increíble!*

O homem berrou para o bartender, que arrumava as cadeiras. Um lavador de pratos também ergueu os olhos. Eles balançaram a cabeça diante da novidade.

– “*I want to love you*” – rugiu o bartender. – “*I will be true…*”

A entonação soava como uma imitação ruim. Frankie deu um sorriso forçado.

– *Señor*, por favor, nos daria a honra de tocar em nosso palco?

– Tocar? – perguntou Frankie.

– Amanhã à noite. Temos uma banda grande nas sextas. Eles ficariam muito felizes em incluí-lo.

– Não estou aqui para tocar….

– Você seria nosso convidado…

– Eu só queria…



– Você esteve aqui quando garoto…

– Sim, mas…

– E retorna como um homem! Perfeito, não?

Frankie suspirou. Olhou ao redor. A taberna estava abrindo para o expediente, as cadeiras sendo retiradas de cima das mesas. O lugar era pouco iluminado e cheirava a álcool e desinfetante. Frankie não mencionou que já havia tocado ali uma vez. Nem que se recordava vividamente. Lembrava cada vez que pisava num palco. Os vivas transformando-se em vaias. O bater dos copos. A maneira como El Maestro o forçara a fazer uma reverência.

“Talvez devesse tocar”, pensou Frankie. Havia demônios naquele local

que ele há muito desejava calar. Ele havia conseguido uma certa paz em relação à memória do pai. Não estaria na hora de fazer o mesmo no que se referia àquela última noite?

– Vou pensar – disse ele.

– Por favor – replicou o proprietário. – Faremos uma refeição especial para você. Comida deliciosa. Bebida. Música.

– Existe mais alguém que possa conhecer o homem que estou

procurando?

O homem coçou o queixo.

– Talvez os músicos. Alguns são bem velhos. Eles cobram mais barato,

né? – Ele abriu um sorriso e ergueu um copo de suco. – Ao seu retorno, *señor*!

Frankie acenou com a cabeça e saiu.

Mais tarde naquele dia, Frankie foi à prefeitura de Villarreal para ver se

havia registros de seu professor. Após preencher um formulário, informaram-

no de que a resposta demoraria vários dias. Quando Frankie mencionou que

El Maestro era violonista, foi encaminhado a um homem de rosto redondo chamado Jacinto, encarregado do setor cultural. Jacinto disse não se lembrar

de um professor cego, mas se ofereceu para mostrar a Frankie uma sala em homenagem ao amado violonista Francisco Tárrega. Havia fotos, cartas,

partituras e o grande busto de gesso que outrora fora carregado pelas ruas de

San Felix. Também havia vários dos amados violões de Tárrega em

mostruários de vidro, inclusive o primeiro deles, feito pelo venerável Antonio

de Torres Jurado, famoso luthier do século XIX a quem remontam as raízes da maioria dos violões atuais.

Frankie reparou que o instrumento estava danificado, com lascas e nódoas

que não haviam sido consertadas.

– Você sabe a história deste violão? – perguntou Frankie a Jacinto.

– Sei, *señor* – disse o homem, empertigando-se como se para uma apresentação. – Era um dos favoritos de Tárrega. Tocou com ele por 20 anos.

Quando foi forçado a substituí-lo por estar usado demais, procurou alguém que o restaurasse. Depois de muitas tentativas, uma pessoa conseguiu.

– E?

– Tárrega e seu violão reuniram-se outra vez.

– Então ele o deixou quando morreu?

– Sim e não, *señor*. Tárrega deixou o violão para a família, mas, passado um tempo, seu irmão Vicente vendeu-o, pensando que fosse para o famoso músico Domingo Prat, discípulo de Tárrega que morava em Buenos Aires.

Assim, despachou-o de navio para a América do Sul. Mas, ao chegar lá, o violão não foi para as mãos do grande Domingo Prat, e sim para uma menina

de 10 anos de idade. Com o passar dos anos, acabou danificado.

– Na América do Sul? – indagou Frankie.

– Sim.

– E como voltou para cá?

– Um ex-aluno de Tárrega descobriu-o anos depois numa casa em Buenos

Aires, em cima de um sofá. Ele ajudou a providenciar o retorno à Espanha.

Frankie fitou o violão, que tinha uma rachadura no corpo perto do braço e

estava sem pedaços da roseta em volta da boca.

– Por que ele se deu ao trabalho? Está quebrado.

– Não importa, *señor* – disse o homem. – Agora ele pertence ao lugar onde produziu sua melhor música, não é?

Frankie fitou o instrumento demoradamente. Desejou que El Maestro pudesse ter visto ou, melhor ainda, tocado o violão quando estava inteiro. Uma conexão com o grande Francisco Tárrega? Como El Maestro teria



amado! Frankie agradeceu a Jacinto e deixou o prédio. Mas pelo resto do dia pensou na jornada daquele violão: manufaturado aqui, despachado de navio, enviado ao local errado, danificado, agora de volta à terra natal.

Ele pertence ao lugar onde produziu sua melhor música.

Frankie decidiu tocar na taberna. Para honrar seu professor.

E, se possível, atraí-lo.

Na música, regressos ao lar jamais são previsíveis. Alguns são ruidosamente bem-sucedidos (como o roqueiro Bruce Springsteen tocando em Nova Jersey), alguns são agridoces (como o pianista russo Vladimir Horowitz no retorno a Moscou depois de 60 anos de exílio) e alguns ficam muito aquém do esperado.

O regresso de Frankie foi arranjado às pressas, de modo que a plateia era formada por frequentadores habituais. Ainda assim ele esperava que a notícia se espalhasse. Se El Maestro estivesse vivo, talvez ouvisse dizer que seu aluno

havia voltado. Villarreal ainda não era tão grande, certo?

Frankie chegou cedo com seu violão. Havia homens fumando na calçada,

ao lado de uma fileira de motocicletas. Lá dentro, reparou que o palco era maior do que antes e que a banda da casa, que chegou aos poucos, tinha nove

integrantes e os músicos variavam de meia-idade a idade avançada. Frankie repassou o repertório com o líder da banda, um pianista de braços finos. Ao

contrário de 40 anos atrás, agora as canções estrangeiras eram apresentadas normalmente na Espanha e o homem aprovou toda a seleção de Frankie.

Frankie escolheu um repertório variado. Decidido a apagar as más

recordações do lugar, escolheu composições de sua autoria, “I Want To Love

You” e “Our Secret”, e também instrumentais como “St. Louis Blues”, “Tiger

Rag” e “Parfum”, de Django Reinhardt, além das que conseguiu lembrar da última apresentação de El Maestro naquele palco.

O público foi chegando. Os lugares foram ocupados e as bebidas servidas.

As luzes apagaram-se.

Pouca gente notou uma figura pesadamente vestida que ocupou uma

cadeira lá no fundo do lugar.

O dono da taberna fez uma apresentação entusiasmada de Frankie, que foi

recebido com aplausos formais. Mas isso foi mudando à medida que Frankie

focava nas lembranças daquela última noite, e a ovação se intensificou a cada número. Tocou Ellington, Schumann e Tárrega, conforme El Maestro havia

ensinado, como se a melhor coisa depois de encontrar o antigo professor fosse

conjurar seu espírito. Foi brilhante em várias composições do flamenco, agradando a plateia espanhola. Quando cantou suas músicas famosas, os

clientes deram vivas, encantados com o fato de o homem que gravou aquelas

canções famosas estar em Villarreal.

Frankie não fez intervalos. Não saiu do palco. As bebidas foram repostas,

mais cigarros foram fumados. Passaram-se quase duas horas e a música do violonista ficou mais e mais pungente. Uma antiga *jota* espanhola. Um blues de Muddy Waters.

Para o último número, Frankie escolheu uma canção muito específica:

"Avalon". Foi a primeira que ele tocou para uma plateia, naquele mesmo palco, em 1945, e a única peça que ele um dia apresentou com seu amado professor.

Ao dedilhar os primeiros acordes, gotas de suor escorreram pela testa de

Frankie. Ele visualizou El Maestro sentado ao seu lado, sussurrando as velhas

palavras, instigando-o a seguir.

– Cante a canção.

– Mas eu não quero.

– Por que não?

– Estou com medo.

– Sim. E você ficará com medo de novo. A vida inteira. Você deve vencer

isso. Encare-os e finja que não estão ali.

– Maestro…

– Você consegue. Lembre-se sempre de que eu disse que você consegue.

Enquanto a banda o acompanhava, Frankie reparou nas cabeças

balançantes e nos dedos tamborilantes da plateia. As batidas ficaram mais ruidosas e alguns frequentadores acompanharam com palmas. Frankie cantou:

I found my love in Avalon / Beside the bay… / I left my love in Avalon /

And I sailed away… / I dream of her in Avalon / From dusk till dawn / So I

think I'll travel on / To Avalon[19]



Ele olhou para o dono da taberna, que batia palmas com os demais.

Embora uma parte de Frankie se preparasse para a repetição da história, dessa vez não houve protesto, apenas entusiasmo, e ele se pegou olhando de

um lado para outro, na vã esperança de ver El Maestro sentado a uma das mesas, sorrindo por trás dos óculos escuros, um cigarro pendurado nos lábios.

No fundo, esse tinha sido seu desejo por anos, buscando o que todo aluno procura desesperadamente no professor amado: a aprovação final.

Ela não aconteceu. Frankie concluiu o solo pleno de vivacidade e foi para

a última parte da letra como um corredor ao cruzar a linha de chegada. Tocou

três acordes para finalizar, o último deles ressoando entre a plateia, e curvou a cabeça. O dono do lugar pulou em pé e todos fizeram o mesmo, levantando-se

em uma ruidosa torrente de aclamação.

Frankie ergueu-se devagar, suspendendo o violão diante de si. Pensou no

instrumento de Tárrega que esteve perdido por tanto tempo e, de repente, foi

dominado pelo anseio mais profundo que já havia sentido na vida: ver seu velho professor uma vez mais.

Em vez disso, foi ovacionado. Forçou um sorriso. Regressos ao lar jamais

são previsíveis. E poucas coisas são mais vazias do que aplausos quando você

acha que não merece.

Um arranjador tem uma tarefa difícil: coordenar instrumentos em uma

combinação harmoniosa. O que aconteceu a seguir na história de Frankie pode ser descrito como uma série de sons arranjados para chegar a um clímax.

Houve aplausos agudos e veementes, como violinos em crescendo,

quando Frankie encerrou o show. E então vieram as linhas do baixo, nas vozes dos frequentadores que conversavam ao sair. Houve os sons

percussivos da banda desmontando o palco, guardando os sopros e pratos, e o

rabiscar suave de Frankie dando autógrafos para fãs mais velhos que se recordavam de seus discos.

Houve o som de barítono no entusiasmo do proprietário dizendo a Frankie

para retornar quando quisesse. Houve os vocais suaves, como teclas de piano

tocadas de leve, de Frankie e vários músicos. E houve perguntas sobre um cego que se alçavam em esperança e afundavam em decepção, como um

glissando de uma flauta.

Mais tarde, com o local quase vazio, houve o som da porta dos fundos



rangendo ao se abrir enquanto Frankie saía para o beco de onde certa vez havia escapado num carro.

E, finalmente, o som do acender de um fósforo.

– Conheço você – declarou uma voz em espanhol.

Frankie viu o brilho alaranjado da ponta de um cigarro.

– Me conhece?

– Aquela canção. Não ouvia há muitos anos. Mas jamais poderia esquecer.

Você é Francisco.

– E você quem é?

– Um bêbado.

– Qual o seu nome, senhor?

– Você não me reconhece? Toquei no palco com vocês a noite toda. Lá atrás.

Um velho emergiu das sombras cambaleando, nitidamente embriagado. O cabelo ralo, branco e cacheado. Os ombros encurvados debaixo do casaco pendurado sobre eles.

– Congas – disse ele.

Frankie inclinou a cabeça, curioso. O velho colocou dois dedos em cima dos lábios.

– Antigamente eu usava bigode. Está vendo? – Ele baixou a mão. – Sou Alberto.

Os olhos de Frankie arregalaram-se.

– Alberto – sussurrou ele.

– Sim.

– Você nos levou de carro aquela noite…

– Levei.

Frankie sentiu o coração disparar.

– Alberto, por favor, estive à procura de El Maestro. Meu professor. Seu amigo. Ele…

– Sei quem é.

– Você sabe *onde* ele está?

Alberto esquadrinhou o rosto de Frankie.

– Sim.

– Está *vivo*?

– Não.

Frankie sentiu um aperto no estômago.

– Quando ele morreu?

– Pare com esse jogo. Você sabe a verdade.

– Que verdade?

Alberto deixou o cigarro cair. Inspirou fungando e tentou ficar ereto.

– Você quer que eu diga? Muito bem. Eu matei ele.

Frankie engoliu em seco.

– O que está dizendo?

– O que estou dizendo? – repetiu Alberto, desviando o olhar. – O que estou dizendo? Quer que eu desenhe? Matei ele. É por esse motivo que você

está aqui. Pare de brincar comigo. Acabe com isso.

Frankie sentiu uma dor nas entranhas, a alma começando a se desprender

do corpo. Quando falou, os pulmões estavam sem ar, e voz não parecia a dele:

– Explique-se, *señor* Alberto.

Alberto arqueou as sobrancelhas.

– Ninguém mandou você?

– Mandou como?

– Para vingar a morte dele.

– Não estou entendendo.

– Joguei ele no mar. Logo depois que o seu navio partiu.

– Mas por quê…

– Dinheiro. Um saco de dinheiro. Roubaram de mim uma semana depois.

– Ele deixou cair a cabeça. – Então agora você já sabe.

– Mas você *gostava* dele.

– Gostava.

– Ele confiou em você…

– Um erro…

– Por dinheiro? – murmurou Frankie.

– Sim. Sim! Sou um ladrão! Está bem?

Ao dizer isso, Alberto pareceu acabado, a voz como um fagote vacilante.

Mas então elevou-se num tom irado, alimentado pelo álcool e pelos anos de culpa:

– Pelo dinheiro! Pelo dinheiro!

Meteu a mão por debaixo do casaco e sacou uma arma. Apontou diretamente para o peito de Frankie.

– Passa o dinheiro!

– Não, por favor…

– Me dê! Se você não vai se vingar, então vou pegar o que você tem aí. Passa o dinheiro. Ou talvez eu mate você também.

Frankie levantou as mãos. Abriu os dedos. À luz do poste, Alberto viu as cicatrizes recobrindo a palma esquerda de Frankie. Inclinou-se para a frente, piscando.

– O que fez com sua mão, Francisco? Como é que consegue tocar daquele jei…?

Frankie agarrou o braço de Alberto e o sacudiu. O velho trêmulo não era páreo para o vigor de Frankie. Alberto soltou a arma. Ela caiu no calçamento. Ele apertou os punhos em volta do colarinho da camisa de Frankie.

– Me mate, Francisco. – A voz era um apelo gutural e as lágrimas rolavam pelas faces. – Vivo com esse pecado há 40 anos. Há 40 anos me pergunto se El Maestro virá atrás de mim. Vingue-o! Agora!

Frankie esquadrinhou o rosto de Alberto, os olhos chorosos, os dentes podres. Sentiu o sangue inundar seu cérebro. Era essa a resposta? El Maestro se fora? Um músico de conga choroso havia assassinado o homem mais poderoso que Frankie havia conhecido?

Uma fúria silenciosa abateu-se sobre o meu discípulo. Ele se afastou do velho.

– Nada? – indagou Alberto. Ele recuou aos tropeções, bêbado. – Então adeus, garoto estúpido.

Frankie olhou-o fixamente.

– *Señor* Alberto…

– Estúpido… estúpido – balbuciou o homem.

– *Señor* Alberto…

Frankie pegou a arma. Alberto virou-se. Frankie apontou o cano para o alto.

Alberto investiu contra ele.

– Não, Francis…!

Frankie puxou o gatilho três vezes.

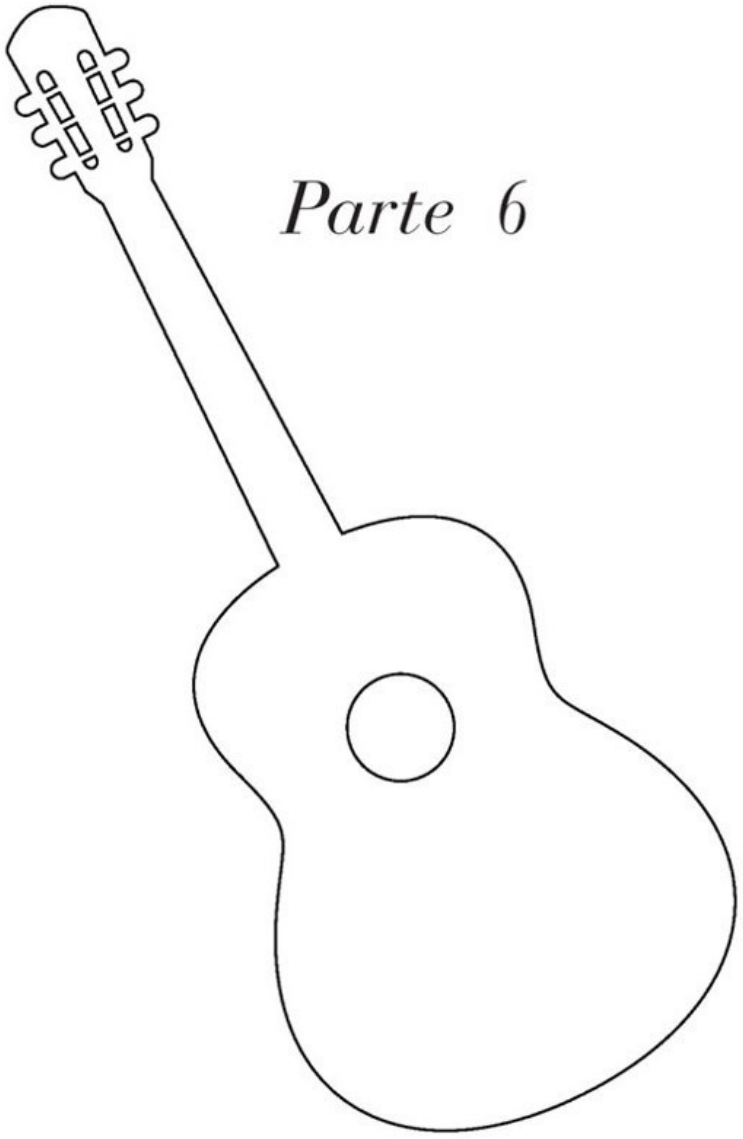
Alberto vergou.

Frankie baixou a arma, atônito. Uma nuvem de fumaça saiu pelo cano, no formato de uma estante de partitura.

Naquele momento, dentro da taberna, a quinta corda de um velho violão encostado numa parede exibiu uma tonalidade incandescente de azul.

19 Encontrei o meu amor em Avalon / Junto à baía… / Deixei o meu amor em Avalon / E parti … /

Sonho com ela em Avalon / Do anoitecer ao amanhecer / Por isso acho que seguirei viagem / Até Avalon.



Parte 6



54

1943

– MAESTRO?

– O que foi?

– Fiz uma coisa errada.

– O quê?

– Arrebentei uma corda.

– Estava manejando o violão de qualquer jeito?

– Não, Maestro.

– Estava usando ele como brinquedo?

– Não, Maestro.

– Como a corda arrebentou?

– Eu estava praticando.

– Seus exercícios e escalas? Ou as músicas tolas que já mandei evitar?

– Não eram as músicas tolas.

– Então você estava fazendo a coisa apropriada?

– Sim, Maestro.

– E uma coisa ruim aconteceu.

– Sim, Maestro.

– Me dê o violão.

– Aqui, Maestro.

– Vamos reparar o estrago.

– Sim, Maestro.

– Me ajude a passar uma corda nova pela tarraxa…

– Já passei, Maestro.

– E você prendeu?

– Sim, Maestro.

– Agora ouça como afinar. Preste atenção ao que estou fazendo e nunca mais esquecerá. A corda começa baixa. Mas você gira a tarraxa e a tensão faz

com que o tom suba.

– Sim, Maestro.

– Você gira até soar assim… Está ouvindo?… É assim que uma corda

nova encontra seu lugar.

– E se você continuasse girando e girando?

– A corda se romperia. Não se pode pedir das coisas aquilo que elas não

se destinam a fazer, Francisco. No fim, elas vão estragar.

– Maestro?

– Sim?

– Fiz uma coisa ruim.

– Você já me contou.

– Eu não estava fazendo meus exercícios. Girei a tarraxa até a corda arrebentar.

– Então você mentiu para mim?

– Sim, Maestro.

– E também arrebentou a corda.

– Sim, Maestro.

– E agora se sente culpado?

– Sinto muito, Maestro… Sinto muito…

– Chore. Tem mais é que chorar. Chore como o menino mentiroso que

você é.

Wynton Marsalis

Trompetista, compositor, vencedor do Grammy, diretor artístico

de jazz do Lincoln Center

FRANKIE PRESTO NÃO FALOU DURANTE TRÊS ANOS. QUANTOS MÚSICOS podem

dizer isso? Três anos, cara. Nenhuma palavra. Apenas tocou violão num

mosteiro. Foi onde o conheci. Pirei com ele. A chave para aprender música é a

humildade, entende? Se você quiser que eu fale sobre Frankie Presto, tenho que começar daí. Quer dizer, é preciso um tipo muito raro de humildade para

não falar por *três anos.*…

Espanha? Sim. Venho bastante para cá. Passei 12 anos escrevendo uma

peça para um festival em Vitoria – música espanhola com blues americano –

e, quando acabei, ergueram uma estátua para mim. Sério, cara. Uma estátua.

Amam o jazz por aqui.

Mas minha primeira visita foi em 1987, e nunca vou esquecer. Foi quando encontrei Frankie. A gente tinha feito alguns shows e estava na estrada, voltando para Barcelona, quando avistei aquele castelo no alto das montanhas. A tradutora disse que era um mosteiro. Perguntou se eu queria ir lá ver. Claro que sim, eu disse. Sou de Nova Orleans. Não é todo dia que se veem monges andando por lá.

Bem, o lugar era único. Novecentos anos de idade. A arquitetura, as pedras, em tons rosa claros e dourados esmaecidos, diferente de tudo que existe hoje. E, cara, que *silêncio*. Silêncio mortal. Vaguei por lá, meio que me perdi. Quando é silencioso assim, gosto de caminhar para ter ideias.

De repente, ouvi música. Disse a mim mesmo: “Devo estar louco, porque soa como blues.” Como Leadbelly ou Albert King. Pensei que algum anjo do jazz fosse surgir do nada e puxar conversa, sabe?

Passei por uma fonte debaixo de uma pontezinha e foi então que vi aquele homem, sozinho, com um violão. Ele estava de costas para mim, então parei e escutei. Olha, foi uma das coisas mais lindas que já ouvi tocarem. Não só a velocidade e a destreza. Mas a *história* que estava sendo contada. Música tem a ver com comunicação, entende? Tem a ver com desnudar sua alma nas notas, narrando sua história. É assim que se toca. Eu nem conhecia aquele cara, mas, pela música que fazia, pelo modo como dedilhava as cordas, soube que estava machucado e à procura de alguma coisa.

Quando ele parou, falei:

– Com licença.

Ele se virou. Eu não queria que o homem desse um pulo e saísse correndo, por isso coloquei as mãos diante de mim como se estivesse rezando. Ele ficou observando eu me aproximar.

– Sinto muito por tê-lo perturbado – murmurei.

O cara não respondeu.

– Você toca lindamente.

Eu estava a pouca distância dele. Notei que tinha a cabeça raspada e olhos azuis. Um espanhol de mais idade e bem-apessoado, sabe? Usava um hábito, mas não o hábito branco como os outros monges.

– Meu nome é Wynton Marsalis. Sou um músico da América. Toco trompete – declarei.

Ele olhou para mim de um jeito intenso – na realidade, me encarou por uns dez segundos – e aí percebi que estava chorando.

– Sinto muito. Falei alguma coisa que não devia? – perguntei.

Ele sacudiu a cabeça, ainda chorando, e eu disse que sentia muito. Pegou um bloquinho e finalmente escreveu três palavras:

“*Conheci seu pai.* ”

Ah, tá, qual é? Estava num mosteiro, nas montanhas, na Espanha! E aquele monge tocava blues e dizia que tinha conhecido meu pai? Que lance maluco! Então perguntei:

– Qual o seu nome, senhor?

Ele escreveu “*Frankie*” e depois “*Presto*”.

E aí caiu a ficha.

Meu pai também era músico, sabe, e conheceu Frankie Presto em Nova

Orleans na década de 1950, quando ambos eram garotos e faziam shows pela cidade. Costumavam fazer *jam sessions* numa espelunca chamada Dew Drop

Inn. Quando moleque, eu ouvia o nome “Frankie Presto” mais do que gostaria

– sempre que eu não queria praticar o trompete, por exemplo. Meu pai falava

daquele jovem violonista branco que, na minha idade, já se apresentava – e não tinha uma mãe ou um pai para incentivá-lo. E contava que ele havia criado um som diferente, uma espécie de mistura de clássico e blues, e que outros caras do jazz apareciam de todos os cantos só para ouvi-lo. Em Nova

Orleans, os músicos sabem quando você sabe tocar. Não importa quantos anos

você tenha. A música fala a verdade. E eles diziam que Frankie Presto sabia

fazer um violão cuspir a verdade. Mesmo que, no fim das contas, tivesse ido

embora e entrado na cena rock and roll.

Então lá estávamos nós, anos depois, naquele mosteiro, o oposto do

Bairro Francês, sabe? E perguntei:

– Você tem permissão para falar?

Ele acenou que sim com a cabeça.

– Não é contra as regras? – questionei.

Ele acenou que não com a cabeça.

– Mas você não está falando!

Ele acenou que não de novo.

– Há quanto tempo?

Ele mostrou três dedos.

– Três meses?

Ele acenou que não mais uma vez.

– Três anos?

Ele acenou que sim.

Ouviu isso, cara? Três anos de silêncio! Uma parte de mim queria deixá-

lo sozinho. Mas outra parte sentiu que eu me encontrava ali por algum motivo; afinal era coincidência demais, sabe?

– Por que você está aqui, Sr. Presto? – indaguei.

Ele escreveu: "*Penitência.* "

Bem, conheci um monte de caras que se meteram em encrenca, vários com quem cresci foram presos, então não me acanho diante disso. Portanto perguntei sem rodeios:

– Você matou alguém?

Ele acenou que não, escrevendo: "*Mas estive a ponto de fazer isso.* "

– Não é a mesma coisa – declarei.

Ele tocou no coração, como se dissesse: "*Aqui dentro é.* "

Mais tarde entendi aquilo. Ele falava da intenção. Isso também é

importante na música. É de importância crucial. O que você pensa pode ser o

que você se torna. Bem *e* mal. Mas, na verdade, parecia que ele já havia cumprido a pena. Três anos, cara? Por *pensar* algo ruim? Perguntei se tinha família. Ele acenou que sim, e perguntei:

– Sabem onde você está? Você escreve para eles?

Ele confirmou com a cabeça.

– Não precisam de você ao lado deles? – questionei.

O homem não disse nada, mas vi que tocara num ponto sensível. Notei

que chorava sem fazer ruído, lágrimas caindo como de um conta-gotas, sabe?

Me senti péssimo.

– Sr. Presto, o mundo da música poderia aproveitá-lo. Eu adoraria gravar

com o senhor – revelei.

E ele escreveu: "*Não quero mais me apresentar.* "

– Talvez pudesse ensinar – sugeri.

Por algum motivo, aquilo encerrou a conversa. Ele pegou o violão e saiu

andando. Tive que me sentar e digerir o que havia acontecido. Tô dizendo, cara, foi um dos encontros mais malucos que já tive – e não havia mais ninguém lá. Fiquei me perguntando se alguém acreditaria em mim.

Quando reencontrei a tradutora, perguntei se poderíamos conversar com

alguém da administração. Ela me levou a um monge mais velho. Sentamos num banquinho no refeitório onde eles comiam e contei que eu conhecia Frankie Presto de muito tempo atrás. O homem disse que não podia falar sobre nenhum dos irmãos que ali se encontravam. Perguntei se ele sabia o que

havia acontecido, se tinha conhecimento sobre a pessoa que Frankie quase havia assassinado. Ele tornou a dizer que não podia comentar nada.

– O que seria preciso para tirá-lo daqui? – perguntei.

O monge pareceu surpreso.

– Um noviço pode partir a qualquer momento. É só cruzar a porta –

explicou.

Depois daquela conversa, fui procurar Frankie. Voltei à fonte e à ponte, mas não consegui achá-lo. Estava ficando tarde, então seguimos para o

pequeno estacionamento. E lá estava ele, recostado no carro, em trajes comuns, segurando o estojo do violão. Levantou-se, olhou para nós e falou pela primeira vez, com uma voz muito fraca, como se cada palavra arranhasse

a garganta.

Ele disse apenas uma frase:

– Podem me ajudar a chegar em casa?



55

VEJA. AS PESSOAS QUE CARREGARÃO O CAIXÃO ESTÃO SE REUNINDO. VÃO levar o ataúde de Frankie para seu local de descanso final. Pode vê-las ali?

Vou lhe dizer quem são.

O que significavam para Frankie.

E como ele morreu.

Mas depois terei que partir. Existem novas almas a serem atendidas. Novo

talento a distribuir. Assim, vamos tocar este movimento final em *allargando* –

mais lento, porém mais majestoso. É digno da história, pois os anos, no fim,

enalteceram Frankie Presto.

Noto que uma das músicas selecionadas pelo coro é “Come to the Water”.

Que adequado para uma criança que foi, certa vez, lançada num rio. A água

também foi o caminho escolhido por Frankie para o regresso a sua casa.

Embora o Sr. Marsalis tenha oferecido uma passagem de avião para o amigo

recém-descoberto, Frankie, saído da reclusão monástica, ainda não estava pronto para um rápido retorno ao mundo.

Em vez disso, foi para o porto de Barcelona. Lá, buscando serviço em troca da passagem, pegou um navio cargueiro, trabalhando na cozinha, e navegou para a Itália. Tomou outra embarcação e navegou para o Sri Lanka.

Uma outra levou-o a Cingapura. E outra à Austrália e finalmente à Nova Zelândia. Frankie se consolou com a vastidão do mar e com o modo como seus problemas pareciam pequenos em comparação. Todas as manhãs fitava a

água imaginando a alma de El Maestro a repousar; todas as noites entoava hinos devocionais no convés, as preces unindo-se ao bater das ondas contra o

casco. Os marinheiros maravilhavam-se com a voz dele. Alguns se

aproximavam para cantar junto. Mais uma da longa lista de bandas de

Frankie, esta apenas de vozes.

No total, ele navegou por cinco meses e 19 mil milhas. Ao longo das semanas, apaziguou-se em relação ao passado nada pacífico. Pela primeira vez em muito tempo, Frankie dormiu a noite inteira. Sonhou com Baffa Rubio

e as laranjas que compartilhavam de um saco de papel; com o velho Hampton



fazendo ensopado de porco na cozinha minúscula; e até com as freiras do orfanato e as refeições que serviam depois da missa. Ele se deu conta de quanta gente é necessária para manter uma única criança viva neste mundo.

Sua última jornada pela água foi a mais curta, uma hora de balsa ao entardecer, de Auckland para a ilha Waiheke.

Onde Frankie encerrou seu exílio.

Ele desceu do barco carregando apenas o estojo do violão e uma camisa dobrada. Tinha a pele bronzeada, o cabelo comprido de novo e a barba cerrada salpicada de fios grisalhos. Andou vagarosamente atrás de um grande grupo de passageiros carregando sacolas de compras ou pastas. Em sua mente, vislumbrava a caminhada morro acima, pela estrada, até a prainha que fora seu último lar. Frankie não avisara sobre sua volta. Até aquela manhã, ele nem sequer tinha certeza de se sentir pronto para – ou digno de – um retorno à antiga vida.

Porém, quando as pessoas se deslocaram à sua frente, ele parou e seu coração quase saltou do peito.

Sentada ali, recostada na bilheteria com os braços em volta dos joelhos, estava Aurora.

Ela usava um vestido verde comprido, sandálias de couro e óculos escuros que tirou ao vê-lo. Mas não se levantou.

Frankie aproximou-se devagar.

– Aurora significa alvorecer – disse ele.

– Não mais.

– Você vem até aqui todas as noites?

– Espero a última balsa.

– Por quanto tempo espera?

– Até a última pessoa sair.

– E então?

– Vou para casa.

– Durante três anos?

Ela desviou o olhar.

– Você encontrou o que estava procurando, Francisco?

– Não.

– Vai continuar procurando?

– Não.

– Deu por encerrado?

– Sim.

– E vai ficar conosco?

– Sim.

– Não somos mais crianças.

– Não.

– Não estamos em cima de uma árvore.

– Eu sei.

– Você tem uma família agora.

– Tem razão.

– Você escreveu dizendo que era inocente.

– De assassinato eu era.

– No entanto, puniu a si mesmo.

– Não foi uma punição.

– Para nós foi.

– Eu sei.

– Quem matou aquele homem?

– Não me disseram.

– Você se importa?

– Sempre vou me importar.

Ela observou uma gaivota pousar no cais. A ave bicou alguma coisa e

então voou para longe.



– O que Aurora significa agora? – perguntou Frankie.

– Luz brilhante.

– Por quê?

– Uma professora falou para Kai sobre luzes brilhantes no céu austral. São

chamadas de “aurora”.

– E?

– Kai disse que era eu. Que eu era uma luz brilhante. E que, se eu permanecesse num lugar, você nos encontraria e voltaria para casa para ficar

para sempre. – Ela olhou para mim. — Foi isso que você fez?

Frankie sentiu um nó na garganta. Ao descer do barco, não sabia que vida

o esperava ali. Se é que haveria alguma vida. Mas o amor de Aurora esperara

por ele, assim como certa vez ele havia esperado por esse amor. *Save the last dance*. Guarde a última dança. Ele pensou na canção. Olhou para os penhascos. Olhou para os barquinhos. Olhou para Aurora, linda como sempre.

– Sinto muito – falou.

– Quer ver sua filha?

– Mais que tudo – declarou ele.

Ela mordeu o lábio. Então agarrou Frankie e o beijou. Ele abraçou Aurora

e a apertou. E, se você retornasse uma hora mais tarde, ainda teria encontrado

os dois ali, presos naquele abraço, recusando-se a se desvencilhar um do outro.

O mistério de Alberto, o músico tocador de conga, só posso explicar em

parte. Frankie não o matou. Isso é verdade. Ele levantou a arma e, enquanto

Alberto vinha para cima dele, Frankie contemplou a pior coisa que poderia fazer. Mas, no fim, disparou para cima, três vezes, desejando apenas que Alberto parasse. Quando o velho foi ao chão, Frankie pensou que houvesse somente caído.

Acontece que Alberto *fora* baleado – mas uma outra pessoa havia puxado

o gatilho, com o barulho da bala fundindo-se ao som dos disparos de Frankie.

Após 40 anos de tortura interior, Alberto finalmente obteve sua paz

mortal.

Mas por outra mão.

A polícia deteve Frankie por dois dias. E então soltou-o. Disseram que o

verdadeiro matador havia se apresentado e que o relato de Frankie sobre disparos de advertência fora comprovado. Ele exigiu saber quem era o

assassino, mas não lhe deram o nome. Só informaram que alguém se

entregara voluntariamente e fora encarcerado. E que seria prudente Frankie deixar Villarreal por uns tempos.

Ele partiu naquela tarde, a pé, perdido em um turbilhão de incredulidade:

um homem havia morrido diante dele, que estava de arma em punho. A última

testemunha de sua infância se fora, El Maestro estava morto havia tempos.

Quem matou Alberto? Frankie estivera mesmo prestes a tirar a vida de um homem? Ele cambaleou pela estrada principal, saindo da cidade e passando pelo rio Mijares, de onde certa vez fora salvo por um fabricante de sardinhas e

um cão pelado. Depois de dias de caminhada e de muito tempo se

consumindo em pensamentos, Frankie deparou com o mosteiro. Subiu a

escadaria e perguntou se podia ficar ali. Os homens viram o violão e o questionaram sobre sua paróquia.

– Santuário de San Pascual Baylón – respondeu ele.

Os monges aprovaram com um aceno de cabeça. Comentaram que

Pascual Baylón havia tocado violão quando era pastor de ovelhas, havia mais

de 400 anos. O que eles não sabiam é que o santo havia morrido na mesma câmara em que Frankie nascera.



56

EXISTE MAIS UM MOMENTO DOS ANOS PASSADOS NA ILHA QUE PRECISO detalhar.

Logo após o retorno de Frankie, foi realizada a festa de 12 anos de sua filha. Montaram uma mesa com bolo na praia e um grupo de crianças juntou-se a Kai na comemoração. Reunida com o pai outra vez, Kai estava nas nuvens.

Ao cair do sol, Frankie chamou Kai à mesa e disse que tinha um presente para ela. E pegou o estojo surrado do violão.

– Pai, não quero o seu violão – disse a menina.

– Eu sei – respondeu ele. – Mas talvez queira o seu próprio.

Ele abriu o estojo e exibiu um instrumento de aspecto dos mais incomuns: um violão vermelho com tarraxas brancas, o corpo com uma pintura colorida de um cavaleiro espanhol e uma linda moça.

– Oh, papai, é para mim?

– Todo seu.

– Onde você conseguiu?

– Em outro país.

– Olhe o cavalo!

– E a *señorita*.

– Tão linda.

– Como você.

– Vai me ensinar a tocar?

– Se você quiser.

– Sim!

Kai agarrou o violão e saiu correndo com os amigos. Aurora observou até estarem fora do alcance de sua voz, então inclinou-se para a frente e tocou no ombro de Frankie.

– Onde está o *seu* violão?

– Não tenho mais.

– O que fez com ele?

– Deixei para trás.

– Mas as cordas. O poder delas…

– Foi *por isso* que o deixei para trás.

– Elas fizeram o bem, Francisco.

– E o mal. Uma corda ficou azul quando Alberto morreu.

– Você não o matou.

– Ele estaria vivo se eu não tivesse ido lá.

– Isso significa apenas que você afeta as pessoas.

– Não quero afetar as pessoas.

– Você não pode evitar.

– Posso tentar.

– Era uma dádiva…

– Eu sei…

– Do seu professor…

– Assim como minha habilidade para tocar…

– E do que a sua música provoca nos outros.

– Para mim chega, está bem?

Ficaram em silêncio. As ondas chocavam-se contra as rochas.

– Francisco?

– Sim?

– E se alguma coisa… acontecer?

– Acontecer?

– E se você precisar afetar alguém? E se precisar salvar uma vida?

– A sua?



– A dela.

Aurora acenou com a cabeça na direção da filha, lá na praia, balançando o violão enquanto os amigos riam.

– Terei que fazer isso sozinho – disse ele.

E encerrou-se aí o que eles falaram a respeito. Na vida, como na música, existem compassos para tocar e compassos para repousar. Pela primeira vez desde os 9 anos de idade, Frankie Presto estava sem o seu precioso violão, que permaneceu do outro lado do mundo, debaixo de uma cama num mosteiro espanhol.

Com uma corda azul a ser usada.

– *Pai?*

– *Sim, Kai?*

– *Meus dedos doem.*

– *Música é dor.*

– Mesmo?

– Foi o que meu professor me ensinou.

– O que são essas coisas?

– São calos.

– Por que tenho isso?

– Porque está aprendendo. Quanto mais tocar, mais duros eles vão ficar.

– Ontem eles sangraram.

– Ontem você tocou muitas canções.

– Fui horrível.

– Não, não foi.

– Serei melhor hoje.

– Será.

– Posso ficar tão boa quanto você?

– Talvez melhor. Suas unhas estão cortadas rentes?

– Sim… Que acorde é esse?

– Sol.

– Gosto dele. É fácil.

– Toque suas escalas.

– Os dó-ré-mi?

– Isso mesmo.

– Papai?

– Sim, Kai?

– Você sempre quis tocar violão?

– Acho que não. Talvez no começo eu quisesse apenas deixar meu pai feliz.

Kai sorriu. Seus dentes eram perfeitos.

– Eu também.

– Volte às escalas.

– Esses calos são feios.

– Eles vão desaparecer.

– E vão parar de doer?

– Em breve.

– Então música não é dor?

Frankie olhou para a filha, segurando seu primeiro violão. Sentiu o coração transbordar.

– Não, nem sempre – disse ele.

Ingrid Michaelson

Intérprete, cantora, compositora

TUDO BEM, MAS TEM QUE SER RÁPIDO… ESTOU MUITO ATRASADA. AINDA não

começou, não é? Cheguei hoje de manhã e demorou muito até conseguir um

carro…

Sim… isso… meu nome é Ingrid Michaelson, sou dos Estados Unidos.

Conhecia Frankie… Bem, quando o conheci, não o chamava de Frankie. Era

o Sr. Rubio. Era assim que todos o conheciam. Nem sabíamos que era o mesmo cara.

Professor… ensinava violão. Havia uma loja de instrumentos musicais

onde eu cresci, em Staten Island… É um distrito de Nova York… Sim,

tecnicamente é uma ilha, assim como Manhattan… Enfim, essa loja era como

qualquer loja de equipamentos musicais, acredito eu. Grande, abarrotada, amplificadores revestindo as paredes, uma sala para baterias, uma sala para teclados e alguns adolescentes num canto tocando *riffs* de guitarra.

Aquilo parecia um pequeno teatro, e eu era ligada em teatro quando garota

– e em música, visto que meus pais me fizeram ter aulas de piano –, então perambulava pela loja, meio que observando os personagens e ouvindo o que

todo mundo tocava. Havia salas de aula nos fundos, quatro ou cinco salas em

um corredor, e era possível ver as crianças entrando e saindo dali, arrastando

instrumentos grandes demais para elas, como oboés e violas – se tivessem sorte, tocavam flauta, que não pesa muito.

Então, certo dia eu estava na loja e notei um garoto alto com cabelo moicano experimentando um grande amplificador Marshall. Ele disparou um

acorde de guitarra tão barulhento que quase explodiu minha cabeça. Aí

resolvi ir lá para trás para escapar daquele som. Caminhando pelo corredor, ouvi, dentro de uma das salas de aula que estava com a porta aberta, alguém

tocando violão. Clássico. E imediatamente o moicano disparou outro mi com

sétima ou coisa assim – whaammm! Fiquei surda por um segundo, até captar

o som clássico, poucos segundos depois, e outra explosão do garoto roqueiro,

seguida do clássico outra vez. A justaposição daqueles dois sons era tão bizarra. Mas também era um barato!

Fiquei curiosa para saber quem estava tocando música clássica – ainda

mais naquela loja. Andei pelo corredor, fingindo ir para uma aula, e espiei. Vi

um cara mais velho de cabelo comprido, tocando tranquilamente, sem ligar para todo o barulho. Dei a volta, tornei a espiar, e ele continuava tocando. Fui e voltei algumas vezes. Em determinado momento ele começou a tocar

trechos de música espanhola, tão melódicos, mas tão rápidos, que pareciam duas pessoas a tocar, e não apenas uma, e isso me fez estacar à porta, hipnotizada. Ele ergueu os olhos – fui flagrada – e disse:

– Barrios.

– Hã? – perguntei, confusa.

– O compositor é Barrios – explicou ele. – Chama-se “La Catedral”.

Sempre devemos saber o autor da obra que estamos tocando.

Apenas concordei com a cabeça. Quer dizer, eu tinha 14 anos. Ele sorriu,

soltou o violão clássico, pegou uma guitarra plugada num amplificador

Fender pequeno – havia umas dez guitarras na sala – e começou a tocar um

rock doido e selvagem.

– Hendrix – revelou.

Eu meio que dei de ombros, pois naquele tempo não conhecia a música de

Jimi Hendrix. Então ele trocou por outra.

– Stevie Ray Vaughan? – indagou ele.

De novo eu não conhecia. Ele tocou uma frase de “Walk This Way” e

falou:

– Aerosmith?

Fiz uma cara de dúvida, como se dissesse “Ah, sim, acho que já ouvi essa!”. E aí simplesmente deixei escapar:

– Conhece alguma canção de musicais?

Pensando agora, foi uma tremenda idiotice. Porque “Conhece alguma canção de musicais?” é o tipo de pergunta que sua avó faria. Mas ele não deu bola. Pegou outro violão e tocou “Somewhere Over the Rainbow” com tamanha beleza que me arrepiei. Afinal, eu amava Judy Garland e sempre adorara aquela canção, mas nunca tinha ouvido uma versão tão melódica.

Quando ele terminou, perguntei:

– Pode me ensinar a fazer isso?

O jeito como ele tocava fazia a gente ter vontade de *experimentar*, saber como era ter aquele tipo de música emanando dos dedos.

Ele disse que eu teria que me matricular nas aulas, que era a política da loja. Quando cheguei em casa e pedi a meus pais, eles disseram que eu já estudava voz e piano e fazia teatro. Era bastante coisa. Além disso, um cara trabalhando nos fundos de uma loja de equipamentos musicais não era o que eles tinham em mente. Meu pai é compositor clássico.

– Mas, pai – declarei –, ele tocou Barrios.

Meu pai ficou surpreso.

– Agustín Barrios? – perguntou.

É claro que eu não conseguia lembrar do primeiro nome do cara, por isso não pude me gabar de mais nada.

Em todo caso, voltei à loja cerca de uma semana depois e lá estava ele de

novo, em sua sala. Ao me ver, disse:

– Ei, senhorita Canções de Musicais!

Então tocou, e cantou, uma música de *O caminho do arco-íris*. Perguntei

como conhecia tanta coisa e ele contou que, quando criança, na Espanha, ouvia os mesmos discos várias e várias vezes até decorá-los. Perguntei por que morava em Nova York se era da Espanha e ele respondeu que a filha também era violonista e havia entrado na Juilliard, por isso ele e a esposa tinham se mudado para lá, para estar com ela.

Achei muito legal a família inteira se mudar para que a filha pudesse estudar música. Continuei aparecendo na loja, até que um dia ele disse que eu

podia trazer meu violão às quintas-feiras porque um aluno havia pagado um

ano de aulas e desaparecido, de modo que ele estava livre naquele horário –

contanto que o garoto não mudasse de ideia. Ele me ensinou algumas coisas

incríveis. Sabia tocar tudo que tivesse cordas. Baixo. Banjo. Foi a primeira pessoa a me mostrar o uquelele, que mais tarde acabei usando bastante em minhas gravações.

Mas, como falei antes, eu não fazia ideia de que ele fosse Frankie Presto.

Como se apresentou como Sr. Rubio, era assim que todo mundo se referia a

ele. Só fiquei sabendo seu primeiro nome porque, num certo dia de inverno,

sua esposa apareceu por lá para lhe entregar um suéter. Ela tinha um sotaque

inglês e falou:

– Camadas, Francisco, camadas. É assim que se fica quente.

Ca-madas, Francisco, ca-madas. Adorei. Para mim, formavam o casal perfeito: ela era linda e britânica; ele havia crescido na Espanha; tinham morado numa ilha – uma ilha da Nova Zelândia, não Staten Island; ambos apoiavam a filha; e ele conhecia todas aquelas canções e ainda era bonito, mesmo aos 55 ou 60 anos

de idade.

Frequentei a loja, às quintas, por uns dois anos. Às vezes a gente apenas conversava sobre a escola, garotos ou sobre fazer uma carreira na música ou no teatro. Ele basicamente escutava. Nunca me falou que tinha sido uma estrela do rock. Jamais fez qualquer comentário. O único conselho que me deu, várias e várias vezes, foi: “Não deixe sua música escapar de suas mãos.”

Na época não significou muito. Porém, anos depois, quando comecei a gravar, compreendi. Foi um dos motivos para eu conservar os direitos sobre minhas obras, mesmo quando pessoas do ramo me aconselhavam a agir de modo diferente.

Vou dizer uma coisa sobre o Sr. Rubio: ele sabia guardar um segredo.

Lembro que alguns “alunos” incomuns começaram a aparecer na loja. Caras mais velhos. Músicos de jazz. Certa noite, dei uma passada por lá e juro que vi Jon Bon Jovi andando pelo corredor e entrando de mansinho na sala do Sr. Rubio. E Lyle Lovett também – quer dizer, tinha que ser ele, afinal sua aparência é bastante singular. Mas eu ainda era adolescente e meio sem noção da coisa toda.

Fui para a Universidade de Binghamton (SUNY) e, num verão, quando voltei, ele não estava mais lá. A sala estava vazia. Perguntei o que acontecera com o Sr. Rubio e disseram que ele e a esposa haviam se mudado para o Sul.

Nunca tive oportunidade de agradecer ou de me despedir. Só descobri quem ele realmente era há alguns anos, quando a *Rolling Stone* fez uma reportagem sobre aquele álbum pirata, o tal *The Magic Strings*. Louco, hein?

Na verdade, algumas frases de minhas canções foram inspiradas pelo Sr.

Rubio, como uma a respeito de compartilhar um suéter em “The Way I Am”, ou aquela sobre se mudar para uma ilha em uma canção chamada “Far

Away”. Com o tempo, acho que todos os seus professores acabam entrando em sua música, não é?

Quando fiquei sabendo como ele morreu, achei que deveria vir ao funeral.

Por anos tive vontade de encontrá-lo para dizer quanto fiquei impressionada

com o fato de ele nunca usar o passado para se exibir ou se sentir superior ao

ensinar uma adolescente esquisitona a tocar “Somewhere Over the Rainbow”.

Quero dizer, quantas pessoas são assim para valer? Não muitas.

Oh… está ouvindo o canto? Tenho que entrar…



57

MAIS RÁPIDO AGORA. O SERVIÇO ESTÁ COMEÇANDO. VAMOS USAR TONS DE

passagem – notas da melodia que não pertencem aos acordes, mas fazem a conexão entre eles, como as pessoas com quem você rodopia durante uma quadrilha antes de voltar para seu par. Vou resumir os tons de passagem de Frankie Presto nos anos restantes – e detalhar apenas os pontos principais –

para então chegarmos aos últimos dias. Tempo duplo. Assinatura 2/2.

Tons de passagem. No ano de 1994, a família de Frankie deixou a ilha Waiheke (como você acabou de saber). A filha, Kai, foi aceita na prestigiosa

Escola Juilliard, em Nova York (graças às aulas diárias de violão com o pai).

Aurora e Frankie alugaram uma casa geminada em Staten Island. Ele agora

usava o nome Francisco Rubio. A gravação pirata de *The Magic Strings of Frankie Presto* tornara-se lendária nos círculos de violonistas e havia muita gente à procura do misterioso instrumentista desaparecido – jovens músicos,

jornalistas oportunistas, até mesmo um produtor de documentários. Frankie não tinha interesse. O passado estava no passado. Ele pensava em como tudo

aquilo era estranho: quanto mais fugia dos refletores, mais os refletores o perseguiam.

Mas, por um período bem-aventurado, ele não foi encontrado e, nos setes

anos em Staten Island, levou uma vida alegre e comum: engordou cinco

quilos, comprou óculos escuros com grau, viu o cabelo ficar cinza-prateado,

lesionou o pé correndo, esteve na costa do Maine, aprendeu a fazer penne com berinjela (a massa favorita de Aurora), aprendeu sozinho todos os solos

do violonista Charlie Christian, praticou ioga, consertou amplificadores

antigos e comprou pilhas de CDs usados de uma loja em Lower Manhattan, que tocava para Aurora enquanto ela preparava deliciosos brunchs.

Toda semana ele levava para casa um violão diferente da loja local de equipamentos musicais onde conseguira um emprego de meio turno como

professor, sempre devolvendo o instrumento depois de uns poucos dias de uso.

– Você nunca ficará feliz com nenhum outro violão – dizia Aurora.

– Estou feliz agora – declarava ele, desarmando Aurora ao pegar a mão

dela.

As águas se acalmam mesmo nos mares mais tempestuosos, e Frankie e

Aurora desfrutaram aqueles anos sossegados em tranquila gratidão, como

alpinistas soltando o ar com um suspiro ao chegar ao cume. Faziam compras

todos os dias na mercearia da região. Fizeram amizade com os vizinhos e com a dona de uma padaria grega. Descobriram um parque com um carrossel infantil que Aurora às vezes olhava como que em transe. Frankie temia que ela pensasse no bebê que perdera, já que estava de volta à cidade onde havia acontecido, por isso pegava sua mão e dizia:

– Vamos tomar uma cerveja.

Aquela havia se tornado a bebida preferida dela.

Aurora, por sua vez, trabalhava quatro horas por dia em um brechó de caridade, praticava pintura a óleo, andava de bicicleta ao longo do rio e falava com Kai pelo telefone todo final de dia, pelo menos para dar boa-noite. Nos fins de semana, Frankie às vezes tocava para ela as novas canções que havia escrito, misturando-as com outras antigas de diversos compositores. Ela sempre acertava quais eram as dele.

– Como é que você sempre sabe?

– Consigo ouvir você em qualquer coisa – explicava ela.

Aurora havia encorajado o marido a ensinar, acreditando que, com o nome Rubio, ele conseguiria manter o anonimato e ao mesmo tempo ocupar-se com sua paixão. Mas, com o tempo, o talento exuberante de Frankie tornou-se de conhecimento geral na loja de instrumentos musicais (não há como me reprimir) e, após o proprietário apresentá-lo a uma jovem estrela do rock – e os dois tocarem vários blues juntos –, a notícia de que um mestre do violão estava trabalhando em um estabelecimento de Staten Island espalhou-se e músicos talentosos, alguns deles muito conhecidos, começaram a passar por lá quando iam a Nova York – uns em busca de dicas, outros de colaboração e

outros ainda só para ver se os boatos tinham fundamento. O dono da loja não

se incomodava, pois aquilo gerava mais prestígio para o seu negócio e ele vendia mais guitarras.

Ele passou a ser conhecido como “Rubio” (“*Tá indo ver Rubio?* ”, “*Ouvi dizer que Rubio está rebentando!* ”). E a certa altura Frankie começou a se perguntar se aquilo não estava ficando excessivo. Ele apreciava a



oportunidade de tocar com artistas talentosos longe do palco. Mas ficou chocado com a quantidade de gente que vinha atrás dele. Para sua surpresa, Frankie tornara-se um professor bastante bom, compartilhando dicas dos

tempos de El Maestro. Num período de dois anos, pelas minhas contas,

Frankie foi visitado – e consultado – por 83 músicos profissionais, incluindo

membros do Bon Jovi, Pearl Jam e E Street Band, bem como o baixista Christian McBride, o violonista Earl Klugh e o cantor/compositor Warren Zevon.

Apenas um pequeno número dos visitantes, incluindo Lyle Lovett e

Darlene Love, sabia quem ele realmente era. Prometeram manter segredo e cumpriram a palavra.

Mas um dia o telefone tocou na casa alugada, Aurora atendeu e um

homem que disse trabalhar para a revista *Rolling Stone* perguntou:

– Frankie Presto mora aí?

Aurora desligou no mesmo instante.

Tons de passagem. Kai formou-se com as maiores honras. Foi para um

conservatório em Boston. Com a filha ausente, Frankie e Aurora mudaram-se

de volta para Nova Orleans. Aquele telefonema havia preocupado os dois. E

Aurora vivera seus dias mais felizes na Crescent City (como é apelidada a cidade de Nova Orleans), onde Frankie a pedira em casamento diante de uma

vitrine com Mr. Bingle.

Compraram um pequeno apartamento no Garden District. Aurora fazia

café para Frankie de manhã, ele fazia chá para ela à noite. Certa tarde, Aurora

levou-o a um centro comunitário onde ela atuava como voluntária ensinando

artes e contou para as crianças que o Sr. Rubio era músico. Quando se deu conta, Frankie estava dirigindo um jovem conjunto com piano, baixo, dois bateristas e um adolescente corpulento no trombone. Tocavam funk e jazz, e

um baterista gostava de fazer rap. Chamavam-se Big Mess Band. Frankie

começou a curtir o entusiasmo juvenil deles, ainda que deixassem muito a desejar em termos de técnica.

Pelas minhas contas, sempre exatas, essa foi a 372a banda com que

Frankie tocou.

Haveria apenas mais duas.



O guitarrista Les Paul foi um de meus discípulos, abençoado com muito

de mim dentro de si e com uma mente curiosa que o levou a inovações na guitarra, nas técnicas de gravação e *overdubbing*. Adolescente, ele estendeu uma corda num dormente de ferrovia e tentou amplificar o som dela com os

componentes de um receptor de telefone. Anos depois, pegou um pedaço de

madeira, anexou um captador e inventou uma guitarra chamada

afetuosamente de “The Log” (a tora), precursora das guitarras de corpo sólido

atualmente tocadas no mundo inteiro.

Seu maior dom, no entanto, era a perseverança. Em 1948, Paul e a esposa, Mary Ford, sofreram um acidente de carro e ficaram por três horas no fundo de uma ravina antes de serem encontrados. Paul sofreu lesões nas costelas, no nariz, no baço, na pélvis e na clavícula. Mas o pior de tudo foram as fraturas em vários pontos do braço direito. Os médicos cogitaram a amputação antes de finalmente o fixarem de modo permanente em um ângulo de 90 graus. Ele nunca parou de tocar. Nem na época nem décadas mais tarde, quando a artrite devastou seu corpo até as mãos mais parecerem garras. Continuou fazendo música até os 90 anos, tocando num pequeno clube, recusando-se a me largar.

Em Nova Orleans, Frankie Presto viu seu corpo começar a se deteriorar, tornando o ato de tocar um desafio para ele também. A rigidez na mão esquerda agora era constante e o clima úmido tornava doloroso completar uma canção. Ele necessitava de óculos de leitura para acompanhar as transcrições musicais, e sua lombar, depois de anos encurvada, era motivo de aflição permanente para Frankie, que colocava as duas mãos às costas quando se levantava e se arqueava para trás com um gemido.

– Estou rangendo – dizia para Aurora com um suspiro.

– Alguém está ficando velho – acrescentava ela.

– Mas você não.

– Ah, não. Ainda posso subir numa árvore.

– Hum – Frankie resmungava.



58

EM 2005, UM ANO ANTES DE FRANKIE COMPLETAR 70 ANOS, UMA GRANDE

tempestade abateu-se sobre o estado da Louisiana. Os moradores foram aconselhados a evacuar a área, mas muitos permaneceram. Aurora começara a frequentar uma igreja da vizinhança, uma pequena congregação em um velho prédio de tijolos. Quando as previsões sobre a tempestade ficaram sinistras, a maior parte dos membros foi embora, mas o padre idoso prometeu ficar, não importando quanto a água subisse.

– O senhor tem que ir – implorou Aurora.

– Fundei esta igreja há 52 anos – disse ele. – Se Deus quer que eu pereça aqui, que assim seja.

Quando Aurora contou isso para Frankie, ele balançou a cabeça. Ao longo de toda a sua vida ele tinha visto devoção e sofrimento andarem de mãos dadas.

– Nós não ficaremos – avisou ele.

Aurora concordou. Mas, quando Frankie estacionou o carro diante de casa com toda a bagagem dentro, notou que ela havia saído. Ele dirigiu depressa até a igreja e encontrou-a, com vários outros membros jovens, pregando as janelas.

– O que você está fazendo? – perguntou Frankie.

– Se ele vai ficar, temos que ajudar.

– Já estão falando em furacão. Precisamos ir embora.

– Só uns minutos.

Enquanto a ventania soprava cada vez mais forte, Frankie ajudou no que podia, segurando tábuas enquanto outros perfuravam e martelavam freneticamente. Dois adolescentes subiram ligeiros por escadas contíguas, carregando uma grande viga de madeira, apressando-se em colocá-la num janelão. Suspenderam a viga rápido demais e ela espatifou o vidro. A chuva entrou com o vento. Um dos rapazes perdeu o equilíbrio e jogou a viga para o alto para agarrar-se na escada, obrigando o outro a fazer o mesmo. Ainda assim, o primeiro garoto caiu da escada com um baque forte no chão; os outros gritaram:

– Você está bem?

– Sim, sim – respondeu ele. – Apenas bati com força.

Foi aí que Frankie ouviu um gemido e olhou ao redor, deparando com Aurora no chão, as mãos na cabeça. A viga a atingira por trás.

– Meu Deus – gritou o padre, correndo até ela.

Frankie empurrou todo mundo do caminho e se inclinou sobre a esposa. O couro cabeludo sangrava um pouquinho e ela piscava.

– Me ajudem a levá-la para o carro – berrou Frankie.

– Estou bem, estou bem – repetia ela.

– Vamos!

Meia hora depois, ensopados, entraram na sala de emergência de um

hospital, onde um médico suturou o corte enquanto Frankie via os corredores enchendo-se de pacientes, muitos deles idosos, chegando assustados com a tempestade que se abatia sobre a cidade. Aurora foi tranquilizada quanto ao corte, que não era profundo, mas havia sofrido uma concussão leve, por isso foi mandada para um leito e instruída a permanecer acordada em observação.

– Estou me sentindo bem – disse ela. – Só com dor de cabeça.

– Ficaremos seguros aqui? – Frankie perguntou ao médico. – Com a tempestade que se aproxima?

– Sim, sim, claro – garantiu o médico, saindo em disparada para atender outros pacientes.

Em questão de horas, o furacão soprava furioso em Nova Orleans.

Naquela noite, algumas barragens que protegiam a cidade se romperam. As águas revoltas do lago Pontchartrain (onde Frankie tocou com Elvis pela primeira vez) e do rio Mississippi (por onde Frankie e Aurora caminhavam quando recém-casados) inundaram as ruas e subiram mais e mais, avançando pelas paredes como se trouxessem o passado de volta. O hospital tornou-se abrigo não só de doentes e feridos, mas daqueles em busca de refúgio, comida ou proteção. A energia elétrica acabou. Os médicos operavam à luz de lanternas. A comida escasseou. Não havia reposição de suprimentos. Todos que estavam nos andares mais baixos foram transferidos para os mais altos e a superlotação deixou as coisas ainda mais desconfortáveis. Era fim de verão e o calor ficou insuportável. Algumas janelas fixas foram quebradas para ventilar.

Durante todo aquele pandemônio, Frankie não saiu do lado de Aurora

nem sequer um instante. No leito, no canto de um quarto lotado, ele a manteve acordada contando-lhe histórias, conversando e até cantando.

– Estou bem, você sabe – sussurrou ela.

– Sei.

– Não vou deixar você ainda.

– Não mesmo.

– Mas irei primeiro.

– Como assim?

– Daqui a muito tempo.

– Muito tempo.

– Mas, ainda assim, primeiro.

– Não é justo – disse Frankie.

– É justo sim – replicou ela.

– Por quê?

– Se você morresse primeiro, o que me restaria? – perguntou Aurora.

– Kai.

– Verdade. – O olhar dela ficou ausente. – Mas as filhas têm a vida delas.

Não dá para sufocar. Ela vai se casar. Ter filhos.

– Bem, posso perguntar a mesma coisa – disse Frankie. – Se você morrer

primeiro, o que vai me restar? Além de Kai?

Ela olhou para Frankie como se ele estivesse brincando.

– Você terá a sua música.

Frankie deu uma bufadinha, mas não disse nada. (Eu, por outro lado, sabia exatamente a que ela se referia.)

– “Parlez-Moi d’Amour” – pediu Aurora. – Cante para mim. Mantenha-me acordada.

– Meu francês está enferrujado – avisou Frankie.

– Você tem que cantar. – Ela abriu um sorriso. – Sou a paciente. É uma prescrição.

Frankie suspirou e cantou baixinho, conforme conseguia se lembrar, até uma mulher de idade na cama ao lado virar-se para ele e pedir:

– Mais alto, *cher*. Que voz doce você tem.

Frankie cantou mais alto e o quarto inteiro – com seis leitos, um perto do outro – ficou em silêncio na escuridão. Pacientes e familiares afastaram as cortinas que os separavam, gratos pela distração.

Parlez-moi d’amour, / Redites-moi des choses tendres. [20]

Quando ele terminou, aplaudiram polidamente e alguém pediu:

– Mais uma!

Frankie revirou os olhos para Aurora, como se dissesse: “Olhe o que você começou.” Mas ela sorriu e bradou, com uma imitação zombeteira do sotaque americano:

– Ei, cara, conhece “I Want To Love You”, de Frankie Presto?

Uma outra mulher falou:

– Essa é das antigas, mas é das boas.

E de repente Frankie se deu conta de que estava cantando os maiores

sucessos de sua carreira, sem acompanhamento, exceto o martelar da chuva nas janelas.

I want to love you, / I will be true, / No one will love you / The way I do.[21]

Aos poucos, as pessoas começaram a acompanhar Frankie na cantoria,

como se estivessem em um acampamento, sentados ao redor da fogueira. E

logo todos dentro daquele quarto contribuíam para a conhecida melodia –

com uma voz aguda aqui, outra grave ali, um guincho desafinado acolá –, cantando juntos em um desafio corajoso à tempestade que acontecia lá fora.

Oh, if you let me / Show my love to you / Then by tomorrow / You'll love

me tooooo![22]

Eles sustentaram a última sílaba da última palavra e alguém bateu com uma colher numa mesa, fingindo um rufar de tambores. Os demais riram e bradaram: "Uhh-huuu!" Para Frankie, foi a melhor versão que ele já escutara.

Todo mundo entra numa banda nesta vida.

Em algumas, só para ser corajoso.

Frankie deu um largo sorriso e baixou o olhar para a esposa.

– Aurora?

Os olhos dela estavam fechados.

[20] Fale-me de amor, / Diga-me coisas ternas outra vez.

[21] Quero amar você, / Serei fiel, / Ninguém vai amar você / Como eu.

[22] Ah, se você deixar / Eu mostrar meu amor por você / Então amanhã / Você

me amará tambéééém!



59

O AVC FATAL FORA PROVOCADO, PROVAVELMENTE, PELO TRAUMA DA pancada,

explicaram os médicos. Eles não tinham como saber ao certo. Aurora estava

com 68 anos. Enfermeiras chegaram apressadas com lanternas, mas as

tentativas de reanimação foram em vão. Aurora se foi muito rápido. Um médico jovem prestou condolências e saiu às pressas para ajudar outras vítimas da tempestade. Frankie desabou em muda incredulidade quando os

atendentes entraram com uma maca. Após levarem o corpo, ele caiu no chão e

acocorou-se junto à parede, balançando para a frente e para trás, segurando os

braços como se estivesse congelando. As ruas lá fora estavam inundadas. O

hospital parecia uma zona de guerra. Não havia lugar onde pudesse gritar.

Mais uma vez, sua vida era alterada por águas revoltas.

Só puderam sepultá-la quatro semanas depois.

Diante do túmulo, Kai segurou a mão do pai e chorou. Os companheiros

de igreja de Aurora deram-se as mãos e choraram. Cecile (York) Peterson veio de Londres, segurou a mão de Kai e chorou. Também proferiu um louvor

caloroso e sucinto, falando que sua irmã Aurora era corajosa, inteligente e –

às vezes – a mulher mais feliz que ela já conhecera, uma pessoa que claramente pensava primeiro nos outros. A Big Mess Band, a banda da

comunidade, tocou uma canção fúnebre – uma tradição de Nova Orleans –,

“Just a Closer Walk with Thee”.

Frankie não tomou parte em nada. Não cantou uma palavra. Ficou lá parado, o olhar perdido na distância.

Eu disse que Aurora foi minha única rival no coração de Frankie. Naquele dia, ela me venceu. Não restou uma única nota de música dentro dele. O amor arrebatado de Frankie por Aurora se derramou dentro de seu corpo, invadindo-o como as águas daquela inundação, afogando-me e fazendo-o calar-se. Ele continuava a ver o rosto dela pedindo-lhe para cantar no hospital. Continuava a vê-la como uma garotinha convidando-o para brincar numa árvore. Continuava a pensar no velho violão que havia deixado para trás e em sua única corda azul ainda não utilizada.

– *E se você precisar salvar uma vida?* – perguntara ela.

Era doloroso demais pensar nisso. A mente dele apagou-se. Os olhos ficaram vidrados. Ele ficou vazio como um buraco.

Ao final da cerimônia, continuou ao lado do túmulo, esperando até o deixarem só. Então agachou-se, tirou algo do bolso e enfiou na terra: uma florzinha arredondada feita de uma corda de violão. Seus olhos transbordaram, ele perdeu o equilíbrio e caiu para a frente, a grama molhada encharcando seus joelhos e mãos. Murmurou o nome dela muitas, muitas vezes.

– Daqui a muito tempo – ofegou ele. – Você disse *daqui a muito tempo*.

Todo mundo entra numa banda nesta vida.

Algumas delas partem o seu coração.



60

FRANKIE PASSOU OS ANOS RESTANTES DE SUA VIDA TÃO LONGE QUANTO possível de suas memórias, em Manila, nas Filipinas, ensinando violão clássico na Universidade de Santo Tomás. A pedido do pai, Kai usou suas conexões com

orquestras sinfônicas para lhe conseguir uma entrevista.

– É tão longe – protestou ela.

– Eu sei – disse ele.

A criação católica de Frankie ajudou na contratação. Ele jamais contou aos empregadores que havia abandonado as orações, a Igreja e Deus. Assumiu

o cargo docente com salário modesto e foi morar num pequeno apartamento

no España Boulevard, o que lhe permitia ir e voltar do campus a pé, cruzando

a Plaza Intramuros sob o imponente Arco dos Séculos, obra de estilo barroco.

Frankie constatou que os estudantes filipinos eram educados e respeitosos.

E ele ensinava um a um, com paciência e firmeza. Os alunos admiravam seu

conhecimento. Mas Frankie raramente tocava para eles. E não entrou em

nenhum conjunto nem orquestra da faculdade. Ele fora para lá por um só motivo: estar num lugar onde ninguém o encontrasse.

Apenas à noite, sozinho diante da janela com vista para um terminal de ônibus, Frankie pegava no violão. Tocava melodias barrocas lentas de Gaspar

Sanz e blues de Robert Johnson. Mas os dedos agora doíam o tempo todo, a

artrite consumia a mão esquerda de nervos danificados e uma rigidez permanente instalara-se nos ombros e pescoço. Ele não corria. Não cozinhava massa. Não restaurava amplificadores, não fazia chá nem participava de qualquer rotina que tivesse compartilhado com a esposa. A solidão era como um ogro pairando sobre aquelas atividades.

Aurora havia dito que, quando ela se fosse, Frankie teria a música, além de Kai. Mas eu lhe trouxe pouco conforto. Ele escreveu uma canção nos meses seguintes à morte dela e depois não compôs mais nada.

Em 2009, Kai foi visitar Frankie ao término de uma turnê com a sinfônica e contou que fora selecionada para o prestigioso Concurso Internacional de Violão Francisco Tárrega, na Espanha. Tratava-se de um festival famoso, realizado há mais de 40 anos, e estar naquela edição era uma honra especial, pois marcava o aniversário dos 100 anos da morte de Tárrega. Em função disso, o festival e a competição teriam lugar pela primeira vez na cidade natal de Tárrega, Villarreal.

– Pai, quero que você vá.

– Não, Kai.

– É importante para mim.

– Não posso.

– Você me ensinou Tárrega. Foi a primeira coisa que me ensinou. Tudo que sei sobre a música dele aprendi com você.

– Tem muitas…

– O quê? Memórias?

– Sim.

– As memórias não estão nos lugares, pai. As memórias estão na sua

cabeça. Elas também estão aqui neste – ela olhou em volta – apartamento ridiculamente minúsculo.

Frankie esfregou o rosto e puxou o cabelo para trás; cabelo que, embora

ralo e acinzentado, ainda caía despenteado sobre a testa.

– Você nunca usa uma escova? – perguntou Kai, tentando fazê-lo sorrir.

– Para quem?

Ela desviou o olhar.

– Também sinto falta dela, pai.

– Eu sei.

Ele olhou para a filha, analisando como se tornara ainda mais bonita

agora, no auge dos 30 anos, enquanto ele definhava.

– Vai ficar uns dias? – questionou ele.

– Até sexta-feira.

– Alguns dias depois disso?

– Terei que dar um telefonema.

– Pode usar meu telefone.

Ele foi até uma mesa.

– Tenho um telefone, papai. Todo mundo tem celular hoje em dia.

– Ah. Certo.

Ela se inclinou para a frente e afagou o joelho dele.

– Você está bem?

Uma torrente de amor e angústia atingiu Frankie.

– Quando é o festival? – perguntou ele.

John Pizzarelli

Guitarrista, cantor e compositor de jazz, filho do guitarrista

Bucky Pizzarelli

SIM, COM CERTEZA… MEU NOME É JOHN PIZZARELLI, SOU MÚSICO, MORO em Nova

York. Estou aqui porque Frankie Presto era um velho amigo e antes de morrer

me pediu para fazer uma coisa… Pediu que eu encontrasse as fitas originais

de *The Magic Strings of Frankie Presto* e as entregasse para a filha dele…

Estão aqui dentro desta pasta…

Frankie e eu? Há muito tempo. Primeiro ele conheceu meu pai, Bucky

Pizzarelli. Eles se encontraram em meados da década de 1960, quando

Frankie participou do *Tonight Show*. Meu pai estava na banda do programa.

Guitarristas, os dois começaram a conversar, Frankie experimentou a sete cordas do meu pai e o deixou completamente pasmo. Papai adorou Frankie. E

dizia: “E ele nem é italiano!” Pensamos que fosse um de nós. “Presto”, sabe?

Parece italiano.

Enfim, nos anos seguintes, quando vinha a Nova York, Frankie passava

em nossa casa e fazia *jam sessions* com Bucky e o pessoal do jazz que aparecia

por lá depois dos shows, basicamente para comer o rigatoni da minha mãe. Acho que eu estava com uns 6 ou 7 anos quando o vi pela primeira vez.

Seu visual era diferente do dos caras mais velhos. Era bonito, tinha cabelo escuro e usava óculos de sol. Era tipo Elvis para mim. Ou o mais próximo disso. Eu estava aprendendo banjo tenor e, após Frankie tocar uma canção no violão dele, mostrei meu banjo e disse:

– Tá, mas você saber tocar neste?

Óbvio que eu era um moleque metido a sabichão. Mas ele pegou o banjo, piscou para mim e tocou "La Malagueña", a famosa música espanhola, mais e mais rápido, até eu ficar, sei lá!, de queixo caído. E isso no banjo, que na verdade não era a especialidade dele. Frankie terminou e perguntou:

– Que tal?

– Muito bom – respondi.

E ele arrematou:

– Muito bom está muito bom.

Ele costumava me chamar de "LPJ", de Little Pizzarelli John, porque na época o presidente era Lyndon Baines Johnson, LBJ. Frankie adorava me ver tocar com meu pai. Acho que não conheceu o próprio pai, então a ideia de pai e filho tocando juntos era especial para ele.

E aí ficamos sem ver Frankie por um longo período. Ele apareceu uma vez nos anos 1970, quando estava casado com Aurora e os dois estavam de passagem por Nova York. Minha mãe fez massa. Eu estava no ensino médio e tinha um cabelão encaracolado – estava ligado em Peter Frampton –, e ele

perguntou:

– Quem está debaixo dessa cabeleira toda é o LPJ?

E eu falei:

– É!

– Como vai?

– Muito bem.

– Muito bem está muito bem – disse ele. E aí perguntou: – Já aprendeu

“La Malagueña”?

Passou-se muito tempo antes que eu tornasse a encontrá-lo – eu já tinha uns 30 anos e estava gravando e viajando pelo mundo. Ouvi dizer que ele lecionava em uma loja de instrumentos musicais de, quem diria, Staten Island,

usando um nome diferente. Fui até lá, e era ele mesmo. Frankie mandou que

eu fechasse a porta da sua sala, então me deu um abração e perguntou como

estava meu pai. Contou sobre a filha, do lance da Juilliard, e explicou o motivo para estar na moita, que era toda aquela gente curiosa sobre ele.

Naquela ocasião, eu estava tocando na cidade e supliquei para que ele desse

uma canja – prometi não apresentá-lo –, mas Frankie declinou. Disse que ele

e Aurora talvez aparecessem por lá qualquer noite, mas nunca foram.

Depois se mudaram para Nova Orleans e perdemos o contato.

A última vez que o vi foi há um ano. Nossa banda fazia uns shows pela Ásia e fomos nos apresentar em Manila. Após o show, um estudante da

universidade local me aguardava na entrada dos fundos do lugar e disse que

tinha uma coisa importante para me falar. Uma mensagem de um homem que

costumava comer almôndegas na minha casa. Ele disse as palavras “La Malagueña” e me deu um endereço. Tipo filme de James Bond, não é? Mas não ficava longe de onde havíamos tocado, por isso pedi a um taxista para me levar até lá. Subi ao apartamento. Sem porteiro, sem nada. Simplesmente bati na porta.

Frankie atendeu e disse:

– Ei, LPJ.

Fiquei um pouco chocado. Ele não tinha um aspecto saudável. Encurvado e supermagro, de óculos de leitura e cabelo todo despenteado, parecia um professor meio descompensado. Eu não sabia que Aurora tinha morrido.

Quando soube, entendi. Eles eram loucos um pelo outro.

Conversamos por um tempo. Ele perguntou sobre o meu pai, como sempre fazia, quis saber se ainda tocávamos juntos e, quando eu disse que sim, pareceu feliz. Perguntei se ele estava gravando ou compondo qualquer coisa e ele respondeu que só havia escrito uma canção desde que a esposa morrera. Perguntei se podia ouvir. Ele a cantou para mim. E era tão curta que lembro dela inteirinha.

Yesterday / I saw a bird / Whose tree had disappeared, / The clouds lay claim / To a moonless sky / You are gone / I’m here.[23]

Era de partir o coração, tão triste e tão linda. Perguntei se ia gravá-la, mas ele me olhou como se aquilo jamais fosse acontecer. E declarou:

– Pode ficar com ela se quiser.

Foi quando me pediu o favor. Frankie disse que um álbum pirata dele

chamado *The Magic Strings of Frankie Presto* circulava havia anos (não falei que todos os guitarristas que eu conhecia tinham uma cópia ou já tinham ouvido?) e que ele precisava muito conseguir as fitas originais. Imaginei que

ele quisesse o dinheiro que lhe era de direito.

Mas eu estava errado. Frankie não ligava para isso. Queria as fitas porque

se recordava que a esposa e a filha estavam dentro do estúdio com ele naquele

dia. Lembrava-se de que eles conversaram e riram entre as músicas e a gravação original continha tudo aquilo. Frankie disse que queria que Kai tivesse lembranças felizes dos pais quando ele morresse.

Bem, levou um ano para eu chegar até as fitas. Mas cheguei. Alguém da Nova Zelândia tinha vendido para alguém da Austrália, depois da Inglaterra,

depois do Japão. Eu estava em Tóquio no mês passado e encontrei o

engenheiro de som que tinha as fitas. Ele ficou meio apavorado quando eu falei que representava o verdadeiro Frankie Presto. “Pensei que ele estivesse

morto”, declarou.

E simplesmente me entregou as fitas após eu assinar uma coisa em

japonês prometendo que ele não seria processado.

Quando peguei as fitas, liguei para o número de Frankie nas Filipinas.

Mas acho que ele já tinha vindo para cá. Nos desencontramos por questão de

uns dois dias.

Isso é típico do timing de Frankie Presto, não é?

23 Ontem / Vi um pássaro / Cuja árvore desapareceu, / As nuvens reclamam para si / Um céu sem lua /

Você se foi / Eu estou aqui.

61

FRANKIE E KAI VOARAM JUNTOS PARA A ESPANHA. ESPERARAM NA ÁREA DE

desembarque pela bagagem, até o violão dela aparecer. Frankie não levou um instrumento, apenas uma maleta. Estava ali como pai, lembrava a si mesmo. Quanto menos tivesse a ver com música, melhor.

Ele passou o primeiro dia basicamente dormindo no hotel, enquanto Kai se inscrevia no festival e participava de eventos. Frankie estava mal da artrite e tomou analgésicos. Naquela noite, Kai pediu ao pai que a ouvisse praticar.

Então ele se sentou numa cadeira, os ombros caídos, a camisa desabotoada, e fitou os dedos dela se movendo rapidamente, atônito ao perceber quão competente ela se tornara, em especial na música da juventude dele. Enquanto a filha tocava as passagens mais complicadas de compositores espanhóis – os dedilhados em tremolo e *rasgueo* –, ele balançava a cabeça em aprovação.

– E então? – perguntou Kai ao terminar. – Alguma dica?

– Já falei quanto amo você?

– Isso não é uma dica, pai.

Frankie sacudiu os ombros.

– Ah, muito bem – disse ele.

Kai apresentou-se maravilhosamente nos dois primeiros dias da

competição e avançou com facilidade para a etapa final. Naquela manhã, Frankie acordou antes de o sol nascer. Estava com torcicolo, os joelhos doíam. Inquieto, acendeu uma luz, vestiu-se e saiu do hotel, esperando que um pouco de ar fresco levantasse seu astral.

Villarreal estava envolta em névoa, como na manhã em que Carmencita

encontrou os ciganos que lhe deram as cordas. Frankie caminhou por uma rua

larga, depois dobrou em uma ruela, mal conseguindo enxergar dois passos à

sua frente. A cidade estava quieta como um túmulo.

A mente de Frankie devaneou. A viagem dele estava marcada para o dia

seguinte, e com certeza aquela seria sua última visita à Espanha. Quando os

primeiros fiapos de sol irromperam através do nevoeiro, ele deu por si num

pequeno parque com uma estátua ao centro. Caminhou na direção dela e apertou os olhos para enxergar melhor. Olhando de cima de um pedestal de pedra, estava uma imponente escultura em bronze do grande Francisco

Tárrega.

Foi como assistir a um de meus filhos encontrando outro.

Tárrega fora moldado em plena apresentação, o pé esquerdo sobre um

banquinho, as mãos perfeitamente posicionadas no violão inclinado para

cima, no ângulo clássico. Frankie estudou o rosto do mestre morto 100 anos

antes, a barba comprida e o cabelo esvoaçante levemente despenteado que o

fizeram lembrar-se de El Maestro.

Ele baixou a cabeça para ler a placa. Então olhou de relance para o lado e

piscou.

Ali, recostado na base de pedra, estava o seu violão.

Pelo menos parecia o violão dele. Mas era impossível, não era? Frankie olhou em volta para conferir se vinha alguém. Em seguida passou

desajeitadamente por cima da grade baixa que cercava a estátua, prendendo a

calça numa das extremidades pontudas e abrindo um cortezinho na pele.

– Ah – gemeu.

Pôs a mão no braço do violão e teve um flash ofuscante de imagens: os rostos de Django, da jovem Aurora, de Hampton, Ellis e Alberto. Recuou como se tivesse levado uma ferroada.

Escondida atrás da estátua, segurando uma bengala, estava uma figura

encapuzada, pesadamente vestida.

– É o seu violão, Francisco – sussurrou uma voz. – Pegue-o.





FRANKIE PRESUMIU QUE ESTIVESSE OLHANDO PARA UM HOMEM, MAS, quando o

capuz foi removido, percebeu que era uma mulher muito velha. Seu cabelo era fino, curto e quase todo branco, com manchas desbotadas como se tivesse

sido vermelho. Os olhos sulcados por rugas tinham uma tonalidade de avelã.

Quando ela abriu a boca, Frankie viu um vão entre os dois dentes da frente.

– Você deixou no mosteiro – disse ela.

– Não quero.

– De qualquer forma, aí está.

– Por que o trouxe?

– Você ainda não acabou de tocar.

– Quem é você?

– Certa vez fui conhecida como sua mãe.

– Minha… *mãe?*

– Era imerecido.

Ela baixou a cabeça.

– Deixei-o para morrer. E, pelo resto da vida, me senti abandonada.

A anciã fixou o olhar no solo abaixo da estátua. Seu rosto era marcado por linhas fundas e a pele caía solta debaixo do queixo. Quando falava, a entonação era baixa e deliberada, como se tivesse ensaiado a história muitas vezes e agora finalmente fosse apresentá-la.

– Meu nome é Josefa. Em 1935, quando eu tinha 16 anos, meus pais vieram a Villarreal para me esconder num convento. Eram pobres, mas devotos, e os revolucionários estavam no encalço deles, em especial de meu pai, que chamavam de “El Pelé”. Ao me deixar, ele disse: “Você ficará a salvo aqui, filha. Deus nos reunirá em breve.” Nunca mais o vi. Encontrei consolo junto às freiras da basílica de San Pascual. Participava da missa, dobrava as roupas lavadas e ajudava a cuidar da tumba de nosso santo padroeiro. Na noite

em que nossa igreja foi destruída pelas milícias eu estava fora, levando



comida para uma família necessitada, coisa que só noviças tinham permissão

para fazer. Quando voltei, quase todo mundo havia fugido. Eu já me

preparava para escapar quando vi alguém entrar pela porta da frente e se ajoelhar junto às velas. Uma mulher. Jovem e grávida. Ao me aproximar para

avisá-la do perigo, ela tombou e entrou em trabalho de parto. Aquela mulher

era sua mãe. O nome dela era Carmencita. Tinha ido rezar para que você nascesse em segurança. Porém, quando você começou a sair, ela pouco pôde

fazer. Os invasores chegaram. Corri com ela escada acima até a câmara de San Pascual e rezei para que o espírito dele nos protegesse. Minutos depois,

você nasceu, com o mal lá embaixo e o bom Senhor no alto. Sua mãe deu seu

nome, honrando nosso padroeiro, e segurou você por um breve momento.

Para evitar que você chorasse, ela cantarolou uma música. Isso salvou a sua

vida. E a minha.

Francisco tremia.

– O que aconteceu com ela? – murmurou.

– Ela não podia se mexer. Estava fraca e perdendo sangue. Ouvi os

homens gritando. Apaguei as velas. Na escuridão, senti que ela estendia a mão e, quando encontrou minha cabeça, puxou-me para perto. Ela murmurou

ao meu ouvindo apenas três palavras: “*Salve meu filho.* ” Fiz tudo que pude.

Tirei meu hábito, porque minha vida com certeza chegaria ao fim se eles soubessem quem eu era. Naquele tempo, uma freira podia ser assassinada na

rua. Peguei as roupas de sua mãe e vesti-as. E então saí correndo pela escada dos fundos, carregando você nos braços.

– Você deixou minha mãe? – perguntou Frankie.

– Fiz coisa pior.

Ela tossiu com um ruído áspero, agarrando-se na bengala. Quanto mais a luz do dia derramava-se sobre a mulher, mais velha ela parecia, e Frankie percebeu o enorme esforço que ela deveria ter feito para chegar ali. Mas parecia decidida a terminar seu relato.

– Criei você como meu filho por vários meses. Menti a respeito do meu passado. Dei-lhe tudo que pude. Mas não havia trabalho nem dinheiro e a comida era muito pouca. Eu mesma ainda era uma criança. Não entendia o choro de um bebê. Me sentia amaldiçoada por ter abandonado sua mãe e imunda por viver uma mentira. Nunca dormia. Ouvia vozes diabólicas. A



igreja havia sido minha salvação, mas eu não podia mais ir para lá. Sem família e com um bebê chorão, eu era uma pária. E então, certa manhã…

– O quê? – perguntou Frankie.

Ela tomou fôlego.

– Joguei você fora, Francisco. Perdoe-me pela forma como digo isso, mas não mereço dizer de um jeito mais gentil. Joguei você no rio Mijares. E corri. Corri até meu peito não conseguir mais puxar o ar. Caí num matagal, no meio da lama. Ficou tudo preto e, por um instante, pensei que fosse morrer. Era o que eu queria. Mas aí ouvi o som de alguma coisa a respirar. Abri os olhos e vi um cachorro escuro, sem pelo, parado em cima de mim. Ele não fez um único

ruído. Só me olhou. Uma voz chamou e o cão foi embora correndo. Ao

longe, vi um homem careca carregando você, o animal ao lado dele.

– Papai… – murmurou Frankie.

– Baffa Rubio. Eu sabia que Deus havia me abandonado, mas não

abandonara você. Eu era uma desgraçada. Não era merecedora de uma

criança. Minha punição seria viver com o que eu havia feito. Mas minha penitência era clara.

– Que penitência? – questionou Frankie.

– Protegê-lo de longe. Para honrar o último pedido de sua mãe. *Salve meu*

filho. Era meu único caminho para a salvação. Foi o que me deu um motivo para levantar daquele lugar lamacento. Segui atrás de Baffa Rubio até vê-lo entrar em casa com você nos braços. Daquele momento em diante, tornei-me

sua sentinela. Prometi vigiá-lo, não importando aonde sua vida me levasse. E

foi isso que fiz.

Frankie a fitava, incrédulo.

– Por quanto tempo?

– Até agora.

Robert Schumann compôs “Träumerei” (Devaneios), uma obra

pungente, para recordar a infância. Frankie aprendeu-a com El Maestro. A peça apresenta uma passagem repetida de quatro notas, seguida de um acorde

diferente a cada vez, o que muda o clima da música. Ela é simples, porém cativante, evocando os sonhos de uma criança. Mas a peça inteira sustenta-se

sobre um crescendo, um som notável que sucede a frase final de quatro notas,

um acorde tão pungente e belo que tudo que vem antes só faz sentido quando você o escuta.

Para Frankie Presto, o relato da freira foi esse acorde. A narrativa

arrancou-o do sonho nebuloso que envolvera sua história por tanto tempo, colocando, no tranco, os detalhes nos devidos lugares, como os pinos de uma

fechadura ao ser acionada.

Ele ficou sabendo que aquela mulher estivera a menos de 1,5 quilômetro

dele durante boa parte de sua vida, uma parceira silenciosa em praticamente

todas as bandas em que havia entrado. Foi Josefa quem distraiu a polícia quando Frankie roubou o fonógrafo na infância. Foi Josefa quem pagou um cigano para parar sua carroça quando Frankie fugiu dos soldados. Foi Josefa

quem seguiu Frankie até a Inglaterra, quem o encontrou nas docas de

Southampton e jogou, algumas vezes, moedas no estojo do violão para evitar

que ele passasse fome.

Foi Josefa quem seguiu atrás de Frankie até a América, levando o cão pelado que havia resgatado na Espanha. Foi Josefa quem acompanhou o

menino como uma sombra depois que a irmã de Baffa o rejeitou, e foi ela quem contou à polícia que ele estava dormindo em um beco, para que o levassem para um orfanato. Foi Josefa quem pegou um emprego na cozinha

do orfanato para vigiá-lo enquanto crescia e foi ela quem deixou a janela da

cozinha aberta para que a criança triste e o cão pelado pudessem ficar juntos

outra vez.

Foi Josefa quem testemunhou o incidente da corda azul de Frankie no

clube de Detroit. E foi ela quem o seguiu a Nashville e Nova Orleans e informou a jovem Aurora York que um violonista espanhol andava tocando debaixo de

uma ponte e perguntando por ela. Foi Josefa quem apressou os médicos até o palco de Woodstock para levarem um Frankie Presto

ensanguentado até um helicóptero e foi Josefa quem, trabalhando como

camareira num hotel de Londres, deixou as cortinas abertas todas as manhãs

no quarto de um cantor chamado Tony Bennett para que ele visse Frankie sentado no banco do parque e, quem sabe?, o ajudasse a voltar à música.

Décadas depois, em uma ilha na Nova Zelândia, foi Josefa quem retirou um bebê abandonado da igreja e o deixou no bosque, sabendo que Frankie e

Aurora formariam uma família.

E, no fatídico retorno da família a Villarreal, foi Josefa quem, vestida com



as roupas pesadas que usava para se disfarçar, assistiu ao show de Frankie na

taberna e se escondeu no beco após o final, sabendo que um velho músico que

tocava congas também estava à espreita por lá.

– Então… você matou Alberto? – perguntou Frankie.

– Que o Senhor possa me perdoar…

– Você se entregou à polícia.

– Era o mínimo que eu podia fazer.

– Foi para a prisão.

– Por 19 anos.

– Por que atirou nele?

– Porque pensei que fosse machucar você. Eu sabia que ele podia ser

violento. Já havia presenciado. Por isso levei uma arma. Minha vida, toda a minha existência, foi proteger você, Francisco. Ele estava indo, possesso, em

sua direção. Então atirei.

Ela cobriu a boca, como se a recordação ainda a aturdisse. As lágrimas escorreram rápidas pela pele marcada.

– No fim das contas, foi justiça. É o que digo a mim mesma. O que ele tirou de você, nenhum homem deve tirar.

– Ele matou meu professor – disse Frankie.

– Não apenas seu professor – murmurou ela. – Seu pai.

De repente, Frankie não conseguiu mais respirar.

– O que está dizendo?

– O homem que você chamava de Maestro? Seu nome verdadeiro era

Carlos Andrés Presto, marido de Carmencita. Em certa época, foi o violonista

mais promissor de toda Valência. Mas perdeu a visão lutando na guerra. E, quando perdeu sua mãe – e, segundo pensou, o bebê que ela carregava –, ele

se perdeu.

– Não pode ser verdade – murmurou Frankie.

– Mas é. Porém os sinos da igreja badalaram quando você nasceu,

Francisco. Deus lhe deu um novo pai em Baffa Rubio e, com o tempo e sem

saber, ele o devolveu a seu pai verdadeiro. Foi El Maestro quem visitou Baffa na prisão. Foi o dinheiro de Baffa que El Maestro usou para mandá-lo para a

América. Foi o dinheiro que Alberto roubou quando jogou El Maestro no mar.

E foi o dinheiro que roubei de Alberto uma semana depois, uma enorme quantia de dinheiro, que me permitiu vigiar você durante todos esses anos.

Está tudo interligado, Francisco. Meu pai costumava falar um ditado cigano: "*Le duy vas xalaven pe.* " Uma mão lava a outra.

– Você roubou o dinheiro de volta? – perguntou Frankie.

– Foram poucos os pecados que não cometi em nome da proteção que jurei a você. Mas que importa? O maior pecado cometi primeiro. Abandonei você. Durante meus anos na prisão, pude apenas rezar por sua segurança. Pensei que nunca mais fosse ver seu rosto outra vez. Mas agora, pela graça Dele, o Senhor trouxe você de volta aqui, para que eu possa fazer meu último pedido.

– O que você quer? – questionou Frankie.

Ela baixou os olhos.

– Pedir o seu perdão.

A cabeça de Frankie rolou para trás, pesada. Ele esfregou as têmporas. Era muita coisa para absorver. Frankie imaginava cenas em que não havia tomado parte: a mãe morrendo numa igreja em chamas, o professor sendo empurrado para o mar, Alberto sendo roubado, e esta mulher, esta velha alquebrada de dentes afastados, de algum modo presente em tudo aquilo, tocando as cordas da vida dele com dedos invisíveis. Ele se sentiu manipulado. Levantou-se devagar e olhou friamente para a pessoa encarquilhada que afirmava ser sua guardiã. Ele não havia pedido aquilo. Ela brincara com a vida dele, tornando uma espécie de mentira tudo que ele pensava saber.

– Não – declarou ele. – Não perdoo. Vá embora. Agora.

– Francisco…

– Me deixe em paz. Para sempre. Está ouvindo? Não preciso de você.

Nunca precisei de você.

– Não é verdade – murmurou ela.

Mas ele já se afastava, mancando, deixando a mulher, o violão e Francisco

Tárrega para trás.





63

FRANKIE NÃO VOLTOU AO HOTEL. NÃO COMEU. NÃO BEBEU. VAGOU EM transe até a

saída da cidade e sentou-se perto do eremitério à margem do rio Mijares. A frustração ardia em seu peito. Imaginou-se sendo lançado naquelas águas.

Imaginou Baffa Rubio encontrando-o. Imaginou a freira desgraçada caída na

lama, vendo-o ser levado. De quem era aquela vida? Parecia uma ópera que

levava seu nome, mas que não fora escrita por ele.

Frankie ficou nas proximidades do rio a maior parte do dia, junto ao velho

moinho e à escultura do menino pastor de ovelhas. Por fim, com o sol da tarde

perdendo a força, entrou numa igrejinha outrora frequentada por refugiados escondidos nas cavernas.

Não havia ninguém lá dentro. Seus passos ecoaram. Ele foi até o altar e se

ajoelhou. Pela primeira vez desde criança, abriu as mãos para algo que não o

violão. E, a despeito da advertência de El Maestro de que “Deus não dá nada”, Frankie pediu alguma espécie de resposta ao Senhor. Um pouco de clareza. Um pouco de paz.

Esperou. Ficou à escuta. Um filho meu espera um som.

Ouviu apenas o silêncio.

Conforme seu professor havia avisado.

Ergueu-se lentamente e tomou o caminho de volta à cidade.

A última noite do festival teve lugar no Auditório Municipal lotado. Ao

chegar lá, Frankie estava exausto. Não havia comido nada. Não tinha o ingresso. Foi até os fundos do prédio, familiarizado, como todo músico, com

as entradas e saídas de artistas, e achou uma porta por onde se esgueirar. Ao

longo do corredor, viu os músicos se aprontando e vislumbrou Kai usando um

vestido vermelho que fora de Aurora.

– Pai? – Ela correu até ele. – Onde você estava?

– Você está linda.

– Eu estava muito preocupada.

– Fui caminhar.

– Está se sentindo bem? Você está todo suado.

– Estou bem. Pense apenas na sua apresentação.

– Sabe qual é o seu assento?

– Talvez eu fique aqui atrás. Tudo bem?

Ela buscou uma cadeira.

– Descanse, pai.

– Vá se preparar – disse ele. – Estou bem. Boa sorte.

Kai desapareceu pelo corredor.

Minutos depois, a competição começou. Frankie ouviu a orquestra lá do outro lado da parede, o sobe e desce das cordas e dos sopros e as passagens silenciosas quando os violonistas eram apresentados. Lembrou-se da primeira vez que ouvira aqueles sons, quando menino, nos bastidores de um teatro em Cleveland, escutando Duke Ellington. Mas ele não tinha mais aquele arroubo de assombro juvenil. Seus olhos permaneceram grudados nos sapatos enlameados. Ele nunca se sentira tão cansado.

Quando chegou a vez de Kai tocar, Frankie deslocou-se com lentidão até a coxia. Última competidora, ela selecionara duas composições de Tárrega, difíceis para a maioria dos violonistas, mas que haviam feito parte de sua vida desde a infância. E tenho orgulho de dizer que ela tocou com perfeição. A orquestra acompanhou Kai como se tocassem juntas há anos. Quando ela acabou, os espectadores aprovaram vigorosamente, de pé, saudando com gritos e aplausos. Tivessem os jurados escolhido qualquer outro, a plateia teria se revoltado.

Quando foi anunciada como a vencedora, Kai deu um passo à frente e curvou-se. Frankie sentiu uma onda de orgulho maior do que qualquer coisa que houvesse sentido pelos próprios feitos. Kai foi conduzida à beira do palco

e recebeu dois buquês de flores com o prêmio.

– Muito obrigada – disse ela ao microfone, em um espanhol perfeito. –

Sinto-me muito honrada por tocar as obras do grande Francisco Tárrega, um

filho de Villarreal.

Mais aplausos.

– Mas eu não saberia uma única nota de violão não fosse outro de seus conterrâneos. Ele é meu pai.

Burburinho na multidão. Ela se virou e acenou para Frankie. Por essa ele

não esperava. Ficou aturdido.

– Pai, venha aqui.

Ele balançou a cabeça, negando.

– Pai… Por favor…

Ele cerrou os punhos, em seguida entrelaçou as mãos atrás das costas.

Caminhou para o palco de cabeça baixa. A multidão aplaudiu.

– Aqui está meu pai, que talvez vocês conheçam como… Frankie Presto.

Ele cresceu nesta cidade e aprendeu música aqui.

Os aplausos se intensificaram. Aquilo era uma surpresa. Frankie saudou a

multidão com um leve aceno de cabeça. Ele se deu conta de que não subia em

um palco havia muitos anos.

– Pai, hoje uma pessoa nos trouxe isso – disse Kai, apontando para um ajudante de palco que se aproximava. – Seu violão, do tempo em que você era

criança aqui. Um milagre.

Frankie engoliu em seco. Não quis corrigir a filha. Nem contar a verdade.

– Você tocaria uma canção comigo?

Antes que Frankie pudesse reagir, a plateia rugiu em tom persuasivo. Kai estendeu-lhe o violão. Um auxiliar posicionou uma cadeira. Outro trouxe um banquinho para o pé. Saíram rápido, deixando apenas pai e filha. Kai sentou-se, colocando o violão no joelho. Sorriu e gesticulou para Frankie fazer o mesmo. Ele sacudiu a cabeça em negativa.

– Pai – sussurrou ela –, está na hora de tocar música outra vez.

Frankie permaneceu imóvel, estupefato. Finalmente sentou-se ao lado de Kai. O auditório ficou em silêncio. Até as tosses ocasionais cessaram. Frankie posicionou o velho violão como havia feito um milhão de vezes antes. Mas, de repente, não conseguia parar de tremer. A garganta secou. A visão turvou-se. Os dedos travaram. Kai olhou para ele preocupada. Ele fechou os olhos e exalou. Ao esvaziar o peito, Frankie ouviu a voz de seu professor – seu pai – em uma última recordação.

– Quando vou parar de aprender música, Maestro?

– Nunca.

– Nunca?

– Você nunca vai saber tudo que existe para saber. Vai aprender até os seus últimos dias. E aí vai inspirar alguém. É isso que um artista faz.

– O que significa inspirar?

– Significa que você fará alguém amar a música do jeito que você ama.

– *E ele vai querer tocar que nem eu?*

– *Talvez.*

– *Posso mesmo fazer isso?*

– *Não com toda essa conversa.*

– Lo siento , *Maestro. Sinto muito.*

– *Em inglês.*

– I am sorry .

– *Muito bem, então. Comece…*

Frankie colocou os dedos nas cordas. Olhou para a filha.

Começaram.

Era um dueto meigo e vivaz de Tárrega, um que haviam tocado muitas

vezes ao longo dos anos. Chamava-se “Adelita”, e as cordas de Frankie entremearam-se às de Kai, apoiando, acentuando, solando. Ela se movia de leve, como ele, recordando as muitas vezes que haviam tocado essa peça no

quintal da casa na ilha.

Ao concluir, deixaram as últimas notas ressoar, a seguir baixaram as mãos

ao mesmo tempo, como se coreografados. A multidão vibrou e Frankie sentiu

o coração transbordar. Até a orquestra saudou-os de pé. Era a última banda em que Frankie entraria.

Mas aquela não foi sua última canção.

Kai estendeu a mão na direção dele e a plateia reagiu ruidosamente,

querendo mais. Ela beijou-o no rosto antes de se afastar e sussurrou:



– Agora só você. Algo para a mamãe.

Frankie observou-a deixar o palco. Sentou-se de novo.

Sua respiração acalmou-se. Ele sabia que só restava uma canção a tocar.

“Lágrima.”

A morte não tem ouvidos. Alguém escreveu isso quando Tárrega

morreu. Se tivesse, jamais privaria o mundo da música dele.

Quando Frankie tocou naquela noite, o mundo ouviu outra vez algo que

apenas a morte poderia ignorar. Frankie conectou-se a mim da maneira mais

rara, de dentro para fora. Assim, não tocou as notas da canção, tocou as lágrimas dela, as lágrimas que caíram dos olhos de Tárrega ao compô-la, as lágrimas que escorreram pelas faces de Carmencita ao cantarolar a melodia, as lágrimas que transbordaram por trás dos óculos escuros de El Maestro quando ele percebeu que havia transmitido minha beleza para o filho de um

fabricante de sardinhas.

O mundo nunca testemunhou uma conexão tão forte entre música e

memória. Quando Frankie chegou à frase final de “Lágrima”, deu uma olhada

para as coxias e viu a filha cobrindo um sorriso. Então vislumbrou a anciã Josefa atrás dela, cabisbaixa.

Ele manteve os olhos nela até Josefa erguer o olhar, com a tristeza de uma

vida reprovada. Tudo que Frankie havia conhecido fora aquela mulher, de algum modo, quem dera a ele: seu pai, sua esposa, sua filha, seu cachorro, sua

segurança, sua saúde, sua música. Sim, uma vez ela lhe dera as costas. Mas ele tinha feito o mesmo com ela, negando até mesmo a decência do perdão.

De repente, ele parou de tocar. Enquanto a plateia o observava em curioso silêncio, ele se levantou e ergueu o violão lentamente na direção da anciã, como se oferecendo um sacrifício. Em seu íntimo, Frankie escutou a voz que esperara ouvir na igreja naquela tarde.

E soube o que fazer.

– Perdoo você, bondosa mulher – disse ele. – E lhe agradeço.

– *Me* agradece? – murmurou ela.

– Por minha vida.

Ele olhou para a filha e sorriu.



– Toda a minha incrível vida.

Os lábios de Josefa se entreabriram de leve. Naquele momento, ela ficou estranhamente parecida com o pai, o cigano que certa vez havia dado cordas mágicas de presente. As luzes do auditório se apagaram de súbito, como uma vela soprada. Frankie ouviu a plateia arfar. Olhou para baixo e viu uma linha fina e brilhante.

A corda do alto tinha ficado azul.

A plateia, pensando que aquilo fazia parte do fim da apresentação, começou a aplaudir com vigor. Na escuridão, Frankie sentiu uma bem-aventurada capitulação, o esgotamento tanto de seu poder quanto de suas preocupações, como se alguém o tivesse desplugado do peso deste mundo. As

cordas, ele entendeu naquele momento, de fato tinham vidas dentro de si, mas

não era o modo como ele tocava que as deixava azuis, era o seu coração.

Com a ovação cada vez mais intensa, Frankie ergueu a cabeça. Então viu,

nas vigas lá no alto, os espíritos de El Maestro, Baffa e Aurora acenando para

ele. Foi na direção deles, e seu peito foi tomado pela dor. O violão caiu no chão com um ruído estridente.

Aqui preciso esclarecer uma coisa. O corpo de Frankie não se alçou ao ar.

Aquilo era sua alma. Acontece que o desejo do mundo de ouvir sua música esplêndida – de retê-la por mais alguns segundos – era tão grande que o espírito de Frankie ficou momentaneamente preso entre o céu e a terra.

Só pode haver um vitorioso nesse embate.

Segundos depois, ele se foi e apenas o corpo ficou para trás, tombando no

palco como se as cordas de uma marionete tivessem sido cortadas.

Olhe a hora. Olhe a igreja. Olhe os que carregam o caixão, todos alunos

de Frankie ao longo dos anos, homens e mulheres mais jovens, rostos tristes

em trajes escuros. No início, eu disse que polvilharia o talento de Frankie sobre outras almas. Mas ele fez isso. O talento de Frankie está dentro daqueles jovens que carregam seu caixão, nos músicos mais velhos que

viajaram até aqui para se despedir, nos milhões de pessoas que ouviram suas

canções ou tentaram imitar sua maneira de tocar, e no coração da filha que o

adorava, dos filhos que ela terá e dos filhos dos filhos dela, que ouvirão a melhor performance de Frankie – e os risos com sua família – gravada em fitas há muito tempo.

Neste momento, deixo vocês e retorno à minha eterna atividade: aguardar recém-nascidos e suas mãozinhas abertas.

Você sabia que, certa vez, anos depois de sua morte, o corpo de Francisco Tárrega foi exumado para ser transportado para mais perto de casa? O famoso violonista Andrés Segovia foi lá presenciar, postando-se aos pés do caixão aberto. Segovia chorou ao ver os restos mortais de Tárrega, numa homenagem ao talento que tanto o influenciara.

Fico lisonjeada. Mas, ao partir, tenho que confessar. Não está nos ossos. Nem nos lábios ou pulmões, nem mesmo nas mãos. Sou a Música. E a Música está conectada à alma humana, falando uma linguagem que não necessita de palavras.

Todo mundo entra numa banda nesta vida. E a forma como você toca sempre afeta alguém.

Às vezes, afeta o mundo.

Chega ao fim a sinfonia de Frankie.

E afinal repousamos.



Agradecimentos

Muitos autores escrevem nas páginas de encerramento: “Este livro não seria possível sem…” É um bom costume, e vou repeti-lo aqui.

Mas, no caso deste romance, “Este livro não seria possível sem” aplica-se de verdade aos numerosos artistas que me permitiram entretecer Frankie Presto em suas vidas reais. Confiaram em mim para escrever na voz deles e

oferecer um universo alternativo a suas histórias pessoais. Por isso, não apenas sou grato como me sinto obrigado a acrescentar algumas notas especiais:

Marcus Belgrave. Era um tesouro. Minha última conversa com Marcus foi para contar deste livro e da inclusão dele aqui. Estava num consultório médico – e, ainda assim, otimista e encorajador como sempre. Faleceu poucos meses depois, e seu trompete deixará saudades. Ele era uma parte imensa do legado do jazz de Detroit.

Darlene Love. "Today I Met The Boy I'm Gonna Marry" foi a canção que minha esposa cantou no nosso casamento. Sou apaixonado pela música de Darlene Love há anos. A história da vida dela é incrível, e Frankie provavelmente a teria beijado se tivesse oportunidade.

Burt Bacharach. Eu o conheço há um tempinho, e ele é tão elegante quanto sua música. Um dos maiores compositores do século XX, conseguiria tornar a lista telefônica algo melódico. Como um homem consegue compor "Baby It's You" e "I Just Don't Know What To Do With Myself" é algo que escapa à minha compreensão. Um profundo agradecimento por sua participação.

Roger McGuinn. A humildade dele a respeito de sua habilidade na guitarra foi uma inspiração para Frankie. Roger é uma enciclopédia ambulante do rock and roll. O episódio do encontro com os Beatles – e a festa – são verdadeiros. E nem escrevi sobre a noite em que ele, Eric Clapton e Jimi Hendrix fizeram uma *jam* num apartamento. Roger também se aventura em canjas com nossa banda, comprovando o velho ditado das pérolas aos porcos.

Lyle Lovett. Nos conhecemos alguns anos atrás e ficamos amigos.

Sempre amei a música e as letras dele. “Clever” (inteligente) é uma palavra que me vem à mente quando ouço canções como “Her First Mistake” ou “God Will”, por isso chamei a banda ficcional dele de Clever Yells. Lyle é tão humilde quanto talentoso e disse sim de cara para esta história. A confiança dele significa muito para mim.

Paul Stanley. Não conhecia Paul antes deste livro. Ele foi gentil a ponto de me receber em sua casa e contar inúmeros casos pitorescos da cena do rock, inclusive como seria um teste para o KISS. (“Você vai do namoro para o casamento” é realmente uma frase dele.) Paul é poético, ponderado e gentil. Levou este romance muito a sério e revisou seu encontro com Frankie Presto com grande cuidado. Por trás daqueles acordes ribombantes de guitarra há um artista generoso e sensível com quem tenho uma dívida de gratidão.

Tony Bennett. Um tesouro nacional. Sentei no *backstage* com ele certa tarde enquanto ele imaginava o que diria para um músico que tivesse desistido. Inseri isso no “encontro” dele com um Frankie transtornado em Londres. Se alguém pudesse inspirar um retorno à música, esse alguém seria Tony Bennett. Basta escutá-lo cantando “Lost in The Stars” e você vai entender a que me refiro. Amo Tony Bennett e tenho orgulho de chamá-lo de meu amigo.

Wynton Marsalis. Eu e Wynton Marsalis somos amigos desde o dia em que a banda dele desafiou minha equipe de rádio para um jogo de basquete. Eles acabaram com a gente. (Quem diria que músicos de jazz saberiam arremessar?) Wynton deu ok para sua inclusão em *As cordas mágicas* rapidamente e me mandou uma mensagem entusiasmada depois de ler seu

episódio com Frankie. A força musical do jazz nesse homem é impressionante. Tenho certeza de que ele agarrou a Música com os dois punhos quando veio a este mundo.

Ingrid Michaelson. Nós nos conhecemos e lhe apresentei esta ideia, tudo numa única manhã em Nova York, onde ela iria se apresentar. Com seu talento, sagacidade e inteligência, achei que seria uma aluna perfeita para um Frankie mais velho. Escute “Far Away” e “How We Love” para ver o impressionante alcance do talento de Ingrid. Ela poderia ter ensinado algumas coisas sobre composição para o Sr. Rubio.

John Pizzarelli. Ele foi a primeira pessoa para quem falei deste livro. Portanto, é adequado que seja o último convidado a ser citado. John é daqueles músicos que se fundiram ao instrumento, e a maneira como toca é tanto isenta de esforço quanto contagiante. Somos amigos há muito tempo. E ele é tão generoso e humilde que não seria surpresa se corresse o mundo para obter as fitas das *Cordas Mágicas* para Frankie. Ele é um herói para mim, de modo que foi divertido fazê-lo um herói nestas páginas.

Quanto à criação do livro, devo começar com meu período na Espanha. Marta Armengol Royo foi a pesquisadora e tradutora dos sonhos, tão precisa quanto entusiástica; e Jacinto Heredia, nosso historiador sediado em Villarreal, foi uma fonte inestimável de conhecimento e casos pitorescos. (E, sim, é ele quem mostra a Frankie o material de Tárrega no livro. Era o mínimo que eu poderia fazer em troca de toda a sua ajuda.) O povo maravilhoso de Villarreal, a exposição de Tárrega no museu da cidade e a

basílica de San Pascual foram essenciais na criação do ânimo e espírito das raízes de Frankie. É uma cidade incrível e recomendo bastante uma visita.

(Um enorme obrigado a minha editora espanhola, Maeva, por dar o pontapé

inicial para a viagem.)

Perto de casa, muito crédito vai para Karen Rinaldi, minha editora na HarperCollins, por acreditar em um livro que de início é dureza de explicar, e

Brian Murray, Michael Morrison e Jonathan Burnham, por concederem suas

bênçãos. A família Harper faz com que me sinta em casa nesse estágio de minha carreira, e agradeço a todos, notadamente Milan Bozic (mais uma capa

linda), John Jusino, Leah Carlson-Stanisic, Josh Marwell, Doug Jones, Brian

Perrin, Leah Wasielewski, Stephanie Cooper, Kathy Schneider, Hannah

Robinson (chega de edições, eba!) e Leslie Cohen (por seu empenho passado

e futuro em levar a história de Frankie ao mundo).

David Black está chegando aos 30 anos como meu agente literário e

amigo, então acho que está dando certo. Antonella Iannarino é um recurso precioso em milhões de aspectos. Susan Raihoffer está levando Frankie pelo

mundo. Agradecimentos adicionais a Sarah Smith e Jenny Herrera.

Jo-Ann Barnas fez uma pesquisa incrível para este livro, de reuniões com

violonistas à garimpagem do *set list* de Django em 1946, e, por meio dos esforços dela, também devo agradecer a: John Alvarado, da Indiana Society of the Classical Guitar; o pessoal do Hank Williams Museum de Montgomery,

Alabama; Amy Hauser e Maersk Line (por todos os navios em que Frankie navegou); Kay MacConnachie, do Michigan Hand and Sports Rehabilitation

Center; Ian F. Hancock, da Universidade do Texas em Austin; William A.

Duna, em Minnesota (pelo conhecimento da cultura e história ciganas); Vietnam Veterans of America; Gordy Lupo, da Gordy's Music em Ferndale,

Michigan; Joshua Bronnenberg, gerente do museu do Ryman Auditorium, e

Brenda Colladay, curadora do Ryman Auditorium; padre Lawrence J.

Delonnay, da igreja católica Our Lady of the Lakes, em Waterford, Michigan;

irmã Dianne Short, da Ordem de Santa Clara em Cincinnati; Russell Barber,

de Westland, Michigan; Mary Kay Slusher, do Louisiana Department of

Health and Hospitals, Bureau of Media and Communications.

Um agradecimento especial a Vito Lafata, violonista brilhante, que leu

este livro pelo menos três vezes e ofereceu sua opinião abalizada. Um grito de

gratidão ao pessoal da Republic Records, Avery Lipman e Tom Mackay em particular, que vislumbrou um contrato de gravação real para *The Magic Strings of Frankie Presto*. Kevin e Robbie Martin são pessoas reais que fazem com que todos os visitantes sintam-se em casa na ilha Waiheke. E meu profundo apreço por todas as figuras públicas que fazem aparições na história

de Frankie, esperadas ou não. Todas as representações, de Django a Elvis, de

Little Richard a Hank Williams, provêm de uma profunda admiração de seus

talentos.

E então a equipe de casa: Kerri Alexander mantém tudo em ordem o

tempo todo; Marc "Rosey" Rosenthal lida com o mundo para eu ter tempo de

escrever; Mendel cuida dos números, mas ainda assim é, com o devido

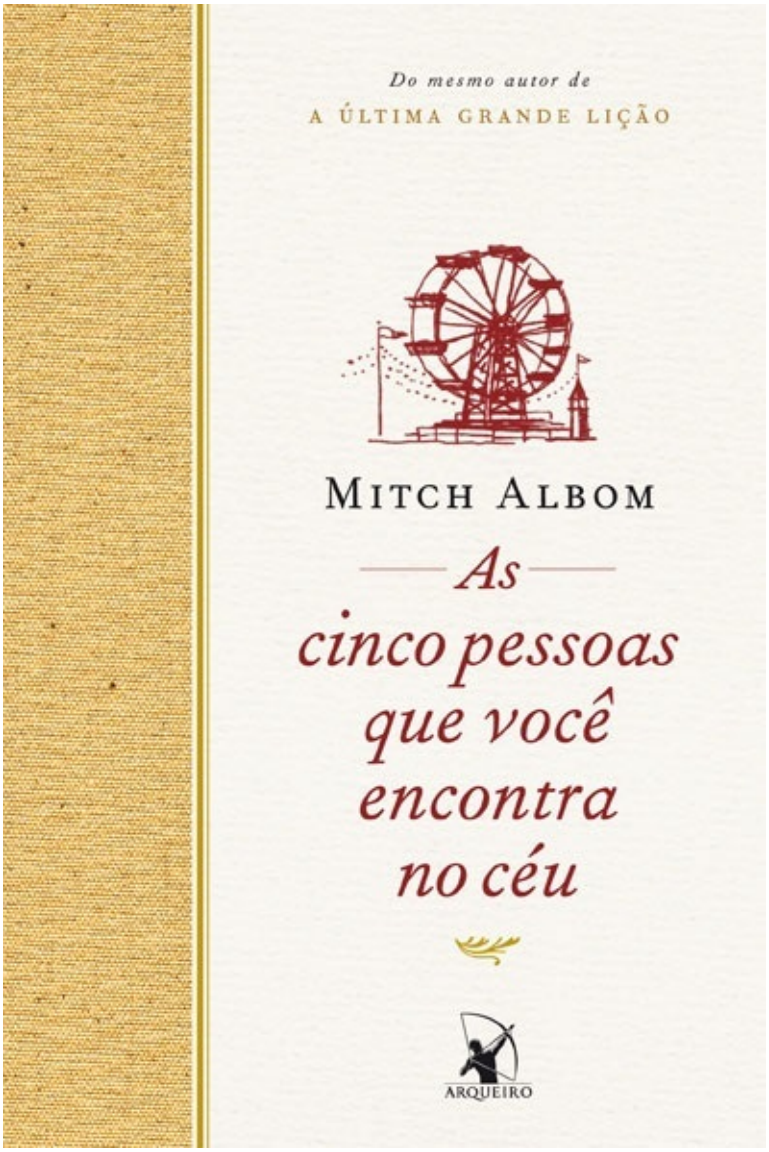
respeito, um vagabundo; Chad Audi continua sendo exemplo de que, não

importa quão criativo você seja, agir em prol dos outros é o legado mais incrível; Trisha, Rick, Ali e Jesse fizeram as primeiras revisões de Frankie. E

os maiores agradecimentos, como sempre, vão para a minha família, que aguentou minha música muito antes da minha escrita: pai, Cara, Peter, todos os tios, tias e primos; e minha mãe, que foi para o céu durante a criação deste livro, gerando em mim uma empatia por Frankie e Carmencita.

Tenho que agradecer a todas as bandas em que já estive por ensinarem que companheiros de banda comportam-se como famílias, boas e más. (Entre estas estão Crystal Reflection, Lucky Tiger Grease Stick Band, as da faculdade, Streetwise, Rock Bottom Remainders e cerca de uma dúzia de que nem me lembro mais.)

E, por fim, o mais profundo agradecimento a Janine, minha menina da árvore, que ouviu cada nota deste romance na voz do autor – nem de longe parecida com a de Frankie –, sentada em uma cadeira, enquanto ambos balançávamos ao ritmo singular da narrativa.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR

As cinco pessoas que você encontra no céu

As cinco pessoas que você encontra no céu conta a história de Eddie, mecânico de um parque de diversões que morre no dia do aniversário de 83

anos tentando salvar uma garotinha. Imerso numa rotina de trabalho e solidão,

ele passou a vida se considerando um fracassado. Ao acordar no céu, encontra

cinco personagens inesperados que lhe mostram como ele foi importante.

Este livro foi escrito para cada um de nós, pois frequentemente nos sentimos frustrados e inúteis – assim como Eddie – por não termos realizado nossos sonhos. Ele nos faz lembrar que vivemos numa ampla teia de ligações e que temos o poder de mudar o destino dos outros com um pequeno gesto, e nos faz descobrir a importância da lealdade e do amor em nossas vidas.



O primeiro telefonema do céu

Numa sexta-feira comum, o telefone de Tess Rafferty toca. É sua mãe,

Ruth, que morreu quatro anos antes. Nas semanas seguintes, outros habitantes de Coldwater afirmam que estão em contato direto com o além, e que seus interlocutores lhes pediram para espalhar a boa-nova ao maior número possível de pessoas. A mensagem é simples: o céu existe, e é um lugar onde todos são iguais.

Em pouco tempo, correspondentes de diversos meios de comunicação aportam na cidade para transmitir os desdobramentos desse fenômeno. Visitantes do país inteiro começam a surgir, as vendas de telefone disparam e as igrejas se enchem de fiéis.

Apenas uma pessoa desconfia da história: Sully Harding, ex-piloto das Forças Armadas. Após quase morrer num desastre aéreo, perder a mulher e cumprir pena por um crime que não cometeu, ele não acredita num mundo melhor, muito menos após a morte. E quando o filho pequeno começa a esperar uma ligação da mãe morta, ele decide provar que estão todos sendo enganados.

O primeiro telefonema do céu é uma história de mistério e, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o poder da conexão humana. Em uma narrativa que vai tocar sua alma, Mitch Albom prova mais uma vez por que é um dos autores mais queridos da atualidade.



Sobre o autor

MITCH ALBOM é autor de seis livros, entre eles *A última grande lição*,

As cinco pessoas que você encontra no céu e *Por mais um dia*. Suas obras já foram traduzidas para 42 idiomas e venderam mais de 35 milhões de

exemplares.

Um dos jornalistas esportivos mais premiados dos Estados Unidos, trabalha como colunista de jornal e apresentador de rádio e de televisão. É também roteirista e músico. Fundou oito instituições de caridade em Detroit e atua em um orfanato em Port-au-Prince, no Haiti. Atualmente mora com a esposa, Janine, em Michigan.

Facebook.com/mitchalbom

@mitchalbom

mitchalbom.com

Ouça a playlist do livro











INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores

da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,

você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar

de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,

basta se cadastrar diretamente no nosso site

ou enviar uma mensagem para

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Parte 1

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

Parte 2

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

Parte 3

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

Parte 4

44

45

46

47

48

49

50

51

Parte 5

52

53

Parte 6

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

Agradecimentos

Conheça outros títulos do autor

Sobre o autor

Informações sobre a Arqueiro

Document Outline

- Créditos
- Parte 1
  - 1
  - 2
  - 3
  - 4
  - 5
  - 6
  - 7
  - 8
  - 9
  - 10
  - 11
  - 12
  - 13
  - 14
  - 15
  - 16
- Parte 2
  - 17
  - 18
  - 19
  - 20
  - 21
  - 22
  - 23
  - 24
  - 25
  - 26
  - 27
  - 28
  - 29
  - 30
  - 31

- 32
- Parte 3
  - 33
  - 34
  - 35
  - 36
  - 37
  - 38
  - 39
  - 40
  - 41
  - 42
  - 43
- Parte 4
  - 44
  - 45
  - 46
  - 47
  - 48
  - 49
  - 50
  - 51
- Parte 5
  - 52
  - 53
- Parte 6
  - 54
  - 55
  - 56
  - 57
  - 58
  - 59
  - 60
  - 61
  - 62
  - 63
- Agradecimentos
- Conheça outros títulos do autor
- Sobre o autor

- Informações sobre a Arqueiro